BEST-SELLER DO **NEW YORK TIMES**

"Uma comédia de costumes mordaz e extremamente inteligente." **THE GUARDIAN**

MAGGIE SHIPSTEAD

OS ÚLTIMOS PREPARATIVOS



RECORD

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

MAGGIE SHIPSTEAD

OS ÚLTIMOS PREPARATIVOS

Tradução de
Julián Fuks

1ª edição

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S56u
Shipstead, Maggie, 1983-
Os últimos preparativos [recurso eletrônico] / Maggie Shipstead ; tradução Julián Fuks. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2014.
recurso digital
Tradução de: Seating arrangements
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
Sumário e agradecimentos
ISBN 978-85-01-06826-2 (recurso eletrônico)
1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Fuks, Julián. II. Título.
14-15699

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

TÍTULO ORIGINAL EM INGÊS:
Seating arrangements

Copyright © 2012 *by* Margaret Shipstead

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Editoração eletrônica da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-06826-2

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para meus pais, Patrick e Susan, pilares de tudo

O rio não suporta garrafas vazias, guardanapos de sanduíche,
Lenços de seda, caixas de papelão, bitucas de cigarro
Ou outras evidências de noites de verão. As ninfas partiram.
E seus amigos, os herdeiros ociosos dos diretores da Cidade;
Tendo partido, não deixaram qualquer endereço.

T. S. ELLIOT, "A Terra Desolada"

Sumário

Capa

Rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Quinta-feira

Um • O castelo das donzelas

Dois • Aquário

Três • O mapa de assentos

Quatro • Vinte lagostas

Cinco • A casa de pedras brancas

Seis • Sua sombra à noite

Sete • A serpente na lavanderia

Oito • Uma festa termina

Sexta-feira

Nove • Serpentes e escadas

Dez • Mais que um peixe, mais que um mar

Onze • Feridas da carne

Doze • Filho de sorte

Treze • Um centauro

Quatorze • Cai a tarde, começam os trabalhos

Quinze • Erga sua taça

Dezesseis • Uma biruta

Dezessete • O rei mutilado

Sábado

Dezoito • O Ouroboros

Agradecimentos

Colofon

Saiba mais

Quinta-feira

Um • O castelo das donzelas

No domingo o casamento teria passado, e Winn Van Meter se sentia grato por isso. Era quinta-feira. Ele acordou cedo, sozinho em sua casa em Connecticut, algumas estrelas tardias ainda brilhando sobre as copas das árvores. A mulher e as duas filhas já estavam em Waskeke, na casa da ilha, e, enquanto ele emergia do sono, pensou nelas em suas camas lá: Biddy mantendo-se em seu próprio lado, os cabelos das filhas espalhados nos travesseiros. Mas antes pensou em outra garota (ou mal chegou a pensar nela — ela era uma bolha estourando na superfície de um sonho) que também dormia em Waskeke. Devia estar numa das camas de hóspedes do terceiro andar, sob o beiral; era uma das madrinhas de sua filha.

Na maioria das manhãs, a entrada de Winn no mundo desperto era abrupta, seu torso erguendo-se dos lençóis como o mastro de um veleiro, mas neste dia ele desligou o despertador antes que tocasse e alongou braços e pernas pelos quatro cantos da cama. O quarto estava silencioso, numa penumbra roxa. Por natureza, Winn rejeitava ficar muito tempo deitado. O tempo perdido não podia ser recuperado, e as manhãs que se deixava passar não se acumulavam para uso posterior. Cada dia era uma plataforma para realizações. É preciso se levantar com o sol, ele dizia às filhas quando crianças, puxando as cobertas de uma só vez e expondo-as em seus colchões, encolhidas como camarões. Agora Daphne estava noiva (uma noiva grávida, não havia sentido em fingir que não) e Livia, a caçula, era a dama de honra. As garotas e a mãe estavam passando a semana inteira na ilha com um bando crescente de madrinhas, parentes e futuros parentes, mas Winn tinha decidido que não podia passar tanto tempo longe do trabalho. O que não deixava de ser verdade. Uma semana inteira nas linhas de frente matrimoniais seria intolerável e, além disso, não tinha nenhuma vontade de confirmar que o banco conseguiria seguir adiante sem ele, com sua ausência

notada apenas pelos jovens tubarões de terno listrado que haviam começado a rondar sua escrivaninha com determinação crescente.

Acendeu o abajur. As janelas escureceram, o quarto ficou amarelo. O reflexo atacado pela icterícia apagou as estrelas e as árvores, e Winn sentiu um toque de arrependimento, pois a luz do abajur escondia o mundo anterior à aurora, não para transformá-lo em dia, mas em noite. Ainda assim, orgulhava-se de ser uma pessoa prática, não uma alma poética vulnerável à luz das estrelas e ao conforto do sono. Estendeu o braço em busca dos óculos e levou os pés ao chão. Antes de dormir, havia separado as roupas de viagem, e pôde então sair do chuveiro, já de barba feita e com cheiro de colônia, vestir-se com eficiência e trotar escada abaixo, acendendo mais luzes enquanto descia. Na noite anterior, Winn já colocara as malas no Grand Cherokee de Biddy, arrumando tudo com precisão milimétrica: todos os itens esquecidos e requisitados pelas mulheres, além das malas e das caixas de comida, de suas próprias roupas e de quinquilharias diversas de casamento. Enquanto o café não ficava pronto, saiu levando consigo o inventário que tinha feito num caderno amarelo e começou a checagem final. Vasculhou uma fileira de sacolas de comida no banco de trás e abriu a porta do motorista para verificar se estavam ali o carregador do celular, o guia de estradas — mesmo sendo capaz de percorrer aquela rota de olhos fechados — e uma pilha de moedas, riscando da lista cada um desses pontos. Malas de roupas e bolsas de pano estufadas ao máximo criavam uma barreira na parte de trás, e Winn teve que ficar na ponta dos pés e se inclinar pelo estreito vão entre elas e o teto para confirmar a presença, no meio daquilo tudo, de uma caixa branca brilhante do tamanho de um caixão infantil que continha o vestido de noiva de Daphne.

— Não esqueça o vestido, papai — havia alertado a secretária eletrônica na voz de sua filha na noite anterior. — A mamãe também quer falar alguma coisa.

— Não esqueça do vestido, Winn — avisou Biddy.

— Não vou esquecer o maldito vestido — respondeu Winn à caixa de plástico.

Ele riscou "Vestido" da lista e fechou com força o porta-malas. Pássaros cantavam, e uma luz amarela escorria através da neblina matinal, tocando o gramado que ondulava com o vento e o muro baixo de pedras do terreno do vizinho. Ao sair da garagem para resgatar o jornal de uma poça, Winn notou que algumas pedras haviam caído do muro para a rua, e atravessou para ajeitá-las sacudindo o saco plástico do jornal para livrá-lo das gotas. O barulho oco de uma pedra contra a outra era agradável e, quando o reparo estava feito, ele parou por um minuto alongando as costas e admirando a bela fachada ianque de sua casa. Nada chamativo e novo o tentaria a largar esta vizinhança tranquila habitada por

gente de caráter; as casas podiam ser grandes, mas eram cercadas por árvores de bom gosto, e muitas, como a dele, eram forradas com carpetes e crepitantes pisos aristocráticos.

Sua casa em Connecticut era o lar, assim como aquela em Waskeke, porém a da ilha lhe era familiar sem perder a novidade, tal como imaginava que se sentiria em relação a uma amante de longa data. Waskeke era o grande refúgio de sua vida, onde sua família se mostrava mais firme e harmoniosa. Ter toda aquela gente, todos aqueles hóspedes, invadindo seu domínio privado o irritava, mas não poderia ter proibido Daphne de se casar lá. Ela teria argumentado que também era dona da ilha, e que os prazeres de Waskeke deviam ser compartilhados. Winn desejava que a balsa pudesse levá-lo de volta a um mundo onde as meninas ainda seriam crianças e só estariam os quatro em Waskeke. Não que não estivesse feliz por Daphne (ele estava), ou que não apreciasse a importância cerimonial de entregá-la aos cuidados de outro homem (ele apreciava). Winn desempenharia seu papel com satisfação, mas o fim de semana, agora avaliado em sua proximidade, parecia um tanto amedrontador. Não um exercício sincero de pacifismo familiar e apoio obrigatório, mas um quebra-cabeça traiçoeiro, repleto de oportunidades para a coisa errada ser feita ou dita.

Partiu para o norte por estradas arborizadas, cruzando vilarejos de tijolo e madeira amontoados nas encostas, acima dos portos abarrotados. A manhã era reluzente e amarela, o carro cheirava a café com um toque do perfume de Biddy. Trens de carga deslizavam pelas pontes; cais distantes se alongavam como braços sobre o mar. Pálidos arco-íris de luz do sol brilhavam no para-brisa. Para Winn, a dificuldade em chegar a Waskeke era parte de seu atrativo. A lentidão da estrada e da travessia de balsa tornava a viagem mais significativa, a ilha mais remota. Quando as meninas eram novas, rabugentas e tendiam a passar mal no carro, aquela estrada era uma catástrofe anual, apinhada de semáforos, confusões com as reservas para a balsa, policiais mal-intencionados e a inevitável descoberta de Biddy, após horas de viagem, de que ela havia esquecido a chave da casa ou o remédio de uma das meninas ou a raquete de tênis dele. Winn ficava com raiva, esbravejava e passava a dirigir com a urgência amarga de um cocheiro desvairado querendo levá-las a galope para o inferno, o tempo todo sabendo que a miséria da viagem se suavizaria no momento da chegada, que, ao cruzarem a soleira da casa, ele se veria tão grato quanto um peregrino atravessando os portões da Cidade Celestial.

Ao chegar à doca da balsa com uma hora de antecedência, tal como planejado,

Winn se pôs a esperar numa fila de carros que parecia não levar a lugar nenhum: mar aberto e Waskeke em algum lugar além do horizonte. Ociosamente, baixou o vidro e ficou olhando as gaivotas que sobrevoavam a praia. O porto tinha um cheiro festivo de pipoca e moluscos fritos. Quando era criança, durante uma semana no verão seu pai deixava o motorista em Boston e levava Winn pessoalmente até o Cabo (era uma grande novidade ver o pai atrás do volante). Naquela época, a balsa era antiga, daquele modelo aberto em que o carro tem que entrar de ré, e Winn tremia de medo diante do processo tão arriscado, mesmo que seu pai, capaz de brincar com o drama, preferisse subir de ré aquela rampa estreita com uma indiferença de especialista. Tinham uma propriedade pequena em Waskeke, nada como a casa de Boston, apenas um casebre à beira de um pântano onde se pescava bem. Mas o casebre foi vendido quando Winn estava em Harvard e derrubado pouco depois para dar lugar a um casarão novo que pertencia a outra pessoa.

A balsa atracou com um estrondo e descarregou uma torrente de gente e veículos. Alguns eram moradores da ilha que vinham das compras, mas a maioria era de turistas voltando para casa. Winn ficou contente de vê-los indo embora, mesmo que outros tantos estivessem sempre chegando. Um funcionário de macacão azul acenou para ele subir a rampa até aqueles domínios salgados com cheiro de ferro, e outro lhe indicou uma passagem estreita entre dois caminhões de carga. Duas vezes Winn verificou se o Cherokee estava trancado, e então subiu até o convés para assistir à partida, que se deu como sempre: primeiro o apito da balsa, em seguida o lento recuo dos edifícios desordenados do porto e dos diversos barcos que formavam a floresta de mastros sem vela. Sombras de pássaros deslizavam sobre a ondulação do mar. Embora não quisesse ceder à nostalgia, Winn não se surpreenderia se visse várias sombras de si mesmo estendidas pelo parapeito: o menino ao lado do pai, o colegial dando goles numa garrafa compartilhada entre amigos, o solteirão com uma série de mulheres lembradas com imprecisão, o homem em lua de mel, o pai jovem carregando uma garotinha, e logo duas. Devia ter 8 anos quando o pai o levou pela primeira vez, e agora tinha 59. Uma armada fantasmagórica de balsas circundava em sua memória, tripuladas pelos sujeitos que havia sido. Mas a água, como pôde ver por cima do parapeito, parecia com qualquer outra; Winn podia estar em qualquer lugar, no estreito de Bering ou no rio Estige. Impreterivelmente, toda vez que se encontrava no oceano a mesma visão lhe ocorria: a imagem dele próprio perdido, à deriva, debatendo-se acima daquelas profundezas profanas.

Assim como a travessia sempre tinha o mesmo início, duas horas depois

sempre tinha o mesmo fim — uma faixa cinza de terra separando o azul do azul, então alguns faróis, torres, docas, o cais alongando-se na tentativa de chegar a seu gêmeo do continente. Havia um pequeno farol na entrada do porto do qual, por tradição, os passageiros das balsas que partiam jogavam moedas de 1 centavo. Livia dissera, quando criança, que lá o fundo do mar devia parecer com as escamas de um peixe, e desde então o mesmo pensamento assaltava Winn ao passar pelo farol: um imenso peixe de cobre descansando logo abaixo, um olho bulboso abrindo-se para acompanhar os propulsores da balsa. Atracaram e, descendo a rampa para entrar no labirinto agitado de ruas estreitas que levavam à vila de Waskeke, ele suspirou, apreciando a terra firme.

Uma surrada caixa de correio etiquetada com o nome "van meter" em letras adesivas ficava na entrada. O estreito caminho de terra até a garagem era cercado de árvores altas, e Winn o percorreu com excitação crescente, as árvores acenando até que ele emergiu sob a luz do sol. No topo de um monte coberto de grama, não propriamente uma colina, mas uma protuberância que surgia como a tonsura de um monge no meio de um círculo de árvores, a casa era alta e estreita, com suas telhas cinzentas e sua fachada simples remetendo à modéstia, ao conforto e ao passado quacre de Waskeke. Em cima da porta principal vermelha se lia numa placa esculpida "CASA DO ORVALHO", o nome que deu à casa quando a comprou. O trocadilho era ruim, ele sabia, mas na época foi o melhor que conseguiu inventar, e tinha que substituir a placa deixada pelo antigo proprietário — "AVEIAS DO TEMPO" —, um nome que Winn desdenhava por ser absurdo, pois não existia nenhuma horta na propriedade antes que ele mesmo cultivasse. A casa era dele havia vinte anos, desde que Livia era um bebê, e ao longo daqueles vinte verões o tempo e a repetição a haviam elevado de uma simples residência a algo mais, um monólito sagrado sobre o qual o céu de verão girava e girava. Parou o carro junto à porta dos fundos e observou a disposição elegante de janelas, seus vidros escurecidos pelas árvores que se refletiam.

Algo naquele lugar parecia diferente. Winn não sabia dizer o quê. As calhas, as persianas e os frontões estavam todos intactos, até melhores com uma nova demão de tinta branca. As hortênsias ainda não haviam florescido, mas as peônias sim, flores gordas, brancas e rosadas. Suspeitava estar projetando alguma estranha aura para a casa por saber que Biddy, Daphne e Livia estavam lá com todas as madrinhas e sabe Deus quantas outras donzelas sustentando a chama do casamento vindouro. Sentando-se ali, ouvindo o motor emitir seus últimos ruídos antes do silêncio, uma parte de seu sonho quase esquecido interrompeu o

prazer da chegada. Talvez estivesse no carro ou de volta em sua cama ou talvez estivesse correndo um dedo pelas costas de uma mulher. Tentou afastar o sonho, mas ele não desaparecia. Limpou os óculos na camisa e abaixou o retrovisor para se olhar no espelho. A visão de seu rosto o reconfortou, mesmo do queixo que alguém já chamara de fraco. Ajeitou sua expressão para aparentar uma calma patriarcal e tentou se lembrar de como era essa sensação: era assim que ele queria parecer nos próximos três dias. Pegando a caixa do vestido e deixando o restante, Winn foi até a porta lateral e entrou, quase tropeçando numa explosão de flores tropicais que irromperam no chão em um vaso de cristal logo que ele cruzou a soleira.

— Biddy — chamou Winn, cortando o silêncio —, a gente não pode arrumar um local melhor pra colocar essas flores?

— Ah — veio a voz de sua mulher de algum lugar lá em cima. — Oi. Não, deixa aí.

Ele ouviu a porta de tela bater atrás de si — mesmo tendo, anos antes, fixado na porta uma placa agora amarelada dizendo "NÃO bater" — e contornou as flores. Colocou a caixa do vestido no chão e torceu o nariz para uma pilha de sapatos desconhecidos e cheios de areia. Organizou-os em pares e os alinhou no rodapé. Pelo corredor de painéis brancos de madeira se projetava um retângulo vivo de luz da cozinha. À sua direita, a escada dos fundos se curvava acentuadamente para cima, e à sua esquerda ficava o closet de casacos. Lá dentro Winn se tranquilizou ao ver a mesma fileira de capas de chuva, a mesma confusão de raquetes de tênis e sandálias de praia, mas na prateleira de cima, enfiado no meio de uma velha coleção de bonés de beisebol e chapéus de pescador, um amontoado de pacotes de presente com fitas e papel de seda.

— Biddy! O que são estas sacolas todas no closet?

Mais uma vez a voz de Biddy veio pelo ar, lá de cima.

— Presentes das madrinhas. Não mexa, Winn.

— Só me deixa olhar antes — pediu alguém pouco atrás e pouco acima dele. — Daphne disse que são legais.

Winn se virou, despreparado para vê-la tão cedo.

— Oi, Agatha! — saudou ele, soando jovial demais.

Agatha desceu alguns degraus e se inclinou para beijar a bochecha que ele ofereceu. Suas clavículas e o abrigo escuro do decote desceram e voltaram a subir. Winn sentiu um aroma almiscarado, pesado como uma colônia masculina, e, por baixo, um cheiro de fumaça de cigarro. Ela sempre tinha cheiro de cigarro, embora ele nunca a tivesse visto fumando. Agatha ainda devia se esconder para

isso como uma adolescente, sentada em soleiras de portas, carregando os cigarros em caixinhas ocultas. Winn conhecia poucas mulheres que descreveria como explosivas, mas desde os contornos ondulantes do corpo dela até seu ar de descaso — um desalinho muito bem pensado —, Agatha era um autêntico espécime. Usava peças de tecido fino que podiam servir para dormir: vestidos de renda com bordas rasgadas, calças de cordinha que começavam abaixo da cintura, shorts de nylon. Roupas que respondiam aos requisitos de decência, mas ainda provocavam uma impressão de nudez. Prendia o cabelo com grampos, elásticos ou faixas estranhas, e estava sempre remexendo na bolsa à procura de qualquer coisa, tirando um sugestivo conjunto de batons, isqueiros, receitas amassadas e pedaços de joias quebradas.

— Tudo bem? — perguntou ela com seu jeito lento, soando como se tivesse acabado de acordar. Trajava um vestido curto de camadas brancas translúcidas que Winn julgou estranhamente nupcial. — Bem-vindo ao hospício.

— Tudo ótimo — Winn deu um passo atrás, e algo cutucou sua coxa. Uma flor de flamboyant do arranjo. — É um hospício?

— É divertido, se gosta de mulheres. Você está em desvantagem. — Ela contou nos dedos. — As três madrinhas, entre elas eu. Mais Daphne e Livia. Sua mulher e sua irmã. Estou esquecendo alguém? Não. Com isso dá sete a um.

— Celeste está aqui?

— Biddy não te contou?

— Talvez tenha contado e eu esqueci.

— É, se deu mal. Além disso a organizadora entra e sai toda hora. Fizemos um ensaio com o cabeleireiro esta manhã. Daphne quer que tudo seja simples, graças a Deus. Uma vez fui a um casamento que fizeram nosso cabelo cheio de espirais, como se fosse um cacho de uva. O ensaio da maquiagem é amanhã, e o que mais? Manicure? Tem alguma coisa com o vestido, também, abrir o espaço para o bebê, provavelmente. Com certeza estou esquecendo alguma coisa. Enfim, você é muito sortudo.

— É, sou — concordou Winn, coçando o queixo e perguntando-se quanto tudo aquilo lhe custaria.

Perguntou-se, também, como ela podia estar tão calma enquanto ele se sentia inquieto como uma marionete. Havia sido ela, afinal, quem pegara na mão dele na festa de noivado de Daphne, e desde então Winn vinha batalhando para não pensar nela. Na verdade, já fazia alguns anos que vinha tentando não pensar nela, mas aquela festa havia sido a primeira vez em que ela mostrara algum interesse. Ele não se deixou enlevar — já tinha visto a garota com homens suficientes para

saber que o flerte era, para Agatha, um reflexo impessoal, e *sex appeal* era algo que distribuía pelo mundo sem discriminação, como se fosse um folheto de campanha política. E não tinha acontecido nada. Não de verdade. Só os dedos entrelaçando-se sob a privacidade da toalha de mesa, mas ainda assim o toque o deixara chocado. E havia sido Agatha quem se sentara ao lado dele, buscando a mão de Winn que descansava em seu próprio joelho e puxando-a para ela.

Agatha o contemplou de cima, sua cabeça caiu para um lado, quase até o ombro.

— Enfim, me mandaram para pegar o vestido.

— Certo! — Ele girou para apanhar a caixa branca e a entregou. — Todo seu.

Ela o levantou.

— É mais pesado do que eu imaginava.

— Me disseram que uma noiva grávida precisa de uma boa armação.

Ela riu, uma única sílaba que ficou entalada na garganta, menos uma expressão de graça que um sinal de pontuação, uma elipse lisonjeira. Ergueu o queixo e rolou os olhos para cima em direção ao segundo andar.

— Preciso levar isto para Daphne.

Winn disse "Ok!" e "Tchau!" como se estivesse encerrando um telefonema, e assistiu enquanto ela desaparecia na curva da escada. Conhecia Agatha desde que ela tinha 14 anos, sendo a primeira colega de quarto de Daphne em Deerfield, e, embora devesse ter 27 anos agora, ele não podia deixar de enxergá-la como uma Lolita. Sua atração ainda o envergonhava tanto quanto na época em que estava relacionada à sua saia de hóquei sobre grama. Agatha era uma atleta sem muito brilho; era provável que só jogasse porque sabia que ficava espetacular com aquela saia e as meias até o joelho, saltando pelo campo com os cabelos divididos em duas tranças desgrenhadas. Será que se lembrava de ter pegado a mão dele? Ela estava um pouco bêbada na festa, como todos, e naquele momento Winn entrou em pânico porque, depois de todos esses anos, ela *sabia*, ou talvez desde sempre soubesse. Porém, naquela noite, deitado e pensando no joelho nu dela debaixo da mão dele, a palma dela contra a dele, descobriu-se aliviado; agora os dados haviam sido lançados.

Dando a volta nas flores, fechou o closet dos casacos e percorreu o corredor até a cozinha. Quando crianças, a cada verão suas filhas corriam pela casa assim que chegavam para recapitular as singularidades e descobrir relíquias de seus próprios passados. Reencontravam-se alegremente com os sofás de tecido, o interior dos armários, as vistas de todas as janelas, os livros sobre peixes, plantas e pássaros, os potes de vidro do mar, a baleia de madeira lançando seu jorro

plano também de madeira na cabeceira da cama de Winn e Biddy, o canteiro de flores onde ficava o relógio de sol quase escondido atrás das margaridas, as tábuas partidas do chuveiro exterior. Os armários da cozinha eram inteiramente abertos para que as conservas e as garrafas de azeite pudessem ser observadas, e para que as meninas pudessem se maravilhar com a enorme panela preta para ferver lagostas. Balançavam a rede de um lado para o outro e escancaravam a porta da garagem para revelar, atrás da nuvem de poeira, uma canoa virada sobre cavaletes e o velho Land Rover que eles mantinham na ilha. Juntas, vinham pressionar Winn para que ele desaferrolhasse e abrisse a passagem para o terraço, de onde, do topo da casa, elas podiam ver quase toda a ilha.

Mas, em algum momento de suas adolescências, elas pararam de se importar se tudo estava como recordavam e começaram a ir rápido e direto para seus quartos, para acomodar roupas e cosméticos. Pequenas discussões percutiam pelas paredes enquanto elas lutavam por espaço no banheiro compartilhado. Winn havia assumido a tarefa de caminhar pela casa para inspecionar todos os cantos e fendas. Enchia os pulmões de sal e mofo e realinhava os quadros com um dedo. Abria os armários. Testava a rede. Cruzava cego as teias de aranha na garagem escura.

Desta vez, em suas rondas pelo térreo, descobriu que, para qualquer lado que olhasse, havia mais *coisas* do que deveria; mais *tralha*, e, apesar da quantidade de mulheres na casa e de seus equipamentos femininos, ninguém desceu para cumprimentá-lo. Saiu até o carro e descarregou malas e compras. Deixando as mochilas ao pé da escada dos fundos, levou as compras até a cozinha e afastou para o lado algumas revistas espalhadas para abrir espaço no balcão. Lápis de maquiagem e pincéis estavam por toda parte, abandonados em desordem como se pertencessem à massa fugitiva de Pompeia. Recolheu-os e os reuniu em uma xícara de café vazia. Arrumou as revistas em pilhas. Da pia extraiu um aparelho que suas filhas haviam lhe ensinado que servia para curvar os cílios. Um relógio redondo de metal tiquetaqueava em cima de uma estante, com seus ponteiros em forma de flecha e seus numerais romanos insistindo que eram quatro e meia. Olhou o relógio de pulso. Ainda não era uma da tarde. Pressionou os dedos numa camada de pó de arroz que tinha sido derramada na mesa de jantar e os arrastou pela superfície envernizada, deixando um rastro de um colorido forte que limpou de imediato com uma esponja. Mesmo em seu escritório, seu refúgio masculino de paz e tranquilidade, encontrou uma lixa de unha e a parte de cima de um biquíni sobre a escrivaninha.

Estava segurando o biquíni pelas alças e examinando-o (era branco com

bolinhas vermelhas, o tecido já gasto e fino, as alças reunidas em um nó confuso em vez de um laço; perguntava-se se os seios que haviam preenchido aquela peça eram de Agatha e se era possível que ela a tivesse deixado lá de propósito), quando um movimento na janela atraiu seu olhar. Da lateral da casa um gramado se estendia em declive até as árvores, interrompido primeiro por um par de pinheiros desgarrados unidos por uma rede de descanso, e depois por uma rede de badminton e por uma horta, contornada por uma frágil cerca verde para desencorajar os veados. Após anos apenas admirando tudo aquilo de trás da cerca, os veados pareciam ter crescido em quantidade e apetite e, no verão anterior, ao chegar, a família tinha encontrado todas as ervas e os vegetais de Winn comidos até o talo. Ele saíra rápido para comprar um rolo de rede de plástico verde, utilizando-o para cercar rudemente as plantas. A cerca era feia — Livia dizia que a horta parecia uma trincheira camuflada —, e ainda assim a produção foi decepcionante. Alguma condição do solo ou do clima havia reduzido as plantas a galhos finos com folhas flácidas e frutos mirrados. Biddy havia lhe dado a notícia por telefone, com as madrinhas fazendo escândalo ao fundo.

— Sinto dizer que a colheita não vai ser das melhores.

— Foram os veados? — perguntou ele.

— Não, parece que as plantas estão é doentes.

— Por quê?

— Ai, Winn, eu não sou botânica pra saber — dissera ela, suspirando.

Livia estava deitada na rede. Uma sombra azul cobria suas pernas e seus braços nus, e ela arrumara o cabelo fazendo-o parecer uma corda escura, enrolando-o em volta da cabeça e do pescoço. Um livro jazia aberto sobre sua barriga, a brisa virando as páginas. As mãos descansavam sobre o rosto. Era esse o movimento que havia atraído a atenção de Winn: as mãos largando o livro. Ela quase não se mexia; não devia estar chorando. Depois de um longo tempo, Livia deixou as mãos caírem no peito e ficou olhando os galhos. Winn raramente era acometido pelas emoções mais suaves, como visitas inesperadas vindas de um lugar que ele não saberia adivinhar. Estendeu o braço e tocou a janela. Deitada de costas na penumbra fria, Livia parecia uma estátua fúnebre. Bateu três vezes na janela e novamente, mais forte, mas ela não virou a cabeça. Seus dedos cobertos de pó deixaram impressões fantasmagóricas no vidro. Ele as limpou. Pensou em sair ao encontro dela, mas um estampido veio de cima e, ao emergir do escritório, deparou-se com uma cozinha cheia de mulheres.

— Oi, querida — saudou ele, beijando Biddy na bochecha.

— Quero deixar as flores ali pra depois não me esquecer de levar para o hotel dos Duff — explicou ela.

— Não sei como você iria esquecer. Por um instante eu achei que estava na Amazônia.

— Depois do casamento vou voltar a me lembrar das coisas. Até lá, você vai ter que dar a volta nas flores.

Ele contornou a cozinha aplicando seus beijos sistemáticos: primeiro Daphne, depois a irmã de Biddy, Celeste, que estava ao lado da geladeira pescando uma azeitona de um jarro com o dedo indicador. Agatha e as outras madrinhas gargalhavam alto encostadas no balcão, e ele beijou cada uma delas, dizendo:

— Agatha, oi de novo, Piper, Dominique.

— Como foi a viagem? — perguntou Biddy.

— Fácil. Saí cedo. A travessia foi tranquila.

Celeste empurrou para a mão dele um copo meio cheio e brindou com o dela. Três azeitonas oscilaram no fundo.

— Vocês não têm taças de martíni. Fora isso, tudo tem sido fabuloso.

Largando o copo em cima de uma pilha de revistas, Winn falou:

— O *happy hour* começou cedo?

Ele quase não bebia mais nada pesado, principalmente no meio do dia, mas, se relembrasse isso a Celeste, ela iria querer saber pela milésima vez o porquê, e Winn não estava com humor para explicar que tinha a ver com dores de cabeça e não com qualquer julgamento negativo em relação àqueles que cotidianamente embalsamavam seu fígado do momento em que o sol atingia o zênite até a hora em que seus pés os derrubavam no sofá ou na cama mais próxima.

— Tudo depende da hora que você sai do trabalho — respondeu ela, com o sorriso restrito aos lábios e a seu entorno mais imediato. Biddy havia explicado antes que Celeste tinha exagerado nas injeções antirrugas, e que o efeito ainda era assustador.

Winn franziu o cenho e se virou para as madrinhas.

— Estão se divertindo, garotas?

— Estamos — veio o coro das madrinhas, reunidas com Daphne num lânguido aglomerado junto à pia.

Assim como Daphne, Agatha e Piper eram louras e baixas. Dominique era alta e morena, um menir agigantando-se entre elas. Filha de dois médicos coptas do Cairo, ela havia passado a maioria de suas férias com os Van Meter. Seu rosto era simétrico, mas severo, uma meia-lua de testa lisa caindo sobre as sobrancelhas muito arqueadas, o nariz com um calombo e uma boca larga que baixava um

pouco nos cantos numa expressão pouco atraente de lamento. Músculos remanescentes da fase de nadadora guarneciam os ombros e as costas. Seus cabelos, que não chegavam a ser ondulados e crespos, mas também não eram tão lisos quanto costumam ser os cabelos dos árabes, estavam cortados bem curtos. Ele não a via fazia alguns anos. Após a faculdade em Michigan Dominique partira para a Europa (França? Bélgica?) para virar *chef* de cozinha. Gostava dela; respeitava sua força física e sua habilidade culinária, porém nunca entendera sua amizade com Daphne, que não tinha nenhum interesse em esporte ou cozinha e que parecia diáfana e frívola ao lado dela.

Dominique apontou a janela com um dedo comprido.

— Sua horta parece um pouco acabada.

— Biddy me contou. Ainda não saí pra ver.

— Você andava tendo problemas com os veados?

— Terríveis. São bodes glorificados, aqueles bichos. Mas Biddy acha que eles não são os culpados desta vez.

— Pois é, eu não vi muitas mordidas, só em volta. E procurei buracos de pulgões e esse tipo de coisa, mas os que achei não eram suficientes pra justificar por que tudo está tão destruído. Talvez o solo seja ácido demais.

— Pode ser.

— Foi você que plantou?

— Da primeira vez sim, há oito ou nove anos, mas um casal local é que cuida quando não estamos aqui. Talvez eles tenham tentado alguma coisa diferente. Se queriam fazer experimentos, espero que não tenham escolhido minha horta.

Dominique assentiu e virou o rosto, como se escondesse um desprezo por pessoas que não cuidam de suas próprias hortas.

— Estou surtando com esse casamento — anunciou Piper do nada e num tom muito agudo, como era seu hábito.

Ela e Daphne haviam se tornado amigas em Princeton, e Winn a conhecia menos que as outras. Sempre agitada, animada por um vigor tão sensível como um passarinho, parecia uma fonte inesgotável de trinos entusiasmados. Pálida feito osso e escondida atrás de um palheiro volumoso de cabelos quase brancos de tão louros, seus olhos glaciais e seus lábios de batom vermelho pareciam à deriva na branquidão, como se o rosto tivesse sido desenhado por uma criança. Suas sobrancelhas eram quase indiscerníveis, seu nariz, pequeno e afilado. Alguns homens a achavam poderosamente atraente, Winn sabia, mas ele não via graça. Sua aparência era etérea e um pouco estranha, enquanto a de Agatha era concreta, radiante, tátil; quase dava para sentir seus braços e suas pernas só de

olhar para eles. Daphne era algo intermediário. Eram três matizes de mulheres dispostas lado a lado como as desconcertantes embalagens de tinta de cabelo nas farmácias.

— É bonito aqui — elogiou Agatha, deixando a cabeça cair no ombro de Piper.

Um amigo de Daphne insinuara, anos antes, num momento de fofoca embriagada, que Agatha era uma puritana enrustida. *Não tem motor*, ele tinha dito. *Você aperta o acelerador e não acontece nada*. Mas para Winn foi difícil acreditar que algo tão decepcionante fosse verdade.

— Obrigada por trazer meu vestido, pai — agradeceu Daphne.

— É — respondeu ele a Agatha. — Waskeke é como o mundo deveria ser.

Winn estava olhando para ela com intensidade demais e por isso desviou o olhar para Biddy, que inspecionava as sacolas de compras. Com um resmungo, Daphne se afastou da pia, cambaleou pela cozinha e se deixou cair numa cadeira atrás de Winn.

— Daphne — disse ele, virando-se —, você está se sentindo bem?

— Estou bem.

— Por que você soltou esse barulho?

— Porque estou grávida de sete meses, pai.

Ele pediu e recebeu um relato completo da situação do fim de semana. Onde estava Greyson? No hotel com seus padrinhos, Daphne respondeu. Os pais dele? Chegariam por volta das cinco. Os convidados para a festa nessa noite, um jantar que Winn prepararia, seriam 17. Era uma reunião informal, com lagostas, uma chance para que todos curtissem a ilha antes de começar a levar o casamento a sério demais, algo como um jantar na noite anterior à do jantar de véspera. Biddy havia confirmado as lagostas? Sim.

Winn assentiu.

— Tudo bem. Então está certo.

— Aliás — começou Daphne —, o Sr. Duff é alérgico a moluscos.

Winn cravou os olhos nela.

— Por que você não disse isso antes?

— Não tem problema. É só comprar junto um filé de atum.

— Você vai continuar chamando o homem de Sr. Duff depois de casada? — perguntou Celeste.

— Tenho dificuldades em chamar de Dicky — respondeu Daphne seriamente. — Ele diz pra eu chamar de pai, mas na maior parte do tempo eu não chamo de nada.

— Todo mundo chama de Dicky. É o nome dele. Ele não vai achar estranho

que você o chame pelo nome dele. Está sendo ridícula — argumentou Biddy.

— Ri-dicky-ula — soletrou Dominique, e todas as mulheres riram.

— Onde está Livia? — perguntou Winn, mesmo sabendo a resposta.

— Em algum lugar por aí — respondeu Daphne. — Me odiando. Você sabe, eu realmente acho que o vestido dela é bonito. Acho mesmo. Eu queria que ela se distinguisse das outras madrinhas, o que é uma coisa boa, não é? Só está sendo do contra. É um vestido verde, só isso. Diz que é o tom exato da inveja e que todo mundo já acha que ela está com ciúmes, mesmo não estando; mas não é a cor da inveja. Lembra um verde-esmeralda.

— Não dá pra trocar mais — completou Biddy.

O momento de boas-vindas se esvaiu numa calmaria. O semicírculo de mulheres olhando para ele deixou Winn inquieto. Com um suspiro alto e satisfeito, ele se virou para olhar a janela. Daphne estendeu as mãos para Dominique e foi levantada.

— Meninas — chamou ela, convocando as madrinhas com a mão.

Elas se retiraram, com suas vozes vagando pela casa como cantos de pássaros distantes.

— A viagem foi boa? — perguntou Celeste, tendo perdido uma parte anterior da conversa.

— Não poderia ter sido mais tranquila — respondeu ele.

— Você deve ter acordado ao amanhecer.

— Um pouco antes do amanhecer.

— Beba aí, Winnifred — ela pegou o copo e o entregou de novo a ele com uma piscadela. — Você merece.

— Se você insiste.

Ele encostou os lábios no líquido. Gim.

A casa era em formato de L, com um deque de madeira preenchendo o vão e estendendo-se sobre o gramado. Através das portas duplas da cozinha, Winn viu Livia cruzar o jardim e chegar ao deque. Trajava um short cinza surrado, e suas pernas pareciam mais finas que nunca. Quando abriu a porta e entrou na cozinha, uma lufada de ar salgado veio com ela.

— Ah, pai. Oi.

Não fez nenhum movimento para abraçá-lo ou beijá-lo. Na rede, a aparência dela era sepulcral e triste, mas devia ter sido um jogo de sombras porque Livia parecia bem agora, um pouco pálida, mas bem. Virou-se para outro lado, roendo a lateral da unha do polegar.

— Oi, colega de quarto — cumprimentou Celeste.

— Vocês duas estão ficando juntas? — perguntou Winn. Biddy devia ter imposto esse arranjo a Livia, senão ele já teria ouvido bastante reclamação a respeito.

— Estamos — respondeu Livia com voz neutra, inspecionando sua própria mão. Quase não tinha unhas de tão roídas, e a carne em volta delas estava cortada e ferida.

Celeste sacudiu o copo de maneira sugestiva.

— Quer uma bebida?

— Não, obrigada.

— Apoio moral a Daphne? — perguntou Celeste. — Coitada dela, sem poder tomar nada no próprio casamento. Não sei o que eu teria feito sem um ou dois drinques nas minhas festas de casamento.

— Que dirá nos seus casamentos — complementou Biddy.

— Só você pra me dizer uma coisa dessas — rebateu Celeste, dando um tapa na bunda achatada de Biddy.

— Daphne pode tomar uma taça de champanhe — comentou Livia.

— Ela está de sete meses. Não tem problema.

Celeste deu um gole.

— Não tem? Dá pra notar o quanto eu sei.

— Talvez eu tome alguma coisa — disse Livia. — Eu mesma me sirvo.

— Como vai o Cooper? — perguntou Winn a Celeste. — Ainda existe? — Estendeu a mão para acariciar os cabelos de Livia enquanto ela se afastava.

— Ele está bem, velejando nas ilhas Seycheles. Queria vir, mas não deu.

Livia pegou uma garrafa de vinho da geladeira e começou a tirar o lacre.

— Você acha que ele vai ser o número cinco?

— Estou me retirando do negócio de casamentos — Celeste ergueu seu copo como se fosse fazer um brinde. — Mas admito que tudo isto está me deixando emotiva. Não tem nada melhor que ser a noiva. Ai, ai. O tempo passou. Vou ter que viver indiretamente através das minhas sobrinhas.

Livia jogou o lacre no lixo.

— Não olhe pra mim.

— Ah, querida, foi azar dele. Tem tantos peixes no mar. Você só tem 19 anos.

— Tenho 21.

— Tem? Bem, então você é uma velha.

Livia prendeu o saca-rolha na garrafa e torceu. Winn assistiu ao metal prateado desaparecendo. Os dedos dela apertavam tanto a garrafa que os ossos se destacavam embaixo da pele. Winn queria dizer que ela não precisava apertar tão

forte, espremer o gargalo da garrafa como fazia. Lembrou-se de tê-la visto uma vez quebrar uma casquinha de sorvete na mão, chorando de surpresa ao sentir os pedaços gelados de biscoito.

— Esqueci que estava segurando — explicara ela. — Estava pensando em outra coisa.

Por que Livia tinha sempre que ser tão enérgica, esforçando-se quando não precisava, era algo que Winn não entendia, mas desta vez preferiu se conter. Ela prendeu a garrafa entre os joelhos e puxou até o vidro exclamar a perda da rolha.

Dois • Aquário

Antes de virar pai, Winn achava que teria filhos homens. Imaginara que Daphne seria um menino, apoiando o ouvido na barriga grávida de Biddy e escutando vozes masculinas ecoando num futuro campo de lacrosse e em viagens para esquiar. Via um pequeno blazer azul com botões metálicos, o cabelo curto penteado para o lado em uma risca reta, ele ensinando ao garoto como fazer o laço da gravata. Levaria seu filho a Harvard quando a hora chegasse e o ajudaria a carregar as malas pelo pátio, cumprimentaria os colegas dele e também os pais com apertos de mão firmes. Seu filho entraria para o Clube dos Ofídios, e Winn compareceria ao jantar de iniciação com o garoto, que reviveria a vida dele, afirmando a correção de cada escolha.

Quando aquele ruidoso presunto que o médico sacou do meio das pernas de Biddy resultou ser indubitavelmente menina, toda fendas e inchaços, Winn sentiu uma surpresa essencial e profunda, não apenas porque o bebê que havia se remexido na barriga de sua mulher durante aqueles nove meses era uma menina, mas porque ele, Winn, possuía as sementes de qualquer coisa feminina. No interior dos canos trançados de sua fábrica testicular, existiam, para além de toda a razão, mulheres. Vendo Biddy e Daphne aconchegando-se juntas na cama do hospital, percebeu que se enganara em pensar que a gravidez e o parto tinham qualquer coisa a ver com ele. Havia imaginado que, engravidando aquela mulher, tinha garantido que ela lhe entregaria um filho que seguiria adiante para engravidar outra mulher, que iria, em troca, ter um filho, e daí em diante pela linhagem dos Van Meter até um futuro nebuloso. Porém agora, em vez disso, havia aquela menina que desenvolveria seios e assumiria o nome de outro homem e faria brotar novos troncos de uma árvore genealógica desconhecida, perpetrando todo tipo de traições que um filho não faria. A transformação e o

inchaço do corpo delgado de Biddy numa coleção de elipses, a silenciosa comunhão que ela esbanjava em sua barriga, seu novo status com as irmãs e seu grupo de amigos, tudo isso devia ter lhe indicado que ele estava parado na entrada de um clube que não o aceitaria. Mesmo que as mulheres estendessem seus braços e exclamassem "Você vai ser um paaai!", Winn suspeitava que desde sempre o viam como o que ele era: o adjunto, o colaborador com um relatório suplementar, o sujeito indefeso prestes a ser substituído pelo centro dos afetos de sua mulher. A surpresa não devia ser que ele tivesse uma filha, mas que em qualquer lugar pudesse nascer algum menino.

Quando, cinco anos depois, Biddy anunciou que estava grávida pela segunda vez, Winn presumiu desde o início que seria uma menina. Estava tudo combinado; o jogo era uma farsa. Daphne era tão rigidamente feminina que a possibilidade de os genes dele e de Biddy serem de novo mesclados e disso saísse um menino parecia pequena demais para ser levada a sério. Biddy lhe deu a notícia na cama uma manhã, e Winn lhe deu um único beijo, seco, dizendo "Que bom!", antes de descer a escada para se sentar atrás do jornal e pensar em fazer uma vasectomia. Estava na mesa da cozinha, com os olhos fixos nas páginas, mas sem ler nada, quando ouviu o ruído murmurante e agudo que anunciava Daphne. Ela deslizou para cima de uma cadeira e ficou sentada comendo uvas vermelhas tiradas de um saco. Uma peça de plástico enfeitava seu cabelo, e uma nuvem de renda rosa saltava do ponto onde a saia se dobrava contra o encosto da cadeira.

— Bom dia, Daphne. Tem aula de dança hoje?

— Não, é na quarta.

— Isso que você está usando não é uma saia de dança?

— Meu tutu? Eu escolhi qualquer coisa.

Winn cravou os olhos nela. Daphne olhou de volta e dedilhou um dos fios de contas de plástico que enfeitavam seu pescoço. De alguma forma, ao longo da infância, ela havia absorvido uma série de frases e maneirismos que Biddy chamava de engraçados e Winn de absurdos, mas que, de qualquer maneira, faziam-na desfilar pela pré-escola como uma velha socialite. Uma vez a haviam deixado com a irmã mais velha de Biddy, Tabitha, para fazer uma viagem de uma semana, esperando que Dryden, o filho de Tabitha, a fizesse sujar os joelhos pelo menos um pouco. Em vez disso, voltaram para achar Dryden coberto de bugigangas e Daphne prendendo grampos no cabelo dele.

— Dryden, você está muito extravagante para esta hora do dia — comentou Biddy.

O garoto lançou um suspiro de sofisticação aborrecida. Agitou seus cílios cobertos de pó azul e espalmou a mão contra o peito.

— Ah, isto? Isto não é nada. As coisas boas estão no cofre.

Para Winn, Daphne era um ser estrangeiro, algo como uma feiticeira mística ou pastora carismática, uma embaixadora vinda de uma fronteira distante da experiência. O conhecimento acadêmico de que ela era produto do corpo dele não era suficiente para forjar uma crença real; Winn não a reconhecia de forma instantânea, involuntária, como um ser de carne e osso. Não que lhe faltasse esforço. Havia trocado suas fraldas e a embalara à noite enquanto ela chorava, tinha dado colheradas e mais colheradas de comida em sua boca, e com certeza a amava, mas à medida que envelhecia, Daphne ia se tornando cada vez mais alheia a ele, e seu amor por ela não lhe dava nenhum conforto, em vez disso parecia abrir passagens ocultas que deixavam entrar sentimentos de nostalgia e exclusão. Sentado atrás do jornal, tremia ao imaginar uma casa povoada por duas Daphnes, uma Biddy e apenas um Winn.

— Papai — a voz estridente atravessou a mesa —, eu sou uma princesa?

— Não — respondeu Winn. — Você é uma menininha muito bonita.

— Vou ser uma princesa algum dia?

Winn baixou o jornal e olhou por cima.

— Depende da pessoa com quem você se casar.

— Como assim?

— Bom, tem duas formas de uma mulher se tornar uma princesa. Ou ela nasce assim, ou casa com um príncipe, ou, acho, com um grão-duque, mas tenho quase certeza de que eles não existem mais. Sabe, Daphne, muitos países que tinham princesas não têm mais porque aboliram suas monarquias, e uma aristocracia não faz sentido sem uma monarquia. A Áustria, por exemplo, se livrou de tudo isso depois da Primeira Guerra Mundial. Esses sistemas hereditários não são justos, entende? E vão criando ressentimentos nas classes mais baixas. Seja como for, o caso é que, se você não nasceu como princesa, precisaria se casar com um príncipe, e hoje não existem muitos por aí.

Com reprovação, ela comeu uma uva e limpou os dedos um por um no guardanapo. Ele voltou a ler.

— Papai.

— O quê?

— Eu sou a *sua* princesa?

— Jesus, Daphne.

— O quê?

— Você parece uma criança da TV.

— Por quê?

— Porque está toda melosa.

— O que é meloso?

— Uma coisa doce demais. Dá dor de estômago.

Daphne assentiu, aceitando a resposta. E insistiu:

— Mas eu sou a sua princesa?

— Até onde sei, eu não tenho nenhuma princesa. O que eu tenho é uma menininha sem nenhuma dignidade.

— O que é dignidade?

— Dignidade é se comportar do jeito que você deve pra que as pessoas te respeitem.

— As princesas têm dignidade?

— Algumas têm.

— Quais?

— Não sei. Talvez Grace Kelly.

— Quem é essa?

— Era uma princesa. Primeiro foi uma atriz. Depois casou com um príncipe e virou uma princesa. Em Mônaco. Morreu num acidente de carro.

— O que é Mônaco?

— Um lugar na Europa.

Daphne levou um tempo para absorver e em seguida perguntou:

— Eu sou a sua princesa?

— A gente acabou de falar sobre isso — respondeu Winn, exasperado.

Ela pareceu estar tentando decidir se seus interesses seriam mais bem supridos se sorrisse ou chorasse.

— Eu quero ser a sua princesa — anunciou, pendendo para as lágrimas.

Daphne era uma hábil chorona, expressiva e capaz de grande potência. Para uma garota de físico tão delicado e voz tão suave, era surpreendentemente vigorosa em suas emoções. Suas lágrimas eram resolutas, assim como os sorrisos e beicinhos. Biddy a chamava de Lady Macbeth.

Voltando a submergir atrás do jornal, Winn disse o que era necessário.

— Tudo bem, Daphne, você é a minha princesa.

— Verdade?

— Com certeza.

Daphne assentiu com a cabeça e comeu uma uva. Depois jogou os cabelos para o lado.

— Eu sou a sua princesa *encantada*?

Biddy, quando Winn foi atrás dela, estava saindo do chuveiro. Através da porta trancada ele pôde ouvir a torneira fechando-se e o farfalhar da cortina impermeável. Ela cantarolava para si mesma. Pensou que pudesse ser "Amazing Grace". Batendo uma vez, ele abriu a porta, liberando uma nuvem de vapor. O corpo nu de Biddy, corado pela água quente, estava tão perto que Winn pôde sentir o calor exalado por suas costas e suas nádegas pequenas e lisas. Um círculo aberto no espelho embaçado enquadrava os seios e o umbigo, com a marca escura de pelos logo abaixo, o rosto tenso dele pairando acima do ombro dela. Após o outono ter esmaecido seu bronzeado de verão, a pele de Biddy agora tendia para certa palidez, mas a água quente dera ao peito e às pernas um tom rosado. Seus seios já pareciam murchos. Enrolou uma toalha branca em volta da cabeça. O reflexo dela sorriu para ele. *Biddy*, ele tinha planejado dizer, *talvez um seja suficiente*. Sugeriria que se sentassem para fazer uma lista de prós e contras. Tinha nas mãos um caderno amarelo e uma caneta azul e já pensara contras para opor a todos os possíveis prós.

— O que foi? — perguntou ela, o sorriso se desfazendo no rosto. Winn se questionou se ela já teria adivinhado que ele a havia seguido até aquele espaço quente e esfumaçado para argumentar contra o bebê. Biddy tinha algum tipo de loção nas mãos, e ele observava enquanto ela esfregava os flancos e a barriga, por cima de estrias remanescentes de Daphne que eram visíveis apenas nos meses de palidez.

— Winn? O que foi?

— O que você estava cantarolando? — quis saber ele.

— "Unchained Melody" — respondeu ela.

— Ah.

— E?

— E o quê?

Ela pegou outra toalha para se enrolar, prendendo a ponta embaixo da axila.

— O que mais?

— Nada importante.

— Pra que isso? — Ela apontou para o caderno de anotações.

— Eu precisava anotar algumas coisas.

— Sobre o quê?

— Coisas de trabalho.

Biddy se virou para o espelho e perguntou, de forma quase casual:

— Está empolgado com o bebê?

Winn ficou em silêncio.

— Está? — insistiu Biddy.

— Estou — declarou Winn. — Não.

— Não, não está empolgado? — Ela e Daphne tinham o mesmo jeito de franzir a testa quando seus planos eram contrariados. — O que você ia dizer quando entrou aqui?

Winn bateu o caderno contra a coxa.

— Não tenho certeza.

— Winn, diga de uma vez.

— Certo. Estava pensando em dizer que a gente não devia se precipitar em nenhuma decisão. Não chegamos a planejar isso.

— Nós sempre dissemos que teríamos dois.

— Não falávamos sobre isso há anos. Talvez quatro anos.

— Não, falamos sobre isso no ano passado. Em Waskeke. No bar do Enderby. Você disse que queria tentar ter um filho homem.

— Tínhamos bebido muito, e isso já faz bastante tempo.

— Não achei que fosse uma conversa vazia. A gente sempre disse que teria dois filhos. Eu entendia que nosso plano era ter dois. Sempre dissemos isso.

— Eu pensei... Eu *presumi*, aparentemente errado, que tínhamos desistido dessa ideia.

— Você devia ter falado, se mudou de ideia.

— Você devia ter falado que queria mais um.

— Deixa eu perguntar uma coisa: se você pudesse saber agora que é um menino, a gente estaria tendo esta conversa? Você teria feito uma das suas listas? É isso o que tem aí, não é?

Winn escondeu o caderno atrás do corpo e tentou escapar.

— Eu não sabia que você tinha parado de tomar pílula. Fez isso de propósito?

Biddy vasculhou uma gaveta.

— Esqueci por uma semana. Eu sei que não gosta de surpresas, mas achei que nós dois quiséssemos isso. Pensei: se acontecer, aconteceu. Não notei que você havia mudado de ideia. Devia ter falado alguma coisa.

— Não achei que precisasse. Não percebi que eu tinha dado uma aprovação tácita pra ter uma criança quando você quisesse.

Winn deu um passo atrás a tempo de sair do caminho da porta que bateu. A água da banheira começou a correr. As irmãs de Biddy haviam dito que ela se apegava à água em momentos de necessidade porque era de Aquário. Winn não

acreditava em astrologia — todo o conceito era constrangedor —, mas admitia que a paixão de sua mulher por banheiras, chuveiros, lagos, rios, lagoas, piscinas e mar era uma força poderosa. Biddy descendia de uma linhagem de pessoas que eram ao mesmo tempo notavelmente azaradas e extraordinariamente afortunadas em seus contatos com o oceano. Desde que um antepassado, muitas gerações antes, havia conseguido segurar uma corda instável depois de ter sido atirado por uma baleia para longe do convés do *Mayflower* e fora arrastado de volta a bordo, seus descendentes tinham sido atirados ao mar um após o outro e, enquanto milhares ao redor pereciam, eram trazidos de volta a salvo das ondas. Uma tia-avó havia sobrevivido ao *Titanic*; um primo distante cruzara mais de mil quilômetros do oceano Antártico num barco salva-vidas com Ernest Shackleton; o barco de seu pai havia afundado em Guadalcanal, e ele não apenas tinha se salvado como também a outros três homens em águas infestadas por tubarões. A foto da tia-avó, uma ampliação granulosa de uma garotinha envolta num cobertor e parecendo muito sozinha no convés do *Carpathia* sem a babá (que havia ido parar no fundo do Atlântico) pendia na parede do hall de entrada da casa deles.

Seja lá qual fosse a raiz da afinidade de Biddy pela água, desde que Winn a conhecia, ela era capaz de submergir e voltar, se não inteiramente curada, ao menos bem mais calma, com o humor sanado. Mas ele não poderia ter previsto que ela emergiria dessa específica banheira e o encontraria em sua poltrona favorita, onde Winn havia se instalado com seu jornal, para anunciar a ele que teria este bebê com um parto na água.

— Um o quê?

— Um parto na água. Você dá à luz numa banheira com água quente. Existe um hospital na França especializado nisso. Nós vamos lá.

Winn sentiu um "de jeito nenhum" crescendo em sua garganta. Casara-se com Biddy em parte porque ela não era dada a ideias extravagantes, e sentiu-se traído. No entanto percebeu que estava com a corda no pescoço, sem saída.

— Parece uma coisa meio hippie para mim.

— Eu pesquisei. Candace McInnissie fez com o mais novo, e defende com força.

— Você pesquisou antes de saber que estava grávida?

— A gente sempre disse que teria dois filhos, Winn. E como não é você que vai fazer o parto, não vejo por que iria se importar com o lugar onde vai ser.

Winn levantou o jornal e o deixou cair, uma bandeira branca deslizando pelo

chão como uma rendição marital. Estendeu os braços. Biddy se aproximou, inclinou-se para beijá-lo na testa, e se desvencilhou antes que ele pudesse abraçá-la.

Livia nasceu na França numa banheira cheia d'água, e também ela, como Biddy, passou os anos que se seguiram ao nascimento voltando, sempre que possível, a um estado aquoso. Certa vez chegou a casa depois de um dia produtivo na quarta série e declarou que era uma talassomaníaca e uma hidromaníaca, enquanto Biddy era só uma hidromaníaca, o que era verdade. A paixão de Biddy pela água não se estendia além da substância em si, enquanto Livia amava toda água, mas especialmente o oceano e seus habitantes. Durante seu período em Deerfield, ela havia surpreendido Winn ao organizar uma Sociedade de Preservação dos Cetáceos e ao passar seus verões nas ilhas do Ártico ajudando pesquisadores a contar morsas, ou em barcos monitorando o comportamento dos golfinhos nas ilhas Hébridas. Desejara muito intensamente se unir à tripulação de um veleiro que interceptava a rota dos barcos japoneses de pesca de baleias, mas Biddy deu um jeito de convencê-la de que seria mais útil em outro lugar. Agora estudava biologia em Harvard com planos de fazer um doutorado em seguida. Tinha deixado claro a Winn que achava que seu horror existencial provocado pelo mar era uma bobagem deliberada. Desde os 11 anos, insistia em sacar e manter sua licença de mergulho em profundidade e sempre pressionava para que Winn fizesse o mesmo, porém a ideia não o atraía em nada. Ele mergulhava com snorkel de vez em quando, e uma vez havia nadado sem querer para além dos limites de uma cadeia de corais, onde a orgia colorida de vida em movimento se converteu em escuridão. Sentiu como se tivesse lançado um olhar distraído pela janela de um arranha-céu e visto, em vez dos táxis amarelos e das miniaturas de pessoas povoando as calçadas, apenas um abismo.

Winn tinha a esperança de que a paixão de Livia pelo mar se esvaísse tal como seus outros entusiasmos infantis (vulcões, coleção de rochas), mas uma veia de ardor netúnio havia persistido na massa mais densa de sua existência adulta. Ela identificava focas e golfinhos onde ninguém notaria e se mostrava constantemente alerta à aparição de baleias. Um jato desgarrado de água espirrada era suficiente para atiçar suas esperanças e, após ela parar e perscrutar à distância tempo suficiente para se convencer de que nenhuma cauda ou dorso roliço apareceria, ela corava e caía no silêncio, parecendo sofrer algum tipo de vergonha profissional. Dizia que seria feliz se passasse a vida em pequenos veleiros de pesquisa ou em submarinos abarrotados, enfiando câmeras e

microfones nas profundezas, como se o oceano devesse emitir uma declaração oficial explicando-se. Sua filha-sereia. Como Livia podia sentir-se tão em casa num mundo tão obviamente hostil era algo que Winn não conseguia entender, assim como sua disposição para desperdiçar tanto amor em animais indiferentes a sua existência.

A relação com Daphne era muito mais simples, mas também mais obscura. Quando terminou a faculdade, ela pareceu desmentir tudo aquilo que havia constituído sua personalidade infantil, ou então sua capacidade de manipulação cresceu tanto que foi capaz de se ocultar plenamente. Winn não podia ter certeza. Um espelho embaçado de doçura e serenidade escondia as maquinações internas de Daphne, enquanto Livia vivia de forma muito mais aberta, primitivamente, o equivalente emocional a um nudista. O problema de Livia era a suscetibilidade aos sentimentos intensos, e seus sentimentos mais fortes nessa época se dirigiam a um rapaz, Teddy Fenn, que a havia rejeitado. Ela tinha visto filmes demais; não entendia que o amor era uma escolha, por onde se entra e se sai livremente ponderando com cautela, e não um raio aleatório enviado pelos céus. O pai a havia alertado para isso, mas ela não ouvia. Estava com raiva do mundo em geral e de Winn em particular, e por isso ele também estava com raiva dela. Em nome da paz familiar, tentaria deixar tudo isso de lado para o casamento, e talvez Waskeke exercesse uma influência benéfica, talvez devolvesse a ela o devido juízo.

Winn precisava fazer mais compras para o jantar e entregar as flores extravagantes de Biddy ao Enderby, onde os Duff estavam hospedados. Com o objetivo de forjar uma aliança, foi atrás de Livia para ver se toparia ir junto. Ela estava na banheira.

— Já passou das duas — avisou ele através da porta. — Quanto antes formos, melhor.

— Onde está Celeste? — perguntou Livia.

— No terraço.

— Se comunicando com os deuses da vodca?

— E com a sua mãe.

Um barulho de água.

— Só um minuto.

Voltaram aos solavancos pela estrada no velho Land Rover, as flores dos Duff saltando em cores entre os joelhos de Livia como fogos de artifício.

— O que você acha de pegarmos o caminho panorâmico? — perguntou Winn, parando na estrada.

Ela deu de ombros.

— Achei que a gente estivesse com pressa.

Só para sair daquela casa, ele pensou. Na hora que tinha se passado desde sua chegada, Winn fora capaz de ofender Biddy sugerindo que todos os ensaios de maquiagem e cabelo eram uma extravagância, e também de flagrar Agatha no banheiro do térreo. Não chegara a ver nada, só o rosto surpreso dela, as coxas expostas (seu vestido translúcido cobria o centro entre elas) e um pedaço de papel higiênico amassado na mão, nem a falar nada, o que piorara a situação. Fechara a porta — sem bater, encostando-a com tranquilidade e deliberação — antes de escapar até o terraço para dizer a Biddy que estava indo ao mercado.

O dia estava quente e estranhamente silencioso. Cercas de madeira e uma grossa camada de galhos confinavam a estrada. O interior da ilha era em sua maioria ocupado por terras virgens conhecidas como os Baldios, montanhas baixas com arbustos afiados e árvores de galhos retorcidos, como um pedaço do Serengueti entregue no endereço errado. Ao lado do oceano, casas grandes se espalhavam entre pinheiros, amoreiras e pântanos. Atravessaram o prado ondulado cercado de areia que pertencia ao Clube de Golfe Pequod, com seus gramados ovoides alinhados como as pegadas de um elefante. Golfistas distantes se curvavam e se moviam, lançando no céu azul bolinhas invisíveis.

— Ouviu alguma coisa do Pequod? — perguntou Livia.

— Não, ainda não — respondeu Winn, tentando soar empolgado. — Vou ter que ligar pro Jack Fenn pra saber as últimas.

Livia deixou a cabeça cair para trás até cravar os olhos no teto do Rover.

— Seria tão ruim não se associar? Você já é sócio de mil clubes. Quase nem consegue ir à metade deles. Não entendo por que fazer parte do Pequod é tão essencial.

— Não é *essencial*. Nada é *essencial*. Acho que todos nós vamos gostar de ser sócios, só isso.

— Você não pode deixar os Fenn fora dessa história, pelo menos?

— Infelizmente, não. Olha, eles também não são os meus melhores amigos, mas o Fenn e eu já nos conhecíamos muito antes de você e o Teddy nascerem. Nossa relação não tem nada a ver com vocês.

— Pra não falar da sua relação com a Fee — comentou Livia com escárnio, referindo-se à mulher de Jack, a mãe de Teddy, que era uma das ex-namoradas de Winn.

— História velha — declarou Winn. Como consequência de sua seletividade, às vezes seu mundo era pequeno demais. — Não é preciso trazer isso à tona. Não

tem nada a ver com o Pequod.

— De nós, só você joga golfe — apontou Livia para o teto.

— Tem uma academia lá, e um bar. Os eventos são legais. Bailes, leilões, festas temáticas. Você vai gostar.

Ela deixou a cabeça cair para o lado dele.

— Ah, eu *amo* leilões.

— Não seja sarcástica, Livia. Não é muito feminino.

Por três verões Winn havia penado em segredo na lista de espera para ser sócio do Pequod. Por três verões ele havia passado noites amargas de vigília no terraço, examinando à distância o que dava para ver do campo: apenas uma parte do décimo buraco, mas aquele pedaço de grama era a porta de entrada para um verdejante refúgio e confessionário masculino. Ao longo das décadas em que frequentava a ilha, sempre pensara naquele título como algo fácil de obter, mas deixado para depois. Então foi uma surpresa Winn ter mexido todos os pauzinhos disponíveis e falado com todas as pessoas importantes, incluindo os Fenn, e ainda assim se ver relegado ao status de visitante. Tinha um excelente histórico em clubes. Embora nenhum deles pudesse se igualar aos prazeres de seu clube de faculdade — o Clube dos Ofídios, uma irmandade de tal importância que Winn produzia um boletim natalino exclusivamente para seus membros e outro para os demais parentes da família Van Meter —, ele se associara a outros, em Nova York e em Boston, um em Londres, e em todos os lugares onde pudesse aparecer para o jantar e se sentir bem-vindo, sentando-se numa poltrona de couro e lendo os jornais pendurados em longas varas de madeira. Pertencia a clubes mais especializados, também, de natação, golfe ou esportes de raquete, e nenhum deles jamais havia hesitado em aceitá-lo como membro. Mas Jack Fenn estava na comissão de sócios e, verdade seja dita, Winn nunca soube bem em que pé estava aquela relação, se o passado era de fato passado àquela altura.

Para mudar o clima, Winn estendeu a mão e acariciou o joelho ossudo de Livia.

— Então, o grande dia!

— Não é o meu grande dia.

— Não seja tão amarga. Seu dia vai chegar.

Ela moveu a perna com irritação, e as flores tremeram.

— Seria bom se as pessoas parassem de me dizer isso. Posso casar e posso não casar. Não estou com inveja. Estou ansiosa pra que este fim de semana acabe de uma vez. E é isso.

— Não é bem esse o espírito, Livia. — Por mais que Winn desejasse que toda

aquela comoção acabasse, ele sabia que precisava comandar aquela tropa, de espada erguida, por um evento bem-sucedido. — Especialmente de uma dama de honra. Você está encarregada da honra, afinal.

Era para ser uma piada, mas ela respondeu com rancor.

— Achei que minha honra não te impressionasse muito.

Ele preferiu conter a resposta. Passaram por um lago pantanoso cheio de tifas e juncos.

— Olha, uma garça — disse Livia.

Winn viu uma forma alta e delgada e um lampejo de asas brancas.

— É um socó.

— Não, é uma garça. As garças são brancas. Os socós, não.

— Certo — concedeu Winn, num tom que indicava que ele estava sendo bom, não sincero. — Tudo bem.

Na cidade, o tráfego era lento, e sem a brisa o carro esquentava. Livia ergueu as flores, e alguma folha fez cócegas na mão de Winn. Ele a afastou. Livia suspirou e descansou o cotovelo na janela.

— Toda essa gente. Gente demais.

— Espero que não sejam todos convidados do casamento — brincou ele.

Livia bufou.

— Você faz ideia do que é dividir um quarto com Celeste?

— Acho que consigo imaginar.

— Depois de apagar a luz, eu ouço cubos de gelo tilintando. Aí ela tenta me fazer entrar num papo de mulheres e sussurra perguntas sobre a minha vida amorosa até cair no sono, que é quando começa a roncar. Você não imagina. Parece alguém passando o aspirador numa poça de lama.

Muitas vezes, no passado, nas férias ou em feriados, Winn havia permanecido acordado graças ao ruído industrial do sono de Celeste a alguns quartos de distância, mas ele preferiu dizer:

— Calma, parceira. Eu apreciaria se você pudesse contribuir sendo gentil com a sua tia.

— Eu contribuo. Contribuo de várias formas. Sou a dama de honra. Sou uma serva da rainha grávida. Por que eu tenho que ser a acompanhante da tia bêbada também?

— Celeste passou por uns momentos difíceis na vida. O mais generoso seria dar uma folga pra sua tia.

— Ela é uma gárgula.

— Ela é uma ruína.

— Por culpa dela mesma. Não consigo me livrar. Ela está por toda parte com martínis e histórias. Vem "Coleguinha de quarto, já contei sobre a vez que meu terceiro marido fugiu pra Bolívia com a filha da minha melhor amiga? Você não sabe o que é um coração partido até seu terceiro marido fugir pra Bolívia com a filha da sua melhor amiga". Aquele clinque-clinque, clinque-clinque, clinque-clinque que avisa que ela está chegando parece a música de *Tubarão*.

— Agradeça por você não estar por perto na época desse divórcio, o boliviano. Foi uma luta.

— Não acho que um divórcio que aconteceu vinte e tantos anos atrás seja uma desculpa pra se tornar esse caco.

— O que você propõe que a gente faça? — perguntou Winn. — A gente devia colocar sua tia num saco de batatas e jogar da balsa?

— O saco talvez seja demais.

— Se ela quer ficar bêbada e dizer a coisa errada, é isso que vai fazer. E por mais que a gente preferisse que ela não existisse, ela existe. Morte, impostos e família, Livia.

A fazenda podia ser o fim da Terra. A fina linha do oceano costurava seus campos ao céu, tudo acobreado pelo sol. Era bonita a superfície da água, rachada e estriada pela luz, mas Livia gostava de pensar no que proliferava por baixo: plâncton, é claro, e percas listradas, anchovas, bonitos, talvez atuns, com certeza larvas e filhotes de peixes, vermes e moluscos no fundo. Pelicanos mergulhando para preencher seus lábios imensos. Focas. Talvez uma baleia, embora fossem raras em Waskeke. Em séculos passados, os habitantes da ilha pescaram cachalotes e baleias-francas quase até a extinção, e Livia suspeitava que os animais ainda sentiam as más vibrações das águas próximas.

Quanto mais velha ela ficava, mais claustrofóbica se sentia em sua família. O desejo de seu pai de se associar a clubes, que antes lhe parecia perfeitamente normal, agora se mostrava ganancioso e constrangedor. Ele parecia acreditar que as sedes dos clubes, prédios velhos e asfixiantes cheios de idosos, eram refúgios que o abrigariam da decadência da vida ordinária, que o protegeriam como a cerca verde na horta devia proteger seus vegetais preciosos dos veados ameaçadores. Teddy sentia um ceticismo semelhante em relação a sua própria família, e Livia tinha imaginado que juntos eles forjariam uma nova liberdade, se apoderariam da vida, mas em vez disso ele a abandonara, num desfecho que ela não podia aceitar. Aquele término girava em sua mente como se fosse um cubo mágico, ela incapaz de decifrar o que o havia afastado. Nunca fora tão feliz

quanto com Teddy. E ele era feliz também, ela tinha certeza.

— Pelo amor de Deus — falou o pai, esperando uma senhora manobrar seu Cadillac e liberar uma vaga do estacionamento de cascalho do mercado.

O prédio do mercado, erguendo-se por cima de um amontoado de casas, parecia uma escola enorme, de telhas cinzentas. Livia desceu primeiro e foi se adiantando. Dentro, o lugar era arejado e fresco e tinha cheiro de terra, tomates, carne crua e celofane. O pai a alcançou, examinando por cima dos óculos uma lista que ele anotara num guardanapo.

— Milho, tomate, alface, eu trouxe cebola de casa, precisamos de picles, os camarões a gente pega na peixaria, algo que não seja molusco pro Dicky, as lagostas vão ser entregues, mais pão, queijo etc. etc. Você começa pegando o milho, Livia, por favor.

— Quanto?

— São 17 pessoas no jantar, então podem ser vinte espigas.

— Você tem um caldeirão pra cozinhar todas?

Baixando o queixo, Winn lançou sobre ela um de seus *olhares* com marca registrada, meio sorrindo, com os olhos de aço.

— Ok — assentiu ela. — Esquece. Sem problemas.

Livia encontrou um carrinho e o conduzia em direção a uma montanha de milho quando viu Jack Fenn e sua filha Meg parados ao lado das prateleiras refrigeradas de ervas frescas. Mesmo de costas eles eram fáceis de identificar porque, como Teddy, eram ruivos. Seis meses havia se passado desde a última vez que ela vira Jack, desde antes do término, mas ele estava idêntico, um Teddy mais velho. Trajava uma camisa azul com o colarinho aberto, e era bonito de um modo bruto, desgrenhado, com os lábios grossos e os cabelos vermelhos compridos o bastante para cobrir as orelhas. Segurava a mão de Meg, e levava uma cesta de compras pendurada na dobra do outro braço. Meg era uma garota alta, já uma mulher, e estava vestida com perfeito bom gosto, como uma criança de uniforme escolar: camisa, cinto de tecido, pernas finas saindo de uma bermuda e entrando em uma sequência de tornozeleiras, embaixo das quais seus pés compridos cobertos por tênis cinza se bicavam como duas trutas se beijando. Os cabelos arrumados em uma trança expunham os aparelhos de audição que ela usava em cada ouvido, e seu rosto podia ser bonito, não fosse pela boca grande e torta que pendia para baixo, revelando dentes e escuridão. Jack lhe perguntou alguma coisa — Livia não conseguiu ouvir o que — e ela respondeu com um som profundo no que pareceram ser quatro ou cinco palavras ditas uma sobre a outra. Outros clientes ergueram os olhos de suas alfaces e pimentas. Jack deixou

a cesta no chão e pegou um saco de cenourinhas, ainda segurando a mão dela.

Livia se virou para achar o pai, que levava um tomate ao nariz e cheirava com reprovação. Com o máximo de discrição que conseguiu, ela abandonou o carrinho e fugiu para perto dele, de costas para os Fenn. Tendo-a visto, Winn disse alto:

— Livia, você pode pegar um pouco de pimenta-do-reino?

Agarrando o braço dele, ela tentou virá-lo para a porta, mas o pai parou como se estivesse pregado no chão.

— O que você está fazendo? Eu preciso de tomates.

— Não podemos simplesmente ir embora? Não estou me sentindo bem.

Não deixava de ser verdade. O desespero dela tinha se convertido num tipo de náusea. Os olhos de Winn se iluminaram de preocupação, e ele lançou um olhar para a barriga dela como se de repente Livia fosse Daphne e estivesse grávida, tornando-se objeto de grande cautela. Mas Meg Fenn soltou outro urro com sua voz de buzina, fazendo-o erguer o olhar.

— Fenn! — chamou Winn com uma voz forte por cima da cabeça de Livia. — Jack Fenn!

Jack alçou a mão e partiu naquela direção com Meg tropicando ao lado dele, um pé pisando no outro.

— Winn. Oi, Livia. — Jack se curvou para beijar a bochecha de Livia, e ela sentiu um espasmo no canto da própria boca. Rezou para não chorar. Seu pai conduziu a mão em direção a Meg, mas logo a desviou e a deteve como se apontasse para Jack. Este deixou a cesta no chão e permitiu que Winn apertasse sua grande mão. Livia lançou os braços em volta de Meg, que ficou quase imóvel para receber o abraço.

— Gostei do cinto — elogiou Livia, notando que a garota usava *gloss* nos lábios e lembrando ter visto uma vez a mãe de Teddy passando-o nela, segurando o queixo de Meg com a mão.

Jack voltou seus olhos verdes para Livia, os olhos de Teddy, e ela corou, consciente de como estava magra.

— Como vai? — perguntou Jack.

No mesmo momento, seu pai, irradiando um vigor súbito, comentou:

— Dá para acreditar nesse trânsito de hoje?

— Bem — respondeu Livia.

— Um pandemônio absoluto — continuou Winn em resposta à própria pergunta.

Perdidos, todos eles hesitaram, e aos poucos o incômodo saturou o ar como se

tivesse sido liberado por um spray. A causa, Livia sabia, não seria nomeada ou aludida, nem ali ao lado dos tomates nem em qualquer outro lugar em que seu pai e o pai de Teddy viessem a se encontrar. Seu pai preferiria morrer a reconhecer na presença de Jack Fenn que, por cinco semanas, os dois haviam compartilhado um neto embrionário. Livia também não conversara nunca com Jack sobre a gravidez. A última vez que ela o havia visto foi em outra vida, antes mesmo de ter engravidado, quando Teddy ainda era seu namorado.

— Andou praticando seu golfe? — perguntou Winn a Jack, forçando na voz um tom de camaradagem. Ele parecia tenso, entusiasmado demais. Ocorreu a Livia que ele podia não estar pensando nela, e sim no clube de golfe.

— Só uma vez — respondeu Jack.

— Bom! — exclamou Winn. — Bom saber!

Meg então falou, dirigindo-se a Winn.

— Você gosta de golfe? — perguntou, com as vogais oprimindo seus sons guturais de *g*. Livia havia explicado a seu pai uma centena de vezes que Meg conseguia entendê-lo, mas ainda assim ele ficava petrificado toda vez que tinha que se comunicar com ela. Com o pescoço estendido para a frente ele apenas a observou, as pupilas percorrendo o rosto dela numa rápida procura por compreensão, mas logo desistiu e examinou o relógio.

Meg repetiu, mais alto, e Winn olhou desamparado para Livia. Lançando um olhar de desculpas a Jack, Livia traduziu.

— Ela quer saber se você gosta de golfe.

— Ah, eu gosto. Gosto muito — respondeu Winn para Livia.

Jack ergueu a mão da filha e lhe deu um beijo. Os olhos e a boca larga de Meg se fecharam, fazendo seu rosto parecer, em seu momento de repouso, normal.

— *Você* gosta de golfe? — perguntou Livia a Meg, e Meg riu soltando algo como o grasnido de um ganso.

— Então — disse Winn a Jack. — Ouvi em algum lugar que você está envolvido com o projeto das falésias.

— Infelizmente.

Winn riu.

— Fenn contra a natureza.

— O farol deve ser movido no próximo verão. Mas essa é a parte fácil — comentou Jack, e se pôs a explicar algum esquema para proteger com canos de drenagem uma praia que começava a desaparecer e para reforçar falésias rachadas com vergalhões, concreto e cestas de pedras chamadas gabiões. Uma linha de casas caras encimava os penhascos, e a cada ano seus proprietários

perdiam meio metro de seus gramados por causa do vento e da chuva, o precipício se aproximando lentamente de suas varandas de cedro.

— Odeio ter que dizer isso, mas aquelas casas já eram — observou Winn. — Em cinco anos elas já vão ter sido tragadas.

Livia viu uma Atlântida de casas cinza, cata-ventos girando na corrente sob um céu de espuma branca, peixes nas janelas e nos porões, a sombra de uma baleia varrendo os telhados como a sombra de um avião. Impressionou-se com os dois, tagarelando daquele jeito. Seu pai alegava que as coisas estavam estranhas com os Fenn desde a época da faculdade, quando ele fazia parte do Clube dos Ofídios, e Jack, descendente de sócios do clube, não havia sido convidado a entrar. Depois Winn tivera uma história com a mulher de Jack (muito antes de Jack conhecê-la, mas ainda assim), e Livia vivera uma história com o filho de Jack. E Teddy tinha partido o coração dela. Livia havia sacrificado o filho deles. O que poderia ser mais íntimo? Provavelmente devia agradecer pela conversa ser apenas sobre vergalhões e propriedades, mesmo que algo dentro dela desejasse que eles reconhecessem, ao menos uma vez, o que havia acontecido. Improvável. Mesmo quando Teddy e ela ainda estavam juntos, a relação entre as famílias já era um tanto desconfortável. Nas poucas vezes em que os casais de pais se reuniram, em jantares em Cambridge, todos haviam corajosamente deixado as horas passarem em tagarelices.

Jack negou com a cabeça:

— Preciso dizer que espero que você esteja errado, Winn. Isso não traria nada de bom pra ilha.

Winn ergueu um dedo.

— Mas você não construiu nada lá, construiu? Não faz sentido assumir esse tipo de risco quando finalmente está conseguindo sua casa própria. Alugue nas falésias, compre na terra firme.

— Não sei, a gente pensou em construir alguma coisa lá. Ainda estamos alugando, é claro. Até o fim do verão a casa nova não estará pronta, e mesmo isso não é certo. Como anda a sua família? O casamento está chegando, não é?

— É no sábado — informou Livia.

— Vai ser uma coisa pequena. Quase só família — completou Winn, coçando o queixo. Livia supôs que ele estava preocupado com que Jack se sentisse excluído.

— Qual é mesmo o nome do noivo? — perguntou Jack.

— Greyson Duff — disse Winn. — É um bom partido. Estamos todos muito contentes.

— Parabéns — felicitou Meg, e Jack beijou a mão dela.

Livia se surpreendeu com os dedos de seu pai apertando os dela, uma vez, muito rápido, e soltando em seguida. Foi algo entre uma carícia e um cutucão. Não conseguiu se lembrar da última vez em que ele pegara sua mão.

— Obrigado — disse ela a Meg.

— E o Teddy, como vai? — perguntou Winn.

Um calor tomou o rosto de Livia, que se forçou a sustentar o olhar erguido, a não dobrar os braços. Jack sorriu. Sempre havia sido bom com ela.

— Ele vai bem — respondeu Jack. — Na verdade, tomou uma decisão muito importante.

Livia abraçou a si mesma, mesmo sem saber por quê.

— Ah, é? — disse Winn.

Winn queria ter aproveitado melhor a oportunidade para confrontar Fenn sobre o Pequod, mas o homem havia se esquivado como de costume e em seguida cortado a conversa ao lançar de súbito a notícia de Teddy. O rapaz havia se alistado no Exército. Tal pai, tal filho: Fenn havia ido duas vezes ao Vietnã. O tempo que passara no Exército era algo que as pessoas sempre mencionavam sobre ele, isso e Meg. Agora falariam sobre Teddy, também, o fato de ele ter trocado Harvard pelo Iraque, e todos poderiam sentir pena de Jack e Fee porque devem estar *tão preocupados*, mas graças aos céus eles têm tanta força de vontade. A decisão de Teddy parecia estranha e precipitada para Winn, mas ao menos isso o distanciaria de Livia. Que os Fenn fizessem o que lhes agradasse. Que cultivassem sua superioridade moral do jeito que alguns cultivam abóboras ou melancias enormes, dignas de prêmio, mas que no fundo eram apenas monstruosidades.

O odor úmido de folha de milho e o cheiro poeirento e ácido dos tomates sobrepujavam o perfume das flores dos Duff, que se sacudiam e tremiam entre as pernas de Livia. Deixando-a no carro, Winn entrou na peixaria e, ao voltar, descobriu que não sabia muito bem para onde queria ir. Depois de hesitar num semáforo tempo bastante para provocar uma buzinada indignada do motorista de trás, optou por virar à esquerda.

— Não estamos indo ao Enderby? — perguntou Livia. Ela não falava uma palavra desde que haviam se separado dos Fenn no mercado.

— Primeiro vamos dar uma olhada nessa casa dos Fenn — declarou ele, preferindo ignorar o tom petulante dela.

— Sério? E se tiver alguém lá?

— É um crime visitar a casa dos nossos amigos?

— Não acredito que o Teddy se alistou no Exército — ela disse "Exército" como se fosse o nome de outra mulher.

— Bom, a maçã nunca cai longe da árvore. Jack também é assim, sempre tem que se mostrar. Aquela família tem uma postura de superioridade que dá pra ver a um quilômetro de distância. Cá entre nós, nunca gostei disso. Ele usa aquela garota como um escudo.

— Meg? — questionou Livia. — Acho que eles preferiam que ela fosse normal.

— Todos nós fazemos sacrifícios, mas eles querem que todo mundo glorifique os deles o tempo inteiro. Essa coisa de Exército parece bastante exagerada. Por que não a Marinha? Por que não a Força Aérea? A guarda costeira? Não, os Fenn têm que ostentar a humildade. Teddy devia ter ido pra Academia Militar se queria seguir esse caminho.

— Acho que esse não era o plano desde o começo. Não que eu saiba, aparentemente.

— Não entendo por que ele precisa ser um simples soldado, que nem o pai.

— Mas Jack não foi convocado?

— Foi, mas reagiu de um jeito muito estranho. Ele podia ter adiado. Homens como Greyson deram um jeito. Greyson abre mão das pequenas coisas, dos pequenos luxos. Não exagera. Por isso ele vai ser bom pra Daphne.

— Não acho que ser seletivamente pão-duro seja a mesma coisa que se alistar.

— Então você está do lado dos Fenn, agora?

— Eu queria que você não tivesse mencionado o Teddy.

— Eu estava sendo educado. Melhor ficar sabendo através do Jack, de qualquer forma. Agora não vão pegar você desprevenida.

— Você não pode sair por aí perguntando sobre o Teddy como se fosse uma pessoa qualquer, pai.

— Ele é uma pessoa qualquer, Livia. Deveria ser, pelo menos.

— Certo, mas ele não é!

— Ah, chegamos — anunciou Winn.

Na opinião dele, as melhores casas da ilha eram marcadas por caixas de correio amassadas e garagens sulcadas. Só uma chaminé ou talvez um terraço deviam ser vistos da estrada. A casa de Jack Fenn, no entanto, era um casarão primitivo e deslumbrante contra o horizonte azul de Waskeke. Ligustros envoltos em juta se alinhavam em caixas de madeira a intervalos regulares ao longo da estrada, como prisioneiros vendados, os buracos já cavados esperando por eles no solo aparentemente fértil. Em alguns anos eles se fundiriam numa

cerca viva e ofereceriam uma suposta privacidade, porém a entrada da garagem era desnecessariamente larga, uma avenida reluzente feita de conchas partidas que se projetavam numa graciosa curva em S até a casa, onde se abria uma bifurcação para a garagem ou para a porta principal, dando a volta num mastro de bandeira. De um lado da casa, confinada entre uma incipiente cerca viva e uma gaiola metálica verde-escura, uma montanha de saibro vermelho esperava para ser espalhada e transformada numa quadra de tênis. E outra cerca ainda em crescimento circundava a piscina nova e vazia e o esqueleto de madeira de um quiosque.

Winn entrou passando entre dois postes negros brilhantes, fazendo soar as conchas. O mastro no final da passagem era de estilo náutico, cruzado por um lais de verga, e situava-se no centro de um círculo de terra. Não tinha nenhuma bandeira, mas as cordas estavam prontas, os grampos batendo contra o poste de metal, esperando para hastear as cores quando os Fenn estivessem em casa. As janelas ainda ostentavam o adesivo do fabricante. Parte do telhado do térreo havia sido coberta com placas novas cor de limão, ressaltando-se contra o papel de piche. Dois anos teriam que passar para que desbotassem e ganhassem o tom cinza desejável, e até lá a casa seria uma imposição resplandecente no meio da sutil paisagem. A matéria-prima de um quintal — pavimento, sacos de cimento, um monte de palha — esperava na ampla área de terra que um dia seria gramado. Lonas pretas cobriam pacotes de placas de um lado da garagem. O telhado acima era um cenário íngreme de picos, janelas e cumeeiras, tudo coberto por um cedro novo que brilhava ao sol. Chaminés de tijolos coroadas com terracota apontavam para o céu. Acima de toda a bagunça ficavam as velas de cobre do veleiro de três mastros que Fenn havia escolhido como biruta. A biruta de Winn era um homem sozinho num barco a remo.

— Enfim, os sacrifícios do Greyson são completamente superficiais — concluiu Livia. — Não envolvem nenhum tipo de perda real. Só simbolizam as perdas. Você sabe, como deixar de comer chocolate na quaresma ou rasgar as vestes ou qualquer outra coisa. Pelo menos o que o Teddy está fazendo é genuinamente difícil.

— Olha o tamanho dessa casa — observou Winn. — Estou surpreso. Jack vem de uma família tradicional. Este lugar é... chamativo.

Restos da construção se espalhavam ao redor: rolos de arame, embalagens amassadas, cordas, fitas, canos, baldes cheios de cimento e impermeabilizante. Dois banheiros portáteis de cor bege ficavam a uma pequena distância.

— A casa está malprojetada — comentou ele, apontando pelo para-brisa. —

Vai virar um pântano ali no telhado depois de uma chuva forte. Está vendo? Consigo identificar pelo menos dois pontos onde a água vai se acumular. Eles vão ter goteiras. Provavelmente já têm. Revestimento é complicado. Se você não cobre o buraco dos pregos, acaba tendo goteiras.

— Certo — disse Livia. — Os Fenn estão fazendo um telhado que é uma piada. Eles se alistam no Exército só pra incomodar você, e projetam as casas só pra irritar você de vez.

— Você não concorda?

— Eu não quero que Jack Fenn resolva passar aqui e acabe encontrando a gente olhando a casa dele.

— É uma casa ridícula, estou dizendo. Veja o telhado. Milhões de dólares só pra ter goteiras.

— Pai, as pessoas gostam de viver perto do mar. Por que elas não podem ter uma boa casa onde querem?

— Então você acha que as pessoas devem ter tudo o que elas querem, mesmo que queiram uma aberração chamativa?

— Não me parece uma aberração.

— Esta casa é uma aberração.

— Não sei... Cada um na sua. A gente poderia ter construído uma casa dessas se quisesse, não é? Só não faz o nosso estilo.

Inclinado para a frente e com o peito apoiado no volante, batalhando para ver o telhado, Winn ficou contente de ouvir Livia falando em "nosso", ouvi-la incluindo-se numa estética de qualidade, longevidade e simplicidade. Desde que eram pequenas, Winn dizia às filhas que doaria todo o seu dinheiro quando morresse, e que elas deviam conseguir o próprio ou casar com alguém rico se dinheiro era o que elas queriam. Melhor isso do que deixá-las sentir a mesma decepção que sentiu após a morte de seus pais, quando descobriu que sua herança era pouco mais que frágeis expectativas. Tinha se virado bem, mas gostava do modo como certo grau de nobreza decadente podia sugerir uma velha riqueza. Uma carência nas necessidades podia ser facilmente disfarçada como modéstia e parcimônia. Não que ter uma casa de verão simples e conquistada a custo em vez de um castelo junto ao mar o qualificasse como carente na maioria dos parâmetros.

— Não é? — persistiu Livia. — A gente só faz as coisas de um jeito diferente. Você não é do tipo que gosta de uma casa chique.

— Pra que alguém precisa de uma casa tão grande? — perguntou ele. — Teddy vai ter mil filhos?

Livia puxou as flores dos Duff para o colo.

— Essa é a última coisa em que eu gostaria de pensar, se ele viver o bastante pra ter filhos.

— Não seja dramática. Ele vai ficar bem. Seja como for, a menina não vai ter filho nenhum.

— Não consigo entender uma coisa dessas... E se eu tiver sido a única chance dele?

A premissa, simples o bastante na superfície, abriu caminho entre as considerações de Winn, lançando-o num emaranhado feminino de hipóteses improváveis, causas e efeitos distorcidos. Bateu com a palma no joelho da filha.

— Escuta. Não quero que fique pensando que essa história de Exército tem algo a ver com você. — E percorreu o restante do caminho até cair de volta na estrada.

Livia estava escondida por flores rosas e laranjas e ramos verdes cheios de folhas, um tigre no meio do campo:

— E se o Teddy e eu voltarmos a namorar?

— Acho que isso não é muito provável.

— Ah, muito obrigada!

— Acha que vocês vão voltar?

— Não sei, só estou dizendo. — Puxou o vaso para ainda mais perto de seu corpo. — O que você teria feito se eu tivesse nascido como Meg Fenn?

— Não sei. Acho que eu teria me acostumado.

— Mesmo?

— Acho que quando acontece uma coisa dessas as circunstâncias fazem você crescer. — Na verdade, Winn não conseguia se imaginar beijando a mão de sua filha crescida enquanto ela gritava ao lado de uma pirâmide de tomates.

— Se Daphne tivesse nascido assim, você teria tido outro filho?

— Eu não saberia dizer.

— Você teria desejado nunca ter filho nenhum?

— Esta é uma conversa besta.

No Enderby, Livia saltou do carro com as flores e as levou para dentro. Quando voltou, parecia nua sem aquela selva portátil, e o carro parecia vazio.

Estacionando em frente a casa, Winn falou:

— Diga à sua mãe que daqui a pouco eu entro.

Livia pegou duas sacolas de compras e entrou, e Winn seguiu a pé, passou a garagem e desceu por uma trilha sombreada por árvores e protegida por uma camada marrom de pinheiros. Pássaros encobertos explodiram num coro de

risos enquanto ele passava. Parou ao lado da horta, examinando-a com consternação através da cerca. Dominique havia escolhido a palavra certa: era triste. Todas as plantas eram menores do que deveriam e pendiam com seus frágeis caules: melões em miniatura, tomates murchos, pepinos que nem davam as caras. Havia alguns feijões verdes de aspecto aceitável, mas ele não via nem sinal de algumas das ervas que tinha pedido, como cerefólio e hissopo. Menta, que cresceria até na cratera deixada por uma bomba nuclear, era a única coisa que florescia. Ocorreu-lhe que os responsáveis pela sua horta podiam estar sabotando seu pequeno oásis agrícola, destratando o solo ou plantando em condições climáticas adversas. Atravessando a cerca com os dedos, apanhou algumas folhas de menta e partiu, afastando-se mais entre as árvores. Levou os dedos ao nariz e sentiu o aroma doce e picante da erva.

Andou até não conseguir mais ver a casa, e então deu meia-volta, chegando ao limite de um denso amontoado de árvores e arbustos e avistando, através dos galhos, Agatha tomando sol no gramado próximo a casa. Estava deitada numa toalha azul e branca, e Winn reconheceu o mesmo biquíni de bolinhas que havia visto no escritório. Ela devia ter entrado lá para recuperá-lo. Talvez tivesse lhe deixado outra coisa, um grampo de cabelo ou um lenço. O sol da tarde já estava baixo no céu, e a frente cerrada da sombra de uma árvore avançava pelo gramado até os dedos nus de seus pés. Daphne saiu pela porta da cozinha, cruzou o deque e em seguida o gramado, carregando uma toalha. Usava um biquíni preto, e a imensa barriga nua se projetava com ousadia entre as duas peças. Piper veio logo atrás, virando-se para fechar a porta às suas costas e proporcionando a Winn uma visão de suas coxas magras e do traseiro tão inexistente que o tecido azul da tanga formava rugas flácidas. Quando Daphne abriu sua toalha, Agatha estendeu a mão e lhe deu um tapinha amigável na coxa. Piper sentou-se de pernas cruzadas na grama, com o rosto oculto por imensos óculos escuros. Daphne se acomodou com os pés voltados para Winn, e a colina de sua gravidez escondeu a metade superior de seu corpo. A sombra dela, formando uma corcova como a de um camelo, desenhou uma curva escura na barriga plana de Agatha e em seus quadris dourados.

Observando-as, Winn percebeu a elasticidade de seus pulmões, as pontas rígidas de três raízes pressionando seus pés, a ação muscular e espasmódica de um inchaço. Seu coração acelerou com firmeza e vitalidade. Era a casa de outro homem, a filha de outro homem e suas amigas. Ele era um estranho, um ladrão, um caçador, um morador dos bosques excluído daquele mundo. A indiferença das garotas as transformava, embora ele não soubesse precisar como. Não

conseguia decidir se pareciam mais inocentes quando sozinhas, ou mais francamente sensuais. Ou seriam irreais, como sereias flagradas tomando sol numa rocha? Estavam apenas sentadas — mas havia *alguma coisa* nelas. Daphne, distorcida pela gravidez, não coincidia com a menininha de que ele se lembrava. Piper estava ereta e imóvel, uma esfinge. Agatha permanecia deitada de costas com os joelhos dobrados, movendo as pernas num ritmo lento, juntando as coxas e deixando-as cair de novo. Uma faixa estreita de tecido de bolinhas escondia a virilha, apertando e lasseando à medida que ela mexia as pernas, subindo ligeiramente.

Bem perto de seu ouvido, uma voz disse:

— Bu!

Três • O mapa de assentos

Biddy estava de pé com as mãos apoiadas na borda da mesa da cozinha, debruçada sobre uma confusão de listas de convidados, cartões com os nomes e mapas com as mesas. Sentia-se como um general planejando uma ofensiva. Ao lado dela, Dominique, soldado fiel, espelhava sua postura.

— E se deslocarmos estes assim? — considerou Dominique, trocando dois cartões. — Conflito neutralizado.

— Não — rebateu Biddy —, porque aí eu tenho dois ex sentados na mesma mesa. Aqui. — E apontou o papel.

— Eles não achariam tranquilo?

— Não é o ideal.

Dominique tamborilou os lábios com um dedo comprido e se pôs a pensar. Biddy, tomada pelo afeto, afagava-lhe as costas. Sentia falta de Dominique, sobretudo nas férias, quando, durante todo o colégio e a faculdade, ela havia sido uma figura constante, pois o Cairo ficava muito longe. Dominique tinha sido o tipo de garota madura que buscava a companhia dos mais velhos e que aos 14 anos já se considerava adulta. Quando ficava com os Van Meter, comportava-se mais como uma tia indulgente de Daphne do que como sua amiga, e passava a maior parte do tempo ajudando Winn na cozinha e fazendo tarefas para Biddy, enquanto Livia, feito um patinho, a seguia aonde fosse, e Daphne ficava deitada indolentemente na frente da televisão. Agatha também havia passado algumas férias com eles, mas sua presença era menos confortável. Biddy sempre encontrava bitucas de cigarro nos canteiros, flagrava Winn de olhos fixos nela e acordava com o barulho de Agatha rindo e batendo bêbada contra as paredes enquanto os outros tentavam silenciá-la e conduzi-la para a cama. Uma vez Biddy acordou e acendeu a lâmpada do alto da escada, surpreendendo-as —

Daphne, Dominique, Livia e Agatha — como uma família de gambás diante da súbita luz. Agatha estava caída de lado inexplicavelmente pendurada no balaústre, enquanto Dominique tentava soltar seus dedos, e Livia e Daphne continham seus tornozelos para impedi-la de chutar.

— E se a gente mudar este aqui pra mesa das sobras? — sugeriu Dominique, apontando o mapa de assentos.

— Isso — concordou Biddy. — Perfeito. Mas me sinto mal chamando esse pessoal de sobras.

Dominique arrastou o cartão sobre a mesa com a autoridade de um crupiê.

— *Le mélange*, então. — Ela deu um passo atrás e olhou para Biddy, retorcendo as longas sobrancelhas e deslocando sua boca alongada e triste interrogativamente para o lado. — Como você está? Digo, de verdade.

Biddy se surpreendeu tanto com a pergunta que seus olhos lacrimejaram.

— Estou bem — respondeu ela, mexendo os cartões para indicar a insignificância de suas lágrimas. — Estou ótima. Estou tão feliz pela Daphne. Quero que dê tudo certo.

— É claro que vai dar — reforçou Dominique. — É uma quantidade absurda de trabalho, mas você está tirando de letra.

Biddy teve que pegar um lenço de papel na caixa que estava no balcão. Nunca usava rímel, mas ainda assim secou com cuidado, passando o papel debaixo dos cílios da forma como se lembrava de sua mãe fazer. Ser vista, realmente observada, do jeito que Dominique havia feito, era inquietante. A família mal reparava nela, mas Biddy não podia culpá-la: tinha mudado tão pouco nesses anos que as pessoas nunca chegavam a reconsiderá-la.

— É *realmente* muito trabalho. De verdade — fazer a confissão lhe ocasionou uma ligeira empolgação, e ela continuou, intuindo por onde seguir. — E às vezes parece uma conclusão natural à criação de uma filha. Você se mata para fazer deste único dia o mais perfeito possível, mesmo que, para você, o dia seja um pouco amargo porque ela está indo embora. Quero dizer, ela já mora com Greyson, mas por algum motivo agora é diferente, mais oficial. Não sei como essas mães autoritárias de concurso de beleza conseguem, você sabe, manter controle sobre toda a aparência de outro ser: cabelo, roupa, maquiagem, tudo isso.

— É mesmo, não é? — concordou Dominique. — Acho que... bom, eu não sei, mas tenho a impressão de que o mais difícil é ter que manifestar a ideia de perfeição de outra pessoa. Não necessariamente Daphne, mas uma *ideia* que

flutua por aí sobre o que deve ser um casamento.

Biddy alinhou um cartão com a quina da mesa.

— Manifestar a ideia de perfeição de outra pessoa. É, você expressou bem. — Ela se perguntava se a jovem estaria falando sobre algo mais, além da festa de casamento. Decerto Biddy não desconhecia nem um pouco o esforço para seguir a visão de vida de outra pessoa. Abruptamente, seu apreço pela própria honestidade chegou ao ápice e esvaneceu. — Não sei. Só o que estou dizendo é que não quero que ninguém se decepcione.

— Sim, claro — concordou Dominique, passando a um tom mais espontâneo —, mas só dá pra controlar certa quantidade de coisas. A perfeição é superestimada, de qualquer forma. Eu sou muito mais de descobrir as necessidades básicas e ver o que resta depois disso.

Rindo envergonhada, Biddy amassou o lenço e se apressou em jogá-lo fora embaixo da pia.

— Mas e você? Eu quero saber de *você*. Tem uma vida tão interessante. Me conte tudo da Bélgica.

— Ah, é legal. Não acho que vá ser o meu lugar permanente. Só estou morando lá por enquanto. De certa maneira, podia ser qualquer lugar. Você devia ver meu apartamento, é completamente vazio. Toda vez que eu penso em comprar alguma coisa, como bons lençóis, algum enfeite pra pendurar na parede ou mesmo sabonetes chiques, penso bom, melhor não, porque não vou ficar por muito tempo e vai ser uma coisa a mais pra ter que me livrar. — Ela lançou a Biddy mais um olhar de inspeção. — Tem certeza de que você não quer dar um tempo? Podia escapar por uma hora para algum lugar. Tire um tempo pra você. Eu cubro sua ausência.

— Não, não — recusou Biddy, enxugando suas últimas lágrimas. — Eu estou bem de verdade. Não é a *quantidade* de coisas que eu tenho pra fazer, é só que... você é tão gentil por perguntar. Eu só... onde você acha que vai ser o *seu* lugar permanente?

As sobrancelhas de Dominique subiram mais um pouco, porém ela respondeu:

— Não tenho certeza se existe esse lugar. Não é o Egito, nem a Bélgica. Não é a França, onde meus pais moram agora. Eles se mudaram pra lá uns poucos anos atrás, não sei se Daphne contou. Gosto de Nova York, mas a cidade me cansa um pouco. Também não é Deerfield, ou Michigan.

— Ainda sobram muitos lugares — comentou Biddy. — Talvez o seu seja nas

Bahamas.

— Bem que eu gostaria. Deitada numa rede. — E as duas riram.

— Como você vai encontrar esse seu lar? — Biddy estava curiosa. Nunca havia escolhido um local para viver.

— Acho que antes vou procurar um emprego. Mas... não sei. Em teoria eu poderia trabalhar na maior parte dos lugares. Dá pra pensar que é divertido, poder trabalhar e morar em qualquer lugar do mundo, mas quando penso nessa liberdade normalmente acabo me sentindo sozinha. Nada me prende a qualquer local específico a não ser algumas vagas preferências pessoais. E às vezes eu me pergunto o que o fato de poder vagar assim diz sobre mim. — Virou os olhos para cima, com ironia. — Problemas do primeiro mundo.

— Como assim?

— Você sabe, assim, ó, que desgraça, estou tão cansada e alienada por causa da minha vida de correr o mundo preparando comida cara.

— Você não tem um namorado na Bélgica? E quanto a ele?

— Acho que não vai durar. — Dominique encolheu os ombros com desinteresse, os ombros aproximando-se das orelhas por vários segundos até que ela os deixou cair. — Tudo vai se resolver. Onde você acha que eu deveria viver? Aonde você iria?

Biddy foi pega desprevenida não tanto pela pergunta, mas por sua própria incapacidade de processá-la. Não conseguia pensar em nem um mísero lugar onde ela poderia viver além daqueles em que já tinha vivido. Listou para si: Connecticut, Waskeke, Maine, Connecticut. Nenhum deles serviria de resposta para Dominique. Eram vergonhosos em sua timidez, na falta de aventura. Mas Biddy não conseguia se imaginar morando numa ilha tropical, nos Alpes, em Roma, em Sidney, no Rio. Não conseguia se imaginar sequer morando em Delaware.

— Acho que você vai saber quando encontrar — respondeu ela enfim. — Acho que vai encontrar o lugar perfeito. Ou ao menos um que satisfaça suas necessidades básicas.

A porta lateral bateu, e Livia apareceu no corredor, balançando como podia com uma sacola de compras transbordando de milho de cada lado da cintura.

— Teddy se alistou no Exército — anunciou ela.

— Teddy *Fenn*? — perguntou Biddy.

Livia depositou as sacolas no balcão.

— Teddy Fenn.

O nome do garoto, tão familiar, soou estranho a Biddy quando Livia o

pronunciou, como o nome em latim de uma espécie rara, algum tipo de urso do pântano.

— Como você sabe?

— Cruzamos com Jack no mercado. Ele disse que Teddy acaba de ir pra um centro de recrutamento, ou qualquer coisa parecida, e se alistar. Não vai voltar pra faculdade. Não vai se formar. Não sei como Jack não impediu. Que tipo de pai deixaria isso acontecer?

Biddy pensou que Livia soava como o pai, embora ela fosse se ofender se a mãe fizesse esse comentário. Os dois tinham a mesma crença errônea no poder dos pais sobre os filhos. Uma das sacolas de milho entornou, e as espigas pesadas desabaram com estrondo no chão. Livia olhou para cima e baixou os braços, derrotada.

Biddy ficou aliviada por não estar mais submetida a um escrutínio.

— Calma — pediu ela, aproximando-se da filha mesmo sabendo que seu consolo não fosse ser bem-vindo. Como Livia era incapaz de admitir a derrota e aceitar que Teddy realmente estava perdido, não tolerava piedade. Biddy apenas esperava que ela superasse de uma vez o garoto. Quando bebê, Livia era inseparável de sua chupeta até o dia em que a largaram para uma soneca indesejada, arrancaram-lhe o mamilo de borracha da boca e o atiraram no chão, para que ela nunca mais chupasse.

— Meu pai estava impossível, vou te dizer — comentou Livia depois de permitir a Biddy um abraço breve, afastando-se em seguida. — Ele ficou todo... você sabe, tentando forçar a conversa e parecendo animado, e tentou puxar papo sobre o Pequod, foi estranho com a Meg, e depois, *depois*, ele solta: "E o Teddy, como está?" Como se estivesse falando de um conhecido qualquer. E Jack responde: "Ah, que engraçado você perguntar. Ele tomou uma grande decisão, se alistou no Exército." Aí o papai diz: "Bom. Bom, bom, bom, bom, bom." Assim. "Bom, bom, bom, bom, bom."

— Mas Jack disse o motivo?

Livia agachou para recolher o milho.

— Não. Não tenho certeza se ele sabe.

— Aonde ele vai? Pra um centro de recrutas? — perguntou Biddy com hesitação, sem saber a expressão certa.

— Sei lá. Não faço ideia de onde, quando ou como. Não sei. Como eu iria saber? Vai ver ele simplesmente acordou um dia e pensou ah, acho que nada anda muito bem pra mim. Queria uma passagem só de ida pro Iraque, por favor.

— Vão dar a ele uma passagem de ida e volta — completou Dominique,

também indo dar um abraço em Livia, e desta vez Livia pareceu grata, jogando os braços em volta das costas fortes de Dominique e escondendo o rosto no ombro da jovem. Biddy notou um fio de seda de milho nos azulejos e agachou para pegar.

— Ele pode ter que voltar como carga — comentou Livia, com a voz abafada. — Por que ele não tentou terminar a faculdade?

— Livia, não quero que você pense que isso tem algo a ver com você — arriscou Biddy. Pelas margens do abraço de Dominique, ela estendeu a mão para afagar o ombro da filha.

— Foi o que o papai disse. — Livia soltou Dominique. — Mas como pode *não* ter nada a ver comigo?

Porque, Biddy quis dizer, Teddy não ficou arrasado como você após o término. Porque a vida de Teddy já não inclui você. Mas ela podia ver que Livia estava tomando a decisão de Teddy como algum tipo de sinal, uma indicação de que ele estava se tornando imprevisível e errático, possivelmente à beira de um colapso que só poderia levá-lo de volta para ela, arrependido e desperto. Sua entrada no Exército era uma última palpitação de independência, sua última farra de liberdade antes de ver a luz. O Exército nunca o amaria como Livia amava.

— Não quero que você *torça* pra ter alguma coisa a ver com você — completou Biddy.

Livia começou a inspirar pelo nariz e expirar pela boca, perscrutando o vazio. O terapeuta que ela estava vendo na faculdade, o Dr. Z, lhe ensinara esse truque: se você sentir que está prestes a perder o controle, inspire pelo nariz e expire pela boca e conte até cinco ou dez, dependendo da gravidade da situação. Winn odiava o fato de Livia frequentar um psicólogo. Dizia que ela precisava aprender a sorrir e aguentar.

— Seja como for, depois que a gente encontrou Jack, o papai decidiu que devíamos dar uma olhada na casa nova deles — acrescentou Livia depois de cinco segundos.

— A casa dos Fenn? — quis saber Biddy. — Por quê?

— Acho que ele queria ficar sentado lá, olhando com raiva e pensando no Pequod. Não em como Teddy me engravidou e me largou, não, nada disso. Só em como é injusto, que grande injustiça, existir um clube em que ele não pode entrar.

— Talvez seja mais fácil pra ele pensar no Pequod — amenizou Dominique.

Biddy olhou para ela, irritada. A análise casual parecia violar a privacidade de

Winn. E Dominique não seria capaz de entender o que os clubes significavam para ele, o que era viver dentro daquele específico mundo social em que viviam. Ela não acabara de dizer que não se sentia pertencente a lugar nenhum?

Dominique estava de pé junto ao balcão com uma garrafa de vinho branco que ela mesma tinha pegado na geladeira, talvez para servir uma taça para Livia e assim acalmá-la. A melancolia natural de seu rosto emprestava um ar de deliberação ponderada às suas ações mais simples, e ela contemplava a garrafa como se fosse um buquê de flores a serem arranjadas para um gesto de condolência. Pensativa, lenta, franzindo o cenho ela enfiou o saca-rolha e voltou a erguer os olhos, para então encontrar os olhos de Biddy e, decerto, algum traço de inimizade.

— Você sabe o que eu quero dizer. Todo mundo tem um porto seguro pra onde voltar quando se sente oprimido.

Biddy lembrou que minutos antes ela havia sentido tanta gratidão pela presença de Dominique que até tinha chegado a chorar. Em tom de reconciliação, ela falou:

— Ele gosta de acompanhar o andamento das novas casas da ilha.

— Sinceramente, eu achei a casa ótima — comentou Livia. — Tem uma localização incrível. A casa é grande, mas e daí? É o Castelo dos Fenn.

— A Fennitenciária — brincou Dominique, dando uma taça de vinho para Livia. — Biddy, posso servir uma taça pra você?

— Não, obrigada.

— Fennsilvânia — disse Livia.

Biddy tentou pensar num trocadilho, porém não conseguiu encontrar nenhum. Mas Dominique chegara a encontrar alguma vez os Fenn? Provavelmente não, embora com certeza já tivesse ouvido muita coisa sobre eles, pois tanto Daphne quanto Livia trocavam e-mails com ela, e nos últimos dias as conversas de menina proliferavam na casa.

— Teddy está aqui na ilha? — perguntou ela a Livia.

— Não sei. Não perguntei. Deve estar.

— Bom, você não vai esbarrar com ele.

— E se ele me ligar?

— Você acha que ele vai ligar?

— Não sei. Talvez. Seria de se pensar que ele iria querer me contar sobre toda essa história de Exército.

Biddy voltou a se sentar à mesa.

Livia se aproximou e estudou a confusão de cartões e mapas.

— Não era Daphne que devia fazer isso?

— A definição dos lugares não é o forte dela — comentou Biddy. — Ela dá o benefício da dúvida pra todo mundo. Não enxerga onde o conflito pode surgir.

— Eu, por outro lado, espero o pior — comparou Dominique.

— Você é muito boa — elogiou Biddy. E cruzou o braço por Livia para tocar a mão de Dominique.

— Você conhece essas pessoas todas? — perguntou Livia a Dominique.

— Não todas. Biddy está me explicando a rede.

— A rede?

— Todas as conexões entre as pessoas. É impressionante como a rede é emaranhada, vou te dizer.

— Você acha que o forte de Daphne pode ser descascar milho? — perguntou Livia.

— Eu te ajudo — ofereceu-se Dominique. — Tomar vinho e descascar milho formam uma combinação subestimada. — E se virou para Biddy — A gente basicamente resolveu essa questão dos lugares, não?

— Sim, sim — concordou Biddy, tão acostumada a ocultar suas decepções que não tinha dúvida de estar soando serena, até contente, ao ser abandonada por elas. — Estou bem, aqui. Podem ir. Divirtam-se.

Através da porta do terraço, Biddy observou como se acomodavam nas cadeiras de madeira, com as taças de vinho numa mesa entre elas, e iam pegando as espigas de milho. Arrancavam as cascas verdes e os chumaços pálidos de seda, deixando cair as espigas nuas numa sacola de papel e as cascas em outra. Livia falava, falava e falava, e Dominique escutava enquanto descascava o milho com habilidade, suas sobrancelhas curvadas em sinal de concentração.

Biddy não aguentava mais ouvir Livia falando sobre Teddy, de olhos brilhantes com um fervor ferido. Desviando o olhar das meninas fez as últimas tentativas aleatórias no mapa de assentos que garantiria a felicidade de todos no jantar de recepção aos noivos, e depois se deixou cair numa cadeira olhando o nada, perguntando-se o que fazer. Já não conseguia pensar em ligações de confirmação a fazer, nem em embalagens de presente a preencher, nem em flores a arranjar, nem em pessoas a cumprimentar até os Duff aparecerem para o jantar. Em geral o e-mail estava banido na casa de Waskeke, o que exigia uma ida da família à biblioteca da cidade a cada poucos dias, mas desta vez Livia havia insistido em que colocassem uma conexão no escritório de Winn. Biddy partiu naquela direção embora não quisesse realmente saber que novas obrigações a aguardavam na caixa de entrada, e só teve que abrir o laptop de Livia e ver a foto

do desktop — Teddy não aparecia, mas era uma foto que ela havia tirado numa viagem com ele à Escócia — para decidir que, não, ela não verificaria seus e-mails. Talvez pudesse seguir o conselho de Dominique e tirar um momento de paz consigo mesma.

Sentou-se na poltrona de Winn, uma poltrona larga, giratória, feita de couro, e se pôs a balançar lentamente de um lado para o outro. Pela janela viu Daphne, Piper e Agatha descansando no gramado, mas não tinha nenhuma vontade de observá-las, e continuou girando até de novo estar de frente para a escrivaninha de Winn, limitada nas laterais por um couro realçado em dourado e limpa, a não ser por uma pequena pilha de cartas ainda não abertas e, sozinho no centro, um único grampo de cabelo. Biddy pegou o grampo e o segurou contra a luz, procurando algum cabelo revelador, mas ele estava limpo. Ponderou que Livia devia tê-lo deixado ali, embora ainda fosse um mistério por que ela teria arrumado o cabelo na escrivaninha de Winn.

Girou de novo para olhar pela janela. Pelo rumo que Livia estava tomando, acabaria tão magra quanto Piper, cujos ombros criavam sombras angulosas, inumanas, quando ela alongava os braços curvos para cima e para o lado. É claro que ela podia estar tão grande quanto Daphne agora, ou ainda maior, ou já sendo mãe. Biddy temia que Livia estivesse condenada, uma mariposa esperta que não se choca contra a lateral do abajur, mas dá um jeito de entrar e acaba se partindo contra o vidro da lâmpada — talvez tentando sair, talvez tentando se fundir à chama. Biddy brincava com o grampo, girando-o entre os dedos, beliscando a pele com seus dentes. Teddy era um rapaz bonito, que se sentia confortável sendo notado, travesso e urbano sob a cabeleira ruiva, não muito pálido porém cheio de sardas, quase dourado. Era simpático e charmoso, também, mas Livia parecia não perceber quanto ela o superava em curiosidade, sutileza e paixão. Sim, Teddy tinha dito a Livia que a amava, no entanto Biddy, apesar de todo o sofrimento pela dor da filha, decepcionava-se e ficava perturbada ao ver como Livia havia se permitido ficar tão vulnerável, ignorando com teimosia todos os sinais de alerta. Como ela, Biddy, tinha criado uma pessoa tão exposta e indefesa, uma mariposa incinerada, uma tartaruga sem casco, exatamente o tipo de mulher que ela mais temia ser?

Celeste soltou uma gargalhada aguda, triunfante, contente por ter lhe dado um susto daqueles, tão grande. Winn, convertido em puro animal, tinha saltado para o lado, seu corpo contorcendo-se dentro daquele uniforme pouco original de camisa polo e calça salmão. Seus pés, tentando escapar, haviam sapateado sobre

as três raízes, e ele tropeçara feio, tendo que se segurar num tronco com as duas mãos. Ela sabia por uma série de experiências anteriores que aceitar esse tipo de brincadeira não era o forte de Winn, mas mesmo assim estava despreparada para a intensidade da reação que cruzou o rosto dele: primeiro um relance muito breve de algo estranho, que parecia medo mas também desespero, e em seguida, quando se recompôs, pura raiva.

— O que diabo você está fazendo? — exigiu saber Winn.

— Calma, Winnifred, foi só uma brincadeirinha. Você não morreu.

Ele examinou a palma de sua mão esquerda e a estendeu para que ela visse. Estava rosa e arranhada. Pequenos nacos de pele enrolada sobressaíam como queijo tostado.

— É a última coisa de que eu precisava.

— Ainda bem que você não é canhoto.

Pouco antes, Celeste havia sentido que estava se adiantando demais na bebida e tinha resolvido sair para ficar um pouco mais sóbria. Estava satisfeita, agora, porque podia confiar que suas palavras não soariam confusas.

O rosto dele assumiu um sorriso amargo:

— Quanto você bebeu?

— A quantidade certa — respondeu Celeste, esperando que a testa alisada artificialmente que ela portava como um capacete a impediria de trair a aguilhoada da pergunta dele. — O que você está fazendo se esgueirando por estas bandas?

— Eu não estava me *esgueirando*. Você não é a única que pode sair pra dar uma volta. A propriedade é minha, afinal.

O desconforto de Winn a intrigou. O instinto, afiado por anos de experiência no ramo, a havia tornado incapaz de se resistir a farejar os traços do mau comportamento masculino uma vez que sentia o primeiro cheiro, e passou a estudá-lo, cada vez mais certa de que havia alguma coisa por trás de tanta ferocidade. Winn fechou a cara, encurralado junto à árvore. Para começar, o que ele estava olhando? Winn se deslocou para bloquear a vista dela, mas Celeste se desvencilhou e flagrou as meninas de biquíni, aproveitando os últimos raios de sol como se fossem lagartos variados.

— Curtindo a paisagem, Winnifred? — perguntou ela com leveza. Existiam coisas piores que esse voyeurismo menor.

Ele rangeu os dentes.

— Eu estava dando uma volta. Ouvi um barulho e fui ver o que era. Estava prestes a subir e cumprimentar as meninas quando você decidiu me dar um

ataque cardíaco. Não percebi que você tinha dado um tempo entre os coquetéis e resolvido espiar por aí.

— Não precisa ficar irritado *comigo*, 007 — continuou brincando Celeste.

Winn nunca se atreveria a comentar a questão da bebida com Biddy por perto, mas agora que se encaravam debaixo das árvores, com sua dignidade partida e a adrenalina ainda alta, eles se deixaram envolver por uma energia primitiva. Celeste pensou que era igualmente provável que ele batesse nela ou a beijasse. Winn já a havia beijado uma vez, supostamente por acidente, e ele era atraente à sua maneira, em boa forma apesar da idade e com um rosto simétrico, sério, ao estilo âncora de televisão, com belas têmporas grisalhas. Mas, também, ela tinha uma queda por homens reprimidos (olá, maridos um, dois e quatro), e tinha uma queda por homens que começavam a ficar com os cabelos grisalhos (três e quatro), e tinha uma queda por homens proibidos (três, ó, deus, três) e, verdade seja dita, ela havia flertado com Winn algumas vezes por nenhuma razão em particular além do fato de gostar de se sentir viva. Celeste havia roubado o marido número três — um advogado carismático, casado e chefe autoritário e odiado pelo marido número dois por ter impedido sua sociedade na empresa —, e então veio aquela vagabundazinha, aquela criança de pernas compridas e cara de cavalo, a filha da melhor amiga, roubando-o das mãos dela e fugindo com ele para a Bolívia.

Mas Winn era tão careta. Por isso ele e Biddy davam certo. Espreitar as meninas através dos pinheiros devia ser o maior pecado da vida dele.

— Eu não estava espiando nada — rebateu ele. — Só estava passeando, como você.

Celeste tentou um sorriso travesso, sentindo uma curiosa dormência das partes de seu rosto que haviam sido submetidas às injeções.

— Então, qual delas? — perguntou ela.

— Do que você está falando?

— Agatha ou Piper? Ah, não precisa dizer. Eu consigo adivinhar. — Enquanto falava, ela percebeu que havia de fato adivinhado, e o escárnio subiu ao seu rosto.

— Você está sendo nojenta — atacou Winn com deliberação exagerada. — Espero que se livre de todas essas ideias antes que os nossos convidados cheguem.

Ela o cutucou na barriga, logo acima da fivela metálica de seu cinto bordado, encontrando maior maciez do que teria imaginado.

— Velho safado.

— Não *enche* — rosnou ele e saiu marchando entre as árvores.

Celeste assistiu à partida de Winn, e em seguida atravessou os galhos para chegar ao gramado.

— Olá, meninas!

Piper acenou; Agatha se ergueu sobre os cotovelos; Daphne se virou de lado como uma morsa, com o queixo perdido nas dobras moles de seu pescoço. Pobrezinha. Felizmente, ela era do tipo que perderia o peso extra do bebê rapidinho.

— E aí, Celeste! — saudou Agatha.

Piper sentou-se em posição de ioga e ergueu os braços acima da cabeça. O maiô dela esticou acima do vão entre as costelas e os quadris.

— O dia está bonito, não? — trilou ela.

Celeste desabou na grama.

— Absolutamente maravilhoso.

— Fique esperta com os carrapatos depois, Celeste — recomendou Daphne. — Doença de Lyme é um problema aqui.

Celeste cruzou os braços por cima do rosto e desejou que uma mão descesse dos céus e lhe oferecesse um drinque. Estava de short e camisa listrada de marinheiro, e a grama incomodava suas panturrilhas. Chutou longe as sandálias e se virou de barriga, olhando as meninas gramado acima.

— Então, garotas, quem é a próxima? Quem vem depois de Daphne?

— Ai, meu Deus, não fala isso que dá azar — disse Piper, correndo a mão pela imensa juba que, na opinião de Celeste, fazia-a parecer um integrante do Whitesnake.

— Então casamento ainda está em alta? — quis saber Celeste. — Ainda é o tipo de coisa que as mulheres da idade de vocês querem? Eu pensava que estariam mudando pra um modelo de compromisso mais descolado, *hipster*, sueco.

— É claro que casamento está em alta — confirmou Agatha. — Se não estivesse, Daphne não estaria casando.

Daphne bufou.

— Se eu tivesse um bebê fora do casamento, meu pai morreria. Literalmente morreria.

— Quer dizer que você não estaria se casando se não fosse pelo seu pai? — interrogou Celeste.

— Bom, e pela minha mãe, também. E pelos Duff. Mas não, se eu fosse fazer do meu jeito, a gente esperaria um pouco pra eu não ter que aparecer grávida nas fotos.

— Eu realmente quero me casar — Piper entrou no debate. — É tão

romântico.

— É, é mesmo — concordou Celeste, arrancando uma lâmina de grama do chão e fazendo cócegas em seus lábios com a ponta macia. — Mas romantismo e prudência não são a mesma coisa.

— Mas isso é bom — ponderou Agatha. — Imagina se só existisse prudência.

— Hum... Nesse caso eu nunca teria me casado, e o mundo seria um lugar muito diferente — concluiu Celeste.

— Meus pais, sim, teriam se casado — acrescentou Daphne, tendo voltado a se recostar, e sua voz soou abafada pela barriga.

— Isso é verdade — anuiu Celeste.

Agatha cruzou uma perna dourada em cima da outra e se pôs a balançar o pé delgado e sujo.

— Como era Winn quando jovem? — perguntou ela. — Não consigo imaginar isso. Biddy eu consigo visualizar, mas ele não.

Celeste sentiu uma pontada. A ninfeta estava interessada. Sem nunca ter gostado de se torturar, ela preferia não reparar muito nos charmes das mulheres jovens e até então só havia se permitido uma olhadela rápida na garota, registrando-a como bonita (na verdade, mais que bonita, porém com o tipo de aparência que se tornaria vulgar em pouco tempo). Agora ela dedicou toda a atenção àquele corpo notável exposto pelo biquíni velho e gasto, quase transparente de tão usado. Era magra, mas não dura. De membros compridos, mas ainda pequena. Totalmente privada de poros, celulite, estrias ou pelos desgarrados. Mesmo algo tão comum como seu joelho parecia moldado com esmero, digno de estudos, de primeira linha.

Mas essa garota devia ter muitas opções de homens. Por que iria querer o velho Winnifred? Que elemento nele poderia acender o fogo dela senão o fato de ser proibido, improvável, ou a própria banalidade de sua devoção de sujeito de meia-idade? Não que esses pontos possam ser subestimados. O marido número três, Wyeth, havia sido o menos bonito e o mais amado de todos, e agora vivia de sua fortuna em São Bartolomeu, tendo a novidade boliviana envelhecido já havia muito, ainda que persistisse, aparentemente, a atração pela juventude de pernas compridas e cara de cavalo. Mas Wyeth era desde o princípio propriedade roubada, uma moeda do azar, e Celeste, no fim, viera a aceitar o peso da culpa pelas mágoas que tinham causado com seu casamento. Nada disso aconteceria com Biddy. A irmã sempre havia sido uma criatura tão dócil, muito competente, mas dócil, contente de ser algo como uma servente de suas irmãs ao longo da infância, depois uma mulher empenhada em sua formação, e então uma esposa

abdicada. Traí-la seria o ápice da crueldade. Mas isso era uma maluquice. Não havia chance de Agatha estar interessada em *Winn*.

— Ah — suspirou Celeste expansivamente, com uma nostalgia forçada —, deixa eu me lembrar. Eu acho, se não me engano... Sim, agora eu me lembro. Winn era exatamente igual.

Piper soltou um gritinho agudo que Celeste supôs que fosse uma risada.

— Não, tem que ter alguma coisa. Conta! Como ele era?

— É sério. Eu não consigo identificar uma mísera coisa que tenha mudado.

Daphne se agitou.

— Minha mãe disse uma vez que a reputação dele não era boa antes de se conhecerem. Ao que parece, ele teve sua cota de mulheres.

O pé oscilante de Agatha se imobilizou.

— Acho que ele mesmo espalhou esses rumores — comentou Celeste. — O seu pai é monogâmico de nascença. Mais tedioso impossível.

— Minha mãe parecia se orgulhar um pouco da história. Ela é engraçada.

Agatha descruzou as pernas e se sentou. A sombra já cobria seu corpo inteiro, e ela esfregou os braços como se dela quisesse se livrar, comentando:

— Algumas pessoas gostam de um pouco de competição. Você quer sentir que possui alguma coisa desejável.

— Ah, pra *você* convém dizer isso — brincou Daphne. — Tudo bem, o que quer que te ajude a dormir em paz.

Mas Piper concordava com a cabeça.

— Não, acho que às vezes isso é verdade. Você quer sentir que o cara tinha várias opções e te escolheu. Quer sentir um pouco que você o domou.

— Isso é tão retrô — apontou Daphne.

— Você não se sente assim? — perguntou Agatha. — Greyson não chegava a ser virgem quando vocês se conheceram. Aliás, Greyson parece não ter sido virgem nunca.

— Bom — ponderou Daphne. — Não sei. Talvez um pouco.

Com tristeza, mas também com certo prazer antecipado, Celeste aceitou que precisava de um drinque.

— Certo — disse ela, içando o próprio corpo e deslizando para cima das sandálias. — Vou deixar a missão com vocês. Alguém tem que contar pra Daphne o que vai acontecer na noite de núpcias, e eu não tenho estômago pra isso.

— A gente já vai entrar — avisou Daphne. — O sol já se foi. E presta atenção nos carrapatos.

Celeste deu a volta na casa e cumprimentou Livia e Dominique, embrenhadas numa conversa no deque ao lado de duas sacolas de milho descascado. Dentro da casa, cartões e mapas de assentos se espalhavam pela mesa, mas Biddy não parecia por perto. A garrafa de gim estava no balcão, e depois de servi-lo num copo com gelo e uma dose de tônica, ela a guardou de volta num armário, para que as pessoas não pudessem monitorar tão bem quanto restava. O primeiro gole, amargo e efervescente, foi indescritivelmente delicioso, e Celeste sentiu que seus nervos começavam a se acalmar enfim. A verdade é que ela estava ficando paranoica com relação a Winn. E mesmo que não estivesse, o que poderia fazer?

Após recuperar a garrafa e servir mais um golinho de gim, preferiu subir ao terraço, onde teria privacidade e ar fresco e poderia apreciar a vista. Reclinando-se numa cadeira, fechou os olhos e pressionou o vidro suado contra a testa. Queria se convencer de que em algum tempo ela havia sido tão sexy quanto Agatha, mas suas ilusões não chegavam a tanto. Ainda assim, era sedutora. Se não, ela não teria sido capaz de arrebanhar Wyeth de sua mulher com cara de rato e seus três filhos. O melhor que podia dizer sobre si mesma agora era ser o tipo de mulher que as pessoas chamavam de conservada. No entanto, apesar de todos os seus esforços tranquilizadores, parecia cansada. E estava, num sentido existencial. Não haveria mais seduções, não haveria mais êxtase, não haveria mais destruição. Ela e Cooper tiveram uma vida agradável juntos, um santuário construído por dois pecadores endireitados com uma política de máxima calma e mínima comunicação. Jantares silenciosos fora de casa, longas semanas separados quando ele ia velejar, gosto compatível para filmes e programas de TV, tolerância mútua em relação aos amigos de cada um, concordância de que não se casariam. Talvez, depois de todos esses anos, ela tivesse matado a charada. Mesmo se as coisas dessem errado, conseguiria outro companheiro na segunda divisão dos amantes fracassados, e juntos esperariam o crepúsculo.

Quatro • Vinte lagostas

– Passei os últimos seis meses querendo que ele estivesse morto — comentou Livia com Dominique. De imediato, arrependeu-se pelo melodrama da declaração. Melodrama não combinava com Dominique.

As últimas espigas haviam sido descascadas, e Dominique estava inclinada para trás em sua cadeira, olhando o gramado. Celeste havia acabado de passar por ali, e elas podiam ouvir o murmúrio da noiva e suas madrinhas virando a lateral da casa.

— Duvido que quisesse mesmo — respondeu ela com tolerância.

Livia considerou.

— Todo mundo acha que eu devia superar de uma vez. Mas não sei o que tem do outro lado "disso". Não tenho nem muita certeza sobre o que é "isso".

— Não precisa apelar pra metafísica. Você sabe o que deve fazer. Só não quer fazer.

— Não quero desistir antes da hora.

— Ninguém poderia acusar você disso. Eu poderia reler em voz alta os cinquenta e-mails que você me mandou neste inverno detalhando os 10 milhões de argumentos que usou com Teddy de por que vocês deveriam estar juntos. Mas, olha, você já fez o que pôde, ele não se reanimou, agora é só cruzar os dedos e deixar pra lá.

Ouviu-se um grito vindo de cima, e um corvo despencou do telhado tentando engolir alguma coisa enquanto voava, perseguido por uma gaivota enraivecida. Os pássaros desapareceram por trás das árvores. Livia não disse nada.

— Já faz um tempo desde que vocês conversaram pela última vez, né? — pressionou Dominique. — Continua assim. Dá mais um tempo. Quero dizer, pensa assim. O que você acha que parece quando fica toda a fim dele tantos

meses depois que ele te dispensou?

— O que importa como isso parece? — rebateu Livia exaltada, surpresa com Dominique. — Por que todo mundo liga tanto pra aparência?

Dominique ergueu as mãos em desistência.

— Olha, eu não sou um membro desta encenação de *O grande Gatsby* que vocês têm por aqui. Só acho que é possível você enganar a si mesma pra se sentir melhor fingindo que já se sente melhor.

— É. É, eu sei, mas fico pensando como eu estaria a esta altura. Eu estaria tão grávida quanto a Daphne.

Duas semanas após o aborto, ela foi convocada para voltar para casa por um fim de semana. Daphne e Greyson apareceriam para um jantar. Tinham uma notícia para dar. Winn assou um pato. Ainda estavam na salada quando Daphne não aguentou mais e anunciou que estava grávida, e que Greyson e ela iriam se casar. Livia, para sua paciente vergonha, explodiu em lágrimas e saiu correndo da mesa.

— Mulheres... Medimos as nossas vidas em meses — ditou Dominique com sabedoria.

— As pessoas ficavam me dizendo que, pelo menos agora, eu sabia que conseguia engravidar. Como se ufa, que alívio, eu realmente passaria muito tempo preocupada com minha infertilidade se não fosse isso.

— É, mas o que você diz pra alguém depois de um aborto? Por impulso, você se agarra às coisas positivas.

— Não estou me martirizando por isso. Só quero conhecer alguma outra pessoa. Mais que isso, só quero transar com outra pessoa. Pra pelo menos ter a sensação de estar indo em frente.

— Ótimo — disse Dominique. — Mas cuidado com o estepe.

— Só quero uma distração.

— É o que todas dizem.

* * *

Biddy recolhia o restante das compras de Winn do Land Rover quando ele veio subindo da horta, de cara fechada e gesticulando com as mãos para enfatizar algum discurso que fazia em sua mente.

— Aonde você foi? — perguntou ela.

— Dar uma olhada na horta. É deprimente.

— Você encontrou Jack?

— Livia contou sobre o Teddy?

— Estou chocada.

— Eu não. Tal pai, tal filho. Pelo menos ele vai estar longe. Livia não vai mais ter que se preocupar com ele.

— Ela acha que ele está partindo por causa dela. Tenho medo que Livia romantize isso.

— Diga pra ela que está superestimando a própria importância. Ele é um Fenn. Está se alistando porque acha que vai pegar bem. Tentei jogar algumas deixas com o Jack sobre o Pequod, mas não cheguei muito longe. Se ele está jogando contra mim por causa de toda essa história das crianças, me parece uma vergonha.

— Hummm.

Biddy não tinha vontade de entrar em mais uma rodada do Grande Debate sobre o Pequod. Jack estaria barrando Winn porque Winn havia excluído Jack do Ofídios? Fenn teria alguma mágoa pelo rompimento entre eles tantos anos antes? Os Fenn como um todo estariam tão envergonhados pelo sofrimento de Livia que simplesmente não queriam cruzar com os Van Meter na sede do clube? Esta última hipótese, que ela sugerira seguidas vezes a Winn, era especialmente boba porque ele estava na lista de espera desde muito antes que o infeliz esperma de Teddy encontrasse seu caminho até o óvulo de Livia. Na cabeça de Biddy, Winn havia feito tudo o que podia para defender sua entrada no Pequod, e o restante dependia do destino. Não existia, então, razão para ansiedade, nenhuma necessidade de criar teorias conspiratórias. O mais provável era que a demora não tivesse nada a ver com os Fenn, e sim com os mecanismos internos do clube. E, mesmo que os Fenn fossem um problema, o mais provável era que Winn, e não Livia, fosse o culpado, pois Biddy tinha bastante certeza de que os Fenn gostavam genuinamente da garota e não seriam tão injustos a ponto de pensar que ela havia tentado prender o filho deles. No final das contas, por que alguém iria querer entrar para um clube em que não fosse bem-vindo? Mas Winn via as consequências do erro de Livia por toda parte, como se o útero dela fosse a fonte de toda a desordem do universo.

— Vou te dizer. Estou me coçando pra ligar pra Jack e arrancar isso aí, esclarecer essa história de uma vez por todas — ameaçou Winn.

— Não — reagiu Biddy. — Não neste fim de semana, Winn, por favor.

A voz de Celeste trombeteou do andar de cima:

— Winnifred! — Winn fez uma careta. — Ei, Winnifred! As lagostas

chegaram!

Um homem de rosto vermelho trajando calça e camiseta branca apareceu dando a volta na casa, empenhando-se em empurrar pelo cascalho um carrinho com duas caixas de papelão, ambas com uma grande lagosta vermelha estampada na frente.

— Van Meter? — indagou ele, consultando algo anotado em tinta preta na caixa de cima. — Vinte lagostas?

— Sim, você veio ao lugar certo — confirmou Winn, dando um passo à frente e levantando a primeira caixa, depositando-a no chão e abrindo a tampa.

O entregador assistiu hesitante.

— Tudo ok?

— Ainda não sei — respondeu Winn. — É o que estou verificando. — Foi tirando da caixa lagosta por lagosta, segurando-as no ar para ter certeza de que moviam as antenas e as garras atadas com borracha e em seguida acomodando-as no chão.

— Tenho certeza de que estão todas vivas, Winn — comentou Biddy, bloqueando com o sapato a escapada de uma delas. As pessoas dizem que as lagostas são insetos gigantes, e de fato tinham essa aparência, rastejando no chão, investigando o espaço com suas longas antenas.

— Melhor prevenir do que remediar, querida. — Para o entregador, que sem muita convicção começava a remover as lagostas da segunda caixa, ele acrescentou: — Aqui. Eu vejo essas se você me fizer o favor de colocar estas de volta.

— Não — recusou Biddy, agachando-se e apanhando uma lagosta pela parte do meio, atirando-a de volta na caixa. — Eu faço isto.

— Ele não se incomoda. — Winn virou-se para o entregador. — Se incomoda?

— Não? — respondeu o homem, confuso.

Biddy colocou mais duas lagostas em cima da primeira, e Winn retirou outras duas da segunda caixa.

— Devagar — pediu ela. — Elas estão se misturando.

— Não importa em que caixa elas ficam, querida, só que estejam vivas.

— Você pode ir — concedeu Biddy ao entregador. — Já pagamos tudo, não foi?

— Espera só um minuto — corrigiu Winn. — Já estou terminando aqui. — Biddy desistiu de reposicionar as lagostas, e ela e o entregador ficaram assistindo em silêncio até que Winn retirasse a última e acenasse para eles. — Vejam só, não é bom que eu tenha verificado? Esta aqui está morta.

As garras da lagosta pendiam frouxas, balançando de um lado para o outro como um par de luvas de boxe grandes demais. Largando-a no chão perto de suas irmãs vivas, Winn estreitou as costas e pôs as mãos na cintura, vitorioso. Todos olhavam para a lagosta.

— Que estranho — expressou o entregador. — Nunca ouvi falar de alguém receber uma morta. Essas coisas são capazes de sobreviver até na lua.

— Ela se mexeu — alertou Biddy. — Mexeu a antena.

— Não, não mexeu — sentenciou Winn.

Mas Biddy tinha certeza. A lagosta havia arrastado a antena para o lado. Enquanto eles observavam, aquele longo acessório com aspecto de bigode voltou a se mexer.

— Viram? — insistiu ela.

Winn cutucou a lagosta com o pé, mas ela não se moveu.

— Seja como for, está doente. Não queremos comer uma lagosta doente. — Apanhou a lagosta e a ofereceu ao entregador. — E se você desse uma corridinha lá pra trocar esta por outra?

— Bom, isso poderia levar um tempo — respondeu o cara. — Tenho outras entregas pra fazer antes.

— Não precisa — declarou Biddy, pegando a lagosta inválida da mão de Winn. — O que a gente tem é mais que suficiente. Winn, Dicky sequer come lagosta.

— Mas a gente pagou por vinte — argumentou Winn.

— Posso deixar como crédito — sugeriu o entregador, atento às lagostas que começavam a migrar devagar para o gramado.

— Ótimo. Assim está ótimo — concluiu Biddy.

— Não sei — ponderou Winn.

— Está ótimo — garantiu Biddy ao entregador.

Agatha e Piper emergiram da porta lateral, Piper segurando-a antes que batesse. Ambas estavam de roupas de banho e, por um instante, os dois homens ficaram impressionados demais para esconder o interesse pelos seios e pernas das garotas.

— A gente ouviu que as lagostas tinham chegado. Podemos ajudar? — ofereceu Agatha.

— Boas meninas — elogiou Winn. — Vocês podem pegar as fugitivas.

— Vocês não precisam fazer isso — interveio Biddy.

— Não, a gente faz — insistiu Agatha.

Winn tocou o cotovelo de Agatha, e disse em voz baixa:

— Desculpa por mais cedo.

— O que aconteceu mais cedo? — perguntou Biddy.

Winn e Agatha se olharam. Agatha riu.

— Infelizmente, acabei flagrando a pobre Agatha no banheiro — confessou Winn.

— Ah, Winn — exclamou Biddy. — Você sabe que a tranca está quebrada. Tem que bater.

— Foi minha culpa — explicou Agatha. — Eu devia ter...

— Não — interrompeu Winn. — Não, eu fui descuidado. Assumo toda a responsabilidade. A culpa foi minha. Não estou acostumado a ter tanta gente por aqui, só isso. Não vai acontecer de novo.

— Tudo bem — encerrou Biddy. — Já deu, Winn.

— Não foi nada de mais — amenizou Agatha, lançando um olhar simpático para Biddy. Ela se inclinou para pegar uma lagosta, e o biquíni se enfiou um pouco entre suas nádegas tão atraentes.

Enquanto o entregador escrevia um recibo com o valor de uma lagosta, Biddy segurava o crustáceo morto ou moribundo com uma das mãos e, deslizando a outra para dentro do bolso, encontrou o grampo de cabelo ali. Ficou girando-o entre os dedos enquanto as garotas risonhas perseguiam as lagostas, as recolhiam e até se atreviam a beijar os focinhos cor de ferrugem, com as criaturas batendo as caudas petaladas.

Essa ideia do pai dela de fazer lagosta num jantar para 17 pessoas parecia a Livia algo malpensado mas também imutável. Ela aceitou, também, o fato de ele querer que ela fosse a ajudante de cozinha, sabendo que não seria capaz de escapar. Winn recebeu o milho descascado sem agradecer e a mandou para o chuveiro externo com o escorredor de salada, quatro pés de alface para lavar e desfolhar e um cesto de roupas vazio que serviria de coador. Agatha e Piper estavam de biquíni na cozinha por alguma razão, desfilando por lá feito nudistas, e Daphne e Dominique entravam enquanto Livia saía. Daphne usava uma canga vermelha amarrada abaixo da barriga.

— Daphne — chamou Livia, erguendo a cesta de alfaces. — Você deve estar muito estressada, com o casamento chegando e tal. Tanta coisa pra fazer.

— Me deixa em paz, estou grávida — respondeu Daphne com doçura, estendendo a mão para aceitar um copo de chá gelado que Piper lhe oferecia.

O chuveiro, uma cabine de placas de cedro em volta de uma ducha atrelada à lateral da casa, ficava perto da porta dos fundos. Livia abriu a água e pegou uma alface, segurando-a embaixo do jato ao mesmo tempo que separava as folhas e as

deixava cair no escorredor. Sentia-se como sempre se sentia depois de falar da gravidez: um pouco envergonhada e ligeiramente suja, como se tivesse soltado uma piada cruel no meio de uma festa. A visão de Agatha de biquíni também não tinha colaborado para seu humor. Achou-se então imaginando Agatha e Teddy juntos e, por mais arbitrário que fosse o casal, só de pensar naquilo já ficava enjoada. Ouvira falar de duas ou três garotas com quem ele havia saído após o rompimento, e pensou também nessas garotas com Teddy, fragmentos e pedaços de corpos, tudo horrível demais para contemplar. Teddy ainda era o entalhe solitário em sua patética cabeceira da cama. Afundou os dedos na alface, fazendo rasgos que sabia que seu pai não iria gostar, e em seguida bateu a tampa no escorredor e segurou a ponta do fio, puxando como se estivesse dando a partida num motor.

— Teddy me engravidou — foi o que disse mesmo que a maior parte da culpa fosse dela.

A pílula lhe dava náusea, ou causava oscilações de humor insuportáveis; o diafragma provocava constantes infecções; tinha medo de colocar um DIU; a injeção havia feito sua colega de quarto ganhar 8 quilos. Só sobrava a camisinha. Ela caiu no hábito de arriscar alguns dias mais próximos à menstruação, quando eles podiam pular a parte em que Teddy lutava para segurar a embalagem metálica com a unha do polegar, rasgava-a, aproximava de seus olhos a pequena água-viva para ver para que lado estava enrolada e finalmente a aplicava, como um absurdo uniforme contra substâncias de risco, em seu pênis, do qual todos os empenhos mentais relacionados à profilaxia sempre roubavam parte da intumescência. Esse jogo perigoso se seguiu por cerca de oito meses, e com disciplina poderia ter durado ainda mais se ela e Teddy não tivessem entrado numa discussão, causada, como todas as discussões deles, pelas atenções que ele dedicava a outra garota. No alívio da reconciliação, Livia se permitiu imaginar que eles estavam sob a luz verde da zona segura.

Uma semana depois do rompimento, ela decidiu ficar tremendamente bêbada em seu quarto uma noite, vestindo um colar de pérolas e um vestido de festa. Previa-se neve, mas Livia escolheu um vestido de verão estampado com rosas grandes, antiquadas. Do armário da colega de quarto pescou um sapato de salto alto e fino que lhe teria dado medo se estivesse sóbria, em especial se levasse em conta o gelo das lajotas das calçadas. Não conseguiu subir o zíper até em cima e, por um momento, alongando-se e contorcendo-se com um cotovelo apontando para o teto e o outro dobrado embaixo dela, foi tomada pela infelicidade e se deixou cair no *futon* para derramar algumas lágrimas. Então o gim voltou a

bater, e ela saiu de súbito sem nenhum casaco, cambaleando entre poças de neve em direção ao Clube dos Ofídios, com alguns centímetros de sua espinha enquadrados pelo decote em V do zíper abaixado. Ao seu redor, passavam garotas com suas roupas de sair, desagasalhadas para o frio e, como ela, prendendo os saltos no gelo esburacado e nas fendas entre as lajotas. Cada grupo de garotas era uma consciência única, trepidante, como uma revoada de pássaros ou um cardume de peixes, movendo-se juntas numa coreografia complexa e privada, os brilhos e as sedas refletindo a luz das ruas. O rapaz na porta do clube hesitou quando a viu, mas Livia o empurrou e passou.

Pensou tê-lo ouvido dizer que Teddy não estava lá e respondeu "O Teddy que se foda" a ninguém em particular. Fez um tour pelas salas, tropeçando nos tapetes persas e no piso desigual. Um rap com batidas fortes preenchia a casa, destoando daquele interior comportado e antigo, todo feito de couro, tons escuros, madeira entalhada e sombrias luminárias de latão. A decoração sugeria um condizente caráter britânico nostálgico, como se o Clube dos Ofídios alguma vez tivesse feito parte das distantes explorações coloniais. Fotografias enquadradas dos membros, cartas que eles haviam escrito ou recebido, rabiscos que eles tinham feito em guardanapos e outras trivialidades inescrutáveis entulhavam as paredes.

— Vocês estão todos mortos agora, mesmo sendo membros do Clube dos Ofídios — murmurou Livia para a turma de 1918.

O clube, ela pensou, era uma instituição que existia para nenhum outro propósito que não selecionar seus membros. Uma vez dentro, o que acontecia? Você ficava sentado bebendo e fofocando até que chegasse a hora de escolher novos membros, com os quais você se sentaria para beber e fofocar até que chegasse a hora de escolher o próximo lote. Aquilo não tinha sentido, não tinha mesmo. O Clube dos Ofídios era uma armadilha, uma fachada, uma fábrica que não produzia nada. Seu pai amava aquela cobra idiota engolindo a própria cauda. Ele dizia que ela representava autossuficiência, renovação e renascimento, descamando, mas persistindo, sem começo nem fim. Livia achava que a cobra tinha a ver com não ir a lugar nenhum, não encontrar uma opção melhor que devorar a si mesma.

As pessoas estavam olhando para ela, Livia sabia, e lhes devolvia um olhar atravessado, àqueles rostos assombrados que conhecia ou parecia conhecer. Viu-se sentada no braço de um sofá de couro, rindo de alguma coisa que o garoto ao lado estava lhe dizendo. Riu tão alto que ficou sem fôlego. Deu um gole num copo de plástico que tinha à mão e percebeu que estava cheio d'água.

— Isto é água — reclamou Livia. — Eu não pedi água. Se quisesse água, teria pedido.

O garoto do sofá pareceu constrangido. Ela se perguntou como em algum momento tinha chegado a pensar que ele era engraçado.

— Stephen pensou que talvez você já tivesse bebido demais.

— Ah, foi isso que Stephen pensou? — Livia agora estava de pé. A sala ficou em silêncio à sua volta, e ela balançou para a esquerda, depois para a direita, para mapear o cômodo inteiro. — O quê? Vocês acham que eu estou bêbada? *Stephen* acha que eu estou bêbada? Bom, vocês podem dizer a *Stephen* que eu estou bebendo por dois! Sabem o que eu quero dizer? Mas não esperem que Teddy conte pra vocês, e não mandem charutos! — A água espirrou do copo, molhando os dedos de seu pé. — Merda. — Quando ela se curvou para secar, perdeu o equilíbrio que lhe restava e pendeu para a frente, arqueando-se em direção ao tapete oriental. Assim que caiu (ou teria sido antes? será que chegou a cair?), sentiu um par de mãos em seu corpo, endireitando-a. Uma delas levantou o zíper de seu vestido. — Teddy? — perguntou ela numa lamúria.

As mãos não pertenciam a Teddy, embora Livia o tenha visto neste instante na entrada, ainda de casaco, rosado de vergonha sob o cabelo laranja, olhando-a de um jeito de que, ela sabia, nenhum deles jamais se recuperaria. O desprezo dele radiava pela sala em silêncio, e Livia só podia lhe retribuir com pesar e desespero animal.

Quem a salvara tinha sido o desprezado Stephen, que havia suspendido a vodca dela.

— Ok — disse ele. — A festa acabou.

Ele a levou ao quarto dos fundos, e juntos foram explorando o celular de Livia até encontrarem uma amiga sóbria que topou ir buscá-la e acompanhá-la até sua casa.

— Traga um casaco que ela possa usar — pediu Stephen ao telefone. — E um par de botas.

Enquanto esperavam sentados, Livia estudando as tábuas do piso e Stephen o teto, ele falou:

— Eu mesmo levaria você, mas não pegaria bem. Teddy é meu amigo. Fui eu que o chamei. Ele veio aqui pra te buscar.

No caminho de volta, sob a neve que caía e o brilho laranja-arroxeado das luzes da rua, enquanto o mundo tagarelava em volta dela, comovendo-se a cada passo desajeitado que dava naquelas botas emprestadas grandes demais, Livia se convenceu de que Stephen escreveria um e-mail no dia seguinte para ver como

ela estava, e que algo começaria ali, crescendo em meio à neve como um açafrão.

Recebeu alguns e-mails no dia seguinte, mas nenhum dele.

Livia deixou o cesto de alface lavada no deque e entrou na cozinha.

— Pai? — chamou ela. — O que você quer que eu faça com a alface?

O pai veio do escritório carregando um livro grosso encadernado em tecido azul. "Pássaros" estava estampado em cor prateada na lombada.

— Solucionei nosso pequeno mistério. Escuta só. — Abriu o livro numa página marcada com o dedo e leu. — Os ardeídeos formam uma grande família de aves limícolas incluindo garças e socós. Diversas aves são denominadas garças entre os ardeídeos, tendendo a ter plumagem branca ou clara. — Fechou o livro. — Isso resolve. Nós dois tínhamos razão.

— Esse livro está desatualizado, e essa definição é bastante vaga, de qualquer forma.

— Mas as garças são sempre ardeídeos, e os ardeídeos brancos são garças.

— Existem ardeídeos brancos que não são garças, também. Não sei... Não lembro exatamente. Eu teria que pesquisar.

— Eu já pesquisei.

— Esse livro é velho, pai.

— Não fique irritada.

— Não estou irritada! Só quero ser precisa.

Ele fixou os olhos em Livia, por cima dos óculos, como se estivesse tentando determinar se ela era uma garça ou um socó.

— Eu também — declarou ele.

Cinco • A casa de pedras brancas

Dominique descobriu que estava sofrendo da clássica angústia ambivalente do hóspede bem-intencionado: queria evitar que lhe pedissem para ajudar na preparação da comida (Winn sozinho já representava um excesso de cozinheiros na cozinha), mas também não queria parecer preguiçosa ou parasita. Escapar era a única solução, e por isso ela pegou uma bicicleta e se mandou. Pedalava rápido, de pé sobre os pedais, ultrapassando alguns meninos locais em roupas de basquete com bicicletas baixas de bicicross que assobiaram para ela, então um rapaz solitário com a calça manchada de tinta, pedalando devagar e sob o peso de uma sacola marrom de papel, e depois uma família numerosa em fila única por ordem descendente de tamanho, do Papai Urso ao Bebê Urso, todos em bicicletas alugadas, com cestas na frente. Mais adiante avistou um ciclista com pernas ligeiras como as de uma aranha, cobertas por uma lycra preta. Seu torso era uma labareda amarela.

— *Ah, oui* — disse Dominique. — *Le maillot jaune?*

Baixou a cabeça e aumentou o ritmo, imaginando espectadores por todo lado em volta da trilha, com os Alpes cobertos de neve acima, um pelotão de crianças em bicicletas atrás dela jogando serpentina e empurrando umas às outras. A bicicleta raquítica de dez marchas que ela havia escolhido entre as tantas dos Van Meter balançava de um lado para o outro. Dominique o alcançou mais facilmente do que teria imaginado, a lágrima prateada que seu capacete desenhava crescendo cada vez mais à medida que ela se aproximava, decepcionada. Deixou-se ficar um pouco antes de passar, torcendo para que ele se virasse e a visse, mas ele manteve os óculos escuros fixados no mesmo ponto evanescente da trilha.

O farol apareceu no alto de uma falésia distante, eriçado como uma vela

solitária de aniversário. De dia, sua luz parecia fraca e supérflua, uma intermitente fagulha branca minguada e emudecida pelo sol, mas Dominique gostava da torre robusta e de sua garbosa pintura listrada. Pedalaria até o farol, ela decidiu. Andava de bicicleta quase todo dia em Bruxelas, para ir e voltar do restaurante, mas sempre tendo que desviar e acelerar em meio ao enxame de pequenos carros europeus, correndo pela sobrevivência, não por prazer. Mas isso — o ar carregado de sal e loureiro, o céu resplandecente e amplo como a membrana interior de um dirigível infinito, os músculos soltando-se aos poucos — era uma coisa maravilhosa. Ela queria velocidade, espaço, a fricção do vento. A pobre Livia estava levando a vida com a ilusão de que lhe deviam alguma coisa por sua dor, alguma caridade cármica, porém o universo não sentia nenhum remorso por suas crueldades, nenhuma compaixão por suas vítimas, particularmente por aquelas que contribuíram para a própria miséria com a idiotice do sexo sem proteção. Todo mundo sabia, é claro; a festa do Clube dos Ofídios tinha ficado conhecida como "o chá de bebê". Daphne não parecia ter feito muito para ajudar Livia a lidar com a situação, no entanto alegava que Livia vinha ignorando sua existência, confidenciando pouco, sem se interessar pela gravidez dela ou pelos preparativos do casamento. E Daphne respeitava a privacidade dos outros, mesmo a de sua irmã, uma qualidade em geral mal-interpretada como falta de curiosidade. Daphne havia contado a Dominique que, em sua pior briga com Greyson, a única briga em que cada um deles enumerou os defeitos do outro, ele a acusou de não se *interessar* por nada.

Por esses dias toda aquela conversa sobre a gravidez de Livia parecia ter sossegado um pouco e, em grande medida, o pequeno Fenn-Van Meter tinha sido varrido para baixo do tapete comunal. Dominique quase havia conseguido esquecer como essas famílias funcionavam, como estavam programadas para facilitar aparentes ignorâncias, ressentimentos nunca assumidos e paixões reprimidas, da mesma maneira como suas casas escondiam escadas e quartos atrás da cozinha para os fantasmas feudais dos criados de seus ancestrais. Tinha sido surpreendente que Winn não houvesse pulado de uma ponte ou se estripado com uma espada de samurai quando suas filhas engravidaram uma atrás da outra. A condição de Daphne — ela imaginou Winn, velho vitoriano, chamando-a assim — seria restituída às fronteiras da propriedade por meio do casamento, mas o fantasma da gravidez de Livia, o volume faltante debaixo de seu vestido verde na frente da igreja, era um vazio que não poderia ser satisfatoriamente preenchido ou sanado. Ainda bem que ele tinha o Pequod para desviar seus pensamentos, tratando de avançar sua busca por um título de membro como um

Dom Quixote sem um Sancho.

Sobrepesando para baixo os pedais, Dominique balançou a cabeça. Essas pessoas, esse grupo onipresente, esse Establishment ao qual Winn atrelara a si e à sua família, parecia decidido a dividir a comunidade em facções cada vez menores, metades de metades, sempre aproximando-se, porém nunca chegando a um eixo de exclusividade perfeita. Desde que Dominique a conhecia, Daphne lamentava as loucuras e cegueiras do pai, mas até a gravidez ela havia feito pouco para diferenciar sua vida daquela visão. Em Deerfield, Dominique presumia que a faculdade seria a hora de Daphne criar o próprio caminho, mas então ela se viu naquele dormitório coletivo de Michigan, envolta no moletom com cheiro de cloro, vendo a neve cair e ouvindo Daphne ao telefone tagarelando sobre clubes e aventuras fúteis que ela vivera com sua nova amiga de diversão, Piper, que Dominique ia *amar*, e sobre os eventos de caridade tão chiques que ela frequentava com Greyson em Nova York, sempre Greyson. Propensa a se deixar levar pela competição, Dominique primeiro tentou voltar Daphne contra todas aquelas pessoas, recuperá-la para si.

— Parecem zumbis — declarou ela, saltando da cama ao chão e passando um dos braços por cima do peito, alongando o ombro. O tempo que Daphne parecia ter para se arrumar e sair para beber era impressionante. — Eles parecem exatamente os amigos que seu pai escolheria pra você. Tem certeza de que não quer inovar um pouco? Sair desse trilho?

— Trilho? — repetiu Daphne. — Não estou em nenhum trilho. Esta sou eu. Quer você aprove quer não. Eu *gosto* de me encaixar. Eu gosto de pessoas com quem eu combino.

O que, é claro, era o que havia atraído Dominique a ela no começo, quando era nova e estava perdida em Deerfield. Daphne, tão segura de seu lugar no mundo, tinha sido o antídoto perfeito às saudades de casa. Fora algo como a chave-mestra do colégio, e Dominique havia se apossado dela com a maior satisfação.

— Só fico preocupada que você esteja se vendendo barato demais — finalizou Dominique.

Algumas semanas de frieza se seguiram, depois, a reconciliação, então Dominique visitou Princeton e não amou todas as atividades e pessoas que Daphne tanto amava, e houve uma briga quando Dominique se perguntou em voz alta como raios Piper tinha sido aceita em uma faculdade supostamente tão seletiva, uma briga que incluiu mais referências a zumbis (“zumbis pirralhos com sobrenome importante”) e algumas palavras duras de Daphne sobre como

Dominique estava sempre *julgando*, sempre pensando que era *melhor*, que era tão *especial*, como a porra de um *faraó*, o que ela *não era*, e que às vezes as pessoas simplesmente gostavam de sair e se *divertir* com pessoas *legais* e *divertidas*.

A distância e o tempo foram bons para a amizade entre elas. Dominique percebeu que a vida de Daphne não era responsabilidade sua, e agora, em troca, quase uma década depois, Daphne parecia valorizá-la precisamente *porque* ela era menos divertida que Piper ou Agatha, porque não era baixinha e loura, porque preferia bares tranquilos a baladas lotadas de banqueiros, porque tentava ser honesta. E Dominique gostava de Greyson, gostava de verdade. Não o adorava, mas isso não era problema. Só o veria de vez em quando. De suas amigas casadas, nenhuma havia escolhido um parceiro que fizesse jus às aspirações que tinha para elas. Em geral os maridos eram pessoas estáveis e boas que queriam se casar, não os companheiros excitantes, elevados e inspiradores com que Dominique sonhava. Ela foi acusada por sua própria mãe, que sempre tentava arranjá-la com médicos coptas expatriados bem-apessoados, de ter expectativas pouco realistas tanto para si quanto para os outros, porém Dominique achava que a desconexão não era entre ela e a realidade, e sim entre os desejos dela para sua própria vida e os desejos dos amigos para as deles.

Ainda assim Daphne a acusou de se contentar com pouco. O namorado de Dominique, Sebastiaan, era um *chef* belga que não tolerava nenhuma redução de seu nome. Todas as quatro sílabas tinham que ser pronunciadas, criando uma lombada conversacional, um perigo para a navegação. O nome se arrastava na língua dela e sempre a fazia temer estar falando demais sobre ele, mesmo que Dominique o mencionasse muito raramente. Sebastiaan era um devoto da culinária tradicional francesa e se deixava tomar por uma genuína raiva quando os temperos africanos ou as ervas tailandesas dela invadiam seu *boeuf bourguignon* ou sua *homard à la Normande*.

— O que é isto? — exaltava-se ele, sacudindo uma coxa de pato com traços de *baharat* na direção dela. — Se você quer fazer experimentos, usa o maldito pato de outra pessoa!

— Ele tem um tipo de xenofobia culinária — explicara ela a Daphne em sua primeira noite na ilha, antes de Agatha e Piper chegarem, quando as duas estavam sentadas sozinhas no terraço. — Mas acho que tem um fascínio pelo exotismo, também. Uma vez voltou pra casa com cheiro de comida etíope,

empesteado de açafrão, e quando perguntei por onde tinha andado ele respondeu "ah, só estava tomando uma cerveja".

— Melhor que ele te traia com comida do que com outra mulher — comentou Daphne.

— Não tenho certeza se a diferença é tão grande. Acho que ele gosta de mim porque eu sou escura, apimentada e proibida. Sou a *outra*. Ele sente que está quebrando um tabu. Dá pra dizer isso pelo jeito como se comporta na cama.

— Como você pode levar a sério alguém assim?

— Eu não levo. Não de verdade.

— Então por que está com ele?

— Gosto dele. Por enquanto está bom.

— Greyson e eu estávamos justamente comentando como você se contenta com pouco.

— Sério? — Dominique sentia-se tão insultada quanto intrigada. — Não sei se isso é verdade. Gosto de pensar que sou alguém que se vira com o que é interessante e está disponível.

— Não. — Daphne balançou a cabeça e franziu os lábios de um jeito que fez Dominique se lembrar de Sebastiaan experimentando uma das sopas dela: o desgosto, a certeza da opinião. — Você não é exigente o bastante.

Como, Dominique se perguntava, ela voltava a se envolver tanto com a vida dos Van Meter, a ponto de se importar com as opiniões deles? Antes de vir para seu primeiro ano em Deerfield, ela havia enchido as malas de roupas europeias diferentes, echarpes e joias que encontrava nas feiras, para mostrar a todo mundo que era egípcia, exótica e diferente. Mas, quando chegou ao alojamento e abriu as malas, estavam cheias de roupas que ela nunca tinha visto antes. Em seu delírio de longa viagem e mudança de fuso, experimentou uma náusea terrível ao ver todas as suas coisas trocadas por veludos, saias escocesas, camisas e coletes, como se sua vida tivesse sido engolida pela de outra pessoa. A velha Dominique havia sumido, deixando um rastro de vapor sobre o Atlântico.

Com o tempo descobriu que sua mãe tinha passado meses procurando, estocando e pedindo novas roupas de catálogos. Biddy Van Meter havia sido sua cúmplice; a escola dera à mãe de Dominique o telefone dos Van Meter, quando ela pediu o número de alguém que pudesse aconselhá-la. Após se tornar amiga de Daphne, ela a convidara para o Dia de Ação de Graças, e Dominique sentira, ao conhecer Biddy, que estava conhecendo sua criadora, a pessoa que a havia projetado sob medida para um papel prolongado, ainda que tangencial, na vida familiar.

No começo os Van Meter tinham muito charme. Daphne era doce e serena. Livia era só uma menina e endeusava Dominique. Biddy era prática, ligeira, bondosa. Winn usava gravata borboleta e lenço no bolso do paletó e atacava todas as partes de sua vida com uma convicção e uma precisão que Dominique julgava tranquilizadoras. Não havia ervas daninhas no jardim dos Van Meter, nem meias sem par em sua lavanderia. Uma bola de tênis pendia de um fio na garagem para marcar o ponto exato onde o carro devia ser estacionado. O leite era jogado fora no dia anterior à expiração da data de validade. E, no entanto, tudo o que eles faziam — jogar tênis, preparar o jantar, fazer amigos, se vestir — parecia ser natural, sem esforço. Foi preciso que passassem anos até que Dominique fosse capaz de ver a corda em que eles se equilibravam, ou melhor, qual era o grande objetivo deles. Queriam ser aristocratas num país que supostamente não tinha aristocracia, um país que havia sido fundado, em parte, como protesto contra o poder hereditário. Dominique não conseguia entender isto: por que dedicar tanta energia em imitar um sistema que supostamente estava morto? Qualquer aristocracia hereditária era idiota, e os americanos sequer tinham regras para a deles, na verdade. Muitos dos garotos e garotas que Dominique conhecera em Deerfield vinham de famílias dedicadas a perpetuar um código de conduta antiquado, malcompreendido, passado ao longo de gerações de impostores. Mas, ela supunha, as pessoas que acreditavam ser bem-formadas não iriam querer desistir de suas castas inventadas porque senão ficariam sem nada, sem ninguém para apreciar seus clubes especiais, suas árvores genealógicas, seus modos afetados, sua riqueza já surrada.

Dominique não conseguia explicar seu interesse renitente por aquelas pessoas, a paciência que lhes dedicava. Como membro de uma minoria impopular em seu país natal, secular como ela e os pais eram, pensava que se sentiria ultrajada com as ilusões de grandeza e direito de nascença dos WASP, sua arrogância, o poder nepotista que exerciam. Mas o pior que Dominique conseguia reunir era uma suave e ligeira piedade e, na maior parte das vezes, um suave e ligeiro divertimento. Sua sensação era de que os Van Meter tinham que se esforçar um pouco mais que os outros para manter o status, e por vezes ela se via sentindo pena deles. Viviam um pouco à margem; ela não tinha certeza por que e teria encontrado dificuldade se a forçassem a explicar o senso de inferioridade que de vez em quando sentia pairar pela casa como um vento sujo. Ainda bem que tinha a Bélgica, Dominique pensou. Ainda bem que tinha Sebastiaan. Ainda bem que ela havia se livrado dos veludos e das saias escocesas na faculdade e voltado às túnicas e echarpes.

Um jipe passou rápido pela estrada, freou com um guincho e se desviou para a lateral. Ela diminuiu o ritmo, perguntando-se se não devia acelerar para ultrapassá-lo. Uma cabeça desconhecida surgiu pela janela do passageiro.

— Dominique? — perguntou o sujeito quando ela chegou ao lado. — Ei. Dominique?

— Sim? — Ela parou e se apoiou com um pé ainda em cima da bicicleta, tentando olhar o interior do carro. Greyson estava ao volante. — Ah, oi!

— Pensei que fosse você. Como andam as coisas? — perguntou ele, inclinando-se por cima do passageiro.

— Você conseguiu identificar a minha bunda a quinhentos metros de distância?

— Não a sua bunda, a sua determinação. A um quilômetro de distância. Este é o meu irmão, Francis.

— Oi — saudou o passageiro.

— Por que vocês estão com a capota fechada num dia bonito como hoje? — quis saber Dominique. — Estão preocupados com o penteado?

— Não gosto de conversíveis — declarou Francis. Ele usava óculos de velho e tinha um ar vago, plácido. — Me dão dor de cabeça. Acho que é o vento.

Greyson sorriu à sua maneira graciosa, reconhecendo a estranheza da declaração do irmão e ao mesmo tempo aceitando-a.

— Bom. *Carpe diem* — concluiu Dominique.

— A gente vai jogar algumas partidas antes de começar a se aprontar pro jantar. Quer jogar a bicicleta aí atrás e vir junto? — propôs Greyson.

Dominique notou que ambos estavam inteiramente vestidos de branco. Ela vestia um short laranja e uma camiseta cinza de uma competição de quiches de uma escola culinária, competição de que havia participado por desafio de alguém e ganhado.

— Não, obrigada — respondeu ela, mesmo tendo certeza de que Greyson conseguiria algumas peças brancas para ela. O mais provável é que carregasse umas roupas brancas consigo o tempo todo, da mesma forma que Sebastiaan, alpinista eventual, carregava consigo um cobertor prateado de emergência. — Vocês teriam que abaixar a capota pra abrir espaço pra bicicleta, e acho que eu não conheço o pobre Francis bem o bastante pra arriscar provocar nele uma dor de cabeça.

Francis fixou nela uns olhos de ioga.

— Eu não me importo. De verdade.

— Não, tudo bem. Eu vou pedalar até o farol.

Eles se afastaram, Greyson buzinando duas vezes como cumprimento, e ela seguiu em frente, mais uma vez alcançando o ciclista de camiseta amarela, que havia passado enquanto eles conversavam. O suor escorria por suas costas enquanto subia a última ladeira até o farol, e isso lhe dava prazer. Largando a bicicleta na grama, perfez um pequeno círculo, erguendo as pernas e alongando-se em direção à luz. Aproximando-se, a torre era um tanto mais imperfeita. A larga faixa vermelha do meio havia desbotado para um rosado mais feio. O sol gastara todo o brilho da tinta preta da cúpula e da varanda, e os painéis de vidro da sala do farol estavam turvos de sal e sujos de cocô de pássaro. A tinta descascava nos tijolos que se espalhavam pela grama como confetes vermelhos e brancos. Um pouco adiante, atrás de uma cerca de arame gasta e perigosamente próxima das falésias que desintegravam, via-se o esqueleto enferrujado de um antigo balanço no meio de alguns arbustos, uma relíquia dos dias em que havia um funcionário no farol, uma casa para ele e um brinquedo para seus filhos. Uma cerca de madeira se estendia para trás em direção a um estacionamento, para manter as pessoas afastadas do penhasco. Lia-se numa das placas "4.905 QUILÔMETROS ATÉ A ESPANHA". Ela olhou o mar e se perguntou quantos faltariam até o Egito. Quantos até a casa de seus pais em Lyon? Quantos até a Bélgica? O que Sebastiaan estaria fazendo? Estaria se entregando a uma orgia de massala e *ras al hanout*? Tudo o que importava, que era real, estava em algum lugar do outro lado desse oceano, não ali naquele lugar semi-imaginário, naquela colônia para americanos alvoroçados de peito altivo onde ela, a ave marinha negra, calhava de estar interrompendo uma longa e incerta jornada.

O ciclista de camiseta amarela chegou ao fim da estrada, parou e tomou o caminho inverso, voltando pela mesma direção de onde tinha vindo. Um avião de hélice zuniu lá em cima, e Dominique cobriu os olhos e acompanhou sua descida pela ilha até o pequeno aeroporto, calculando que vantagem teria que dar ao cara de camiseta amarela para que alcançá-lo pudesse ser um desafio.

* * *

Winn separava os grãos das espigas de milho para fervê-los por alguns segundos e em seguida juntá-los aos tomates num vinagrete simples. Dois lotes, sendo este o primeiro entre eles. Dez espigas por lote. Com o avental listrado favorito amarrado firme na cintura, ele cantarolava para si mesmo. Segurava uma espiga pela ponta e deixava correr a faca alemã muito afiada pela lateral, observando a

cortina satisfatória de pedacinhos amarelos depois do corte. Virando a espiga, repetia o exercício até que restasse uma estaca reticulada. A repetição impensada era tranquilizadora, até deliciosa. Winn descia ao ritmo da faca cadente e da mão que varria, empurrando os grãos de cheiro doce para o interior de uma tigela vermelha de metal, enquanto uma panela de água fervia no fogão.

Piper apareceu de roupão de banho.

— Ah, oi — saudou ela.

O cabelo molhado pendia às suas costas em mechas despenteadas, e seu rosto, desprovido do penteado desfeito e privado da maquiagem, parecia magro e anguloso. Ela hesitou, erguendo as mãos contra o peito e entrelaçando os dedos ossudos.

— Procurando alguma coisa?

— Daphne queria um pepino.

— Um pepino?

— Vamos colocar umas rodelas nos olhos. Pra que fiquem menos inchados.

— Isso funciona?

— Não sabemos. — Ela emitiu a risada aguda e excitada de um rato de desenho animado: *hihihi*. O roupão, um roupão velho de Daphne, rosa e felpudo, parecia fazê-la encolher ainda mais. Algo naquele pescoço fino e naquele rosto angular a fazia parecer estranhamente velha, como um monge idoso, pálido de tanto viver em uma caverna. — Foi também por isso que a gente resolveu testar. Daphne diz que é lenda, e Agatha garante que funciona. Vamos tirar fotos de antes e depois. — E de novo o riso estridente.

— Tem um na geladeira, mas eu ia usar na salada.

— Ah, tudo bem.

Ela enrolou o cabelo molhado em volta da cabeça e tratou de desfazer os nós. Ele retornou ao milho e, quando voltou a olhar por cima do ombro, ela havia partido. Retomando o cantarolar, apoiou a ponta da tábua na tigela vermelha, acrescentando mais grãos a seu alto monte de milho, um cone perfeito como o de areia numa ampulheta.

Ouviu a voz de Agatha.

— Disseram que você está regulando um pepino.

Winn deu meia-volta. Ela estava parada no ponto onde Piper estivera, o cabelo igualmente úmido, mas penteado para trás, e ela estava de novo no vestido semitransparente de antes.

— Estou o quê?

— Só precisamos de um pouquinho emprestado. — Ela cavou na geladeira e

sacou um falo verde, enverrugado, afastando Winn tranquilamente para o lado e assumindo a tábua e a faca, cortando em seguida pouco menos de 10 centímetros do desafortunado vegetal. Picou o pedaço em oito rodelas finas. — *Voilà!* Beleza instantânea. — E agitou o pepino mutilado para cima de Winn. — Devo deixar isto aqui pra você?

— Pode deixar. — Quando foi pegar da mão dela, Agatha segurou mais firme, obrigando-o a puxar. Ele bufou.

— Suas orelhas deviam estar queimando algum tempo atrás — comentou ela.

Winn deixou o pepino de lado e correu a faca pela última espiga:

— Por quê?

— Não consigo lembrar como o assunto começou. A gente estava na grama com Celeste, e de alguma forma começamos a especular sobre como você era na época da faculdade. Celeste disse que você era exatamente igual.

— Hum — gemeu ele, alarmado.

— E então, você era assim?

— Celeste deve saber melhor que eu.

— Quer saber o que Daphne disse?

— Não sei. Quero?

— Disse que Biddy contou a ela que você não tinha uma boa reputação. — Agatha esperou, e como ele manteve o silêncio, ela seguiu: — Ao que parece, você era uma espécie de conquistador.

Winn pegou a tigela de milho e despejou todo o conteúdo na água fervente. Posicionou um coador enorme na pia, limpou as mãos no avental e se virou para ela, cruzando os braços sobre o peito.

— Um conquistador?

Ela alinhou as rodelas de pepino em uma pilha ordenada, segurando-as frouxas entre os dedos como se fossem fichas de pôquer.

— Só estávamos curiosas porque você parece uma dessas pessoas que já nascem adultas, com uma casa, um casamento e tudo. Consigo imaginar Biddy jovem, mas você, não.

— Hum — gemeu ele de novo.

— E então?

— Não me lembro. Acho que eu não era muito diferente, não. Tinha namoradas, mas nada fora do normal. Não era nenhum Casanova. — Winn se virou, puxou a panela do fogão e verteu o conteúdo no coador, embaçando os óculos.

— Foi o que Celeste disse. Ela falou que você é monógamo de nascença.

Ele pôs os óculos na ponta do nariz e a examinou por cima das lentes.

— Pena que vocês, meninas, não tenham nenhum assunto mais interessante pra conversar.

Agatha estendeu a mão e pegou os óculos pela haste, puxando-os do rosto dele. Winn fechou os olhos e, quando abriu, ela estava secando o vapor na barra de seu vestido.

No dia de 1966 em que Winn partiu para Harvard, seu pai o presenteou com um relógio de pulso dourado e com uma absolvição prévia.

— A juventude é a melhor desculpa que você jamais vai ter — disse Tipton Van Meter, apertando a mão do filho em despedida na calçada de uma avenida arborizada de Boston, não muito longe do Public Garden, à sombra da casa de pedras brancas. Falou devagar, com peso deliberado. Estava claro que ele vinha planejando aquele momento havia algum tempo. Winn optou pelo silêncio viril. Nenhuma resposta seria compatível com a frase que o pai já tinha escrito para ele em sua imaginação, e por isso ele devolveu o aperto de mão com um fervor que esperava ser capaz de expressar força, vigor e gratidão. Tony, o motorista, aguardava atrás do volante para conduzi-lo por menos de cinco quilômetros até os portões do jardim da universidade.

— Bom, tchau, pai. A gente se vê no jantar de domingo.

Tipton apenas assentiu com a cabeça.

Até Tony virar a esquina, Winn ficou olhando pelo vidro de trás, seu pai parado na rua de terno cinza, as mãos atrás das costas.

Winn havia cruzado o rio Charles inúmeras vezes antes, mas não podia deixar de sentir que o esplendor dessa tarde particular de setembro era uma bênção específica para ele, e que a água verde tão conhecida, dourada pelo mesmo sol que produzia prismas deslumbrantes em seu relógio de pulso, era um importante portão de entrada. Estava cruzando para uma nova era, e as frases de despedida de seu pai estavam gravadas em cima do portão. Tipton Van Meter acreditava muito na juventude, e Winn acreditava em Tipton. A maioria dos pais teria pedido ao filho para honrar a família, ou evitar encrencas, ou encontrar seu lugar no mundo. Foi um alívio tremendo para Winn que seu pai lhe desse permissão para não fazer nada disso. Ele resolveu se permitir uma grande liberdade com a condição de que, um dia, viesse a assumir o tipo certo de maturidade. Por enquanto poderia ser despreocupado, desincumbido, irresponsável e frívolo, e então, mais tarde, seria um homem honrado, um verdadeiro cidadão, um homem cujo retrato podia estar pendurado numa parede: alguém como seu avô

Frederick, cujo semblante vigiava a sala de bilhar do Clube Vespasiano, ou como seu pai, cuja figura pintada contemplava seu gêmeo real do outro lado da sala de jantar da casa de pedras brancas.

Na infância, o lugar favorito de Winn era o tapete ao lado da cadeira de Tipton, onde ele se sentava e observava o pai bebendo gim numa taça de cristal e ouvindo o rádio. Agora que Winn havia entrado no que Tipton previa que seriam os anos mais gloriosos de sua vida, percebia o surgimento de uma perfeita simbiose da estima entre pai e filho. Tipton também era um homem de Harvard e, nos anos que haviam se passado desde que tinha se formado, fabricara em sua própria mente e na de seu filho uma visão bronzeada e desgrenhada do estudante ideal. Esse jovem devia ser um esportista dedicado, um aluno despretensioso, um discursista inteligente em brindes e um andarilho alegre em meio às doçuras da companhia feminina. Enquanto alguns rapazes sonhavam em ser presidentes ou astronautas, Winn passara a infância aspirando apenas a assumir os ombros largos e os botões metálicos do homem de Harvard que seu pai meio lembrava, meio imaginava. Nas histórias que Tipton escolhia contar após o jantar, ele próprio era aquele homem, o líder convencido de um bando de vagabundos bem-humorados. Sempre contava cada detalhe, projetando a luz débil do passado na toalha de mesa manchada, nos rostos de seus ouvintes e em seu próprio retrato no alto da parede, enquadrado em dourado. Algumas semanas antes de Winn partir para Harvard, seu professor de inglês do quinto ano e a mulher vieram para o jantar, e Tipton contou uma história clássica.

— Pedimos ao cozinheiro do clube que preparasse um almoço frio, e passamos por uma janela do Sever pra fazer um piquenique no telhado. Cort Wilder, Moody, Kreegs, Tom Patten e eu, caras com quem eu andava naquela época. Você conhece o Cort Wilder, não conhece? — A pergunta era dirigida ao professor de inglês. — Ah, pensei que os caminhos de vocês pudessem ter se cruzado. Ele também era um homem dos clássicos. Enfim, era o primeiro dia ameno da primavera, que é sempre maravilhoso, não é? Todo mundo sai da hibernação. Queríamos ter a visão dos pássaros, por isso pegamos uma cesta de piquenique da namorada de Kreegs e alguns sanduíches do clube, e estávamos bebendo champanhe direto da garrafa, o que é sempre divertido, não é? Duvido que alguém teria notado nossa presença, se não fosse pelo vento que levantou o embrulho do sanduíche de Kreegs e o agitou por um minuto antes de cair na cabeça do professor Fieldston, que estava passando para dar aula. Você conhece Fieldston, não conhece?

— O nome soa familiar — respondeu o professor de inglês, despejando um

cubo de açúcar no café com uma pinça prateada.

— Enfim, calhou que Kreegs, o ganso, tinha usado aquela embalagem para limpar a maionese do sanduíche, e o papel acabou colando na bochecha de Fieldston. Ele olhou para cima e lá estávamos nós, alinhados no telhado feito pombos. Então, é claro, ele invadiu o Sever, e vou contar para vocês, nós entramos em pânico. Pensamos que estávamos ferrados; Kreegs começou a choramingar dizendo que já estava na berlinda e seria expulso, e Moody disse que seu pai já estava ameaçando cortar a mesada e essa seria a gota d'água, e por aí em diante. Mas por sorte eu conhecia o Sever como a palma da minha mão, e assim levei o grupo até o outro lado do telhado onde acabei achando uma janela aberta. Vou contar, nunca uma turma de francês se surpreendeu tanto quanto ao ver aqueles cinco caras caindo lá dentro um atrás do outro, pode apostar. Cort foi esperto e conseguiu se virar dizendo algo sobre *la fenêtre* antes de eu tirar a gente de lá por uma escada dos fundos. Fieldston provavelmente ainda estava esticando o pescoço pela janela e se perguntando onde diabos nós teríamos ido parar, e nós já estávamos de volta ao clube. Tivemos que deixar a cesta de piquenique para trás, e alguém me disse que Fieldston a manteve numa prateleira em seu escritório por um ano inteiro. Se alguém olhava de relance para a cesta, ele se enchia de suspeitas e perguntava: parece familiar? Ele mantinha as esperanças, o velho besta. Mas Kreegs acabou sendo expulso de qualquer jeito, poucas semanas depois. Não lembro por quê. Alguma idiotice. Voltou pra Baltimore.

Encerrando a história aí, passou a se dedicar a sua *tarte tatin* enquanto os outros permaneceram largados num silêncio rompido apenas pelo ruído dos talheres contra a louça. Era típico do pai de Winn arrematar as histórias com algum fato vago e triste, desconhecendo que seus ouvintes ainda estavam na expectativa de alguma frase de efeito. O professor de inglês ergueu uma sobrancelha para Winn do outro lado da mesa.

— Colherinhas de café — disse ele, estapeando o ar com o utensílio. — Van Meter, eu medi minha vida com o quê?

— Perdão, senhor.

— Complete a frase, Van Meter. "Eu medi minha vida com..." o quê?

— Colherinhas de café?

— Isso, de quem é?

— Como?

— Que poema é esse e de quem é?

Como o silêncio se prolongou, aluno e professor reconhecendo nos olhos do

outro a preocupação crescente, o aluno porque seu pai pensaria que ele não havia aprendido, o professor porque o pai pensaria que ele não havia ensinado. A colher de café cintilava entre eles. Pouco antes de Winn se decidir a arriscar respondendo Eliot, a mulher do professor se intrometeu:

— James, você não tem *piedade*. Testar o menino durante o jantar. Ele está indo para Harvard em uma semana, está empolgado demais para ficar lembrando cada coisinha que você ensinou.

O professor, com o cachimbo cravado entre os dentes, começou a apalpar os bolsos.

— Felizmente para você, Van Meter, eu aprendi há muito tempo a ouvir a minha mulher. — Tipton deu um peteleco numa caixa de fósforos que estava de seu lado da mesa, mas o professor não a segurou e ela foi estalar no chão. — Parece que você se livrou dessa — disse ele a Winn, estirando-se para alcançar os fósforos embaixo da mesa.

— Obrigado, senhor.

— Eu, particularmente, nunca tive muita cabeça para poesia — comentou Tipton.

Quando o jantar foi encerrado e os convidados voltaram para casa, Tipton contou a história que Winn teria preferido que ele guardasse para si.

— É provável que um dos membros do Ofídios guardasse algum rancor de mim. Ouvi um deles maldizendo meu pai certa vez, passando adiante alguma besteira que ouviu do pai dele, com certeza. Eu teria gostado de entrar no clube, é claro. Consegui ir até o jantar final. Willy Abernathy era o presidente na época, embora eles tenham uma palavra estranha para isso no Ofídios. Ouro-alguma coisa. Não lembro. Mas que grande sujeito Willy era. Sempre saía com as garotas mais bonitas, e elas continuavam caídas por ele mesmo depois de ele partir o coração delas porque o fazia com muita educação e bondade. Usava um chapéu de palha que eu admirava, como o de um barqueiro. Comprei um igual, mas nunca ficou bem em mim, e de brincadeira o atirei no rio.

Em seus anos de graduando, Winn tinha tudo o que ele havia sido criado para acreditar que um homem de Harvard deveria ter. Fazia parte de vários clubes, aparecia em peças burlescas, cantava como tenor em um coro só de homens. A superfície de sua escrivaninha era obscurecida por uma máscula natureza-morta de objetos semiesquecidos: um cortador de charuto, uma garrafa revestida em couro, uma pilha de moedas, um grande pato de gesso roubado só de brincadeira do jardim de alguém. No espelho aparecia um jovem confiante de suéter sobre o

qual soprava a brisa salgada da juventude e da promessa.

O relógio de ouro acabou não combinando muito. Os garotos mais aristocráticos usavam relógios com pulseira de couro. Quanto mais Winn observava aqueles garotos, mais evidências encontrava para sustentar certas suspeitas que haviam brotado em Deerfield: seu pai, nem sempre, mas de tempos em tempos, se comportava como um novo-rico, uma posição muito menos desejável que aquela das prateleiras empoeiradas que sustentavam o velho dinheiro e onde ele, Winn, batalhava para garantir um posto sempre instável. Já no primeiro ano havia aperfeiçoado um desleixo calculado feito por meio das pontas gastas de seus mocassins surrados e o pequeno rasgo que abriu e depois emendou na lapela de seu blazer favorito. Embora gostasse de squash e de alguma ocasional partida de futebol americano, sua breve passagem pela equipe de calouros terminou quando um garoto mais velho, um do Ofídios, comentou que o nascer do sol só devia ser visto da calçada em frente à casa de uma garota ou no primeiro dia da caçada de veados. Comprou numa loja de Boston um relógio novo com uma pulseira marrom simples. O de ouro ele usava só quando voltava para casa, nos jantares de domingo. Certos garotos do Ofídios conseguiam driblar a norma usando roupas de dândi, praticando esportes ou estudando com afinco descarado, mas Winn não era dado nem à idiossincrasia nem à ambição e nunca se sentiu tentado a arriscar um desvio do jeito do Ofídios de fazer as coisas, um código inaudito que priorizava a ironia, a indiferença e as travessuras bêbadas acima de todas as coisas.

No fim das contas ele perdoava as raras gafes do pai porque sabia que havia sido o pai de Tipton quem tinha puxado a família para cima e a estabelecera naquela casa. Tipton, então, realmente *era* um novo-rico, e seus equívocos, por mais lamentáveis que fossem, eram compreensíveis. A mãe de Winn vinha de uma genuína família da alta sociedade, mas ela ficara fora durante a maior parte da infância dele, perfazendo sua lenta migração entre várias casas de recuperação. Voltou de vez apenas quando ele tinha 14 anos e já morava no colégio de Deerfield.

O Clube dos Ofídios era um prédio de tijolos numa rua de paralelepípedos, alto e estreito com cortinas pretas e, na soleira da porta, a imagem gravada de uma cobra engolindo o próprio rabo. Embora não houvessem aprovado Tipton, que era membro do ligeiramente inferior Clube de Cavalheiros Sobek, o Ofídios deu as boas-vindas a Winn, e após sua iniciação (uma noite dividida em partes iguais entre a farra e a humilhação bem-humorada), ele voltou para casa por um dia para descansar e regozijar. Pensava que o pai perguntaria sobre os segredos

que ele agora partilhava, e estava ansioso para fazer uma demonstração do digno silêncio que todos os membros do Clube dos Ofídios juravam adotar em face de qualquer inquisição, mesmo que, na verdade, desejasse contar tudo sobre a cascavel tostada, os lemas gregos, a medalha com o selo do clube que tinha que usar em volta do pescoço, as récitas desbocadas, o sentimento de receber a unção. Mas Tipton só se sentou em sua cadeira e ouviu o rádio, e no jantar foi para o Clube Vespasiano e não convidou Winn, que comeu sozinho embaixo do retrato de Tipton e depois saiu para encontrar a mãe.

— Mas esse clube é bom? — perguntou ela. Estava deitada no sofá junto à janela, uma bandeja com o jantar intocado em uma mesa baixa ao lado dela. Parecia mais velha do que era. Tinha deixado os cabelos ficarem grisalhos; as mãos e o pescoço contraídos, o rosto frouxo, e o restante escondido nas dobras do roupão e dos lençóis.

— É o melhor — respondeu Winn. — Eles quase não aceitam ninguém. Todo mundo quer entrar.

— Então está bom — concluiu ela, contemplando a rua abaixo.

Ele esperou, depois acrescentou:

— O papai quis entrar, mas não foi convidado.

Ela se virou para Winn, franzindo os lábios pálidos.

— Mesmo? Que maravilhoso pra você, Winnie, realmente maravilhoso. O que seu pai disse quando você foi aceito?

— Ele me parabenizou.

— Mas ficou feliz? Parecia realmente feliz por você? Diga à sua mãe a verdade.

— Ficou feliz.

Ela mexeu nas roupas de cama. Balançou a cabeça e deu de ombros como se participasse de uma conversa silenciosa. Um carro passou lá fora, atraindo seu olhar para a janela.

— Na verdade, ele não ficou tão feliz quanto eu achei que fosse ficar — acrescentou Winn. — Pensei que fosse querer saber das coisas. Pensei que fosse ficar contente por um Van Meter conseguir entrar pros anais dos Ofídios.

— Você acha que ele está com inveja? — Seus dedos agarraram o lençol. — Ah, meu Tipton, como ele pode ser invejoso. Foi a mesma coisa entre ele e o pai, não dava pra saber onde acabava a inveja e começava a decepção. Eles preferem que você pense que estão decepcionados, sabe? Isso os mantém no trono.

Winn pensou na cobra do Ofídios com seu rabo na boca, chamada, como o presidente do clube, Ouroboros.

— Eu fiz o que ele queria que eu fizesse. Ele queria que eu entrasse num clube

e, como ele sempre fala do Ofídios, pensei que gostaria que eu fosse um membro. Se ele queria que eu fosse do Sobek, deveria ter dito.

— Frio — comentou a mãe para as próprias mãos enquanto elas esfregavam o lençol. — Ele é frio.

Sob o teto de vigas do Clube dos Ofídios, longos dias eram desperdiçados no prazer triangular entre poltrona, bebida e cigarros. As noites, sempre que possível, Winn passava indo atrás de garotas. As garotas de Radcliffe eram ótimas quando conseguia conquistá-las, mas como tendiam a ser sérias e estudiosas e viviam em fortalezas protegidas, convinha acrescentar algumas locais que trabalhavam nas lojas da praça, umas de Wellesley, e eventualmente algumas colegiais. *A juventude é a melhor desculpa que você jamais vai ter*, dizia a si mesmo. Saía com garotas tão variadas quanto cachorros de exposição: a alta e estudiosa Miranda Morse, a peituda Deborah Latici, Michelle Fleming, violinista e vadia de alto nível, Bobbie Hodgson, que trabalhava numa padaria. Todas tinham algo a contribuir à sua posição social ou experiência sexual, e qualquer garota que beneficiasse os dois aspectos ele ficava contente em chamar de namorada por algum tempo. Eram relações juvenis, marcadas pela leveza e que se extinguiam com um toque delicado. E, quando, numa tarde memorável, Winn beijou Lily Spaulding, tocou os seios dela e depois subiu um lance de escada para beijar a amiga dela Isabelle Hornor, numa investida que foi além das fronteiras de lã da barra de sua saia, fez isso tomado pelo espírito da diversão.

Quando a formatura se aproximou e passou, devolvendo-o à cidade para que ele se unisse aos colarinhos-brancos, às firmes fileiras de solteiros jovens e trabalhadores, começou a vivenciar uma sensação irritante de que faltava pouco para que a absolvição prévia do pai expirasse. Tipton nunca chegou a dizê-lo, nunca expressou qualquer desaprovação, mas tampouco voltou a fazer qualquer menção à juventude como desculpa. Quando Winn voltava para casa, o que fazia cada vez com menos frequência, Tipton o levava ao Vespasiano para refeições longas e sombrias durante as quais pai e filho apenas comentavam as notícias do dia e as mortes e casamentos dos conhecidos da família.

Ao mesmo tempo em que Winn acreditava que jovens deviam ser despreocupados, também acreditava que adultos de valor tinham que aguentar o fardo da respeitabilidade. Intrigava-se em saber quando exatamente a música devia ser interrompida, os bêbados mandados para casa, o papel picado varrido do chão, para dar lugar a berços e labradores. É agora?, ele se perguntou ao largar o drinque em cima da mesa e interromper uma conversa com uma bela garota para vomitar na piscina de seu amigo Tyson Baker. Ao ficar sabendo, meses mais

tarde, que Tyson Baker havia morrido num jogo de hóquei sobre um lago congelado, caindo através do gelo como se fosse chumbo, voltou a pensar: É *agora?* Acordando e encontrando um pedaço pegajoso da meia de uma mulher enrolado como uma máscara em volta de seu rosto, quebrando uma taça de champanhe com uma faca de manteiga num casamento quando pretendia apenas convocar um brinde, lascando um dente na calçada em frente a uma lanchonete aberta 24 horas. No Natal. A cada Ano-Novo. A cada aniversário. Em funerais, casamentos. Quando ficava ouvindo através da porta enquanto uma namorada chorava na banheira. É agora? É agora? É agora?

Na faculdade, pensava que os 28 anos seriam uma idade apropriada para encerrar a juventude, e resolveu, à medida que a data se aproximava, que de fato viraria uma página nesse momento. Passou o aniversário de 28 na casa de um amigo, jogando croquet num gramado que, passando o último arco, caía dramaticamente para o mar. Sua parceira era uma garota boba que dizia "Achei que fosse acertar essa!" após cada tentativa desastrada. Ela mesma tentou fazer piada de sua incompetência dizendo que Winn não gostava dela por suas habilidades em croquet, mas ele a havia levado, na verdade, justamente porque ela dissera que era boa nisso. Entre a inépcia dela e os coquetéis de rum que eles inventaram no almoço, conseguiu perder 100 dólares no jogo. Decidiu que não poderia começar a vida adulta de forma tão deplorável e preferiu postergá-la por mais algum tempo.

No fim, foi a morte do pai que fez de Winn, aos 31 anos, um homem. No funeral, enquanto algum amigo da escola de Tipton entediava a todos com uma leitura das escrituras, Winn sentiu os últimos grãos de sua juventude se esvaírem. Seu pai havia deixado o relógio de areia levemente inclinado para ele, enganando um pouco o tempo, mas agora, com a evaporação daquelas mãos paternais, o relógio estava zerado mais uma vez, a areia e as cinzas acumuladas no fundo. Tipton tinha 71 anos, e havia sido tomado por um agressivo câncer de próstata contra o qual se recusara a lutar. Seu parceiro de golfe subiu no estrado e limpou a garganta.

— Trecho do livro do Apocalipse — começou ao microfone. Parecia estranho no terno escuro, sem o colete xadrez e as capas pomposas dos clubes. — E vi um novo céu e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe.

Com o pai morto, Winn passava a ser o homem da família, e como não demoraria muito para que a mãe fosse suprimida pela sucção coletiva de suas indisposições imaginadas, não haveria muito tempo até que ele, de fato, *fosse* a

família, um homem com o peso de todos os Van Meter sobre os ombros. Tinha alguns primos, tias e tios pelo nordeste do país: nenhum do lado do pai, todos vindos do mesmo braço apático dos Brahmin ao qual pertencia a mãe, todos baixos e com o queixo proeminente dos Habsburgo, membros de uma dinastia que tinha sobrevivido algumas gerações a mais do que deveria. Mal os concebia como família.

Enquanto fazia sua elegia, Winn notou uma garota na quarta ou quinta fila, Elizabeth Hazzard, chamada de Biddy, que ele conhecia, mas não muito bem, apenas como filha de um sócio distante de seu pai. Ela emprestou seu lenço à mulher de trás, talvez sua mãe, porém não secou os próprios olhos. A visão o fez parar, e ele limpou a garganta como se quisesse conter o choro. Quando continuou, descobriu-se falando principalmente para Biddy, contando a ela sobre seu pai, como Tipton havia sido um homem honrado e digno, respeitado por todos os que o conheciam, um grande modelo. Apreciou ela não ser alguém que chora em funerais, como se as lágrimas fossem uma exigência como os aplausos num jogo de tênis. Gostou de seu vestido azul-marinho, o corte absurdo de cabelo, os traços remanescentes de um bronzeado de verão, a maneira ereta como ela se postava. Talvez ele estivesse sendo inadequado em procurar uma namorada no funeral do próprio pai, mas não conseguia sentir nenhuma culpa, apenas gratidão pela presença de Biddy. Em seu rosto limpo Winn via esperança e frescor, enquanto a toda sua volta pendiam tapeçarias da decadência.

Casaram-se menos de um ano depois no gramado da casa dos pais dela no Maine. A lista de convidados foi pequena porque Winn ainda estava de luto pelo pai. Biddy usou uma flor de cerejeira na lapela, que mais tarde caiu sem ser notada. A mãe dele ficou dentro da casa e assistiu da janela, alegando ser frágil demais para a brisa do mar. O vestido de Biddy era contido, quase simples. Harry Pitton-White, padrinho de Winn, estava com uma gastroenterite e ficou balançando ao lado dele durante os votos, como uma árvore prestes a cair. Em seu brinde, o pai de Biddy disse estar contente porque sua filha estava se casando com um homem que nunca faria nenhuma besteira, o que Winn tomou ao mesmo tempo como elogio e ameaça. Após ele e Biddy partirem para o quarto opressivamente florido de uma pousada rangente, as madrinhas e os padrinhos embriagados que ficaram foram dar um mergulho pelados no frígido Atlântico da primavera, uma façanha que deixou Winn com inveja quando ficou sabendo no *brunch* do dia seguinte. Por baixo do vestido de noiva, Biddy estava usando uma cinta-liga branca e meias que ele achou insuportavelmente sedutoras, mas não disse nada, para não constrangê-la com a empolgação e também presumindo

equivocadamente que ela devia ter todo um enxoval de lingeries, em que Biddy iria, sem que precisasse pedir, desfilar ao longo do primeiro ano. O silêncio sobre a cinta-liga: o primeiro arrependimento de seu casamento.

Winn achava que se lembrava da maior parte do dia do casamento, no entanto não tinha qualquer lembrança dos preparativos, ao menos não de toda aquela agitação que surgia agora em torno do de Daphne. O casamento deles havia sido um casamento, não um grande encontro familiar, o lançamento de um míssil e um jantar oficial tudo de uma vez. Talvez Biddy e sua mãe tivessem passado pelas agonias das decisões e obsessões, comparações de todos os tons de branco e de todas as flores do mundo, mas ele estava fora fazendo suas próprias coisas, trabalhando, jogando golfe e seguindo os ritos bêbados de seus últimos hurras. Agora, embora ainda pudesse alegar que ia trabalhar ou jogar golfe, suas ausências não diminuíam em nada a inundação de sua casa, de sua caixa de correio e da mente de sua mulher com convites, penteados, utensílios de mesa, quartetos de corda e a grande dúvida quanto a se o ganache de chocolate em cima da torta de caramelo não seria demais. Via-se assumindo fortes posições sobre coisas que ele jamais havia contemplado: livros de convidados e brindes de festa, guardanapos e centros de mesa. "Lírios", Biddy recitava enquanto dormia. "Tulipas." Quantidades dolorosas de listas de checagem, sacas e mais sacas delas, suficientes para um grande desfile de tiques, voavam de sua escrivaninha, pousavam brevemente entre os dedos de Biddy ou Daphne e em seguida partiam para a florista, a costureira ou qualquer outra da gangue de mulheres que alegremente varria as contas bancárias de Winn.

— É, a gente está fazendo tudo às pressas e isso traz um custo adicional — explicava Biddy. — Não podemos fazer nada quanto a isso.

Ela estava certa. Eles não podiam fazer nada. Greyson era perfeitamente apropriado. Usava gravata borboleta e cintos com patos ou baleias estampados, e era sempre afável. Gostava de velejar, praticar remo, dançar e frequentar festas. Formado fazia cinco anos, já progredia em direção a uma fortuna própria, mas se intimidava diante de qualquer coisa chamativa ou grosseira, preferindo usar calças cáqui e dirigir um Nissan notável por sua antiguidade e pequenez, o que Winn tomava como uma marca de boa formação. Na verdade, Winn não sentiria nada além de um prazer orgulhoso se não fosse pela protuberância no vestido de Daphne. O dedo dela já estava inchado para além da capacidade de sua aliança escolhida cuidadosamente, e foi preciso comprar no último minuto um anel especial a ser usado na cerimônia.

— Os dois estudaram em Princeton — dissera Winn a Biddy depois dos

anúncios simultâneos de parto iminente e casamento. — Os dois têm empregos respeitáveis. Era de se imaginar que saberiam como usar anticoncepcionais.

— Acho que eles podem não ter se importado muito — respondeu Biddy. — Daphne queria um bebê. Eles sabiam que iam se casar em algum momento.

— Deviam ter pensado em nós — concluiu Winn.

Seis • Sua sombra à noite

A família Duff chegou dez minutos antes do que se esperava. Winn estava na cozinha picando cebolinha quando a voz de Celeste estrepitou do terraço:

— Duff à vista!

Quando ele enfim conseguiu sair e parar junto à porta da frente, ainda de avental, com uma das mãos levantadas como cumprimento, uma caravana de carros alugados já havia emergido das árvores: primeiro um sedã branco simples — os bons e velhos Duff não se arriscavam em adereços — e atrás dele dois jipes, de capota abaixada, rugindo estrada acima como se levassem o general Patton às linhas de frente. Estacionaram numa fila ordenada numa das margens da terra arada, e Greyson saltou do primeiro jipe, gritando uma saudação a Winn e no mesmo fôlego retrucando alguma besteira dita pelos dois garotos que o acompanhavam. Winn soltou um sincero:

— Olá, amigo!

Francis, o irmão de Greyson, vinha no compartimento de carga atrás dos assentos, e se desdobrou para passar a barra de trás e chegar ao para-choque com um ar de dignidade ferida. Descendo ao cascalho, parou para inspecionar a calça (vermelha, com baleias estampadas em branco) para ver se estavam sujas. Enquanto o fazia, o outro garoto, Charlie, o melhor amigo de Greyson, saltou em cima dele e o agarrou numa chave de braço. Francis, fraco feito alga marinha, aceitou o ataque sem protestar.

— Ficou com dor de cabeça? — provocou Charlie. — Está sofrendo uma grande agonia? A noite está arruinada?

— Não vou saber por um tempo — replicou Francis. — Não acontece na hora.

— Winn, você se lembra do meu irmãozinho, Francis. E do meu amigo Charlie — apresentou Greyson.

Greyson sempre aparentava certo vigor, porém parecia ainda mais enérgico do que de costume. Se tivesse uma bola de futebol na mão, estaria fazendo lançamentos para Charlie e Francis e seus outros irmãos, os mais velhos, sentados no segundo jipe e travando uma discussão aos sussurros.

Greyson tinha três irmãos e nenhuma irmã. Quatro meninos nascidos em intervalos regulares de dois anos, quatro Duff em sequência. Para Winn, quatro filhos em uma só família era um excesso de riqueza, apesar da qualidade desigual dos rapazes. Greyson era o melhor de todos, com certeza. O mais velho, Sterling, passava o tempo inteiro na Ásia e não tinha uma boa reputação. O seguinte, Dicky Jr., era congenitamente rígido — e por que Dicky e Maude decidiram dar o nome do pai ao segundo filho era algo que Winn não conseguia imaginar. Então vinha Greyson e depois Francis, o esquisito da família, com uma aparência quase de mauricinho, parado ali com seus óculos com armação de tartaruga e suas calças com estampa de baleias, mas sempre tomado por alguma indagação espiritual, abraçando uma série de religiões orientais, ambições profissionais e paixões artísticas.

Winn os conduziu até a porta:

— Rapazes, vocês podem me fazer o favor de entrar, ver se conseguem achar minha mulher e mandar ela aqui pra fora?

Quando Greyson e Charlie já haviam entrado aos empurrões na casa, com Francis tropeçando atrás deles, Winn se voltou para os outros recém-chegados. O sedã branco era ocupado de um lado pelo pai de Greyson, Dicky, e do outro pela mãe, Maude. Dicky ergueu os dois braços e acenou com a cabeça para que se aproximassem.

— Olá, pessoal da casa.

— Olá, pessoal do carro — retribuiu Winn em volume mais baixo.

— Muito obrigada por receber a gente, Winn — agradeceu Maude. — Que casa adorável. É simplesmente *adorável*. — Ela fez sombra sobre os olhos com uma das mãos numa forma de cumprimento.

Maude e Dicky abriram as portas traseiras do carro, estenderam as mãos e, como dois mágicos realizando truques idênticos, cada um deles puxou uma senhora. A de Dicky o repeliu, dizendo em voz alta:

— Estou bem, estou bem.

— Só estava querendo ajudar — explicou ele.

— Bom, você está no meu caminho.

Alta e sólida, com seus cabelos brancos curtos e lisos, ela vestia um conjunto azul com pérolas e, num cordão, óculos grandes e redondos feito escotilhas. Essa

era Oatsie, a mãe de Dicky. Do lado de Maude, primeiro emergiu a ponta de borracha de uma bengala, testando o chão, depois um par de pernas mínimas em sapatos Keds, depois panturrilhas raquíticas cobertas em nylon e finalmente um corpo frágil de mulher vestindo um terno rosa Chanel, encimado por uma nuvem de cabeleira estilo Barbara Bush. Era Mopsy. Suas mãos trêmulas oscilaram com indecisão entre a bengala, o braço de Maude e a porta do carro. Maude passou sua mãe a Dicky e deu a volta até o porta-malas.

— Bloody Mary! — anunciou ela, erguendo uma sacola de pano e esforçando-se para mantê-la no alto de modo que Winn visse. — Eu estava com um grande desejo. Fiz em casa e trouxe no avião, você acredita? Daphne vai ficar com a receita quando eu morrer, mas não antes. Não dá pra fazer melhor.

— Eu nem ousaria tentar — garantiu Winn.

Os dois mais velhos haviam enfim encerrado a discussão, e Dicky Jr. se apressou na frente para pegar a sacola de sua mãe, enquanto o outro, Sterling, o esquivo primogênito, distinto em sua calça clara listrada, ficou junto ao jipe dando os últimos tragos no cigarro. No instante em que jogou a ponta no cascalho, Oatsie latiu:

— Sterling, pega essa bituca!

Sterling obedeceu, jogando a bituca dentro do jipe antes de trotar em direção a casa. Winn permitiu que sua mão fosse espremida por Dicky e girou entre as avós e Maude, beijando bochechas. Pegou a sacola de pano com as garrafas térmicas da mão de Dicky Jr., que franziu as sobrancelhas com desconfiança para a casa, e foi apresentado a Sterling, o único membro do contingente Duff que nunca havia visto.

— O padrinho principal — anunciou Winn. — Você estava em Hong Kong?

— Exato — confirmou Sterling.

— Ficamos contentes por você ter feito essa viagem. Eu sei que significa muito pra Daphne e Greyson que esteja aqui.

— Pode apostar.

Sterling tinha apenas 30 e poucos anos, mas seu rosto apresentava certo inchaço libertino, e seu cinto era encimado pela pança protuberante de um homem mais velho. Seus olhos, embora com cílios longos e de uma cor caramelo bastante incomum, não entregavam nenhuma disposição para o humor. Seu olhar era estranhamente fixo, até frio.

— Casa do orvalho — disse Oatsie, lendo a placa acima da entrada. — Inteligente.

— Puxa, não é engraçado? — comentou Maude. — Foi você que pensou nisso,

Winn? Você é tão criativo. Deve ser de você que Daphne puxou a imaginação. Muito obrigada por nos receber, de verdade. É uma satisfação. E Greyson disse que é você quem está *cozinhando*? Realmente, você é generoso demais.

— Não exagera, Maude — comentou Oatsie.

— Que dia é esse. Que dia! — Dicky entrou na conversa.

— Não é mesmo? Você acredita que esse casamento está tão perto? — continuou Maude. — Esses dois jovens maravilhosos começando a vida juntos. Temos muita sorte, não temos? Não temos?

— Temos mesmo — concordou Dicky.

— É — completou Dicky Jr.

Maude continuou tagarelando sem parar com Winn como se o confundisse com um apresentador de programa de auditório.

— Vou contar a você, eu realmente penso em Daphne como uma filha. Penso mesmo. E finalmente ter uma mulher por perto, nem consigo dizer como é maravilhoso. Depois de todos esses meninos, eu não consigo nem dizer... Ah, *oi*!

Biddy finalmente apareceu. Os beijos recomeçaram, assim como o entusiasmo de Maude por sua receita de Bloody Mary e pela generosidade dos Van Meter.

— Um dia e tanto — insistiu Dicky.

— Entrem — chamou Biddy.

Mopsy agarrou o braço de Winn por trás, surpreendendo-o com a força de sua pegada.

— Temo dizer que de fato preciso...

Winn aproximou mais o ouvido.

— O quê?

— Ela precisa se sentar — disse Dicky Jr. alto. — Ela fica cansada. Entra, vó. Por aqui. — E a soltou de Winn.

— Ah, esta casa — exclamou Maude assim que passou pela porta. — Que *adorável*. E que bonita decoração. Olha esse quadro.

— Foi um amigo que pintou — explicou Winn. — Só está aí porque Biddy insistiu.

— Assim espero — disse Oatsie, examinando a tela, uma paisagem alpina, através de seus óculos enormes.

Maude juntou as palmas.

— Bom, é *adorável*. E que gentil que vocês tenham pendurado na parede. Greyson tem tanta sorte de estar se juntando a uma família com uma casa como esta.

— Daphne conta maravilhas da casa de vocês no Maine — declarou Biddy por cima do ombro, liderando o caminho em direção à cozinha. — As fotos que ela mostrou são incríveis. Perguntei a Daphne qual era o tamanho da propriedade, mas ela é horrível pra essas coisas.

— Deus a abençoe. Ela é *maravilhosa* — elogiou Maude.

Dicky limpou a garganta.

— Uns 22 hectares.

— Deve ser um bom pedaço da ilha — apontou Winn.

— Bom, ela é a ilha.

— Acredite em mim — disse Biddy, reaparecendo no hall de entrada. — A culpa é toda de Daphne por não ter mencionado isso.

— Você sabe, a casa é muito simples, muito rústica — comentou Maude. — Compramos muito tempo atrás quando a terra estava bastante subvalorizada lá. É um lugar *maravilhoso* pra crianças.

Na imaginação de Winn, criou-se toda uma vida de duelos entre casas em ilhas, campanhas de ambos os lados para seduzir as crianças e arrebanhar o favoritismo dos netos. Daphne já devia ter ido à casa dos Duff umas dez vezes e nunca parecia ter sequer cogitado transmitir o detalhe crucial de que a propriedade de verão dos Duff não era *em* uma ilha, e sim *a* ilha. O mais provável era que ela nunca tivesse perguntado, nunca tivesse pensado nisso.

— Compramos um filé de atum pra você — informou ele a Dicky. — Daphne disse que você e a lagosta não se dão muito bem.

— Não mesmo — confirmou Dicky. — Nem a morte por asfixia. É uma pena porque estou sempre vendo outras pessoas comendo lagosta. Francis também recebeu o gene, coitado. É pior que eu. Não pode nem tocar.

— Daphne não me contou isso. Droga, só tenho um...

— Ah, não se preocupe com isso. Francis pode ficar com os restos. Se ele tiver sorte, eu dou um pedaço do meu atum. Ah, aí está Daphne!

Ele se afastou, e Winn ficou parado na entrada da cozinha. Biddy estava despejando os Bloody Mary das garrafas térmicas de Maude numa jarra de vidro e conversando com Oatsie, enquanto Celeste pairava como um vampiro sobre seus ombros, de olho no suco de tomate. Dicky e Maude haviam saído ao deque para abraçar Greyson e Daphne; as madrinhas e os padrinhos desempenhavam uma dança de beijos na bochecha; na sala, Mopsy estava sentada numa cadeira de balanço olhando pela janela na direção de Sterling, parado no gramado de costas para a casa fumando mais um cigarro. Winn ficou contente de ver Livia ali

fora no meio de todos eles, beijando bochechas como os demais. Trajava um vestido azul que lhe caía bem, e o sol do dia a havia corado um pouco, embora ainda parecesse magra demais. Antes de Livia definhar para ser esse fiapo de gente, e Daphne assumir a forma de dirigível que a gravidez lhe dava, as duas eram muito adoráveis, jovens, perfeitas. A promessa de fertilidade (preferível à sua evidência) as acompanhava de diversas maneiras, em seus olhos grandes e em seus lábios carnudos, nas cinturas estreitas e nos quadris de violino.

De onde vinham aqueles quadris era um mistério. Biddy tinha a forma de uma folha de grama, e Winn, também, era reto e esguio, enquanto as meninas reclamavam que nunca encontravam calças que coubessem, que tudo em seus armários tinha que passar pela agulha de um alfaiate. Biddy jurava que sua família era constituída apenas por varas móveis e falantes, postes de bambu, corrimões, de modo que a linhagem de Winn devia ser a fonte, sendo os quadris delas a herança de alguma mulher morta havia muito tempo, uma Eva anônima das terras baixas da Holanda, seguida por um rastro de crianças enquanto batalhava seu caminho entre o forno, o campo, o celeiro e de volta ao forno. Agora que Livia tinha perdido seus quadris, e que os de Daphne haviam encolhido em contraste com a barriga e os seios, Winn se via contemplando através da porta da cozinha duas jovens que usavam os rostos de suas filhas e habitavam versões de seus corpos, mas que lhe eram estranhas, também.

Livia soube, assim que a família Duff entrou em cena, que a festa seria um desses encontros pequenos e bem-sucedidos que efervesce desde o começo e segue adiante, estimulado por uma maré de álcool, até que um ápice despercebido de bom humor passa, seguido por uma longa e cansativa transição à negligência, ao sono e ao arrependimento. Não se atrevia a ir a qualquer festa desde o incidente no Clube dos Ofídios. Ela havia se humilhado por vontade própria na frente de uma elite ainda em forma de larva, cujo julgamento iria, muito provavelmente, pairar sobre ela pelo resto de sua vida, e desde então preferia se proteger em si mesma. Mas esta festa, esta pequena farra familiar, parecia uma forma segura de voltar à ativa.

A noite estava suave. A oeste, o céu era feito de diversos tons mais escuros, enquanto acima de suas cabeças a cúpula ainda era azul, com rastros brancos que se alongavam como as listras laterais dos alevinos. Todos estavam fora exceto o pai. Após mandá-la levar um prato de queijo e algumas bandejas de salmão defumado e coquetel de camarão, ele havia virado sem muita atenção meia taça de vinho e voltado à cozinha para se agitar à sua maneira teatral, cortando em

ritmo acelerado, despejando, batendo e esmigalhando com a verve de um maestro de orquestra filarmônica. Até Mopsy tinha sido acompanhada para fora por Dicky Jr., e agora estava sentada lá, esfregando os braços e reclamando do frio. Livia estava de pé, com um Bloody Mary na mão, ouvindo Dicky recitar sua rapsódia sobre a mais recente ninhada de filhotes de labrador dos Duff.

— São lindos, lindos — dizia ele. — Simplesmente lindos.

Pelo que ela havia entendido, Dicky havia se aposentado no topo de uma carreira amorfa e lucrativa mexendo com dinheiro, para poder escrever pesados tomos historiográficos que publicava por sua conta, livros com títulos de um só nome como *Napoleão*, *Berlim* ou *Verdun*. Tinha um sorriso ao estilo Roosevelt, o maxilar sustentando perpetuamente uma piteira imaginária. Será que alguém escreveria um livro intitulado *Duff*? Ou *Dicky*? "Dicky" não era redução de nenhum nome, segundo Daphne; estava escrito em sua certidão de nascimento. Seu falecido pai, Richard Duff IV, não queria legar a ele o fardo de um V, mas Dicky decidira ir em frente e recomeçar o ciclo com Dicky Jr.

— Está trabalhando em algum livro novo? — perguntou ela.

— Estou, sim. Meu assistente começou a pesquisa para uma biografia de Oliver Wendell Holmes.

— Você já tem um título?

— É uma história engraçada. Pensei em chamar de *Holmes*, mas alguém comentou que as pessoas poderiam achar que estou me referindo a Sherlock Holmes, então agora o título provisório é *Justiça*.

Ele embarcou numa descrição detalhada de seu interesse em Holmes e já havia chegado aos anos de faculdade numa sinopse de sua vida quando Oatsie, que passava ali perto, falou:

— Dicky, já chega de falar sobre esse livro.

— Tudo bem, mãe, sobre o que você quer falar, então?

— Por que você não pergunta à jovem alguma coisa sobre ela?

— Tudo bem. Livia, você está em Harvard, não é? Passando para o segundo ano?

— Passando para o último.

— Ah, certo. E tem planos pra depois?

— Vou fazer um Ph.D. em biologia marinha.

— Puxa. — Ele lhe ofereceu seu maior sorriso, girando a taça de vinho.

— Achei que seu pai tinha dito que você iria cursar direito — comentou Oatsie.

— Ele diz isso às vezes — concedeu Livia. — Só porque por um tempo Daphne pensou em fazer direito, e ele gostou da ideia.

— Você quer ser alguém tipo Jacques Cousteau? — perguntou Dicky. — Nadar com os peixes?

— Você devia cursar direito — sentenciou Oatsie. — Seria uma ótima advogada. Você tem cabelos muito bonitos.

— Obrigada — disse Livia. Quando fosse velha, queria ser como Oatsie: imperiosa, brusca e indiferente à lógica.

— Aquela mulher, Janet Reno — prosseguiu Oatsie. — O cabelo dela era uma abominação.

— Sterling fez um ano de direito — comentou Dicky, girando em seu eixo. — Sterling! — O irmão de Greyson havia quase chegado ao final do gramado, junto às árvores. Virou-se ao ouvir a voz do pai. — Sobe aqui.

Obediente, levando nas mãos um copo cheio de um líquido âmbar, Sterling subiu pelo gramado.

— Você conhece Livia? — perguntou Dicky, abrindo os braços em volta de ambos como se acabassem de assinar um acordo de paz.

— Olá — saudou Sterling, trocando o copo de mão para cumprimentá-la.

Livia foi pega de surpresa pelo modo gritante como ele a analisou de cima a baixo. Dicky não hesitou:

— Livia está considerando cursar direito. Pensei que você pudesse ter alguns conselhos pra ela.

— Onde você estudou? — quis saber Livia.

— UCLA.

— É mesmo?

— Não é boa o bastante pra você?

— Eu estava imaginando algum lugar no Oriente.

— Francis — gritou Oatsie —, não deixa o copo aí. Alguém vai quebrar.

Ela caminhou para longe, e Dicky se afastou, acometido por uma atração inexorável pelo gramado, onde Greyson, Charlie, Dicky Jr. e Dominique haviam começado um jogo de badminton. Livia e Sterling foram deixados sozinhos. Na doutrina da família Duff, da qual Daphne tinha se tornado uma evangelista, Sterling era sempre retratado como um grande mulherengo, e Livia não esperava alguém tão lacônico e desencanado.

— Eu precisava dar um tempo da comunidade — disse ele.

Livia ficou confusa.

— Qual comunidade?

— Esta comunidade. Todas estas pessoas que conhecem meus pais. Este mundinho onde todos sabem tudo sobre todos. Não que Hong Kong seja muito melhor. Os estrangeiros estão todos em contato.

— Estranho.

Sterling fixou o olhar nela, e deu um meio-sorriso.

Livia esperou que ele dissesse alguma coisa, mas não disse nada.

— Você gosta?

— De estar em contato com outros estrangeiros?

— De Hong Kong.

— Gosto de como os chineses fazem negócios.

— E como é?

— Bêbados.

Ela riu. Mais uma vez, ficou esperando que Sterling dissesse alguma coisa. Mais uma vez, ele apenas a observou em silêncio. Sua vaguidão a deixava apreensiva, nervosa. Livia perguntou:

— Onde você estudou antes da UCLA?

Ele pegou uma jarra de Bloody Mary quase vazia de uma mesinha próxima e verteu os restos grossos no copo dela.

— Bowdoin. Sou o único que ficou de fora de Princeton, embora ache que Francis não conta, já que a gente teve que comprar a entrada dele.

Livia não conseguiu resistir à isca.

— Como assim?

— O pequeno Francis não conseguia manter os olhos em sua própria prova. Os professores fingiam que não viam. Os garotos notavam. No fim, alguém cansou e denunciou. Em vez de deixar que ele tomasse outro rumo, meu pai e minha mãe forçaram que tudo se repetisse, e ele voltou a ser pego em Princeton. Quase foi expulso. Princeton acabou ganhando uma nova biblioteca de artes dramáticas.

— Eu não sabia de nada disso. — Livia estudou Francis, que estava no gramado com os demais. Com preguiça, ele tentou bater na peteca e errou.

— Não saiu no boletim de notícias de Natal.

Livia sempre gostou dos Duff. Eram companhias indolores. Dicky e Maude viviam nos confins familiares: a Ivy League, a Junior League, a Lista de Famílias da Alta Sociedade, as normas de etiqueta de Emily Post, as normas de vestimenta de Lilly Pulitzer, a Sociedade das Filhas da Revolução Americana, os nós Windsor, as faixas de cintura, capas bordadas para as caixas de lenços, L.L.Bean, o Memorial Day, o Labor Day, decoração à base de aves aquáticas. Eram

antiquados, míopes, irrepreensíveis. Greyson era uma versão modernizada de seus pais, ainda um cidadão correto, mas relaxado, esclarecido, não mais analógico. Dicky Jr., embora tivesse apenas 30 anos, parecia pertencer a uma geração anterior. Tinha a falta de alegria de alguém que acompanhou ciclos de guerra, revoltas sociais e ruínas financeiras demais para se importar com os caprichos da juventude moderna. Segundo Greyson, Dicky Jr. fora um dedicado Jovem Republicano em sua adolescência e, aos 20, aplicou-se a seu emprego no mercado financeiro e a uma metódica investigação da mulher que lhe seria adequada, resultando no fim em uma imagem feminina espelhada em si próprio que se fundiu a ele num casamento tão frio e perfeito quanto a ligação entre dois blocos de gelo adjacentes num iglu. Ela era conhecida como Sra. Dicky e só chegaria pouco antes do jantar de véspera — por questões de trabalho, como Dicky Jr. tinha explicado. Ao entrar nos 30, ele parecia estar se acomodando de vez ao lado de uma eterna lareira imaginária para uma vida de leitura de jornal e ruminação nervosa. Francis era o clássico bebê da família, mimado e bajulado, porém Livia sempre achara que Sterling, e não Francis, era a ovelha negra da família.

Livia tinha interesse em conhecer o protagonista das histórias terríveis que Daphne contava com um horror zombeteiro, e agora uma lufada da sedução de Sterling parecia vir espiralando pela brisa. Sua disposição de se distanciar do informe oficial da família era empolgante, e ele exibia uma confiança preguiçosa, reptiliana, que a atraía. Um reconhecimento nasceu dentro dela: ali estava ele, o estepe, embrulhado para presente e entregue à sua porta. Se ela e Teddy voltassem, não teria tanta raiva dele por ter tido uma ou duas histórias casuais se ela tivesse algum lance próprio.

— Mas você decidiu não terminar a faculdade de direito — apontou Livia.

— Eu precisava me afastar mais.

— Você parece bastante arrumadinho, com essas calças listradas. Quão longe pode ter ido?

Pela primeira vez Sterling deu um sorriso pleno, expondo os dentes inesperadamente brancos e alinhados, um sorriso de cinema. Olhou para as próprias pernas.

— Não conta pra ninguém, mas estas calças são irônicas.

— Isso não existe.

— Não faça direito. — Ele estava sério mais uma vez.

Livia revirou os olhos.

— Eu nunca disse que iria fazer direito. Nunca disse sequer estar pensando

nisso. Estou estudando biologia marinha.

— Tipo Jacques Cousteau?

Ela forçou um sorriso:

— Foi exatamente o que o seu pai disse.

Ele deu de ombros.

— É a coisa óbvia a se dizer. Nunca conheci ninguém com mais de seis anos que quisesse ser biólogo marinho.

— Vou fazer um Ph.D.

— É o que você quer?

— É, com certeza.

— Bom, contanto que esteja satisfeita. — Ele deu um gole na bebida. — Parece ótimo. Ir atrás de bolsas, ir atrás de peixes, ir atrás de cargos. Parece divertido.

— Você diz pra eu não fazer faculdade de direito, e agora me sacaneia por querer fazer outra coisa?

Sterling se aproximou e segurou o antebraço de Livia. Seu olhar era inabalável, não invasivo, mas estranhamente inativo, como se os olhos tivessem pousado sobre ela e ele não se importasse em movê-los.

— Eu só estou provocando. Não estou acostumado a falar com pessoas que sabem o que querem.

Ele a soltou. Livia não saberia dizer se alguém havia notado o toque; ninguém parecia estar olhando.

— O que te faz tão imune a tudo? — perguntou ela.

— A quê?

— À comunidade.

— Nada. Não sou. Fui destruído pelos males da minha formação e pela falta de dignidade da minha espécie.

— Sterling — chamou Oatsie do outro lado do deque. — O que você está dizendo aí?

— Só conversando, vó — respondeu Sterling. Tomou mais um gole de seu uísque, com os olhos subitamente escuros, como se Oatsie tivesse chutado seu fio e desligado da tomada.

Com suavidade, Livia prosseguiu:

— Sua avó me disse que eu tenho cabelos bonitos e que daria uma ótima advogada.

Sterling bufou.

— Prefiro ver você na proa de um barco, procurando golfinhos.

— E você vai estar em algum lugar da Ásia, usando calças irônicas.

— Na Ásia minhas calças são sempre muito, muito sinceras.

Ela deu um passo à frente, chegando mais perto dele.

— Você disse que não costuma conversar com pessoas que sabem o que querem. Você sabe o que quer?

Sterling não piscou:

— Sempre.

No ar em torno deles, a noite ajustou sua orquestra.

— O quê? — perguntou ela, sentindo-se ousada e temerosa ao mesmo tempo.

— Agora — respondeu ele —, eu quero sentar.

Deu um giro, levando-a junto, e sentou-se numa das cadeiras Adirondack, puxando-a para que se sentasse no braço do móvel. Os dois inspecionavam o gramado: as figuras reluzentes em movimento e o brilho branco da peteca.

Era preciso cozinhar as lagostas. Winn pescou as primeiras seis das caixas no chão da cozinha, duas de cada vez, e as soltou de costas na panela com água fervente. As lagostas restantes se arrastavam umas sobre as outras, purpúreas, perdidas, com suas garras tristes e impotentes. Haviam sido empacotadas com camadas de algas verdes e marrons, e algumas delas pareciam estar usando perucas lustrosas. Winn não sabia por que se acrescentavam algas — quando Livia era criança, ele tinha explicado, por preguiça, que as lagostas se alimentavam das algas, mas ela consultara um livro e o corrigira. O mais provável era que quisessem deixar a caixa mais confortável para as lagostas, não para o bem delas, mas para que as pessoas pudessem se sentir melhor quanto às horas finais vividas pelos seres que seriam seu jantar. Winn já havia coberto a mesa da cozinha com uma toalha vermelha e branca e colocado sobre ela uma salada verde, os milhos e a salada de tomate, pão francês em fatias, pratos de plástico e talheres. Comeriam no deque junto ao gramado, o que não era ideal para uma comida difícil como lagosta, que exigia o ataque com as duas mãos, mas era melhor que trazer toda a confusão para dentro de casa. Biddy entrou com uma garrafa de vinho vazia e espiou o interior da panela.

— Elas estão batendo a cauda. Odeio quando elas batem a cauda.

— Não estão muito contentes com a situação — comentou Winn. — Deixa a tampa na panela e tudo vai acabar mais rápido.

— Tenho pena delas.

— Não passam de insetos crescidos.

— Tenho pena delas mesmo assim.

— O sistema nervoso delas é muito básico, Biddy. Não sentem as coisas do

jeito que nós sentimos. Só estão *reagindo*. Não são seres *emocionais*.

Biddy ficou parada por um instante, observando o interior da panela, ondas de vapor subindo em volta dela. Com cuidado, devolveu a tampa ao lugar. Virou-se e abriu um sorriso resplandecente. Estendeu a garrafa de vinho.

— Temos mais deste? Os nossos quase parentes disseram que é excepcional.

Winn tirou mais uma garrafa da geladeira e abriu para ela. Vendo-a partir, de ombros contritos, para fora, notou Agatha e Piper pulando de um lado para o outro, torcendo aos gritos enquanto os homens e Dominique corriam em trajetos complicados no gramado, com a peteca voando aos trancos acima de suas cabeças, a rede um pouco solta garantindo a leveza de um jogo amistoso. Agatha saltava no ar com os joelhos dobrados, providenciando-lhe relances de seu vestido branco subindo e das solas sujas de seus pés descalços, e por um único e obsceno segundo Winn caiu por um alçapão num delírio de Agatha e suas mãos e seus joelhos na grama, os dedos dele agarrando uma mecha dourada de seus cabelos. A visão não durou nada, arrebatando-o como um golpe de ar de um trem em velocidade. Então viu o deque, os convidados, a esposa, o gramado e os caminhos trançados dos jogadores de badminton. Quis afastar o pensamento, e ele se foi.

Amava Biddy — ela era de fato profundamente amável, e amar a mulher era um dos requisitos de todo casamento. Era tão plenamente o tipo de pessoa com quem ele devia estar casado que a amava, em parte, por gratidão por ser tão apropriada. Houve vezes, umas poucas apenas, em que algo como parte de sua essência, como a limpeza, a calma, a polidez, pareceu desmoronar (por exemplo, quando a viu se contorcendo naquela banheira de água francesa, parindo Livia em uma nuvem de sangue), e assim também seu amor por ela tinha balançado. Mas mesmo Winn, com sua visão contábil das emoções, dispondo com rancor cada um de seus elementos nas colunas certas de um registro secreto, reconhecia que havia mais em seu sentimento por Biddy que simples apreciação. Não podia ter certeza de que alguma vez havia estado apaixonado por ela, ou por qualquer outra pessoa, mas Biddy era a mulher por quem ele tivera os sentimentos mais fortes, o que era suficiente para se considerar afortunado no matrimônio. Não se deixaria entregar à fantasia, especialmente enquanto tivesse lagostas no fogo. Se deixasse seus pensamentos correrem soltos, trinta anos de fidelidade marital, integridade profissional e retidão social podiam se transformar naquela sujeira que manchava as solas dos pés de Agatha.

Livia estava sentada no braço da cadeira de Sterling, seu rosto voltado para ele enquanto ele espiava os joelhos cruzados dela. Mais longe, Agatha e Piper

haviam parado de pular e estavam conversando, com as cabeças juntas e a devoção peculiar das mulheres, uma acariciando as mãos e os braços da outra com toques rápidos para ressaltar os pontos mais destacáveis. Uma vez, quando ela e Daphne tinham 17 anos, os pais de Agatha foram passar o mês de dezembro nas ilhas Maurício e preferiram não levar a filha junto, argumentando que as férias rápidas dela, de duas semanas, iriam perturbar a viagem, e Agatha acabou passando as férias com os Van Meter, provocando em Winn duas semanas de estômago nervoso. Em sua própria festa de Natal, ele havia visto Agatha se empoleirar no braço da cadeira ocupada por um vizinho, o Sr. Buckley, um homem tão velho que parecia uma múmia reanimada e que uma vez denunciara Biddy à polícia por dirigir com um farol apagado. Agatha ria de qualquer besteira que saísse de seus lábios ressecados, e ao fim os olhos do velho brilharam e ele se arriscou a pousar sua mão de matusalém no joelho exposto dela, atitude que Agatha recompensou tocando aquela garra com a ponta dos dedos enquanto falava, obrigando Winn a virar o rosto de tanto desgosto e espirrar gemada em sua própria calça.

Sterling era o único homem jovem que não havia se engajado no esporte, embora fosse possível julgar que algum exercício lhe cairia bem. Em volta dele, mulheres se estiravam como focas numa rocha. Dominique alcançou a peteca num lance espetacular, salvando-a a poucos centímetros da grama e lançando-a para Greyson. Ela também estava presente na festa de Natal em que Agatha havia capturado o coração idoso do Sr. Buckley, mas nessa hora estava na cozinha, dando os toques finais no bolo Floresta Negra que era a especialidade de Winn. Daphne soltou um grito de encorajamento entre as mãos em concha. Biddy puxou uma cadeira e sentou-se ao lado de Maude e as avós. Sterling, imponente, num trono, olhou Livia e disse alguma coisa. Tocou o joelho dela com um dedo. Em três passos, Winn estava junto à porta.

— Livia. Você poderia vir aqui?

O som de seu nome latido como se através de um megafone fez Livia pular.

— O quê? — Seu pai estava parado junto à porta, convocando-a com um movimento giratório da mão. Ela cruzou o deque, de queixo erguido, ignorando as sobrancelhas levantadas de Oatsie e a piscadela de Celeste. — O que foi?

— Não seja difícil, Livia. Quero que você leve lá este patê de anchovas com alguns biscoitos.

Ela ficou imaginando se teria feito algo de errado ao se sentar no braço da cadeira de Sterling. Se o pai dela havia decidido intervir de maneira tão óbvia,

talvez ela tivesse ido além da fronteira do flerte e entrado nos domínios mais vulgares do desespero. Mas não, ela ponderou. Havia sido Sterling quem a tinha puxado para que se sentasse ao lado dele.

— Foi pra isso que você gritou o meu nome?

— Eu não gritei.

— Gritou, sim. Você interrompeu completamente a minha conversa. — Ela olhou o lugar onde Sterling estava sentado, imóvel, como um lagarto, a mão envolvendo seu copo. — Não acha que já fez o bastante hoje?

— Do que você está falando?

— E o Teddy, *como está*? — disse ela, imitando o tom amigável que seu pai usava com Jack Fenn.

Ele a olhou fixamente por cima dos óculos.

— Conheço os Fenn há muito tempo. Só estava sendo educado.

— Pra mim já chega de educação. Por que você não pode ser leal a mim e só um pouquinho menos educado?

— Não há *motivo* pra não ser educado — retrucou o pai.

Ela pôs em prática o truque do Dr. Z, inspirando pelo nariz, expirando pela boca, contando até cinco.

— Para — mandou Winn, apontando para ela. — Não faça isso.

— O quê?

— Você sabe o quê. Essa coisa de respirar. Essa coisa de psicólogo.

Livia afastou o dedo dele.

— Se é tão importante pra você que eu esqueça o Teddy, devia me deixar lá fora sem perturbar.

— O que uma coisa tem a ver com a outra?

Do fogão ressoaram os assobios e estalos da panela de lagostas transbordando.

— Você devia dar um jeito nisso — disse ela. Não sabia se o pai a estava observando partir, mas saiu andando pelo deque como se estivesse num palco e foi retomar seu lugar, ajeitando o cabelo, no braço da cadeira de Sterling.

* * *

Oatsie tomava vodca pura porque não gostava do modo como Maude fazia Bloody Mary, e os Van Meter não tinham qualquer caldo de marisco com que ela pudesse preparar um que a satisfizesse. Nos últimos tempos, sua bebida favorita

era o *bullshot*, um coquetel que sua amiga Doris havia lhe apresentado — vodca misturada com caldo de carne frio — e que ela tomava como uma espécie de tônico curativo, mesmo sob os risos dos netos. Sopa de carne fria e vodca era como eles a chamavam. Observou Sterling sentado com a garota Van Meter no braço da cadeira. Seria bom para ele que algo nutritivo fosse misturado à sua bebida. Ele havia ficado gordo mas também pálido. A garota não parecia se importar. Um casamento era sempre um afrodisíaco, cheio de casais temporários estimulados por uma esperança indireta. O amor estava no ar, fraco e arisco como eletricidade estática. Que fizessem o que bem entendessem. Ela conhecera Harold numa festa de casamento, e a vida deles tinha sido bastante tolerável. Deu um gole e ficou vendo os meninos e a garota egípcia correndo pela grama. Francis tentou sem muito interesse bater na peteca, errando o golpe.

Waskeke deixava Oatsie desconfortável. Não gostava da expectativa de estar sempre olhando a água, o céu e assim por diante. O sol havia sumido atrás das árvores, deixando um ar doce e cheio de ruídos entomológicos, mas Oatsie não via qualquer graça no pôr do sol. A beleza atiçava seus nervos. A noite tão adorável se dobrava em uma sensação de anseio — mas do quê? De mais. De mais, ou de um desfecho, um clímax, porém a doçura só se prolongava, como uma corda de violino num estado de tensão insuportável, mas que não vai estourar. Nenhum alívio, só um desvanecer, a luz lavando e desaparecendo.

No gramado, Francis gritou alguma coisa rude para Greyson, e Oatsie pensou em censurá-lo, mas preferiu se privar do aborrecimento. A garota Van Meter parecia satisfeita consigo mesma, lá ao lado de Sterling, mesmo ele parecendo ter se rendido a um de seus silêncios. Hélices zuniram no céu. Um desses bimotores barulhentos. Mais longe, a lua quase cheia ascendia no tempo contra o céu arroxeado. Uma fila de pássaros voou para longe. Oatsie podia sentir o mundo girando ao seu redor, a entropia ininterrupta. O anseio seria um prazer por si só? Uma vez havia ido a uma festa, pouco diferente desta, na época em que estava casada e grávida da primeira criança, e Freddy Maughn, que ela conhecia desde a infância, agarrou sua mão e lhe beijou a palma quando passava pelo corredor a caminho do banheiro. Lembrava-se dos lábios secos de Freddy e da ponta da língua em sua mão. Ele estava bastante bêbado e provavelmente só queria brincar, no entanto, meses depois, quando a gravidez se tornou distração demais para Harold, ela pressionou a mão na boca do marido enquanto faziam amor e pediu que a beijasse. Seus lábios nunca produziram o mesmo efeito que os de Freddy, mas ela persistiu, procurando com irritação alguma satisfação. Sua decepção a fez querer com tanto fervor ser beijada de novo por Freddy Maughn

que seu desejo transbordou e fez com que aderisse ainda mais a Harold, que depois disso se empertigava em volta dela como um galo.

E agora ela era uma senhora, prestes a se tornar bisavó, sentada numa festa numa noite de verão e pensando sobre a morte. Greyson bateu a peteca por cima da cabeça de Dicky Jr., direto para a grama, virando-se para se certificar de que Daphne o havia visto. O amor era apenas mais uma coisa que tornava a morte difícil. Quando havia se tornado tão mórbida, tão resignada? Não sabia. O arco diário do sol podia tê-la enganado fazendo-a pensar que seguia um círculo infinito, mas Oatsie sabia que a marcha era em linha reta. Que grande convidada ela era. Que vodca terrível tinham os Van Meter. Fechou os olhos e pressionou a palma contra os lábios.

Sete • A serpente na lavanderia

As lagostas haviam passado ao vermelho "apalhaçado" da morte. Winn as retirou da panela com uma pinça, maldizendo em sussurros tanto o vapor quanto Livia. O óleo já esfumaçava numa frigideira, e Winn jogou nela o atum de Dicky e voltou a se lembrar de Agatha sentada no braço da cadeira do Sr. Buckley. Por que essas meninas achavam que podiam sair por aí sentando nos braços das cadeiras dos homens? Livia agia como se fosse *ele* quem estivesse provocando, mas o comportamento de Sterling havia sido irretocável. Tudo o que pedia dela era uma civilidade básica e um pouco de propriedade, mas Livia era como uma dessas criaturas do mar, incitada pelo menor distúrbio a se inchar e lançar cores de alerta.

Os dois telefonemas terríveis haviam sido recebidos antes do Natal, o primeiro numa noite em que Winn e Biddy haviam ido a uma festa e estavam sentados na mesa da cozinha, meio alcoolizados e folheando catálogos. A gravata borboleta vermelha de Winn estava solta em volta do colarinho aberto, e Biddy, que não costumava beber muito, estava corada e bastante bêbada de vinho quente, com um raminho de visco atrás da orelha. Quando o telefone tocou, foi ela que atendeu. Sorriu por um instante, e então seu rosto mudou.

Winn ergueu os olhos da página de almofadas para cachorros em cores e tecidos diferentes, com monogramas formando os nomes dos animais.

— Que foi?

— Ela está grávida — respondeu Biddy.

— Quem está grávida?

— Livia.

— *Livia*?

Ele quis pegar o telefone, chegou até a fazer uma tentativa; sentiu uma

convicção insana e opressiva de que tinha os meios para cortar o mal pela raiz. Tudo o que precisava fazer era devolver a razão à filha, dizer que isso era inaceitável, não seria tolerado, não era assim que a família funcionava. Ela não podia de forma alguma, e não ficaria grávida, se ele pudesse dizer algo a respeito. Mas Livia não estava em cima de algum palanque debatendo se ficaria grávida ou não. A coisa estava feita, a sorte estava lançada. Biddy se desvencilhou dele, primeiro com movimentos que o afugentassem, depois segurando-o pelo cinto quando tentou sair para usar o telefone do outro cômodo. Ela pressionava o aparelho contra o ombro.

— Não, Winn. Ainda não. Você espera.

Ele supunha que Biddy fizera bem em mandá-lo de volta, de cara feia, à mesa da cozinha, onde só podia assistir à conversa, espiá-la na verdade, entendendo pelo lado de Biddy que Livia havia simplesmente, caprichosamente, decidido fazer aquilo sem nenhuma proteção e não tinha qualquer pretensão de ter o bebê. Sentiu uma necessidade de se ocupar, e abriu todas as portas de um calendário do Advento que Tabitha, a irmã de Biddy, havia mandado, recolhendo os chocolates e suas migalhas e colocando em cima da mesa e em seguida pegando a lixeira de baixo da pia e varrendo a pilha inteira para dentro. Houve longos momentos em que Biddy não dizia nada, só fazia ruídos reconfortantes que indicavam que Livia estava chorando do outro lado. O que ela esperava, Winn se perguntava. Em que diabos ela estava pensando? Bateu na mesa da cozinha com a palma da mão e rangeu os dentes.

Em poucos dias se acalmou. Winn havia, a princípio, admitido como certo que a situação de Livia seria óbvia para o mundo. Já a imaginava balançando-se para casa nas férias de Natal em suas roupas de grávida, precisando ser escondida, as festas de fim de ano arruinadas pela vergonha pública, mas aos poucos começou a perceber que Livia mal estava grávida, que hospedava um embrião microscópico e rudimentar e nada mais. Sentiu-se generoso o bastante para lhe mandar um e-mail expressando seu apoio. "Querida Livia, fiquei triste de ouvir sobre essa virada infeliz. Todo mundo comete erros, e vamos lidar com esse com discrição. Espero que isso não a esteja distraindo demais dos estudos. Aguente firme, menina. Papai."

E com Teddy Fenn, entre todas as pessoas do mundo. Winn gostava bastante do garoto (eles eram, afinal, companheiros do Ofídios), e Livia chegara a cativá-lo, mas era óbvio que a relação nunca havia se pretendido permanente. Eram jovens, Livia era emotiva demais; Teddy, pouco comprometido. Na verdade, Winn contava com o término da relação, e quanto antes acontecesse, melhor,

porque a ideia de estar ligado a Jack e Fee Fenn com algo mais forte que os laços fracos de uma relação adolescente era repugnante. Só podia torcer pela remotíssima chance de que Teddy não tivesse contado aos pais sobre a situação de Livia, que Jack Fenn não estivesse sentado à mesa de sua própria cozinha, em seu próprio penhoar natalino, ponderando a possibilidade daquele neto compartilhado. Preferindo não insistir nessa ideia, Winn a afastou e se preparou para esperar que tudo acabasse. Então Livia telefonou para contar que Teddy havia rompido com ela.

Winn estava trabalhando em seu escritório, preocupado com alguns documentos financeiros, e, enquanto Livia falava, os olhos dele vagavam pelas páginas.

— Lamento ouvir isto, parceira — foi o que ele disse. — Mas tudo vai dar certo no fim. Você vai ver.

— Não, não vai. — Uma aspiração cheia de muco se fez ouvir através da linha e para dentro do ouvido dele, quase lhe provocando nojo. — Perdi minha virgindade pra ele, e é isso que ele faz?

Winn cobriu o fone com uma das mãos.

— Biddy! — gritou ele. — Telefone!

Biddy pegou o telefone no outro cômodo, e Winn ficou ouvindo Livia recontar a história. Teddy havia chegado e dito que já vinha considerando terminar a relação fazia algum tempo, e que a gravidez, para ele, era algo pesado demais para aguentar.

— Ele falou que estava ficando difícil demais — disse Livia. — Ah, que dó, sabe? Como se isso não fosse difícil pra mim? E aí ele disse que não podia fazer parte *disso*, do que eu iria *fazer*. Ah, a melhor parte é que de repente ele virou católico. E eu, tipo, certo, você nunca vai à missa. E ele, tipo, bom, você não tem que frequentar a missa pra ser católico. E eu disse que talvez não, mas que seria um indício razoável de que você está me abandonando por religião, e não porque é um medroso imbecil.

— Pelo que me lembro, acho que Jack era católico mesmo — comentou Winn.

— Bom, essa foi a primeira vez que eu ouvi isso.

— Hum — murmurou Winn, digerindo a informação. — Ele contou a história aos pais?

— Não sei. Duvido que tenha contado. Nenhum dos amigos dele sabe, óbvio. — Livia estava se exaltando. — Porque Deus me livre que ele venha a parecer um escroto.

— Ou talvez ele pense que a situação é particular e não queira que você fique

vulnerável a uma boataria — relativizou Biddy.

— Na verdade, os amigos dele deram uma festa pra ele — prosseguiu Livia. — Chamaram de Celebração da Emancipação. E convidaram um monte de garotas, vagabundas, como se estivessem enchendo um viveiro de peixes, garotas que sabiam que a porra da função delas era foder a porra do meu namorado. Parabéns, vocês são fáceis! Vocês são realmente especiais! Conheço um monte de gente que foi. Pessoas de quem eu era amiga. Não são uns filhos da puta de dar nojo?

— Não precisa xingar — disse Winn, revirando a caneta em sua mão. Sabia dessas festas. Era só garantir que houvesse bebida suficiente, e convidar algumas garotas que eram jogo certo para o novo irmão solteiro. Tudo inofensivo, na verdade. Só uma demonstração de apoio.

— É de dar nojo, sim — confirmou Biddy. Ela estava no quarto acima do escritório de Winn, e ele ouviu o movimento de sua cadeira. — Mas, Livia, o ponto principal é que você não quer estar com alguém que não te ama.

— Ele me ama — afirmou Livia. — Eu sei que ama.

— Se estão dando uma festa pra ele é porque ele deve estar bastante mal — consolou Winn. — O mais provável é que quisessem animá-lo.

— Pai, supostamente eles também eram meus amigos. — A voz de Livia se partiu. — Mas, pelo que parece, eu sou só uma coisa de que ele tinha que se livrar.

— Tenta não levar tanto pro lado pessoal.

— Winn, como ela poderia não levar essa festa pro lado pessoal?

— Como você se sentiria se a mamãe rompesse com você, e todos os amigos dessem uma festa em casa tentando fazer com que ela fosse pra cama com alguém? — perguntou Livia.

— O Sr. Buckley poderia ser o DJ — completou Biddy.

Livia soltou um soluço, quase um riso.

— Você tem que entender que os companheiros do clube têm que ser leais a ele em primeiro lugar, e estão fazendo o que podem pra ajudar a lidar com um momento difícil.

— Winn! — exclamou Biddy.

— É o que eles fazem, Livia. A festa não tem nada a ver com você. É uma tradição. Se os seus amigos quisessem dar uma festa dessas pra você, você rejeitaria?

— Rejeitaria.

— De verdade?

— O ponto é: será que eles não podiam fazer alguma coisa boa pelo Teddy sem esfregar na minha cara o que acham, que tudo que eu fiz nos últimos dois anos foi impedir que Teddy aproveitasse a cota de boceta que Deus deu a ele? — perguntou Livia.

— Livia, use uma palavra diferente — repreendeu Biddy.

Winn se esforçou para controlar a voz:

— Tenho certeza de que eles só queriam que ele se divertisse um pouco, tirasse a cabeça dessas coisas por uma noite, mostrar que existem outros peixes no mar.

— Winn! — reprimiu Biddy.

— *Pai*. Outros peixes no mar? Você poderia, por favor, ficar do meu lado? Sou sua filha. Sua filha rejeitada e *grávida*.

A escada estalou, e Biddy apareceu na porta, equilibrando o telefone entre o ouvido e o ombro. De olhos arregalados, ela fez um corte horizontal no ar com uma das mãos e disse sem expelir a voz: *não*. Winn a afastou com um gesto.

— Livia, só estou dizendo que, quanto menos importância você der à festa, e quanto menos atenção você der pro que Teddy estiver fazendo, melhor vai ficar pra você. Finja que não se importa. Siga sua vida. As pessoas vão respeitar isso.

Fez-se silêncio no telefone.

— Livia? — chamou Biddy.

— Tem outra coisa.

Winn alinhou os papéis na escrivaninha:

— O quê?

— A Celebração da Emancipação foi na quinta, e aí no sábado teve uma festa normal no clube. Eu fui, e estava bem bêbada.

— E então? — quis saber Winn.

— Só estou contando porque alguns lá eram filhos de gente que vocês conhecem. Vocês acabariam descobrindo alguma hora. — Livia fungou mais uma vez. Winn quis pedir a ela que assoasse o nariz. — Mas eu meio que perdi a cabeça e acabei contando pra todo mundo que estava grávida.

— Como assim, contou pra todo mundo? — perguntou Biddy.

— Posso ter gritado isso bem alto.

— Ai, Livia — disse Biddy. — Você não fez isso.

— É claro que fiz, mãe. Não é uma mentira engraçada que eu inventei.

— Não fique nervosa com a sua mãe — disse Winn. — Quantas pessoas podem ter ouvido você? Não muitas, né?

A voz de Livia era baixa:

— Muitas. Basicamente, todo mundo que estava lá. E eles contaram pra outras pessoas.

— Que outras pessoas? — perguntou Winn.

— Todos no Ofídios, as namoradas deles, os amigos deles todos. O mundo inteiro.

— Você perdeu a cabeça? — explodiu Winn. — No que diabo estava pensando?

— Não sei. Fiquei maluca.

— Não, Livia, me diga no que você estava pensando.

— Não sei, eu não estava pensando. Desculpa. — A última palavra foi engolida pelo choro.

— Esse tipo de comportamento é inaceitável. Eu tenho sido compreensivo sobre esta situação toda porque achava que você concordava que tudo isso devia permanecer em sigilo. Temos que controlar essas explosões. Você ultrapassou muito o limite. Muito. Já é ruim o bastante que você saia por aí feito uma prostituta, mas também vai e joga sua dignidade pela janela e com ela a dignidade da família inteira. Não é decente. Não é adulto. As pessoas não vão te respeitar. — Ele parou. Seu poço de censuras inesperadamente secara.

— Por favor, pai. Já está feito. Me desculpa. Por favor, não me tortura. Por mais envergonhado que você esteja, eu posso jurar que estou me sentindo um milhão de vezes pior.

— Tudo é sempre pior pra você, não é? Como se isso fosse uma desculpa. Você não consegue manter os joelhos fechados, e agora a gente vê que também não consegue manter a boca fechada. Você tem que pensar nos outros, pelo menos uma vez na vida. O Clube dos Ofídios é uma coisa que eu respeito, e você escolheu aquele lugar, entre todos os lugares, pra atirar a família na lama. Eu posso perdoar muitas coisas, Livia, mas não tenho certeza de que essa seja uma delas. — Winn podia ouvir a respiração áspera dela. — Alô. Livia?

— O Clube dos Ofídios? — Havia um tremor na voz de Livia. — Você acha que a pior parte disso tudo é o que aconteceu no Clube dos Ofídios?

— É uma coisa muito importante pra mim. — Winn queria gritar para ela que queria um filho que pudesse ser membro do Ofídios, não uma filha grávida de um deles.

— Pega esse seu clube idiota e enfia no *cu*, pai. Sabe outra coisa que as pessoas respeitam? Um mínimo de lealdade da parte dos próprios pais. — A linha caiu.

— Alô? Livia? Nem pense em desligar!

— Ela desligou — anunciou Biddy.

Winn tirou os óculos e esfregou o rosto. Voltou a colocá-los, pegou a caneta e voltou com rispidez aos papéis. Biddy se aproximou.

— Winn?

Ele colocou uma folha contra a luz e franziu a testa.

— O quê?

— Acho que você poderia ter lidado com isso de um jeito diferente.

— Ela me mandou enfiar o Clube dos Ofídios no cu. Isso é coisa que alguém civilizado diz ao pai? Não. Eu não vou ceder a isso com uma resposta. Ela está transtornada demais. Está tomada pelos hormônios. Não consigo conversar com Livia quando ela está assim.

— Você se formou há quase quarenta anos. Realmente precisa colocar o Ofídios acima de sua filha?

— Eu não fiz isso.

Biddy se postou diante da escrivaninha para encará-lo, batendo na madeira para obter sua atenção. Winn quis dar um tapa na mão dela.

— Não mesmo? — questionou ela.

— Não! — respondeu ele, quase gritando. Respirou fundo. — Bom, entenda, querida. Entenda. — Largou a caneta e juntou as mãos. — Eu já fui um desses garotos. Só estava tentando transmitir a ela alguma noção do que eles estavam fazendo, porque pensei que outra perspectiva podia ser útil. Você sabe, talvez nem todos eles precisem ser sumariamente executados. Uma coisa que eu não sei, e estou disposto a admitir, é como é ser uma grávida de 20 e poucos anos, você está certa. Especialmente uma que vai a uma festa cheia de filhos dos nossos amigos e anuncia que está metida numa encrenca. — Voltou a mexer nos papéis. — Então, se eu não fui tão diplomático quanto podia ter sido, peço desculpas.

— Livia está sofrendo — disse Biddy. — O que ela fez foi errado, mas é óbvio que está se sentindo péssima por isso.

— E tem que estar! — irrompeu ele. — Ela merece um pouco de sofrimento. Estou me esforçando ao máximo pra ser razoável aqui, Biddy, mas ela está tornando tudo muito mais difícil. O que mais você quer?

— Seria bom se a gente não precisasse sempre apenas supor o amor que você sente por nós.

A voz de Biddy estava rouca, mas Winn não estava com humor para consolar mulher alguma.

— Eu tenho sido um bom marido pra você ou não? Não fui um provedor? Não dei liberdade e apoio? Eu não trato você mal. Não reclamo sobre a família. Eu entreguei a você as rédeas deste casamento. O que mais você quer de mim,

Biddy? Eu tenho sido um bom marido ou não?

Biddy endireitou o corpo.

— Acho que você tem sido, provavelmente, o melhor marido que é capaz de ser.

Tão rápido quanto Winn pôde montar os pratos, as lagostas foram levadas para fora e devoradas, transformadas em armaduras vermelhas vazias empilhadas em tigelas de cerâmica. Perguntou-se o que Biddy teria feito com a lagosta doente — não conseguia imaginá-la matando a lagosta, e também não achava que pudesse tê-la deixado agonizando por aí.

Todas as cadeiras Adirondack estavam ocupadas, de modo que teve que levar uma cadeira da sala de jantar e se sentar nela com seu gim-tônica — o quarto e mais forte de uma rápida sucessão —, marcando um círculo escuro do líquido em seu joelho. Havia tomado o primeiro depois que Livia saíra nervosa da cozinha, o segundo e o terceiro pouco depois disso, enquanto comia sua própria lagosta sozinho na sala de jantar, preferindo estar numa mesa apropriada em vez de se refestelar no deque ou na grama. Em seu ouvido esquerdo, Dicky contava uma longa história sobre, conforme Winn entendeu, Oliver Wendell Holmes. Em seu ouvido direito, Maude ria em arpejos de alguma coisa que Biddy estava dizendo. Ele estava alto. Bem alto. Ao seu redor, a festa ia ganhando um ímpeto desordenado, tornando-se uma marcha a lugar nenhum. A noite havia caído, e Biddy já percorrera a casa distribuindo lampiões e acendendo-os com o isqueiro da cozinha. O brilho laranja dos lampiões, estendendo-se do limite escuro do gramado ao espaço mais povoado, era mais quente e mais sedutor que as lívidas redes de incandescência pálida que escapavam pelas portas e janelas, convertendo as pessoas em sombras quando passavam perto da casa. Agatha estava de pé, debruçada em cima de Sterling, rindo e servindo-lhe uma bebida numa pose que pedia botas de cabaré e um uniforme de aeromoça em cores chamativas. Os olhos de Sterling passeavam do rosto dela ao pescoço e à cintura, e de volta ao rosto.

— Então a gente conseguiu um monte de cascas de lagosta — dizia Dicky, tendo deixado para trás o Juiz Holmes. — Vários sacos de lagostas, já começando a cheirar mal, isto é, *definitivamente* prontas, e colocamos tudo nos dutos de aquecimento do prédio deles. Aí tinha um cara, Jeffrey Whitehorse, que sabia abrir fechaduras. Disse que tinha um tio que era ladrão de joias. Cara estranho, esse Jeffrey. Enquanto fazia aquilo, roubou um brasão que eles tinham fundido e esculpido em algum lugar, e que depois a gente enviou como presente ao

primeiro-ministro da Islândia. No dia seguinte dava pra sentir o cheiro daquele prédio a três quarteirões de distância. Horrível, um cheiro horrível. Nada fede mais que um molusco apodrecendo.

Winn observava Daphne, corada e de olhos turvos de tanto rir, apoiada em Greyson e equilibrando na barriga uma garrafa de cerveja sem álcool, mas a história de Dicky, lançada com precisão de seus lábios finos ao estilo Roosevelt, o desorientava, o obrigava a atravessar um jorro caótico da memória, e, quando conseguiu sair pelo outro lado, teve que verificar se era de fato Dicky quem estava falando, seu perfil aquilino na penumbra, e não a silhueta escura de seu próprio pai.

— Não — interrompeu Maude, puxando Winn de volta ao presente. — Você não está querendo dizer Islândia, e sim Irlanda. E o nome dele era Whitehouse, não Whitehorse. Whitehorse faz parecer que ele era um índio americano.

— Conta a história você, então, querida.

Porém Maude já havia perdido o interesse.

— Sterling está fazendo sucesso com as mulheres hoje — comentou ela, em voz baixa.

Agatha e Sterling haviam iniciado uma brincadeira que envolvia bater as mãos. Os reflexos dele eram surpreendentemente rápidos. Ele tirava a mão de baixo da de Agatha e batia na dela antes que ela conseguisse tirar.

— Revanche! — pediu ela, e ele repetiu o gesto. — Como você consegue ser tão rápido? — questionou ela.

Livia assistia a tudo do outro lado do aglomerado de cadeiras, com o rosto inexpressivo, mas os olhos escuros e agitados, e Celeste, sentada ao lado dela, acompanhava tudo. Winn não sabia que ideia o perturbava mais: Sterling levando Livia ou Agatha para a cama. Provavelmente deveria se sentir mais perturbado por se ver nadando na mesma piscina de potenciais parceiros que suas filhas, mas tudo o que Winn podia vivenciar era uma apatia fatalista.

— As mulheres sempre gostaram de Sterling — acrescentou Dicky.

— Vai entender — disse Winn. Maude riu num trinado incerto.

Neste instante, Greyson se levantou, batendo com estrépito duas garrafas de cerveja.

— Ei, pessoal. Pessoal.

— Ele é um príncipe. É um achado — disse Maude, aproximando-se do ouvido de Winn como se estivesse lhe contando um segredo. Ele não sabia o que ela queria dizer. Maude piscou e assentiu com a cabeça.

Greyson se pôs a cantar uma canção, nada curta, que Livia nunca tinha ouvido antes. Era antiga e abusada, rendendo uma abundância de oportunidades para que o cantor caísse sobre um joelho e imitasse com mãos pulsantes as palpitações de trombone de um coração apaixonado. Cantava bastante bem, com uma voz esganiçada de tenor que fazia Livia se lembrar dos cânticos de Natal. Charlie e Francis, que haviam feito parte do coro de Princeton, acompanhavam a cantoria e improvisavam efeitos sonoros com assobios engraçados. Daphne sorria. Agatha, atraída pelos holofotes, foi dançando até uma posição logo atrás de Daphne, onde podia fazer sombra ao prazer da amiga — batendo palmas no ritmo da música e tremendo o corpo rígido numa dança sedutora. Piscou para Sterling, que inclinou o copo para ela, e Livia se sentiu esmagada e vencida. Nunca antes ela argumentaria que Daphne era mais bonita que Agatha, porém a visão de Daphne radiante e contente ao lado da Agatha cômica e exibida a convenceu.

Dominique sentou-se a um lado, um pouco afastada, com um drinque na mão, assistindo à ação com uma expressão de dor mal-escondida sob um sorriso indulgente. Trajava calças brancas de pano e uma blusa de um algodão preto mais rígido com um decote assimétrico, e suas pernas e braços estavam cruzados, um pé com sapatilha prateada de balé batendo no chão ao ritmo da canção de Greyson. Uma pulseira grossa prateada enfeitava bem no alto seu antebraço, mas fora isso ela não usava nenhuma joia. Durante maior parte de sua vida, Livia quisera ser Dominique, e o desejo agora retornava com força renovada: ser distante, impassível, feito uma rainha de cabelos curtos, clássica de um jeito que não tinha nada a ver com tons pastel e pequenas baleias engraçadas, e sim com elegância e estilo. Todos eles pareceriam ridículos para ela? Livia queria ser mais misteriosa, mais controlada, mais neutra em sua paleta de cores, o tipo de mulher cujos pensamentos eram objeto de especulação. Dominique esfregou seu bíceps e depois se virou para resgatar um pedaço dobrado de tecido que ela sacudiu, revelando uma estampa brilhante amarela e laranja, bordada com flores, laços e rabiscos abstratos e com espelhos minúsculos encravados que brilhavam sob a luz dos lampiões. Envolvendo os próprios ombros, ela se transformou de uma europeia chique e minimalista em algo mais resplandecente e notável, uma cabeça escura emergindo das dobras de cor de açafrão e mostarda, uma sacerdotisa do sol.

Durante a adolescência, Livia sempre supôs que Dominique um dia estaria plenamente integrada ao círculo deles, casando-se com algum garoto como os amigos de Daphne em Deerfield, estabelecendo-se em algum lugar próximo a

Nova York, ainda estilosa, ainda exótica, mas também neutralizada, plenamente adaptada, uma feliz convertida. Sua diferença parecia ainda mais preciosa porque Livia não acreditava que duraria. Mas, em vez disso, Dominique se mudara para Michigan quando podia ter ido à Universidade Brown, fez um curso de gastronomia quando havia sido aceita na faculdade de administração de Wharton, e foi morar na Bélgica quando recebeu uma oferta de trabalho igualmente boa em Boston. Abandonara as roupas, as músicas, os maneirismos e a maioria dos amigos dos tempos de colégio, e, ainda assim, desvencilhando-se das coisas, ela agora se mostrava mais calma e mais segura do que nunca.

A transformação havia cativado Livia, mas ela se incomodava de pensar em mudar a própria vida. Mudar seria admitir que vinha errando na maneira de conduzir as coisas. As pessoas de seu mundo notavam as mudanças, discutiam sobre elas, especulavam sobre sua superficialidade, sua vaidade. O único tipo de mudança que entendiam era a da pele hesitante do polvo, mesclando-se a seus arredores, ou a mudança de residência do ermitão, sempre tentando comprar uma prisão ligeiramente mais espaçosa. Dominique provavelmente a aconselharia a ir embora, a ir morar em algum outro lugar, começar do zero e só voltar quando se tornasse quem gostaria de ser. Mas Livia não conseguia ver as coisas assim. Era tarde demais para ela, já era tarde demais.

Depois que os aplausos se dissiparam e Greyson terminou de beijar Daphne, foi possível ouvir, de algum lugar da ilha, o som de uma gaita de fole.

— Que música é essa? — perguntou Oatsie.

Foi Winn quem respondeu.

— É "Amazing Grace"?

— Meu pai pensa que qualquer música é "Amazing Grace" — interveio Livia. — É como se ele fosse daltônico pra músicas.

— Ele não tem um ouvido apurado? — propôs Francis.

— Não — respondeu Livia. — É que ele só sabe o nome de uma música.

— Talvez seja "Amazing Grace" — contemporizou Piper.

— Não — sentenciou Dicky Jr. — É daquele filme sobre o *Titanic*.

— *Titanic*? — questionou Dominique de seu canto, achando graça. — Dicky Duff Jr., eu não imaginava que você pudesse mandar uma dessas.

Dicky Jr. deu de ombros.

— É o que é.

— Ei, pessoal, meu irmão é uma garotinha de 12 anos — zombou Greyson.

— Em 1997 — acrescentou Francis.

Daphne suspirou e se alongou.

— Tenho que ir me deitar — anunciou ela, esfregando a barriga. — Posso voltar, porém é mais provável que não volte.

Acompanhada por Greyson, ela entrou.

— Não negligencie sua manteiga de cacau — gritou Oatsie atrás dela.

Winn se levantou.

— Alguma bebida?

Houve um coro de pedidos e, quando silenciaram, Oatsie perguntou:

— E você, Livia? Tem algum pretendente?

Livia estava ciente de que apenas a presença hesitante de Celeste a separava de Sterling. Penou por alguns segundos tentando saber como responder, sem querer parecer nem indisponível nem disponível demais, e também se perguntando que informação teria chegado a ele pelos canos pneumáticos da fofoca, mas, antes de conseguir formular qualquer coisa, Celeste soltou um:

— Livia ainda está tomada por um que escapou.

Livia se voltou para ela e a fustigou com um incrédulo movimento de cabeça. Celeste parecia pensar que, porque ela própria já havia passado por tantos tumultos românticos, tinha o direito de impor uma política de total abertura a todos os que a circundavam, certa de que eles entenderiam que seus problemas não eram grandes diante do esquema maior das coisas.

— Ah, é? — disse Oatsie. — Como ele escapou?

Celeste bateu na lateral do nariz com um dedo.

— Do pior jeito. Sem pedir permissão.

— A gente não precisa falar sobre isso — tergiversou Livia.

Os óculos de Oatsie refletiram a luz dos lampiões.

— Não se preocupe, querida. Existem outros peixes no mar.

— Existem? — perguntou Livia, enervando-se. — Achei que fosse só esse.

— O jogo só termina quando o juiz apita — acrescentou Celeste. — Talvez venha a ser um segundo casamento pra vocês duas.

— Segundo casamento pra quem? — intrometeu-se Piper, aparecendo com uma taça para ela e outra para Dominique.

— Pra ninguém — respondeu Livia.

Sterling foi quem falou em seguida.

— Pra Daphne e Greyson — disse ele, expirando uma nuvem de fumaça. — Celeste tirou a sujeira de baixo do tapete. Os dois já foram casados antes. Continua, Celeste. Você estava prestes a falar sobre a época em que Daphne era uma dançarina de cabaré.

— No Golden Nugget — completou Celeste sem hesitação. — Ela casou com

um crupiê. Só durou um mês.

— Tanto meu pai quanto minha mãe eram casados antes — comentou Piper com leveza, feliz de estar transmitindo boas notícias. — O primeiro marido da minha mãe morreu, e a primeira mulher do meu pai fugiu com o oftalmologista. As coisas sempre dão certo no fim.

— Isso é verdade — pontuou Livia. — Sempre dão. Cem por cento das vezes. Quantas vezes você casou, Celeste?

— Ah, mais ou menos um milhão — respondeu Celeste sobre o cigarro que Sterling acendia para ela.

— Meu marido e eu éramos filantropos — comentou Oatsie. — Mas desde que ele morreu, eu perdi a capacidade.

Ela olhou seu neto com um interesse tão fixo que Sterling exclamou:

— O que foi?

— Não sei se você devia casar alguma vez, Sterling, querido. Acho que talvez não. Você não faz esse tipo.

— E por que não?

Voltaram-se um para o outro com seus olhares indolentes, fixos, cada um deles perfeitamente confortável sob o escrutínio do outro.

— Você é um rapaz inteligente. Mas não é dos mais gentis.

Sterling absorveu o pronunciamento com tranquilidade, e, em meio ao silêncio, ouviu-se um ruído estranho vindo de algum lugar próximo.

— O que é isso? — perguntou Francis.

— O quê? — foi a vez de Piper.

— Shh — disse Dominique. — Eu também ouvi.

O ruído, uma bufada regular que fazia lembrar a respiração de um trem, foi crescendo até que de repente um cachorro, um imenso labrador preto, emergiu como uma bala de canhão da escuridão do gramado, saltou para o deque e seguiu correndo de uma cadeira a outra, ofegando e abanando o rabo de forma solícita, como se pedisse desculpas pelo atraso. Suas unhas pareciam marcar uma batida de flamenco na madeira do piso. Livia afastou o focinho dele de sua virilha, e ele foi direto até Sterling, que assistia sem interesse às explorações íntimas daquele nariz inquisidor. Os lampiões lustravam o pelo do cachorro e ressaltavam o branco de seus olhos. Tinha o tamanho e a forma de um barril de petróleo.

— Ei, sai fora — ordenou Francis quando o cachorro se aproximou do prato aos seus pés.

— Vem aqui — chamou Agatha. — Aqui, garoto! Aqui!

— O que ele está procurando? — perguntou Dominique quando o cachorro se

agitou perto dela, o focinho preto farejando o ar, seguindo uma trilha invisível pelo deque e revisitando o ar.

— Está procurando o tesouro de Sierra Madre — anunciou Oatsie em sua voz alta e melosa.

— O mais provável é que ele seja um agente da Receita Federal — brincou Sterling.

Agatha bateu as palmas nas coxas.

— Aqui! Aqui, cachorrinho. Por que ele não gosta de mim? Vem aqui!

Winn, que estava sentado mais atrás junto à casa com os outros pais, balançou-se ao se levantar e reivindicou:

— De quem é esse cachorro? Quem trouxe esse cachorro?

— Ninguém trouxe — gritou Livia para ele por cima da confusão. — Ele simplesmente apareceu.

— Achei que a gente fosse contratar uma *stripper* — disse Charlie.

— Aqui! — berrou Agatha.

— Mantenham o animal longe das cascas de lagosta — recomendou Dicky, sem se mexer de sua cadeira.

Greyson reemergiu da casa, assumiu o posto de protagonista e num bote certeiro agarrou o cachorro pela coleira. O animal se sentou, jovial e escuro feito tinta, a língua rosa pendurada na lateral de sua boca e o rabo balançando de um lado para o outro.

— Pessoal, eu queria que vocês conhecessem o — e olhou o nome na coleira — Morty.

— Morty? — guinchou Piper. — Esse *não* é o nome dele.

— De onde ele veio? — continuou perguntando Winn. — Por que ele está aqui?

Ainda contente, o cachorro olhava rapidamente ao redor, passeando entre todos os rostos. O fio grosso de baba que pendia da lateral da boca se enrolou na mão de Greyson.

— Merda — praguejou Greyson, soltando a coleira. — Ele babou em mim.

O cachorro, de novo livre, apressou-se mais do que nunca e saiu correndo em círculo aos escorregões, esquivando-se de todos que tentavam pegá-lo. A festa agora era de pé, todos em movimento e chamando o cachorro, querendo acariciá-lo, tentando agarrá-lo. Enfim Morty viu sua chance e saltou do deque, desaparecendo pelo gramado escuro, e Agatha, focando inteiramente a perseguição e não seus pés, precipitou-se atrás dele, dando um mergulho de barriga em plena noite. Um silêncio de choque se instaurou nos presentes pelo

tempo que demoraram para tomar fôlego, e em seguida todos ficaram histéricos, balançando e inclinando as cadeiras, ofegando e arfando. Livia, curvada por uma gargalhada espasmódica, mesmo através das lágrimas conseguiu notar o ápice da festa enquanto ele passava.

Seu pai estava ajoelhado na beira do deque.

— Agatha? Você está bem?

Seu rosto apareceu com a juba amarela desgrenhada e em seguida uma de suas mãos enquanto ela tentava se erguer, também chorando de tanto rir. Winn estendeu a mão e a alçou, batalhando para deixá-la de pé. Agatha balançava de um lado para o outro, desnorteada, um filhote descalço, tentando secar os olhos e limpar a grama e a sujeira do vestido. Por um instante ela se agarrou à camisa dele.

— Ai — disse ela, percebendo uma faixa de pele esfolada em seu antebraço. — Caramba.

— Você está bem? — voltou a perguntar Winn, segurando o pulso dela e posicionando o braço sob a luz.

— Por que ele não veio comigo? — Ela ainda estava intrigada. — Ele ia com todo mundo.

Livia não gostou do modo como seu pai dava tapinhas no ombro de Agatha, desajeitado, como se ela fosse um cavalo, mas também com uma atenção fixa e embaraçosa. Olhou sua mãe, que estava sentada com os Duff e estudando as próprias mãos apoiadas no colo, com as sobrancelhas erguidas. Maude lhe disse alguma coisa, e ela se virou, sorrindo, o que reacendeu seu brilho.

Celeste ainda estava tomada pelo riso.

— Porque — dizia ela a Agatha, mal conseguindo pronunciar as palavras — ele é castrado. Não tem interesse nisso.

— Ele é um cachorro — impacientou-se Agatha.

Celeste ergueu a mão num pedido de desculpas, mas não conseguia parar de rir.

De sua cadeira, Dominique definiu:

— Morty não gostou de você. Só isso.

— É verdade — concordou Agatha, parecendo magoada e sem forças. — Ele não gostou de mim. Meu Deus, por que Morty não gostou de mim?

— Ele gostou de você — suavizou Winn, conduzindo-a até uma cadeira. — É claro que gostou.

— Os cachorros não têm que gostar de *todo mundo* — relativizou Oatsie.

Livia desceu do deque e deitou-se de costas na grama. Um avião cruzou o céu,

e ela imaginou seu interior, pessoas ordenadas em linhas como ovos numa caixa, o cheiro químico dos banheiros, salgadinhos em sacos metálicos, latas assobiando ao serem abertas, círculos negros do céu noturno entalhados nas paredes. Como era estranho que uma coisa tão enfadonha, tão confinada, sufocada por exalações amargas e pelas fumaças do maquinário indiferente, pudesse ser confundida com uma estrela.

— Você acha que sua mãe está bem lá dentro? — perguntou Winn, voltando ao canto do deque onde Biddy e os Duff estavam sentados. Ele havia entrado para pegar uma cerveja e o kit de primeiros socorros, mas por alguma razão o kit havia passado de suas mãos às de Sterling, que agora estava sentado do lado de Agatha, limpando seu arranhão com um algodão enquanto ela rangia os dentes pelo ardor.

— Ah, ela entrou? — perguntou Maude.

— Está ali. — Winn indicou com a cabeça a janela através da qual se via Mopsy sentada na sala escura, uma sombra delgada ainda mais diminuída pela poltrona larga. Ela o fazia se lembrar de como, no casamento dele, Winn havia vasculhado as janelas da casa dos Hazzard à procura do rosto de sua mãe. — Perguntei se ela queria alguma luz, mas ela disse que não.

— Muito obrigada por se preocupar com ela, Winn, mas tenho certeza de que está bem. Pode estar um pouco cansada. Ela cansa. É provável que esteja descansando. A festa está sendo *maravilhosa*. Vocês foram tão gentis de organizar tudo isto.

— Não foi nada — minimizou Biddy. — De verdade.

— E você, Dicky? — Winn mudou de assunto. — Tem frequentado o campo de golfe nos últimos tempos?

— Não muito, infelizmente — respondeu Dicky, balançando a cabeça com pesar. — As coisas têm sido corridas demais.

— Não dê ouvidos a ele — intercedeu Maude. — Ele jogou com Marshall Hattishaw na quarta-feira.

— Obrigada, querida. Da próxima vez eu deixo que você responda.

— Marshall Hattishaw? — perguntou Winn, lutando para encaixar um abridor na garrafa. — Eu conheço ele? Onde ele estudou?

— Em Andover. Você conhece ele?

Winn assentiu, chegando à imagem indistinta de um louro segurando uma raquete de squash. Enfim conseguiu tirar a tampinha da garrafa, porém o disco dentado escorregou entre seus dedos e rolou para algum lugar embaixo das

cadeiras.

— Ele é um *querido* — comentou Maude.

— Eu não conheço ele — disse Biddy. — De onde você conhece, Winn?

— Por aí. A gente anda pelos mesmos círculos.

— E você? — quis saber Dicky. — Como vai o trabalho?

— Ah, bem. Mas eu não tenho jogado tanto golfe quanto gostaria. Joguei algumas rodadas no mês passado. Na verdade, espero em breve poder te chamar pra jogar no campo do Pequod. Estamos na lista de espera do clube há algum tempo. Imagino que não possa demorar muito mais.

— Não, tenho certeza que não — concordou Dicky, mas ele e Maude cruzaram um olhar.

Winn os observou.

— Jack Fenn faz parte do comitê de sócios. Vocês conhecem ele?

— Conheço sim, muito bem — disse Dicky. — Nossa relação é antiga. É um sujeito firme, o Jack. Um homem de classe.

— É. É, sim — assentiu Winn. — A gente estudou junto na faculdade. Infelizmente, rolou uma confusão entre Livia e o filho dele.

Houve outra comunicação entre Dicky e Maude, desta vez muito mais sentida do que vista, apenas uma mudança sutil de postura.

— Lamento ouvir isso — falou Dicky.

— Os erros da juventude — acrescentou Winn, erguendo a garrafa. — Que não sejam repetidos na velhice.

Biddy deu um tapinha na coxa de Winn, e se virou para Maude.

— Mas me conta, Daphne estava falando alguma coisa sobre a ideia de Francis passar um tempo num mosteiro?

— É, meu Deus, você acredita nisso? Meu pequeno Buda. Francis é muito espiritual. Eu fico dizendo que ele vai ter que dar à família uma pequena palestra sobre, você sabe, serenidade e, o que é que ele diz, aceitação, e, deixe-me ver, o caminho do *meio*. Francis diz...

— Só posso torcer para que Fenn consiga olhar além das nossas diferenças na questão do Pequod. — interrompeu Winn. Sua mão havia escapado da de Biddy, e seu indicador apontava para Dicky. Deixou a mão cair no colo.

— Winn — interveio Biddy. — Deixa isso pra lá, por enquanto.

— Não consigo imaginar que Jack faria algo assim contra você — comentou Dicky. — Não faz o estilo dele. É um cara íntegro, o Jack.

— Se existe algum problema, não poderia ser Jack. Nem pensar — reforçou Maude.

— O que você quer dizer? — perguntou Winn, alçando o dedo de novo e apontando-o para Maude como uma varinha de condão. Biddy agarrou a mão dele e segurou, espremendo-a.

— O amor jovem é tão dramático, não é? — tergiversou Maude. — É só isso que eu quero dizer. Greyson e Daphne têm tanta sorte de se assentarem. — Seu olhar oscilava entre Winn e Dicky. — Tenho certeza que você vai estar tomando um chazinho no Pequod muito antes do que imagina.

Esta última frase foi dita com tanta gentileza, como uma enfermeira contando a um paciente condenado que será liberado em breve, que Winn teve certeza de que ela sabia de alguma coisa. De repente, sentiu-se muito bêbado. Biddy falava sobre Teddy:

— Fiquei tão chocada quando Livia me contou. Ela ficou chocada. A mãe dele deve ter ficado chocada. Ou talvez não. Como eu vou saber? Mas a decisão pareceu tão súbita.

— Tal pai, tal filho — disse Winn.

— Com quatro filhos, o alistamento é o meu maior medo — comentou Maude. — Se viessem atrás dos *meus* meninos, não sei o que eu faria. Viraria uma *leoa*. Mandaria meus filhos pro Canadá.

— Dicky Jr. se daria bem — comentou Dicky. — E Greyson também. Mas Francis não aguentaria.

— Talvez Sterling pudesse ir pra cuidar dos primeiros socorros — comentou Winn com amargura. Todos se viraram para ver Sterling colocando uma sequência de Band-Aids no braço de Agatha.

Maude negou com a cabeça.

— Não gosto nem de pensar em algum deles se alistando. É um pensamento terrível, terrível.

Winn parou de ouvir. A luz dos lampiões era mórbida, e a cena balançava devagar de um lado para o outro como se estivessem num navio. Lá estavam os joelhos nus de Agatha, e o copo de Celeste sob a luz, e na janela a silhueta escura de Mopsy. Os rapazes trajavam camisas com as cores de embalagens de balas e tomavam cerveja direto do gargalo. Seus tornozelos estavam nus abaixo da barra das calças. Ele não conseguia distingui-los. Maude gesticulava, desenhando um coração partido no ar.

— Mas deve ser difícil para Livia. Depois de tudo.

— Livia está se iludindo de que essa decisão do Teddy tem a ver com ela — rebateu Winn, tentando com teimosia restaurar a ordem.

Fez-se uma pausa.

— A gente não precisa entrar neste assunto — interveio Biddy.

Ela estava certa, é claro, mas a correção de Biddy só incitou Winn a continuar.

— Já é hora de ela encarar o fato de que os homens terminam com as mulheres porque *não* querem planejar toda a vida em torno delas. Teddy não está pensando nela.

Livia apareceu de repente, parada ao lado deles.

— Obrigada, pai. Fico contente de que esteja do meu lado.

— Livia! — exclamou Biddy. — Onde você estava escondida?

— Eu estava bem aqui. Deitada na grama. Ouvi tudo que vocês falaram.

— Toma cuidado com os carrapatos — preveniu Maude.

Winn tentou alcançar o braço de Livia, mas ela o afastou.

— Querida, também se pode ser realista. Ele não está planejando um futuro com você.

— Eu não disse que estava. Essa é sua ideia de papo de festa?

— Se ele quisesse isso, não teria terminado com você — prosseguiu Winn. — Fim de história. Isso não tem nada a ver com você. Você e Teddy já não estão ligados. Ele tem a vida dele, e você tem a sua. Você vai ficar melhor assim que aceitar isso. Fim de história.

Ela ergueu o queixo muito alto.

— Bom — sua voz estava alta o bastante para que todos ouvissem —, então você tem que aceitar uma coisa na sua cabeça. Você nunca vai entrar no Pequod. Eles não querem que você entre. Não *gostam* de você. Eles têm um campo de golfe, e você não pode jogar nele. Fim de história.

O deque pareceu muito silencioso. Winn se sentiu amargo, murcho e velho.

— Acho que você deve pedir desculpas — conseguiu dizer Winn.

— Definitivamente, não!

— Biddy, você não concorda que Livia me deve desculpas?

Biddy pareceu miserável.

— Vamos só curtir a festa. Mais tarde a gente conversa sobre isso.

Winn lançou um olhar furioso sobre ela, e em seguida sobre todo o deque. Agatha assistia, mas Sterling, que estava mumificando com gaze a cabeça dela de brincadeira, continuou na tarefa, cobrindo o nariz, os lábios, o queixo. Os olhos dela pestanejavam em meio à branquidão.

— Preciso de um pouco de ar — declarou Winn, levantando-se. — Vou dar uma volta.

Levando sua bebida, atravessou a devastação da cozinha, empilhou os pratos sujos, amassou guardanapos de papel como passarinhos mortos, e subiu a escada

inteira até o terraço, deixando a porta aberta atrás dele. O ar parecia mais fresco no alto da casa; o dia havia sido flácido e parado, mas agora uma brisa agitava o telhado. Winn devia ter ficado bravo, mas a bebida sempre embotava seus nervos, deixando-o frustrado e amargo quando, sóbrio, teria ficado furioso. A ilha sempre era lavada pelo ar salgado e pela neblina em movimento, as cores suavizadas, as superfícies alisadas, e ele se entregou ao mesmo processo, fechando os olhos e inspirando e expirando do modo como o psicólogo de Livia havia ensinado a ela. Por trás do banho de luz que vazava da casa, a ilha era escura, mas ele conhecia a vista tão bem que conseguia recriá-la perfeitamente: o interior varrido pelo vento, a ameba verde do campo de golfe, arbustos e árvores baixas pontilhadas de chaminés e cumeeiras. Ao fim daquilo tudo ficava o farol. O feixe de luz cruzava a ilha, em direção ao mar. Quando era jovem, costumava levar suas namoradas até a torre logo depois do pôr do sol e, parado na plataforma com a ilha a seus pés, sentia que era o centro do compasso, sendo o horizonte um círculo perfeito traçado pelo farol giratório.

— O voo mudo do farol profundo — sussurrou para si mesmo, apreciando o som. — O voo mudo do farol profundo. — Vindo de baixo, ouviu o tilintar de cubos de gelo aproximando-se. Celeste subia as escadas com a ajuda de uma das mãos, batendo o copo nas tábuas para se rebocar degrau acima.

— Winnifred. — Ela emergiu do chão. — Aí está você, menino travesso, aqui em cima como se fosse tocar o sino.

— De quem era o cachorro? — perguntou Winn. — Quem deixa um cachorro solto desse jeito? — Ele sabia que Celeste, por sua longa experiência, era capaz de identificar a bebedeira tal como o vendedor mais antigo da Brooks Brothers era capaz de achar um terno que ficasse bem nele com um simples olhar, e por isso não se preocupou em disfarçar a lassidão que alinhava suas palavras em uma longa cadeia. Confiou que ela não comentaria, nem mesmo em retaliação pelos comentários agressivos que tinha feito sobre a bebedeira dela naquela mesma tarde, no bosque.

— Todo mundo amou o cachorro. Ele só colocou um pouco de tempero na festa, algo pra se comentar, assim como a sua pequena desavença com Livia. Não se preocupa com isso, amigo. Volta lá pra baixo. Os Duff já estão se preparando pra ir embora.

— Preciso tomar um ar fresco. Foi Biddy quem mandou você me buscar?

O rosto tenso, pintado, de Celeste flutuava na penumbra, parecendo preceder o restante de seu corpo.

— Não. Eu também precisava tomar um ar. Muita falação lá embaixo, não dá

pra respirar. Eu adoro estes mirantes no alto das casas. São muito românticos.

— Me disseram que o termo correto é terraço, mesmo. "Mirante" foi ideia de alguém que queria vender mais casas. Romântico, como você disse. Pra que as pessoas possam imaginar que esperam a chegada de grandes navegantes.

— Eu gosto — repetiu Celeste. — Sugere visão e fortaleza. Se eu estivesse no mar, iria querer saber que alguém está me esperando, você não? — Tirou um maço de cigarros do bolso. — Quer um?

Winn não fumava havia anos.

— Quero.

— Não sei se vou conseguir acender com esta brisa — disse ela, posicionando o cigarro entre os lábios, sacando do nada um isqueiro e virando-se para o outro lado, com a outra mão em concha para proteger a chama. — Aqui está. — Celeste lhe entregou o cigarro já aceso. — Todo seu.

Deu uma tragada. A sensação foi maravilhosa. Ela acendeu outro para si.

Lamentando ter sido duro com ela mais cedo, Winn disse com suavidade:

— Você acha que Livia pensa que ela e Teddy vão terminar juntos?

— Provavelmente.

— Detesto essa irracionalidade.

— Qual é a diversão em ser racional o tempo todo?

— Não estou falando de diversão.

— Diversão não é o seu forte. Deixa Livia pensar o que quiser. Não vai mudar nada. — Celeste deu um soco fraco no braço dele. — O casamento vai ser muito bonito. Muito bonito. Tenho certeza. Queria que meu casamento tivesse sido tão bonito.

— Qual deles? Com Wyeth? — Ela havia se casado com Wyeth às escondidas, num cartório.

— Não, não. O primeiro. Meu pai e minha mãe odiavam tanto David que eu tive que implorar até a última rosa. A gente serviu frango no jantar. *Frango*. Não que um prato importe quando você está começando a vida e tal, mas parecia importante na época. Talvez David e eu estivéssemos condenados desde o começo.

Winn achava que o problema entre Celeste e David se devia mais à bebida dela e ao desemprego prolongado e petulante dele, porém preferiu dizer:

— Mas sua festa com Herbert foi uma farra e tanto.

— E ainda assim o casamento estava condenado? É isso o que você quer dizer? É uma observação justa. Quatro mil dólares só em ostras, e em dois anos a gente tinha rompido.

Winn tomou um gole de sua garrafa, e Celeste de seu copo. Ela se debruçou sobre o parapeito.

— Olha isso. — Ela apontou alguma coisa. Winn só pôde vislumbrar a silhueta de Sterling e Agatha sentados juntos à beira do deque. — Um par perfeito. Encrenca com encrenca.

— Ah, não sei — respondeu ele, tentando soar despreocupado.

Celeste emudeceu. Em seguida, em voz baixa e sem olhar Winn, ela disse:

— Faça a coisa certa aqui. Garanta que Biddy tenha um bom fim de semana.

Ele enrijeceu.

— É claro que Biddy vai ter um bom fim de semana.

— Só peço que pense nela, por favor. Sei que não tenho nenhum direito de dar sermão sobre autocontrole a ninguém, mas tenho muita experiência em erros. — Celeste expirou pelo nariz, sugerindo um riso.

— Não sei do que você está falando.

Ela deu um tapinha leve no rosto dele com as costas dos dedos.

— A menina, Winn. Fica longe da menina.

Décadas antes, numa brincadeira de esconde-esconde entre bêbados na antiga casa dos Hazzard, Winn confundiu Celeste com Biddy na escuridão de um armário e a beijou. Foi só quando ela se afastou e sussurrou "Certo, eu me entrego!" que ele percebera o erro. Embora tenha se desculpado profusamente, nunca chegara a ter certeza de que Celeste acreditara que o beijo havia sido um acidente, e nunca o confessara a Biddy. Perguntava-se se existia algum padrão maior quanto a quem confunde quem na escuridão. Após beijar Celeste, ele se inquietava de pensar que alguém que não era sua mulher, que não se parecia com ela nem em vícios nem em virtudes, pudesse ser tão idêntica a ela na escuridão, assemelhando-se a Biddy tanto em cheiro quanto em presença, e no som de sua respiração.

— Winn! — chamou Biddy lá de baixo. — Desça! Os Duff estão indo embora.

À meia-noite a festa já havia se reduzido a cinzas. Os Duff mais velhos tinham partido depois de um alvoroço de beijos e promessas distorcidas para o dia seguinte, e Biddy subira para a cama sem dizer uma palavra. Percorrendo a confusão da cozinha, Winn encheu um saco de lixo com os restos pungentes de carcaças de lagosta, espigas de milho, toscos pedaços de tomate, nacos de alface, bolas de queijo. Pegou outro saco e encheu com latas de cerveja, garrafas de cerveja, garrafas de vinho, garrafas de gim. Desmantelou arranha-céus de panelas e pratos sujos, guardando o que pôde no lava-louça e empilhando o restante na

pia. Murmúrios e risos abafados se infiltravam na cozinha vindos de fora, onde os jovens ainda estavam sentados em círculo. Admirava a energia deles, mas se perguntava qual seria o sentido. Não havia muito a ganhar em arrastar ao máximo aquela festa. Uma ressaca pior, talvez. A chance de dizer algo malpensado. Claro, havia a miragem tentadora do sexo, sempre cintilando fora do alcance até que, às vezes, se você esperasse o bastante, ela o engolfava inesperadamente, tornando-se tangível.

Alguma vez Winn já havia apreciado todas essas perspectivas; de fato ele reconhecia que uma necessidade embriagada similar de *fazer* alguma coisa, de canalizar seus turvos impulsos em alguma atividade, era o que o estimulava naquela ginástica da limpeza compulsiva. Ao se casar, ele dera as costas à bebida, ao abandono noturno, aprendera a resistir ao tinido das cortinas de contas, ao estrépito atraente e subterrâneo do riso feminino e das rolhas estourando. Lavou os resíduos de tomate da garrafa térmica de Maude. Uma colher, examinada em busca de sinais de uso, mostrou-lhe o balão invertido de seu rosto. Limpou os balcões e tampos e reuniu as toalhas de mesa e de prato para serem lavadas.

Celeste caíra no sono num sofá da sala, suas sandálias prateadas e um saco de salgadinhos no chão ao lado. Em cima da estante de livros, o relógio de navio ainda insistia que eram quatro e meia. Uma lâmpada iluminava o rosto dela, mas Celeste sempre havia sido daquelas que dormem em qualquer lugar, em qualquer circunstância, sem acusar desconforto. Estava encolhida de lado, com a cabeça apoiada nas mãos juntas, e seria uma imagem de paz se não fosse pelos ruídos profundos e arrítmicos que escapavam de sua boca aberta. Abraçando as toalhas sujas com um braço, Winn se aproximou na ponta dos pés. A luz forte do abajur expunha a topografia fissurada e manchada do rosto dela, as falhas da maquiagem, as inconsistências do cabelo tingido, o trajeto sutil das veias azuis em sua têmpora. As unhas dos pés estavam pintadas de rosa-shocking. Ele apagou o abajur.

Durante o dia inteiro a casa tinha parecido ser permeável como uma colmeia. Cada banheiro continha uma mulher; tudo o que ele fazia era observado; cada corredor era uma sequência de garotas às quais devia sorrir e das quais devia se esquivar. As vigas zuniam e ressoavam de tantas conversas. E a advertência de Celeste no terraço o inquietara. Não queria ser um cão velho, mancando e ofegando atrás da jovem zombeteira.

No piso da lavanderia encontrou um emaranhado de lençóis e toalhas de praia que, depois de deixar sua carga na máquina de lavar, Winn começou a dobrar e a tentar separar, dando passos de um lado para o outro numa dança lenta e bêbada

de elefante. O cômodo tinha uma janela, um retângulo alto de vidros escuros que lhe devolvia um débil retrato violeta de si próprio, ansioso e de olhos vazios. Quando a voz de Agatha o alcançou da porta, ele já havia visto seu fantasma purpúreo atravessando o vidro, mas ainda assim saltou de surpresa.

— Oi — saudou ela.

— Você me assustou. — Winn deu um passo atrás, trombando com um balcão estreito apinhado de frascos semivazios de alvejante, conchas guardando botões e alfinetes e uma caixa de detergente que exalava um cheiro forte e falso de primavera. Pôs as mãos nos bolsos.

— Eu estava procurando algum cômodo que não estivesse girando. Mas não parece ser este. — Agatha se encostou na máquina de lavar. Estava descalça, como estivera a noite inteira, e tinha uma mancha marrom em seu vestido branco.

— Não — concordou ele. — Este cômodo está tão ruim quanto qualquer outro.

— Estou a fim de dar uma volta. Você quer dar uma volta? — Ela sorriu. O vinho tinto tingira de vermelho o interior de seus lábios, e os dentes pareciam de um azul de giz.

— Sterling não quis dar uma volta com você?

— Não perguntei a ele. Quis perguntar primeiro a você.

Winn estava despreparado para a urgência do desejo que o dominou. Agarrou a borda do balcão e a segurou forte como se esse fosse seu único apoio à beira de um abismo.

— Eu não devia.

— Ah, ok — disse Agatha. Ele estava tão acostumado a vê-la confiante e despreocupada que ficou chocado quando o rosto dela se dobrou num nó de agonia. Ela pôs a mão bronzeada sobre o rosto.

— Agatha. Não fica assim.

Deu um passo por cima da pilha de panos e tocou com a palma o ombro dela. Quando ela descobriu o rosto, a deformidade de suas primeiras lágrimas já não estava lá, e sua expressão era de desolação sedutora. Seus lábios estavam inchados e corados, e algumas lágrimas gordas se desprenderam de seus cílios.

— Me desculpa — disse ela. — Só estou bêbada. E o cachorro não gostou de mim. E agora estou envergonhada.

— Não precisa ficar com vergonha.

— Você é sempre tão gentil.

— É fácil ser gentil com você — declarou Winn, vendo-se apertar e acariciar o

braço dela.

— Eu sempre tive uma queda por você. — Ela deixou a cabeça cair.

— Sério?

— Você é tão bom para sua família. Elas têm tanta sorte. Elas nem sabem quanta sorte têm.

— Bom — começou Winn. Ela entendia, essa garota. Ela o *enxergava*. A atração que ela sentia por ele talvez não devesse ser um homem desejando uma ninfeta, e sim um igual reconhecendo outro. Winn queria dizer isso a ela, mas acabou falando: — Pode ser.

— Você fez esse jantar — continuou Agatha. — Fez com que todo mundo se sentisse bem-vindo, e tudo o que você faz parece tão casual, como se nem precisasse se esforçar. Livia não devia ter dito aquelas coisas. Não são verdadeiras.

— Eu achei que você tivesse gostado de Sterling.

— Eu só estava flertando com ele pra você ficar com ciúme.

Winn segurou o pulso de Agatha da mesma forma como fizera quando ela dera o salto camicase atrás do cachorro. Dobrou seu braço e examinou a fila de Band-Aids que Sterling tinha usado para cobrir o arranhão. Com a unha do polegar, separou um deles da pele e o arrancou. Fez a mesma coisa com o seguinte, e o seguinte, até não restar nenhum. Pressionou forte o polegar contra a pele ferida, e Agatha livrou seu pulso. Os braços dela o envolveram. Ele afundou o rosto no pescoço dela, inalando seu cheiro de fumaça. Ela virou a cabeça, procurando a boca de Winn, e, assim que ele a beijou, soube que todas as suas fortificações, salvaguardas, leis e regras não lhe serviriam para nada. Prendeu-a contra a máquina de lavar e mordeu sua boca enquanto as mãos puxavam suas coxas, e subiam por elas para agarrar sua bunda. Os dedos correram pelo elástico da calcinha de Agatha e o partiram. Quando a tocou, perdido como estava em seu frenesi exploratório, percebeu a estranha ausência de pelos pubianos. A sensação o chocou. Winn sabia, por ouvir dizer e por suas raras aventuras na cibermetrópole da pornografia, que isso era comum agora, mas seu apogeu erótico havia sido durante a era das moitas. Agatha parecia ser de outra espécie que não a das mulheres que ele já havia tocado. Estupefato, curvou-se para olhá-la, erguendo o vestido de Agatha. O sexo nu, queixoso e exposto, o fez lembrar de crianças, e patas de animal, e focinhos de cavalos, e a palavra "pudenda".

— Gostou? — perguntou ela.

— Não sei. Gostei. — Winn se ergueu e, fechando os olhos, a beijou. Indeciso, voltou a tocá-la, preparado desta vez para a ausência de pelos, mas não para a

secura. Abriu os olhos.

Agatha contemplava por cima do ombro dele um quadro equestre pendurado na parede, decoração arbitrária num espaço pouco importante: um rio manchado de cães correndo atrás de uma raposa. Cavalos de patas compridas e cavaleiros de casaco vermelho parados como rochas ao lado das águas brancas e róseas. O rosto dela não tinha nenhum indício de excitação, nenhum interesse no que estavam lhe fazendo. Era como se estivesse na sala de espera de um dentista, perguntando-se ociosamente que infortúnios a aguardavam, ou que infortúnios aguardavam a raposa perseguida. Deve ter sentido a mudança em Winn, seu momento de recuo, porque ela jogou as costas para trás e soltou uma lamúria. A garganta de Agatha se apertou. Quando voltou a olhar para ele, o rosto dela era uma máscara perversa de prazer: as pálpebras semicerradas, os dentes manchados de vinho mordendo o lábio inferior. Ele removeu os dedos da ratoeira macia que os havia prendido e deu um passo atrás, a lavanderia resistindo a seus pés, até que estava de novo agarrado à tênue segurança da pia.

— O que foi? Qual é o problema? — perguntou ela.

De início Winn não conseguiu responder, apenas se manteve boquiaberto diante dela, consciente da obviedade de sua própria excitação mas também sentindo a primeira insinuação da enormidade de seu erro.

— A gente não devia ter feito isso.

— Mas a gente quer.

— Foi um momento de fraqueza.

— Não diga que *foi*. — O rosto de Agatha era tenso e determinado. Ela deu um passo à frente e partiu para cima dele, buscando sua virilha ou a fivela do cinto, ele não saberia dizer, mas mudou de ideia e deixou a mão cair. — Eu sei qual é o problema, mas eu fico assim às vezes. Não significa nada. É só porque eu bebi muito. Não significa que eu não estou a fim disso tudo, acredite. Eu realmente me sinto atraída por você. — Tentou uma expressão de descontentamento. — O que você vê quando olha pra mim?

Winn olhou para Agatha, para o rosto dela, para os braços e pernas miraculosos, a trança úmida de seus cabelos.

— Vejo a fonte da juventude.

Inabalável, ela mal pestanejou, como se sempre fosse tomada por uma fonte dessas.

— Esta é a sua chance.

— Me desculpe — disse ele, sentindo-se bobo, ingênuo. — Isto não devia ter acontecido. Eu preciso saber que você não vai contar a ninguém. — Algo se

enrijeceu nos olhos dela e, alarmado, ele pôs a mão em seu ombro, tentando parecer afável, paternal. — Olha. Escuta. Você é uma menina linda. Não faltam homens atrás de você. Eu admito que me sinto atraído. Mas eu não devia estar fazendo isso. Eu sou casado. Sou o pai da sua amiga. Certo? Agora, vamos concordar em fingir que não aconteceu nada.

— Eu sabia que tinha uma queda por mim. Só isso. — A dureza se converteu em frieza. A expressão de Agatha era uma que ele mesmo costumava usar, sugerindo alerta, desdém e censura. Mais uma vez, com tristeza, pensou que eram iguais, ela e ele. Agatha angulou a cabeça na direção dos dedos que descansavam em seu ombro, os mesmos dedos que com tanta afobação Winn havia removido de seu interior misterioso e decepcionante.

— Se importa de não me tocar? Não quero ficar com cheiro de boceta.

Winn deixou as mãos caírem ao lado do corpo, e ela deslizou para longe, virando o rosto, deixando restar na lavanderia apenas ele e seu reflexo na janela.

Oito • Uma festa termina

Para horror de Livia, Francis estava dando em cima dela. Quando ficou bêbado, assumiu uma postura temerária de rapaz esnobe — desregrado e conscientemente anacrônico, um grosseirão devasso eduardiano — e começou a bajulá-la, inclinando-se sobre ela de sobrancelhas agitadas e olhos ardentes por trás da armação de tartaruga.

— Posso contar um segredo pra você? — perguntou ele, piscando e aproximando ainda mais a cadeira para que seus joelhos forrados de baleias encostassem nos joelhos nus dela.

— À vontade.

Ele se inclinou ainda mais e pegou a mão de Livia, puxando-a tanto para junto de sua boca que ela pôde sentir seu hálito nos nós dos dedos.

— Você tem que jurar, jurar pelo bebê de Daphne, que não vai contar pra ninguém.

— Não vou jurar pelo bebê dela.

Sem hesitar, Francis emendou:

— Vou contar mesmo assim.

— Se você insiste.

— Você é a menina mais bonita aqui. — E beijou os dedos dela.

Livia riu, um riso agudo, incrédula com o próprio azar. Antes do jantar ela achava que Sterling era uma aposta certa, mas então Agatha havia se intrometido. As coisas se tornaram ainda mais horrendas porque agora Sterling tinha sumido para algum lugar, Livia não sabia para onde, e Agatha também estava desaparecida. A coincidência não havia deixado de ser notada pelos que se demoravam no deque, a retaguarda da festa: Greyson, Dicky Jr., Francis, Charlie, Dominique e Piper. Esta com os olhos brilhantes pela bebida, estava encolhida

em uma bola mínima, encantadora, de lado em sua cadeira, rindo por nada, um suéter verde-limão de tricô cobrindo até os joelhos e os dedos dos pés nus saltando para fora por baixo da barra. Dominique descascava o rótulo de sua cerveja enquanto Dicky Jr. falava, a cabeça dela voltada para ele para sugerir que escutava.

Depois de ter perdido Sterling de vista, Livia se sentira compelida a passar ao plano B, que ela supunha ser Charlie. Tinha se apegado à ideia de fazer uma travessura e a essa altura estava disposta a aceitar o que lhe viesse, desde que razoável (Francis ela não considerava razoável). Porém Charlie era um desses rapazes confusos que podem tratar bem uma garota a noite inteira para no fim lhe dar um beijo na bochecha e voltar para casa sozinho. Eles haviam conversado, e ela encaixara alguns toques de flerte, mas após um tempo ele pedira licença e fora conversar com Piper, que sequer era solteira. Livia murchou. Um parceiro interessado não devia ser tão difícil de encontrar. Não seria mais normal que ela, uma garota de 21 anos — uma garota de 21 anos que recentemente causara um escândalo e diminuíra dois números da roupa —, tivesse que mantê-los afastados com um pedaço de madeira?

— Não sou, não — respondeu ela a Francis. — E nós dois sabemos disso.

Num movimento rápido, ele afundou a cabeça e pressionou a bochecha contra a palma da mão dela. Livia olhou em volta, mortificada. Charlie sorriu para ela.

— É, sim — insistiu Francis, erguendo a cabeça. — Estou encantado.

— Desde quando?

— Desde que vi você à luz do luar.

Ela bufou e libertou a mão.

— É verdade!

— Achei que você tivesse uma namorada, de qualquer forma.

— Aquilo acabou.

— O que aconteceu?

— Os peitos dela eram grandes demais.

— O quê? — perguntou Livia alto, sem conseguir acreditar. — Eles cresceram?

— Não, sempre foram grandes demais. Um dia eu não aguentei mais.

— Francis, um cavalheiro jamais diria isso sobre uma mulher — interveio Dicky Jr. do outro lado do círculo, em palavras que pareciam as de Oatsie.

Francis piscou de novo para Livia.

— Só estou brincando.

Tentando soar leve e provocativa, ela comentou:

— Como você pode me dizer a palavra “peitos” no meio dessa história de luar

e rosas? Simplesmente seja normal, Francis.

— Desculpa. Foi você quem perguntou.

Suplicante, Livia conseguiu atrair a atenção de Dominique.

— Ei, Francis — chamou Dominique. — Que história é essa que contaram que você esteve num mosteiro?

Piper, cuja retirada gradual para dentro do suéter já avançava a ponto de não apenas as pernas e os pés mas também as mãos, o queixo, a boca e o nariz sumirem, aparecendo só de relance, como um esquilo, pela gola, perguntou:

— Você morou num mosteiro?

— Só por quatro dias — respondeu Dicky.

Francis dedilhou as contas de sua pulseira.

— Aquele ambiente monástico não era pra mim. Mas o budismo ainda é uma parte muito importante do que eu sou.

Livia virou os olhos e os outros a flagraram, e Francis flagrou os outros e a olhou. Ela rebateu o olhar estranho com uma expressão de inocência atenta.

— E, pra ser honesto — continuou ele —, deixar o mosteiro foi uma transição precipitada. Eu me via olhando todo mundo, sabem, as pessoas fazendo as suas coisas, indo ao correio, ao supermercado, e me deprimia porque ninguém parava e examinava o momento que estava vivendo. A vida é só, tipo, essa vaga é minha, você está demorando demais, eu quero a última rosquinha. Não sei. Eu me sentia meio perdido. Ainda acho que o momento é o que importa. Você tem que *estar* no momento. O momento é a unidade do ser.

— Mas então — retomou Piper, afundando de novo para dentro do suéter —, você é vegetariano?

— Esta noite eu sou. Sou alérgico a lagosta.

— Você comeu um monte de salmão defumado — observou Dicky Jr., tentando abafar um arroto. — Salmão não é vegetal.

— Você medita? — perguntou Piper. — Você acredita em reencarnação?

Livia sabia que Francis estava incomodado. Ela havia travado uma conversa parecida com ele no dia em que se conheceram e desde então vinha testemunhando os outros tentando destrinchar o budismo dele. As pessoas tendiam a ficar intrigadas com a ideia de um WASP do Upper East Side dar as costas ao materialismo e se devotar a flores de lótus e figueiras, mas, como Francis não havia chegado a sustentar sua fé com práticas efetivas, seus inquisidores acabavam vivenciando um sentimento confuso de que haviam sido enganados, e ele, em compensação, se sentia contrariado e incompreendido.

— Não exatamente — respondeu ele.

— Francis vai reencarnar como um besouro rola-bosta — provocou Dicky.

— E você vai reencarnar como o cu de um porco — devolveu Francis.

— Não dá pra reencarnar só como parte de alguma coisa. Até um falso budista deveria saber disso.

— Ei, pessoal, calma — contemporizou Greyson.

— Mas você não devia acreditar nessas coisas? — continuou Piper.

— Infelizmente, eu nasci com uma mente lógica — declarou Francis. — Estou sempre lutando pra reconciliar meu lado espiritual com meu intelecto.

— Não se preocupa, Piper — comentou Greyson. — Nós todos já tentamos entender. Achamos que ele entrou nessa história pela pulseira.

Francis ergueu o pulso.

— Isto aqui foi presente de um lama no Nepal.

— Você comprou na Canal Street — disse Dicky.

— Comprei nada.

— Seus óculos sequer têm grau. — Dicky quase cuspia as palavras.

— E daí? Eu gosto deles!

Um silêncio desconfortável. Dominique deu de ombros para Livia.

— Talvez a gente deva encerrar por aqui — sentenciou Greyson, e então Sterling apareceu caminhando pelo gramado.

— Onde *você* estava? — quis saber Livia, tentando parecer altiva e zombeteira, mas soando, ela temeu, estridente.

Ele se sentou ao lado dela, preenchendo o único espaço vago no círculo. De imediato Francis recuou, afastando a cadeira. Eram oito lá, e Livia sentiu como se estivessem num acampamento, reunidos no abrigo da casa, preparando-se para contar histórias macabras.

— Fui dar uma volta — respondeu ele.

— Onde está Agatha? — indagou Francis.

Sterling deu de ombros.

— Como eu iria saber?

Ele parecia perfeitamente sóbrio. Daphne tinha dito que ele era um buraco negro para o álcool, sorvendo tudo sem deixar qualquer traço.

Francis ergueu as sobrancelhas acima de seus óculos decorativos.

— A gente pensou que ela estivesse com você.

— Bom, não estava.

Ele olhou Livia, e ela não gostou de algo que escapou por seus olhos. Ao longo desse curto tempo em que o havia conhecido, ela o vira usar um semblante fechado e vazio, ou um olhar carnívoro de apreciação sexual. A expressão de

agora não se enquadrava em nenhuma das categorias. Rompendo o olhar dela, Sterling puxou uma cerveja de uma caixa embaixo da cadeira e a abriu. A espuma subiu. Num impulso, ela se inclinou para a frente e deu um gole do líquido efervescente que saltava da lata. Quando voltou ao lugar, a expressão estranha dele tinha retornado. Através da agitação de sua própria bebedeira ela não podia ter certeza, mas parecia compaixão.

— Livia. — Sua mãe espiava pela porta da cozinha. Vestia um roupão azul de algodão e pantufas de pele de carneiro. O roupão era do pai de Livia, com detalhes navais e um monograma no bolso do peito.

— O que foi? — atendeu Livia com rispidez. Era tão impossível que lhe permitissem ficar sentada no deque curtindo a festa?

A mãe acenou, quase furtiva.

— Preciso pedir um favor.

Livia se levantou. Estava relutante de deixar Sterling sozinho agora que ele havia voltado, mas se desembaraçou do círculo de cadeiras e se aproximou da mãe. Biddy fechou a porta atrás dela.

— Seu pai contou pra você da lagosta?

— Que lagosta? — Livia deu uma olhada no deque. Sterling não tinha se movido, mas temeu que ele partiria assim que lhe desse as costas. Era a parte da noite dedicada às manobras, a hora de seguir, ensaiar ataques, esperar pelo outro.

— A lagosta doente.

— Que lagosta doente? Não sei do que você está falando.

— Quando eles entregaram as lagostas, seu pai desempacotou todas na entrada e uma parecia doente.

— Ele desempacotou todas na entrada? Por quê?

A mãe virou uma de suas palmas delgadas para cima, como se perguntasse: *Quem entende seu pai?* Apenas a luz em cima do fogão estava acesa, mas mesmo na penumbra ela parecia cansada. Biddy prosseguiu:

— Eu não sabia o que fazer com a lagosta doente, por isso guardei na geladeira da garagem.

Livia não tinha certeza de estar acompanhando.

— O quê?

— Coloquei ela na geladeira da garagem.

— Está morta?

— Não sei. Você poderia, por favor, ir lá antes de dormir e cuidar dela pra mim?

— Tipo, dar alguma coisa de comer?

— Não.

A compreensão conseguiu atravessar a bebedeira dela.

— Você quer que eu mate ela?

— É provável que já esteja morta.

Livia voltou a olhar para fora.

— A gente não pode deixar isso pra de manhã, então?

A mãe seguiu o olhar dela. Sua mão se ergueu até o roupão e fechou a gola apertada.

— Deixe pra lá. Eu mesma cuido. Se não vou acabar passando a noite inteira preocupada. Me senti mal por ela. Coloquei na geladeira porque ouvi dizer que o frio faz com que elas meio que hibernem.

— Por que o papai não pode fazer isso?

— Não sei onde ele está.

A mãe parecia vulnerável, quase frágil, parada naquele roupão, a faixa amarrada firme na cintura. Livia lembrou como ela não a forçara a pedir desculpas ao pai e sentiu gratidão. Ela disse:

— Pode ir pra a cama. Eu cuido da lagosta.

Biddy parecia mais aliviada do que Livia podia entender.

— Obrigada — disse ela, recuando em direção à porta. — Vejo você de manhã.

Livia a observou partir, por um instante distraída de suas próprias perspectivas sexuais. Sua mãe era tão incompreensível quanto Dominique, talvez até mais, porém não lhe suscitava nem inveja nem curiosidade, apenas ternura e ansiedade. Ansiava por sua felicidade, por sua aprovação, e temia acabar sendo exatamente como ela. Este último temor era improvável, dada a diferença de temperamentos, mas a mãe sempre tinha parecido viver em modo de ausência, deslizando pelo espaço em uma rotina bem-ordenada na qual, teoricamente, Livia era capaz de cair sem saber a qualquer momento. Ouviu uma porta se fechando no andar de cima, e voltou a sair e se sentar no círculo.

— Está tudo bem? — quis saber Dominique.

— Está — respondeu Livia. — Meu pai desapareceu, e minha mãe só queria dar um destino a uma lagosta.

Dominique não se abalou.

— Está dormindo com os peixes.

— Meu pai?

— A lagosta.

— Acho que está dormindo com a cerveja na garagem — disse Livia.

— Seu pai? — Francis franziu a testa.

— A lagosta — disseram Livia e Sterling ao mesmo tempo.

* * *

Livia liderou o caminho até os fundos da casa com Sterling logo atrás, uma fila indiana como eles chamavam quando era pequena, como se, ao andar um na frente do outro, qualquer grupo de crianças se transformasse num bando de caçadores rastejando em silêncio por uma floresta. O silêncio de Sterling se abatia sobre ela com o peso do que estava por vir, e Livia estava consciente do trabalho dos músculos de suas pernas e da elasticidade úmida da grama debaixo de seus pés. Borrões de neblina obscureciam as estrelas. Ela virou na trilha que levava à garagem e ouviu Sterling tropeçar e desabar forte no cascalho.

— Merda. Essas pedrinhas ardem.

Uma lanterna teria sido uma boa ideia. Ela não estava preparada, nem logística nem psicologicamente, para embarcar numa missão bêbada para matar uma lagosta, mas Sterling se oferecera para acompanhá-la e, como ele disse, fazer o trabalho sujo, e Livia estava tão ávida para sair do deque e se afastar daquela irritação tardia que crescia lá que aceitara de imediato. Queria dar um bom desfecho àquela promessa do começo da noite e à relação fácil e carnal que havia se criado entre eles, algo que ela tinha sentido como tão adulto, tão reconhecido mutuamente e tão aceito, mas que depois se deixara manchar pela antecipação amarga de uma decepção. Era possível que Sterling, na verdade, já tivesse ficado com Agatha e agora estivesse atrás dela como saideira? Não, ele não faria isso. Mas o caso é que preferiria que ele fosse mais obviamente quem avança.

Assim que estivessem fora da vista do deque, ele deveria tê-la agarrado e beijado para quebrar o gelo, em vez de seguir marchando atrás dela.

Só uma luz fraca que vinha da varanda se filtrava pelas árvores, e, quando Livia estendeu a mão para ajudá-lo, seus dedos encontraram por acidente a maciez do rosto de Sterling.

— Desculpa. Não queria cutucar seu olho.

— Não tem problema. — Ele espremeu a cintura dela para se erguer, talvez para se firmar, talvez como abertura, Livia não soube dizer. — Temos uma lagosta pra matar.

Na garagem ela não acendeu as luzes, em vez disso pediu que Sterling esperasse e se aventurou sozinha na escuridão mofada. Definiu como destino a geladeira, deslocando-se lentamente com os braços esticados, preocupada com

aranhas e roedores, porém mais preocupada ainda com a própria aparência sob as duras luzes fluorescentes: pareceria cansada, com a maquiagem borrada e o nariz oleoso. Bateu a canela num dos cavaletes que sustentavam a canoa e gritou de surpresa.

— A lagosta te pegou? — perguntou Sterling.

— Não, só uma canoa.

Deu os últimos passos cegos até a geladeira e a abriu, retraindo-se ante a súbita luz. Não havia nenhuma lagosta visível, só cerveja, vinho, caixas de suco de laranja e garrafas de 1 litro de tônica, mas logo vislumbrou o infeliz crustáceo em uma cama de algas no compartimento para vegetais, suas garras arroxeadas recobertas, como as luvas de um boxeador desmaiado. Uma sequência de garrafas de cerveja se alinhava no chão, e Livia supôs que sua mãe as teria tirado da gaveta para abrir espaço.

— Está morta? — perguntou Sterling de perto, atrás de Livia.

— Acho que sim. — Segurando a lagosta pelo tórax, ela a ergueu e examinou. Suas garras e antenas penderam. Nenhuma de suas patas sequer oscilou. — É, parece que sim.

— É meio bonitinho sua mãe ter colocado as algas ali.

Livia deixou a lagosta no chão de cimento e passou a recolher as algas.

— É, acho que sim. Não sei o que ela quer que a gente faça com a lagosta.

— Enterrar?

— Parece que ela poderia ter deixado o bicho na geladeira até de manhã. Acho que a minha mãe não quer que a gente jogue ele no lixo.

— Como você sabe que é macho?

— Aqui. — Ela lhe estendeu um punhado de algas.

Sterling aceitou.

— Ah, muito obrigado.

Limpando as mãos, ela pegou a lagosta e a virou, apontando para as nadadeiras na parte de baixo da cauda.

— Eu não sabia. Mas é macho. Estas mais próximas do corpo seriam macias e plumosas se fosse fêmea. — Ela deixou a lagosta no chão, e começou a guardar as garrafas de cerveja de volta na geladeira. — É estranho que minha mãe tenha feito isso. Ela não costuma ser tão compassiva. Ela é mais prática.

— As pessoas ficam estranhas em casamentos.

Quando a cerveja já estava guardada, Livia olhou em volta.

— Você está com a lagosta?

— Não, estou com as algas. — Sacudiu os chumaços de fios escuros como se

fossem pompons sinistros.

— Eu não deixei ele bem aqui?

— Talvez tenha fugido.

— Ele estava morto. Não estava?

— Não podemos acender mais algumas luzes?

Livia abriu a geladeira, ampliando a feixe de luz no chão. Uma longa antena varria o cimento, quase escovando o pé dela.

— Está ali. — Grata pelas garras da lagosta ainda estarem atadas, ela vasculhou com a mão a penumbra e encontrou a carapaça fria. Quando ergueu o animal, suas garras já não descaíam como antes; havia vida naquele corpo. — Está vivo. Uau.

— É a lagosta de Cristo — brincou Sterling.

— Agora, o que a gente faz? Depois de tudo isso, parece uma pena matar ele, e também não quero deixar que morra sozinho.

Sterling lançou as algas no ar como se fossem confete. Alguns pedaços caíram em Livia, frios e macios.

— Obviamente — concluiu ele —, temos que libertar ele.

Andaram pela entrada da garagem e pela ciclovia ao lado da estrada em direção à água salgada mais próxima, um braço pantanoso da longa baía. Livia havia entrado na casa para buscar uma lanterna, e aproveitara para pegar uma sacola de pano bordada com as iniciais da mãe para carregar a lagosta nela.

— Não sei se ele vai sobreviver no pântano — declarou ela a Sterling, que carregava a sacola. — Caranguejos sobrevivem. Não sei muito sobre lagostas, na verdade. Sei que gostam de rochas, e que se deslocam bastante, em diferentes profundidades, mas não sei se conseguem nesse tipo de ambiente salobro. Mas a gente teria que ir de carro até a marina pra conseguir coisa melhor, e nenhum de nós está bem pra dirigir.

— Eu poderia dirigir. Você devia ter falado isso.

— Sério? — questionou ela, cética, mas sem querer soar puritana. — Da próxima vez, então.

— Qual é o problema, Jacques? Você não confia em mim?

— Jacques?

— Cousteau.

— Ah.

— A majestade de *la mer* — disse ele, e continuou com sotaque francês. — A genialidade da lagosta que finge estarr morrta parra non serr comida. Esperra em

sua tumba da geladeirra silenciosa, torrcendo pela chegada do rresgate.

— Lagostas têm cérebros muito simples — cortou ela.

Seguiram andando, a luz da lanterna vacilando na trilha de asfalto, na areia e na grama de ponta afiada. Devia ter brincado com ele, Livia sabia, mantendo o flerte ativo do jeito que Agatha teria feito, mas estava começando a ficar sóbria e a se preocupar que Sterling estivesse escapando do anzol. Se estivesse com Teddy, saberia que piadas fazer, o que dizer e como agir. Sempre sentia a falta de Teddy nos piores momentos.

— Bem que eu gostarria de terr cerrteza de que ele vai sobrreviverr no pântano. Mas não tenho — disse ela, colocando um toque desajeitado, semifrancês, em suas palavras.

Sterling não respondeu. Livia teve vontade de jogar a luz da lanterna na cara dele para ver o que estava pensando.

— Bom — falou ele, finalmente —, morrer de fome no pântano é melhor que ser fervida até a morte.

— Será?

Os poucos centímetros de escuridão entre os ombros deles pareciam aumentar enquanto andavam, abrindo um golfo entre os dois, e quando chegaram ao pântano era como se Sterling estivesse a quilômetros de distância, em mar aberto, num barco ao qual ela não havia sido convidada. A lanterna, como que abastecida pela energia entre os dois, começou a fraquejar e bruxulear.

— Ah, não — reclamou Livia, sacudindo a lanterna.

O feixe de luz se firmou, e ela liderou o caminho por uma trilha lateral, descendo por um bosque de bordos até um ponto em que predominavam pasto e juncos e o solo lodoso grudava em suas sandálias. Parou onde começava a água: inerte e ameaçadora, perfurada pelos juncos e coberta de neblina. Não passava de uma fina membrana preta por cima do lodo, mas se estendia para se transformar na superfície da baía e depois na pele do oceano aberto, tocando todos os continentes.

— Isso não vai servir — decretou ela. — É raso e sujo demais. Ele vai morrer. — Virou-se e iluminou outra trilha com a lanterna agonizante. — Mas acho que, se formos por ali, tem uma praia no fim do pântano. Não é muito longe.

Livia esperava que ele dissesse não, até zombasse dela por fazer tanto esforço para salvar uma lagosta idêntica àquela que nesse instante abria caminho por seu sistema digestório, mas ele disse "Ok" e os dois seguiram em frente, seguindo a luz instável e pálida. Quando enfim chegaram a uma faixa de areia clara, a lanterna já estava em seus últimos espasmos, porém Livia sabia que estavam no

lugar certo porque ouvia a água em movimento no porto e, mais adiante, as ondas quebrando.

— Então agora a gente deixa na praia e ele sai galopando pro mar, é isso? — perguntou Sterling.

— Acho que vai ter mais chance se tentarmos arremessar ele mais longe.

— Isso se ele já não estiver morto. — Sterling abriu a sacola e, quando Livia tratou de iluminar o que parecia ser uma lagosta morta, o que restava da bateria se acabou, deixando-os no escuro. — Acho que a gente já sabia que isto ia acontecer.

— É.

— Bom, vamos fazer o que viemos fazer.

Pela segunda vez, os dedos cegos de Livia encontraram a carapaça da lagosta, que ainda estava fria, mas agora seca. Tirou o animal da sacola, torcendo para que desse algum sinal de vida.

— Temos que tirar as faixas das garras dele — disse a Sterling.

— Com certeza.

— Você consegue?

Os dedos dele encontraram os braços dela e viajaram pela pele até a lagosta. Livia o sentiu puxar.

— Se eu nunca tivesse visto uma lagosta, não sei o que imaginaria dessa coisa que estou tocando agora — comentou ele.

— Cuidado pra não arrancar os braços.

— Estou tentando — grunhiu ele. — Certo, feito. Me parece morto, mas ele já enganou a gente antes.

— Verdade.

Ela se livrou das sandálias e andou em direção ao som da água até que uma frieza cobriu seus pés e logo alcançou seus tornozelos e joelhos. A barra do vestido varreu a água. Sob seus pés, a areia da baía era viscosa e parecia cheia de seixos. Segurando a lagosta com as duas mãos, arqueou-a para trás de seus quadris e a arremessou por cima da superfície da água, tentando um lançamento longo e baixo. Um espirro na escuridão. Sentiu um tremendo alívio, como se tivesse executado uma grande ação necessária. Estavam vivendo uma aventura, Sterling e ela. Percorriam grandes distâncias, bobas distâncias, para tratar um animal com dignidade, e ele não havia reclamado sequer uma vez. E, se chegara tão longe, devia estar a fim dela. Voltando para a praia em meio à escuridão, sentia quase uma vertigem, transbordando de antecipação. Mas logo percebeu que não sabia ao certo se estava indo na direção certa. Como parecia simples

voltar a terra seca — nem um pouco longe dali —, mas a escuridão sob a neblina era absoluta. Deu alguns passos para um lado, alguns passos para o outro, tentando estimar para onde o nível da água baixava, mas pisou num buraco inesperado e seu vestido encharcou até a coxa. Acelerou na direção que pensava ser a praia, mas a água só subiu. Parou.

— Sterling? — chamou. Uma sensação de precariedade a acometeu, o sentimento de que ele havia partido, de que a terra em si havia partido, de que ela estava vagando à beira de grandes profundezas.

— Estou aqui.

A voz dele soou mais distante do que Livia imaginava e abafada pela neblina, que se assentava em gotas em seus cabelos e cílios. Abraçou a si mesma, com frio. A água em volta de Waskeke era sempre fria, mesmo no verão.

— Continue falando pra que eu possa seguir a sua voz — pediu ela.

Um silêncio, e então Sterling começou a cantar o nome dela.

— Livia. Livia, Livia, Livia. — A voz dele era agradável, de barítono, não aguda como a de Greyson, e sim áspera e maliciosa.

Moveu-se em direção a Sterling, e a água recuou até os joelhos, até os tornozelos. Ele parou de cantar. Ela parou de se mexer.

— Não para.

Uma pequena luz apareceu, como um farol distante, difundindo-se em meio à neblina como uma esfera sutil e pálida e dissipando-se em algo menor, como um vagalume. Sterling tinha acendido um cigarro. Ela estava perto o bastante para sentir o cheiro do tabaco e ouvir a tragada. O vagalume pairava riscando o ar, atiçando-a. Ou talvez não um vagalume, e sim o brilho bioluminescente de um tamboril, iluminando o caminho rumo a uma mandíbula terrível. Talvez ela estivesse passando de uma noite qualquer a um submundo bêntico.

— Livia — voltou a cantar Sterling. — Livia, Livia.

Winn estava na entrada da garagem, atrás do volante do Land Rover. Precisava de um lugar para se esconder, algum lugar menor e mais seguro que o restante da ilha, mas que não fosse dentro de casa, que havia sido uma visão tão agradável quando ele chegara e agora se agigantava como uma fortaleza inimiga. A janela de seu quarto ainda estava acesa. Biddy devia estar lendo. Aquele quarto cálido e amarelo parecia tão distante, a cama com seus lençóis brancos, a baleia de madeira esguichando na parede, sua mulher erguida sobre o cotovelo, o rosto brilhando pelos cremes noturnos. Pouco antes, havia visto Livia e Sterling saírem andando da garagem, ela com uma lanterna e ele com uma sacola de pano.

Normalmente Winn os teria abordado, perguntando o que havia na sacola, aonde iam e por que (embora parecesse bastante óbvio), mas esta noite lhe faltava vontade e, após a lavanderia, autoridade. De modo que permaneceu sentado no carro, tentando não pensar em nada. Queria estar com seu pai. Se pudesse estar em qualquer lugar no tempo e no espaço, escolheria estar sentado em frente a seu pai no Clube Vespasiano, lendo o jornal, sem conversar.

Depois do casamento de Winn, sua mãe se recusou de vez a se aventurar fora da casa de pedras brancas, preferindo viver seus dias isolada no andar superior. Quando ele ia a Boston para jantares do Ofídios ou reuniões de trabalho, às vezes dava uma volta para passar diante da casa à noite e parar junto à calçada, ou espiar do banco traseiro de um táxi a janela acesa do quarto da mãe, acima da massa escura da casa que dormia, um lúgubre indício da vida despercebida. A mãe não saiu uma vez sequer ao longo dos dois anos em que resistiu ali, e nesse tempo Winn a viu apenas três vezes: duas quando o chamou para o que ela pensava ser seu leito de morte, e a última quando, após uma vida enferma de alarmes falsos, ela morreu. O quarto dela, mesmo no fim, era perfeitamente limpo, mantido em ordem pela enfermeira ucraniana. Quando pensava na mãe, sempre a imaginava cercada de uma desordem hipocondríaca: jarros de tinturas malcheirosas, lenços de papel amassados, fileiras de xaropes, bandejas de comida mofada. Mas, naquelas três vezes em que havia ido prestar sua despedida, ela estava ereta na cama de lençóis gastos, porém limpos, em um quarto arrumado, suas mãos murchas apoiadas sobre a faixa reta do lençol dobrada para baixo.

— O que ela faz o dia inteiro? — perguntou ele a Eva ao sair.

— Está esperando que Deus a encontre — respondeu Eva com seu sotaque, fazendo o sinal da cruz. — Todo dia ela espera. Ela é uma santa, sua mãe.

A casa, quando Winn a vendeu depois da morte da mãe, era uma paisagem invernal de móveis cobertos de lençóis. Contratou um especialista para avaliar o lugar, levou tudo o que poderia vender, e em seguida entrou para separar as ruínas pessoais deixadas nos quartos onde luminárias e cadeiras faltantes se deixavam recordar pelos vazios limpos e escuros nos tapetes desbotados e no chão empoeirado. O Vespasiano havia declinado respeitosamente sua oferta do retrato de Tipton, e por isso ele ainda estava na sala de jantar, embrulhado em papel pardo e encostado na parede, esperando que alguns rapazes do Clube Sobek viessem buscá-lo. Haviam prometido dar um lugar de honra ao quadro na sede do clube e afixar na moldura uma placa com o nome de Tipton, as datas e o ano de formatura.

— Por que não levamos ele pra casa com a gente? — sugeriu Biddy.

— Não — retrucou Winn, já tendo considerado e rejeitado a ideia de instalar o olhar sentencioso do pai na casa recém-comprada de Connecticut. — Ele iria preferir que fosse para um dos clubes.

No escritório do pai, Winn encontrou uma pilha de papéis envelhecidos registrando décadas de investimentos e gastos domésticos, cartas antissépticas de amigos antigos, baralhos, moedas inidentificáveis, objetos insignificantes de clubes e hotéis, artigos de jornais selecionados sobre pessoas que Tipton conhecia. Abrindo um anuário de Exeter de 1926, Winn encontrou, escrito pela mão aracnídea de seu pai por cima dos rostos jovens dos rapazes, "falecido, 1943", "falecido, 1965", "falecido, 1941". Havia também trivialidades dos tempos escolares de Winn: um programa de sua participação como coronel Pickering em *My Fair Lady*, uma gravata-borboleta manchada com o símbolo do Ofídios que Tipton devia ter resgatado do lixo, um ensaio maldatilografado sobre o financiamento da Primeira Guerra Mundial.

O especialista havia levado a escrivaninha de Tipton — uma grande extravagância de carvalho com tantas gavetas e cubículos quanto um pombal — e deixado para trás pilhas de papéis e caixas das coisas mais diversas. Uma caixa trazia um bilhete explicando que continha coisas tiradas de uma gaveta trancada, pedindo desculpa pela intrusão, mas explicando que a chave havia sido encontrada em outra gaveta. Dentro tinha uma fina pilha de revistas de mulheres nuas bastante esquisitas, o tubo cromado de um velho batom que adquirira uma crosta amarela translúcida, um pequeno álbum contendo sobretudo fotos em preto e branco de mulheres que Winn não reconhecia, uma carta enigmática assinada apenas por "L", e um velho porta-retratos de veludo manchado e amassado pelo tempo. Este último continha a foto de um adolescente de sorriso afetado e um velho carrancudo. A imagem estava desbotada, do fundo só restava um pedaço flutuante de pano, amarrado com um cordão grosso, parte de um cenário fotográfico. As figuras haviam se tornado tão fantasmagóricas e transparentes que grãos de papel se mostravam através de suas roupas. Winn sabia que seu avô, o pai de Tipton, Frederick, era o garoto, embora seus cabelos longos e seu terno antigo não lhe fossem familiares, e seus traços, pesados e morosos quando ele se tornou o velho de que Winn se lembrava, o homem por trás do retrato pintado dos salões do Vespasiano, mostravam-se ali suaves e travessos como se fosse a foto de um fauno. Bonito e delgado, ele estava apoiado na poltrona do velho, e seus olhos sardônicos se dirigiam a algum ponto acima da câmera, a boca estreita pinçada. O velho fixava os olhos na lente no que parecia ser um olhar de desafio, fechando a cara por baixo de uma moita

volumosa de sobrancelhas brancas e das duas mechas de seu longo bigode. Uma das pernas se estendia pelo espaço branco obliterado do perímetro da foto. Esse era Winn Cunningham, a fonte do nome de Winn, da casa de pedras brancas e de qualquer fortuna que ainda ocupasse os espaços cada vez mais vazios dos cofres dos Van Meter. Winn tirou a foto do porta-retratos e a virou. O verso estava em branco.

Tinha pedido a Biddy, grávida de Daphne havia seis meses, que fosse cuidar das roupas da mãe — não conseguia imaginar o que ela poderia encontrar, talvez um vestido de festa e mais cinquenta anos de camisolas —, e ouviu o piso ranger acima de sua cabeça. Jogou a foto no lixo e, após vasculhar as revistas, também atirou no lixo aquelas tantas mulheres de seios rechonchudos. Pegando as outras fotos e a carta de L, ele se perguntou, como tantas outras vezes, se o pai havia tido suas aventuras. Com certeza, sim. Winn se viu torcendo para que de fato essas aventuras tivessem existido, para que Tipton tivesse conhecido algum traço de calor humano naqueles longos anos entre o casamento e a morte. O pequeno álbum de fotos devia ser um troféu com suas conquistas. Parou numa mulher cujo retrato havia sido manchado por alguma mão inexperiente, suas bochechas pintadas de um vermelho febril e seus olhos de um verde claro que se alastrava pelos cílios, dando a ela uma aparência cega e estranha. Jogou o álbum em cima das revistas.

Muitas vezes Winn havia lamentado ter descartado o conteúdo daquela gaveta, sobretudo a foto do avô, e agora, sentado na escuridão mofada de seu velho Rover, voltou a lamentar. O ato de jogar no lixo aquela papelada parecia, em retrospectiva, indizivelmente cruel. Havia descartado a imagem, a carta e as fotos para provar a própria falta de sentimentalismo, sem parar para considerar que se tratava do relicário dos corações secretos de seus antepassados. Winn não iria, ele sabia, deixar qualquer traço de seu episódio com Agatha, sua única infidelidade física em uma vida inteira de adultérios mentais, corpos que ele havia tocado apenas com os dedos curiosos da suposição. Ao olhar para a luz acesa de seu quarto, todo o peso da vergonha se assentou sobre ele: culpa por ter traído uma pessoa tão boa como Biddy, medo de ser exposto, tristeza pela dignidade e pela contenção de que se orgulhava serem ilusões, vergonha pelo mau gosto da máquina de lavar, a garota com metade de sua idade, os murmúrios, a luxúria e os gemidos que ela ouvira escapar de seus lábios. Precisava de ar. Baixou o vidro, deixando entrar o ar úmido e o som dos grilos. A luz de Biddy, no andar de cima, se apagou.

Um movimento na lateral da casa, e uma voz de homem dizendo:

— Não bater. Diz a placa.

Três figuras emergiram ao som do cascalho crepitando. Não conseguiu decifrar quem eram os três rapazes, quais imitações entre os Duff. Normalmente, Winn os inspecionaria para ver se estavam sóbrios, ou se ao menos eram capazes de fingir que estavam, e ameaçaria chamar um táxi até que algum deles jurasse que havia parado de beber horas antes e que agora estava tão impoluto como uma Shirley Temple. Mas ficou ali, tão parado quanto pôde, torcendo para que não o vissem. Eram Francis, Dicky Jr. e Charlie. Quase haviam passado com segurança quando Charlie teve uma reação atrasada e o flagrou do outro lado da entrada.

— Sr. Van Meter?

— Estão indo, rapazes? Algum de vocês está bem pra dirigir?

Perfilando-se, Francis ergueu um drinque imaginário num brinde.

— Eu estou.

— Que bom. Vão lá, então.

Charlie chegou mais perto.

— Está tudo bem?

— Tudo certo. Só vim ouvir um pouco de rádio, verificar as notícias. — Winn apontou, no painel, o rádio desligado.

— Legal — disse Charlie. Atrás dele, Francis saiu correndo de repente, cruzando a escuridão.

— Acho que ele foi vomitar — declarou Dicky Jr.

— Tem certeza que você está bem aqui fora? — insistiu Charlie.

— Tenho, tranquilo. Boa noite, rapazes.

E fechou a janela do carro. Ele e Charlie se olharam através do vidro que subia, e em seguida o jovem deu de ombros, acenou e virou as costas.

Quando as luzes do carro desapareceram pela estrada, Winn entrou em casa. Alguém havia acendido o abajur, mas Celeste ainda estava no sofá, emitindo um sonoro ronco. Passou por ela sem voltar a olhar. Lá fora no deque, as lanternas queimavam sem supervisão, mas ele as deixou. Não queria nada a não ser entrar na cama, ao lado de Biddy, seguro na escuridão absolvente. Havia começado a subir a escada quando ouviu, de cima, o ruído inconfundível de duas pessoas se beijando. Uma mulher lamuriava suavemente. Parou, exasperado. Aquilo não tinha fim? Ao começar a retroceder devagar, a escada rangeu numa paródia do grito feminino que ele acabava de ouvir, e parou de novo. O ruído dos beijos continuou ininterrupto. Aqueles estalos acalorados, a sucção, a simples audácia dos beijoqueiros da escada parecia ultrajante, e Winn decidiu que não se

acovardaria diante de qualquer demonstração de lascívia que estivesse sendo empreendida em sua casa. Pisou com força escada acima e, dobrando a esquina, foi brindado com a visão de Greyson e Daphne pendurados um no outro. Daphne, de camisola, apoiava-se de costas na parede, os retratos familiares pendendo tortos em volta dela, e Greyson se içava acima da barriga dela, suas mãos contornando a cabeça dela, beijando-a com singular determinação. Winn limpou a garganta e foi passando em volta deles.

— Ah — exclamou Daphne. — Pai. Eu levantei pra ver se as pessoas ainda estavam por aqui.

— Tudo bem — anuiu Winn. — Boa noite. — Passou com o ar apressado e impessoal de um executivo que sai do escritório e acena em despedida com um jornal dobrado.

O quarto estava escuro e quieto, Biddy imóvel na cama. À distância soou uma sirene de neblina, não o urro profundo de advertência que ele lembrava da infância, porém um tom mais automático, delicado e agradável. Deitou-se e ficou vendo a luz do farol girando pelas paredes do quarto. Livia havia ido a festas no Sobek, mas dissera nunca ter visto o retrato de Tipton. Talvez com o passar dos anos ele migrara para algum santuário interno. Talvez tivessem jogado o quadro fora. Contou cinco segundos entre os flashes, movendo os lábios no escuro. Um, dois, três, quatro, cinco, e então a luz invadiu pela janela e correu a partir de seu roupão pendurado na porta do banheiro, tocando os armários, o retrato a óleo de um caranguejo, a cesta de conchas que as meninas haviam coletado muitos anos antes, a sutil elevação do lençol onde se encontravam as pernas de Biddy. Winn se sentiu honrado pela presença daquele feixe de luz em seu quarto, se sentiu incluído. O breve banho de luz, pairando pelas casas grandes e pelos gramados escuros, varrendo o mar e voltando, tudo tão rápido que podia ser um fantasma ou os faróis de um carro que passasse, não fosse o fato de voltar a cada cinco segundos, como um relógio, exatamente como esperado.

Sexta-feira

Nove • Serpentes e escadas

Depois que Winn se firmou num ronco comedido, Biddy deslizou para fora da cama. A neblina se filtrava pelas janelas e pairava como uma névoa fria que a luz do farol varria como se fosse um remo. Por um momento ela ficou olhando o marido, o vão sombrio de sua boca aberta, e em seguida partiu em direção ao banheiro escuro e sentou-se na borda da banheira. Estava tão cansada. Tinha permanecido acordada por tempo demais, deitada, seus pensamentos saltando entre as filhas, repassando listas do que fazer, ricocheteando irresistivelmente no futuro, onde um número infinito de potenciais calamidades aguardava o bebê, as garotas ou ela própria. Em geral, era capaz de controlar esses pensamentos; em geral, caía no sono rápido, mas esta noite não conseguia lutar contra a corrente. E também não conseguia ficar ao lado de Winn, ouvindo seu sono.

Estendeu a mão e virou a torneira da banheira, liberando um jorro d'água. Winn não acordaria, não quando já começara a roncar. Encaixou a tampa de plástico no lugar, tirou a camisola por cima da cabeça, deixou cair a calcinha de algodão no tapete. Seu reflexo sombrio assomou no espelho meio coberto de vapor, suscitando um tremor infantil de medo numa onda que se estendia por décadas anteriores, quando Celeste e Tabitha a haviam segurado pelos pulsos enquanto cantavam em banheiros escuros, invocando espíritos. Acalmou-se dentro da água, sentindo uma ardência nos dedos frios dos pés e um choque mais brusco quando os ombros encontraram a porcelana. Arqueou-se para longe, sustentando a curva óssea do crânio na borda da banheira, e depois se deixou descer com mais cuidado, acomodando-se, usando a mão para molhar o peito e os ombros de água quente.

Quando a banheira estava confortavelmente cheia, fechou a água com o pé e um silêncio se assentou, rompido apenas pelo gotejar da torneira e por um tom

distante de sirene. Suspirou alto, mas uma única vez, puramente para seu próprio conforto. Winn, ajudando Agatha após ela ter caído do deque, havia sido tão cavalheiresco, tão atento, tão óbvio. A obviedade era o que ela não podia tolerar. Quando se casou, sabia quem ele era, e esperava ser o tipo de mulher que olha para outro lado de tempos em tempos, mas também esperava que Winn fosse discreto. E sempre havia sido. Presumia que houvesse tido outras mulheres, porém nunca se deparara com nenhuma evidência delas, e isso era tudo o que pedia. Um pedido simples, Biddy julgava: um pagamento barato por sua indulgência, seu realismo, sua tolerância. Por vezes a discrição dele havia sido tão completa que tinha se permitido pensar que talvez *não* houvesse outras, mas não gostava de arriscar ser boba o bastante para acreditar em algo tão improvável como a fidelidade de seu marido. Ele devia saber como era cômico seu desejo por Agatha, como era vulgar. Com o passar dos anos Agatha nunca havia mostrado qualquer reciprocidade para além do mais preguiçoso, mais reflexivo flerte. Mas esta noite ela havia agarrado a camisa de Winn depois que ele a puxara de volta para o convés.

Com as mãos em concha, Biddy levou água quente ao rosto. Não tinha salvação — ela estaria exausta de manhã. Respirou fundo, sentindo o vapor. O banho começou a realizar a mágica que ela experimentara na água durante toda sua vida, drenando o estresse como se fosse a infecção de uma ferida, restaurando o equilíbrio. Após o casamento, sua vida seguiria como sempre. O bebê seria saudável. Livia encontraria um novo namorado. Winn iria trabalhar e voltaria para casa. O que Dominique havia perguntado? Onde ela viveria se pudesse viver em qualquer lugar? Talvez em poucos anos eles pudessem se mudar para Waskeke em tempo integral. Talvez pudessem fazer uma longa viagem para o exterior, alugar uma casa na França, visitar o restaurante de Dominique, fazer um cruzeiro num rio.

Estava andando por um campo de lavanda, acompanhada apenas pelas abelhas que zuniam, quando algo a fez engasgar. O ar se tornou espesso e terrível, e ela acordou, tossindo a água morna da banheira.

Mais uma vez, Winn acordou antes do amanhecer. Sentia calor demais, e seu coração batia rápido demais, acelerando na pressa fútil que lembrava ressacas passadas. Tudo voltou. Agatha debruçada sobre a máquina de lavar. O cheiro de seus cabelos. O toque de seus braços e coxas, a chocante falta de vida de seu rosto, a fricção pegajosa em seu sexo árido. Levando os dedos ao nariz, só alcançou uma suave acidez que podia ser o odor de seu próprio sono, viscoso e

embriagado. Ao seu lado, Biddy respirava com uniformidade e, embora o som o envergonhasse, não pôde deixar de imaginar o que teria acontecido se ele não tivesse visto o rosto de Agatha naquele momento descuidado ou se tivesse ignorado sua vaguidão perturbadora. Se o encontro entre eles tivesse chegado à conclusão natural, seu pecado seria mais grave, porém, nesta calmaria pós-coito feita de puro desencanto, o rosto dela com seus dentes manchados de vinho poderia acrescentar ao arrependimento antidotal que ele se lembrava das aventuras mais imprudentes de sua juventude uma pequena decepção curativa.

E Livia. Teria voltado? Disse a si mesmo que Sterling cuidaria dela, e depois pediu a si mesmo que não fosse ridículo. Tateando à procura dos óculos, pegou o relógio, apontou-o para a janela e esperou que a luz do farol o iluminasse. Cinco e quinze. Menos de três horas de sono, mas não via qualquer possibilidade de cochilar de novo. Tinha um jogo de tênis combinado para as nove horas, um horário que parecia exasperantemente distante. Levantou-se, entrou no banheiro e acendeu a luz. O rosto no espelho parecia acabado, a pele cinza e coberta por um resplendor débil. Deixou jorrar alguma água da torneira, e a dor em sua cabeça se expandiu como uma esponja. Não havia óleo em suas juntas, nenhuma elasticidade em seu passo, nenhum ângulo em sua espinha, nenhum perdão em seu estômago. Quando jovem, não tinha chegado a apreciar o maravilhoso dom de ser capaz de se livrar de qualquer depravação, neutralizar todas as toxinas, e voltar alegremente ao sono. A toalha que sua mão alcançou estava úmida, assim como, percebeu, o tapete embaixo de seus pés descalços e até a banheira em si tinha uma poça rasa em volta do ralo. Biddy devia ter tomado um banho antes de dormir. Talvez ela tivesse muito a lavar, muito de que se livrar. Ele se arrependia de sua discussão com Livia; não era necessária. Culpa da bebida.

Voltou para a cama, mas o sono não veio. Em vez disso, foi bombardeado por fantasias, fantasias horríveis de Livia flutuando na maré, afogando-se sem explicação, e também visões lascivas de Agatha. Estava cravado no colchão, vitimado pelo horror e pelo desejo. Pressionou seu rosto contra o travesseiro e gemeu de pesar. Como se sentisse algo de errado, Biddy rolou para se deitar de costas e soltou um pequeno ruído de desaprovação. Winn se virou para contemplá-la, estudando os turvos contornos de suas sobrancelhas, seu nariz, seus lábios, seu queixo, e em seguida cavando um túnel sob os lençóis com sua mão no quadril da mulher. Ela vestia uma pequena túnica de algodão branca, lisa como uma fronha, sem mangas e sem enfeites de qualquer tipo, a mais recente numa sucessão de camisolas idênticas, cada uma indistinguível da anterior, que vinha usando em todos os verões desde que ele a conhecia. Essas camisolas

tinham a tendência de subir e revelar a calcinha igualmente branca e lisa que ela preferia, mas agora, surpreendentemente, Biddy estava nua por baixo. Ele nunca a havia visto indo para a cama sem calcinha. A pele dela era quente, um pouco pegajosa, como se tivesse acabado de passar algum creme. Acariciou a protuberância do osso de sua cintura e deslizou a mão pela parte mais baixa de sua barriga, os pelos pubianos fazendo cócegas na lateral de seu mindinho. A suavidade fantástica, indecente de Agatha voltou de relance à memória, mas ele escapou para mais perto de Biddy, pressionando seu rosto contra a curva do pescoço dela. Biddy virou o rosto para o outro lado, mas não acordou.

— Biddy — sussurrou ele no lóbulo de sua orelha. — Bid.

Correu a mão até o pequeno seio, sentindo sob a palma a batida preguiçosa do coração. Tocou com os lábios o ombro dela. A pele era fria ali. De repente, desesperou-se. Não conseguia lembrar a última vez em que a havia desejado tanto. Talvez nunca. O seio sob sua mão era macio e quente, a pele solta em cima da carne convoluta de seu interior, o mamilo permanentemente engrandecido pela amamentação de vinte anos antes. Se estivesse querendo apenas exorcizar suas paixões frustradas, teria ido se masturbar no banheiro como um adolescente sentindo-se culpado em vez disso, mas era outra coisa, algo surpreendente. O corpo dela já não era imaculado; a pele perdera sua flexibilidade juvenil; não tinha nada da novidade excitante de Agatha, a magia negra que tinha chupado de sua boca tânica. Conhecia cada centímetro da pele de Biddy. Mas ainda assim sua presença adormecida agia sobre Winn com mais poder que qualquer coisa que houvesse embaixo da saia de Agatha.

— Biddy. Biddy, acorde.

— Hummm? — murmurou ela, agitando-se sob os toques dele. — O que foi?

Winn a beijou. O calor abafado de seu hálito só o inflamou mais, e ele arremeteu seu peso em cima do corpo dela, cutucando suas pernas para abri-las.

— Estou dormindo — disse ela dentro da boca de Winn. — Estou tão cansada.

— Por favor, querida — sussurrou ele.

A palavra "querida" era um sinal, usado apenas quando em profunda intimidade e necessidade. Biddy disse "Hummm" e nada mais, e Winn não tinha certeza se ela estava considerando as opções ou se voltara a cair no sono. Depois de um instante, ele a cutucou com o cotovelo e chamou de novo:

— Biddy.

— Ah. Você está falando sério. Está certo, tudo bem.

Com profundo alívio, ele acalmou seu corpo de pecador, rangente, luxurioso, penitente, fatigado, encharcado de gim, para cima e para dentro do santuário que

era Biddy. Pensou que pudesse passar a vergonha de chorar. Não teria muita potência, mas, dada a dor de cabeça e as emanações desagradáveis de seu estômago, isso não seria muito problema. Biddy parecia ter intuído que as necessidades dele eram básicas e animais, sem espaço para atos supérfluos, e permaneceu deitada sem se mover, as mãos descansando com leveza nas costas de Winn, enquanto ele, ofegante e com o short abaixado até os tornozelos, aceitava sua ajuda. Estava perto de terminar, podia ouvir o som das harpas e ver os picos enevoados, quando um reservatório de saliva que viera se acumulando atrás de seus dentes inferiores transbordou e caiu num fio longo e fino sobre o peito de Biddy. Ele parou. Ela parecia não notar que ele havia babado. Na verdade, Biddy parecia estar dormindo. Seu primeiro impulso foi acordá-la mas também ela não tinha passado a impressão de estar muito preocupada com os detalhes desse específico episódio sexual a ponto de insistir em testemunhar o clímax. O gesto mais cavalheiresco seria abortar toda a tentativa tomando-a por fracassada e aceitar sua frustração como uma punição do destino por ser um lamentável bode velho. Mas Winn não podia ignorar o fato de que estava, nesse instante, a uma ínfima distância das praias do paraíso. Como sua mulher, Biddy rejeitaria o uso de seu corpo para alcançar esse momento único de alívio desesperadamente necessário? Não, disse o sujeito inoportuno que vivia embaixo de sua pele, ela rejeitaria se soubesse o que você aprontou na noite passada. E, com isso, ele amoleceu.

Ficou parado embaixo do chuveiro por um longo tempo, mas sem conseguir lavar nada, nem sua vergonha, nem sua ressaca, e assim, desolado, fechou a água. Mijou e se deixou tomar por uma preocupação passageira com câncer de próstata, e em seguida vestiu sua roupa branca de tênis e seu roupão por cima, arrastando os pés para dentro de um velho par de pantufas de pelica. Uma névoa densa e leitosa preenchia a casa, suas infinitas partículas girando pelas correntes de ar, aparecendo no pulsar amarelo da luz do farol para logo se dissipar no ar cinza dormente. A luz era como algo que respirasse. Em seu caminho escada abaixo, parou junto à porta do quarto de Livia, ouvindo os roncos de Celeste. Com cuidado, virou a maçaneta e espiou o interior: Livia não estava lá.

Na semiescuridão da cozinha, serviu-se uma xícara de café e um copo de suco de laranja. O som regular da sirene parecia estridente e cheio de suspense, e entre cada tom seus ouvidos tiniam de silêncio; o raspar das solas de suas pantufas nos azulejos da cozinha era estranhamente alto. Na sala, Greyson dormia no sofá, de rosto mole, ainda plenamente vestido. Winn passou ao lado dele e parou na

entrada da lavanderia, assimilando o esmalte branco hospitalar da máquina de lavar, o ninho de lençóis amassados no chão. Os Band-Aids que ele havia tirado dos braços de Agatha estavam espalhados por lá, manchados de sangue, e foi recolhendo um a um, raspando com a unha um que havia aderido ao azulejo.

Ainda estava lá quando a porta de tela rangeu. Passando só a cabeça ao hall, viu as costas de Livia enquanto ela deixava as sandálias e a sacola de pano e fechava a porta com todo cuidado. A imensidão de seu alívio o surpreendeu. Ela estava viva, sã e salva, tentando não ser flagrada, na ponta dos pés, dedos leves empurrando a porta com suavidade até seu devido lugar. Winn se enfiou de volta na lavanderia e se escondeu atrás da porta, segurando a respiração enquanto ela cruzava o hall. Ouviu que ela sussurrava algo para Greyson, tentando acordá-lo. Greyson grunhiu, e as molas do sofá guincharam. Perguntou-se se eles sentiriam o cheiro do café, se o descobririam, mas um minuto depois Greyson cruzou o hall na ponta dos pés e saiu. Deu a partida no jipe. O cascalho crepitou; o motor esmoreceu; os passos de Livia se perderam escada acima.

Winn se instalou no escritório, na poltrona alta atrás da escrivaninha, e olhou a corrente de seu abajur de cobre sem puxá-la. Havia luz suficiente agora. Uma pilha baixa de envelopes esperava no canto do mata-borrão, correspondências casuais coletadas pelos caseiros: propagandas de uma companhia de TV a cabo, pedidos de doação, um velho cartão de agradecimento por um jantar do verão anterior de que já não se lembrava. Jogou tudo no lixo. Preencheu os cheques trimestrais dos caseiros e escreveu um bilhete pedindo explicações e reparações pela produção lamentável da horta, selando tudo num envelope encrespado pela umidade, sua aba quase pastosa. Queria a distração do trabalho, porém não tinha trabalho a fazer. Seu mata-borrão estava imaculado e despojado. Havia deixado tudo em casa, ordenado e empacotado em sua outra escrivaninha. Se ao menos pudesse pagar as contas, assinar seu nome, colar selos, lamber envelopes amargos. Considerou até ligar para o escritório, mas não haveria ninguém lá.

Seus olhos passaram pela espiral de um velho álbum de fotos na prateleira inferior de uma estante, e pensou de novo nas fotografias perdidas da gaveta de seu pai. Com o passar dos anos Winn havia banido a maioria dos artefatos familiares para esta casa, onde poderiam se decompor pacificamente na atmosfera salgada. Velhas posses levavam a reminiscências, e reminiscências implicavam fazer as contas, examinar as colunas sempre crescentes de feitos, lembrando-o de que algum dia haveria um cômputo total, gravado em pedra. Esses pensamentos temerários não tinham lugar em sua vida cotidiana de trens urbanos e índices do mercado de ações, e por isso os isolava na ilha, onde a

morbidez, como todas as outras coisas, era temperada pela brisa e contida pelo fosso reconfortante do Atlântico. Mas agora Winn levou o álbum à escrivaninha e se pôs a folheá-lo.

As primeiras páginas estavam ocupadas por retratos de seu avô Frederick quando velho e um de sua mãe no dia em que se casaria, seguidos por uma série de impressões em preto e branco de seu pai e dos amigos dele: homens pálidos de cabelos bem-cortados, parados lado a lado ou sentados, de joelhos cruzados, em cômodos que Winn reconhecia de sua casa em Boston ou dos clubes de seu pai. Parou no que sempre parava. Era um pequeno instantâneo, de 20 centímetros quadrados, de seu pai sentado ao lado de uma mesa de bilhar no Clube Vespasiano, de taco na mão, abrindo um amplo sorriso por algo que está à sua direita, encimado pelo retrato severo de Frederick pendurado na parede. De todas as fotos, essa era a única em que Tipton parecia feliz.

O Vespasiano, em uma colina próxima ao Palácio do Governo, havia sido a casa de Tipton, muito mais que aquela casa pálida que ele e a mulher habitavam como estranhos. Jantava a maioria das vezes lá, lia os jornais, reunia-se com os amigos. Era um prédio grande, agradável, com toques clássicos: folhas de acanto, frontões brancos sobre as janelas, colunas flanqueando a porta principal. Na placa de bronze cravada numa das colunas se lia "1901", marcando o ano em que um Sr. Arthur Andrew Depuis morreu e deixou sua casa de herança para um grupo de industriais e políticos que antes havia sido conhecido como Sociedade dos Cavalos-Marinhos e que, após se mudar para o novo quartel, renomeou-se como Clube Vespasiano.

O prédio era majestoso, sombrio e superaquecido. Da porta principal, um longo corredor levava a algo como um *foyer* circular, ladrilhado com azulejos pretos e brancos a partir dos quais uma escadaria se elevava retorcida em espiral. O *foyer* era conhecido como o Forte, sendo o eixo de todos os demais cômodos, câmaras quadradas de pé-direito alto iluminadas por lustres com lâmpadas antigas e cristais empoeirados. Da rua, o clube parecia ter quatro andares, mas também tinha um sótão que acomodava um teatro pequeno, porém funcional, e um andar subterrâneo, possível graças ao ângulo da colina, com uma piscina com um fundo de mosaico retratando uma corrida de carruagens. Portas de vidro revestidas de heras em ferro forjado davam acesso a um jardim murado, em declive.

As principais alterações do Vespasiano desde a infância de Winn haviam sido a aceitação de mulheres como membros desde o início dos anos 1980 e, em 1991, a substituição por cimento do deque de mármore da piscina, já erodido e

traiçoeiro. Fora isso, pouco tinha mudado. A mesma cópia imensa e mofada do *Colosseum* de Canaletto ainda pendia na sala de jantar. *Vichyssoise* ainda era oferecida no almoço todos os dias do verão. Nas refeições, os frequentadores ainda retiravam seus pratos de bandejas de prata carregadas por garçons uniformizados. No Natal ainda havia toras, pinheiros, cânticos e rum amanteigado, e todo ano no sótão os integrantes do teatro armavam uma cerimônia de improvisação (na verdade, ensaiada) com um velho de nariz vermelho envolto em toalhas de mesa representando a Virgem Maria e um presunto como menino Jesus. Um certo Sr. Grimshaw, a cada ano com mais manchas surgindo nas mãos que seguravam a caneta para o registro, ainda presidia a casa com uma faixa na manga da camisa sentado à mesa da recepção, que não era realmente uma mesa, mas uma sala no hall de entrada — o pequeno feudo de Grimshaw, repleto de bandejas de papéis soltos, caixas de madeira gastas e uma fileira de chaves penduradas com correntes pesadas de latão que abriam o punhado de dormitórios do quarto andar onde os membros podiam passar a noite. Num desses dormitórios, a chave roubada quando Grimshaw não estava olhando, Winn havia se livrado de sua virgindade com Lucette Winters, uma garota de 16 anos (não virgem), enquanto no andar de baixo o pai dele e os pais dela terminavam o jantar.

Em seus anos de solteiro, descobriu que o clube era um bom lugar para levar garotas. As que não faziam parte daquele mundo se impressionavam, e as que já faziam se sentiam confortáveis. Pensavam que, se Winn as levava ao clube, era como uma promessa de que seguiria as normas da posição social comum. Elas pareciam pensar que, se ambos pertencemos a este lugar, somos duas peças de um quebra-cabeça moldadas e cultivadas pela natureza para se encaixarem, você e eu, eu e você. Se você me leva para a sala de bilhar e me mostra o retrato do seu avô, está me mostrando que preza a família, que é alguém que tem uma linhagem a carregar, como eu. Se você se levanta quando saio da mesa e se levanta de novo e puxa a cadeira para mim quando volto, está me dizendo que me leva a sério e que esse é um cortejo sério, e mais tarde, quando você estiver parado na porta da minha casa, entenderei que o que me pede não é uma amostra grátis, e sim um depósito para o nosso futuro.

Antes de Biddy, a única garota que chegou a mexer com ele foi Ophelia Haviland (a futura Fee Fenn, esposa de Jack e mãe de Teddy), cujo pai tinha pertencido ao Ofídios e que havia escolhido aquele nome cruel porque a primeira sílaba o fazia lembrar do clube. O Sr. Haviland tinha muitos clubes em comum com Tipton e, embora a paixão de Haviland pelo Clube dos Ofídios e o fracasso

de Tipton em ser admitido fosse uma fonte de tensão, os dois se davam bem. Winn manteve por anos uma ligeira consciência da existência de Ophelia, mas pensava nela como uma menina até que, quando ele tinha 28 anos e ela 23, os dois se beijaram no baile de Ano-Novo do Vespasiano. Ela não era tão bonita quanto ele gostaria (seus olhos eram levemente saltados), mas era inteligente e atlética, e sempre leve e agradável em situações sociais, permitindo-lhe confiar que nunca o envergonharia sendo séria ou caprichosa demais. Além disso, Winn ainda tinha a esperança de que seus 28 anos fossem o momento de abrir mão das meninices, e sentia seu apreço por Ophelia como um sinal de sua maturidade crescente, ainda que continuasse perturbado pela possibilidade de vir a encontrar uma mulher igualmente interessante cujos olhos não fossem tão saltados.

Após seis meses, numa noite quente de verão quando as janelas do Vespasiano estavam abertas na esperança de atrair qualquer brisa lenta que passasse, Winn se viu jogando bilhar com o pai de Ophelia enquanto a garota e sua mãe estavam no sótão assistindo a uma apresentação de slides de um dos membros que tinha viajado pela União Soviética. Haviland desabotoara seu colarinho e arregaçara as mangas em concessão ao calor, mas era um homem alto e imaculado que parecia nunca ter sofrido qualquer desconforto físico ou indignidade de qualquer tipo, e seu rosto e sua camisa estavam perfeitamente secos. Winn, calculando uma tacada, estava atormentado pelos círculos escuros que cresciam sob seus braços e pelo suor de seu rosto que, enquanto se concentrava na bola, escorreu pela ponta do nariz, deixando uma marca escura no tecido verde da mesa. Como a tacada foi ruim, ele se virou para pegar seu drinque apoiado no peitoril da janela, aproveitando para secar o rosto com o guardanapo. Haviland marchou em volta da mesa, passando giz no taco com uma concentração mortal, matando primeiro a bola sete e em seguida a três na mesma caçapa do canto.

— Acho que o senhor me pegou — anunciou Winn, apoiado na janela com os braços levemente erguidos, na vã esperança de que o ar úmido o secasse.

— Humm — murmurou Haviland. — Sim.

Foi até a outra ponta da mesa e, mais uma vez tentando atravessar o cubo de giz com o taco, curvou-se e estendeu um braço comprido para atacar a bola oito. Winn olhou de relance o retrato do avô. Frederick parecia aborrecido no quadro, o queixo largo e a cara fechada sobre a gravata branca.

— Ele era veado, você sabia — declarou Haviland casualmente. — Caçapa lateral. — Deslizou o taco entre os nós dos dedos e com um estalido lançou a bola branca numa viagem até a bola oito, que ricocheteou, quase entrou na caçapa lateral e girou até parar.

— Perdão? — disse Winn.

— Seu avô. — Haviland levou o taco aos ombros e o usou para apontar o retrato. — Era um veado.

Winn abriu um meio-sorriso, sem entender a piada.

— Não sei o que o senhor quer dizer.

— Como posso ser mais claro? Ele era um veado, uma bicha, um homossexual. Você não sabia? É a sua vez.

Winn não se mexeu.

— Acho que o senhor está enganado. Ele era casado. Ele teve o meu pai.

Um lustre longo e sombrio pendia sobre a mesa, iluminando-a como se fosse um palco. Haviland descansou as mãos na borda e se debruçou embaixo da luz. Parecia perfeitamente sério.

— Não se preocupe. Não é de conhecimento geral, mas é a verdade. É provável que você tenha cruzado com algumas pessoas que sabem, mas seu pai tem sido muito eficiente em garantir que a história toda seja esquecida, pelo seu bem. Eu só sei porque me tornei o historiador extraoficial do clube. Algumas pistas dispersas em velhas cartas me chamaram a atenção. Eu as segui. Mesmo nos tempos de Tipton a maioria não sabia. Ele era muito discreto. Meu pai o conhecia. Eu o conheci bastante bem, também, e nunca teria adivinhado. Você sabe quem foi Winn Cunningham?

— Foi o tio do meu avô. Ele ajudou o meu avô nos negócios.

Haviland forçou um riso.

— Essa é a história? Bom, Tipton é esperto de manter as coisas simples. Não, Winn Cunningham *não* era parente de Frederick. Cunningham era dono de uma fábrica de papel. Frederick e o pai trabalhavam lá. Você deve saber onde estou querendo chegar. Seu bisavô essencialmente vendeu Frederick a Cunningham quando ele tinha 15 ou 16 anos. Naturalmente, eles eram muito pobres. Desesperados. Ao que parece, Frederick era muito bonito quando jovem. Cunningham assumiu o garoto, pagou por sua educação e o manteve bem-vestido, e teve a consideração de morrer enquanto Frederick ainda era jovem. Cunningham não tinha família, ou ao menos nenhum familiar disposto a contestar o testamento, e assim Frederick herdou várias fábricas, vários barcos, sua casa, tudo o mais que havia. — Haviland olhou a mesa e, com ponderação, matou a bola oito. Depois que ela desapareceu com um ruído suave na caçapa, foi que ele se lembrou. — Ah, era a sua vez, não era? Me desculpe. Nem cheguei a cantar a caçapa. Não sei o que estava pensando. Eu concedo a partida a você. Ordene a mesa de novo, sim?

— Espera — interrompeu Winn, e secou a testa com a manga. — Um minuto.

— Claro, tome seu tempo.

Haviland foi buscar o triângulo e começou a tirar as bolas das caçapas. A visão dele se movendo com tanta calma em volta da mesa, atirando as esferas brilhantes que deslizavam e batiam umas nas outras com um gesto de sua munheca, enfureceu Winn.

— Espera, para — disse Winn. Haviland se afastou da mesa e parou com as mãos nos bolsos. — Me desculpe, mas o senhor está enganado. Muito enganado. Não sei por que o senhor... não vejo que razão teria pra dizer essas coisas. Coisas cruéis, repugnantes.

— Como qualquer outra pessoa, não gosto de ser aquele que dá más notícias. Mas posso ver que você acredita em mim. Por isso está nervoso. Deve ter sentido que havia alguma coisa. Nunca houve comentários casuais? Silêncios estranhos? Seu avô foi esperto o bastante para ir embora por alguns anos depois que Cunningham morreu, acho que para a Europa. Depois voltou e começou de novo. Viveu respeitavelmente. Era mais fácil para todo mundo fingir ter esquecido. Seu pai tenta apagar o passado, admiravelmente, mas ainda existem algumas pessoas que se lembram. Frederick deveria ter ido para outra cidade. Você chegou mais longe do que se poderia imaginar. Quase pode passar pelo que você pensa que é. Eu não contei nada a Ophelia, ela provavelmente diria que estou sendo antiquado. Vou parar por aqui. — Haviland ergueu o triângulo. Reluzentes e inertes, as bolas preservaram sua ordem até que, com um estrépito, revoaram como pássaros assustados. Nenhuma entrou. — Droga! — exclamou Haviland.

Winn se debruçou sobre a mesa. Seus dedos estavam suados e o taco escorregou, lançando uma bola instável para o lado.

— O senhor não acha... Não pode estar dizendo que... Ophelia não é... Em 1976, o senhor ainda...

Parou e tentou organizar os pensamentos. Sempre lhe haviam dito que sua família se estabelecera na sociedade de Boston pelos esforços de Frederick em crescer de caixeiro a senhor de engenho. A ideia de Frederick como consorte infantil de uma bicha velha lasciva não batia com nada que Winn soubesse. Era uma perversão, uma piada sórdida. Queria atravessar Haviland com seu taco. Por que aquele homem dizia essas coisas? Ele devia estar querendo sabotar a relação de Winn com Ophelia. Mas por quê? Haviland devia se sentir grato por ele estar interessado. Winn julgava que estaria bastante óbvio para todos que ele era capaz de conseguir algo melhor, e de que seu interesse pela garota era um sinal de

maturidade, de que estava abrindo mão de algum ideal romântico juvenil.

— O senhor desaprova minha relação com Ophelia?

Haviland lançou sobre ele um olhar curioso.

— Não, mas achei que devíamos conversar antes que se tornasse séria demais. Seria melhor que não ficasse séria demais.

Com o máximo de dignidade que conseguiu exibir, Winn cruzou a sala e deixou o taco na prateleira da parede. Virando-se, falou:

— Acredito, *irmão* Haviland — esse era o modo como os membros do Ofídios se dirigiam uns aos outros —, que o senhor cometeu vários erros esta noite, e um dia vai se arrepender por todos eles.

Haviland deixou a cabeça cair para o lado.

— Você sabe, para mim é interessante que seu pai tenha lhe dado o nome de Cunningham. Acho que foi o jeito que ele viu de legitimar a situação. A melhor defesa é o ataque, segundo dizem.

— Recebi o nome do meu tio-avô — declarou Winn com firmeza.

— Se você diz. — Haviland se curvou e deu uma tacada, se curvou e deu outra tacada, matando indiscriminadamente as bolas com golpes certeiros de seu taco. — Se serve de consolo para você, o Vespasiano tem uma longa tradição de homens assim. Sabe o que encontraram quando entraram neste prédio pela primeira vez depois da morte de Arthur Andrew Depuis? A casa de veraneio de Calígula. Estátuas de nus, pinturas sugestivas, objetos tribais incomuns. O chão do Forte era um mosaico com um menino pastor nu acariciando o chifre de um bode. Eu queria ter sido uma mosca na parede no momento em que a Sociedade dos Cavalos-Marinhos passou pela porta. Ninguém sabia, é claro. Ele deixou o prédio para a Sociedade como um tipo de piada porque não haviam deixado ele entrar no clube. As pessoas vão longe para se vingar daqueles que as excluíram, não é interessante? Eu poderia ter vetado você do Clube dos Ofídios, você sabe, mas preferi não fazer isso. Eu te admiro, Winn. Você é um lutador. Para a sorte da Sociedade dos Cavalos-Marinhos, Depuis era um admirador de antiguidades em geral tanto quanto da forma masculina, e eles conseguiram salvar algumas coisas, como a piscina, por exemplo. E acho que a maior parte destes quadros era dele. Foi mais fácil preservar o que podiam e trocar o nome. Assim não precisavam destruir o prédio inteiro. É provável que tenha sido melhor. Se tivessem decorado tudo com cavalos-marinhos, não tenho certeza de que pareceria menos veado do que com a decoração de Depuis. — De novo, a mesa era um campo verde vazio. Haviland sentou-se com o taco e pegou os óculos.

— O senhor parece saber bastante sobre esse tipo de coisa — comentou Winn.

— É um hobby seu?

Haviland sorriu sem humor.

— Espero que compreenda que não é nada pessoal. Se algum dia tiver uma filha, você vai entender.

Winn havia terminado com Ophelia com tanta crueldade quanto ele podia aguentar. Parou de ligar para ela, cancelou os encontros que tinham combinado e levou a garota mais bonita que pôde encontrar a uma festa onde sabia que ela estaria. Sentiu uma pontada de culpa ao ver Ophelia na entrada da casa de Harry Pitton-White, o rosto abatido, os olhos protuberantes enchendo-se de lágrimas, e em seguida o valente esforço em se recompor. Estava usando um vestido curto de verão com uma estampa de elefantes rosa e verdes — o fato é que tinha pernas incríveis. Ele virou o rosto, fingindo-se absorto com a história que sua garota estava contando sobre seus anos fumando cigarros proibidos pela janela do alojamento em Foxcroft.

— Era radical! — dizia ela sem parar.

A noite, para seus propósitos, começou como um sucesso. Ophelia parecia miserável. A companhia dele parecia deslumbrante. Harry Pitton-White o levou para um canto e ergueu o polegar na direção da garota que Winn havia levado, que ainda exclamava "Radical!" do outro lado da sala, e perguntou:

— Onde você achou essa Helena de Troia?

— Num jantar — respondeu Winn.

— Belo rosto. Bela bunda.

Winn estudou as protuberâncias gêmeas na estampa colorida do vestido da garota.

— Eu diria que aquele rosto poderia lançar ao mar setecentos ou oitocentos navios, no máximo. Mas aquela bunda, *sim*, vale mil navios.

— *Bon voyage* — disse Pitton-White, pegando um punhado de amêndoas de uma tigela próxima, despejando algumas na boca e outras no carpete.

— Pode ficar com ela depois desta noite.

— Mesmo? De qualquer forma, o que aconteceu com você e a Haviland?

— Nunca me empolguei muito com ela.

— E também não quer se envolver com essa?

— Não por muito tempo.

— Deve ser bom ser você — brincou Pitton-White.

Ele foi apagar a luz da sala e colocar um disco, e todos afastaram os móveis e

começaram a dançar. A acompanhante de Winn saltava para cima e para baixo no meio das pessoas, olhando em todas as direções e agitando a própria cabeleira. Logo Pitton-White estava pulando ao lado dela e tentando segurá-la pela cintura. Ophelia se mexia um pouco na periferia, sorrindo ligeiramente. Winn se encostou à parede e se pôs a observá-la. Se estivesse mais sóbrio, teria sido mais cuidadoso, porém estava bêbado e se deixou olhar. Ela ergueu os olhos e o viu observando. Ele voltou a atenção para as amêndoas, mas soube que ela vinha em sua direção.

— Eu fiz alguma coisa de errado? — perguntou ela.

— Não.

— Bom, então, por quê...?

— Só não é para mim. Me desculpa.

— Você poderia ter me dito isso. Não precisava ter me largado ao vento. Parece que você não quer só terminar comigo, quer que seja do jeito mais cruel possível.

— Me desculpa.

— Eu gostaria de saber por quê.

Winn observava os dançarinos saltando e girando com exuberância, os cotovelos voando. Não esperava que Ophelia fosse tão persistente. Sem saber, ela estava lhe apresentando uma oportunidade irresistível de realmente abater os Haviland.

— Não é nada que você possa fazer. É a sua aparência.

Ela recuou.

— O quê?

— São os seus olhos. Olhos saltados. Eu me vejo com uma mulher mais bonita. Nunca me senti atraído por você. Não gosto de olhar pra você.

Ophelia corou. Seus olhos se incharam ainda mais de raiva. Imaginou que ela fugiria, choraria. Viu-se nervoso, mastigando amêndoas uma atrás da outra.

— Você não conseguia tirar as mãos de cima de mim — acusou ela com voz dura. — Acho que se sentia bastante atraído por mim. Você largou aquela garota, Wellesley, por mim. Você durou cinco segundos na cama. Eu me senti como se fosse uma garota de 15 anos. Não gosta de me olhar, então por que ficou me olhando a noite inteira? Até a garota que você trouxe notou.

Na pista de dança, a garota os observava por cima dos ombros de Pitton-White e franzia o rosto. Winn deu de ombros e comeu outra amêndoa. O que Ophelia dissera era verdade, mas a felicidade no quarto era algo separado de suas expectativas de beleza física.

— Me desculpa. Não posso fazer nada. Por que você não tenta reagir com dignidade?

— E não sei se você notou — prosseguiu ela —, mas eu sou no mínimo tão atraente quanto você. Até que é bonito, mas sua pele é ruim e... — Ophelia baixou os olhos até o ponto que Winn já sabia ser seu traço mais lamentável — você tem um queixo fraco.

Ela balançou a cabeça, ainda de olhos fixos naquele ponto decepcionante embaixo de seus lábios. Ele desejou que Ophelia não estivesse tão disposta a aproveitar suas chances, algo que adorava nela. Seus próprios dedos subiram até o queixo, o apertaram com suavidade, como se fosse uma fruta. Winn tinha um claro delineamento entre o pescoço e o rosto, mas ainda assim seu queixo não era do tipo forte, afiado, masculino que deveria ser. O problema era que tinha uma ligeira suavidade a mais *embaixo* do queixo, uma bolsa pendente de carne que ele carregava desde a infância e que tendia a inchar a parte inferior de seu maxilar, sobretudo quando Winn não cuidava de recuar a cabeça para dentro do pescoço. Queixos fracos eram para homens fracos, sintomáticos de covardia, corrupção, apetites desviantes e má formação, e ele se viu forçado a concluir que, tanto num nível cosmético quanto como traço de sua essência, seus defeitos mandibulares o tornavam menos atraente do que seria com um queixo perfeito ao estilo Gregory Peck. Mas não restava nada a fazer.

— Não posso fazer nada se não me sinto atraído por você. Não tem motivo pra ser má.

Os olhos dela saltaram ainda mais.

— Eu sabia que você não fazia ideia do que é o amor, mas achava que sabia o que era atração. Você é um idiota.

— Bom, foi você quem disse que me amava.

— Tem razão. Eu sou ainda mais idiota.

Ophelia deu meia-volta e desapareceu no meio da festa, reemergindo pouco depois já de casaco, com olhos raivosos e batendo a porta. Ninguém mais pareceu notar que ela havia partido.

Winn voltou para casa com sua garota, tomada de excitação pela dança e pelo ciúme, mas ele foi tão ríspido que a assustou. Medo era uma coisa que ele nunca havia suscitado em uma mulher, e em parte gostou de ser visto como amedrontador, embora soubesse que estava sendo egoísta e até perverso. Quando ela pediu que ele parasse, Winn aceitou sem discutir, deixando-a em sua cama de rosto virado para a parede. Por semanas, depois disso, seus dedos tinham o hábito de acariciar o queixo, tentando esculpi-lo num formato melhor. Então

acabou perdendo o contato com Ophelia, que parecia ter superado o término, e, embora de vez em quando encontrasse o pai dela nos jantares do Vespasiano ou do Clube dos Ofídios, evitava falar com ele. Quando exatamente ela se tornara Fee ele não sabia, e também não sabia como ela conhecera Fenn, porém soube por boatos que estavam saindo e mais tarde que haviam noivado. Não foi convidado ao casamento, mas ouviu dizer que foi uma grande festa, e soube do nascimento de seus filhos e em seguida dos problemas de Meg. A união entre duas pessoas que ele havia rejeitado o enervava, mas sempre que cruzou com os dois, nos anos seguintes, eles se mostravam perfeitamente cordiais. Após ter se envolvido com Teddy, Livia disse que eram sempre agradáveis com ela e, até os problemas com o Pequod ocorrerem, Winn havia começado a pensar que a má relação só existia em sua imaginação.

* * *

De algum lugar da casa, ouviu-se uma descarga. O piso rangeu. Winn se ergueu na poltrona. Estava inclinado para a frente num ângulo imperdoável, descansando a bochecha na mesa, e agora seu pescoço doía. A maior parte da neblina já havia se dissipado, e seu escritório estava tomado por uma luz cálida, amarelada. Devolveu o álbum à prateleira e se livrou do roupão e das pantufas. Descalço, foi até a porta lateral e pegou sua raquete e seus tênis no armário. Enquanto amarrava os cadarços, ouviu vozes femininas no andar de cima. Mais tábuas do piso rangeram, e ouviu outro jorro de água pelos canos. Fechando com cuidado a porta de tela atrás de si, saiu, balançou por alguns metros em sua bicicleta e desceu pedalando freneticamente pela entrada da garagem, derrapando no cascalho e sentindo que havia escapado por pouco.

Dez • Mais que um peixe, mais que um mar

Dominique sentou-se numa cadeira de praia para ler um livro de culinária emprestado da coleção de Winn. Um guarda-sol fechado descansava ao seu lado na areia; a manhã ainda estava fria, e o sol era agradável. Livia estava deitada numa toalha ali perto. Trajava uma camiseta por cima do biquíni e estava de braços cruzados por cima do rosto. Para dramatizar sua ressaca, emitia um grunhido constante.

— Vai pular na água pra lavar esse efeito — aconselhou Dominique.

Livia tirou os braços do rosto e ergueu o pescoço para olhar as ondas.

— Não sei. Ainda estou com frio.

— Não acredito que vocês dormiram na praia.

Livia deixou a cabeça tombar de novo na toalha.

— Eu sei. Mas não foi bem dormir.

Dominique observou uma gaivota carregando pelo ar uma vieira e pairando, batendo as asas, antes de deixá-la cair na areia dura e mergulhando atrás para recolher a carne. Piper vagava às margens da água coletando conchas enquanto Daphne chafurdava na arrebentação e saía do outro lado, boiando de costas e admirando o modo como a ilha sumia atrás da barriga, dos joelhos, dos pés. Greyson submergiu e reapareceu, erguendo-a em seus braços e cobrindo com seu rugido os gritos agudos dela, antes de devolvê-la suavemente à água como se fosse fazer um ovo *poché*. A barriga emergiu, desapareceu e voltou a emergir. Francis estava deitado numa toalha ao sol. Charlie jogava frescobol com Dicky Jr., que usava uma camisa polo e tinha uma mancha cor de zinco no nariz. Celeste e Biddy relaxavam à sombra de um guarda-sol. Agatha, reclamando de uma dor de cabeça, tinha ficado em casa.

Uma brisa havia batido e limpado o que restava da neblina, e nuvens gordas se

afastavam decididas mar adentro. O sol aparecia e desaparecia através de suas torres e seus buracos; colunas diagonais de luz criavam ilhas cor de jade na água.

— Como ficaram as coisas entre vocês? — perguntou Dominique.

— Não sei — respondeu Livia. — Ambíguas. Quando o dia começou a raiar, a gente andou de volta até a casa, o que demorou anos porque eu me perdi na neblina. Não estávamos propriamente conversando, e então ele me deu um beijo na bochecha e entrou no jipe à espera de Greyson. E foi isso. Graças a Deus ele não veio pra praia. Acho que eu não conseguiria interagir com ele agora, na frente de toda essa gente.

Ela grunhiu de novo e pressionou os olhos com as palmas das mãos, no entanto Dominique ficou com a impressão de que, na verdade, ela estava se pavoneando um pouco, orgulhosa de sua ousadia, de ter seduzido um homem mais velho, um homem que não era Teddy. Ficou tocando o côncavo da barriga onde a camiseta se erguia e cruzando e descruzando os joelhos como alguém que tivesse acabado de descobrir a própria pele. Convidados de casamentos, Dominique pensou, são quase contratualmente obrigados a dar uma escapada para se beijar e se agarrar. A união de um padrinho e uma madrinha era uma consumação simbólica, uma dança da chuva, um rito pagão alimentado pela proximidade do amor, do otimismo e da bebida liberada.

Uma onda lavou a areia, capturando a bola amarela de frescobol. Charlie partiu atrás dela. Fez um show de seu mergulho na arrebentação, expondo as solas brancas dos pés. Livia acrescentou:

— Uma festa sempre parece uma decepção se você não volta pra casa com alguém.

— Talvez — considerou Dominique. — Mas acho que não devia pegar essa estrada de novo. Não com Sterling.

— Bom — ponderou Livia, rolando de bruços e apalpando o queixo —, isso pode ser difícil.

— Não estou querendo ser estraga-prazeres, mas sexo com seu cunhado não é uma boa ideia.

Livia sacudiu os pés, alegre e infantil.

— Você não tem alguma coisa a dizer sobre desejos imprudentes? Qual é o sentido de ser solteira se não se pode acumular umas boas histórias pra usar quando for velha e tediosa? A cautela não enfraquece perto da paixão crua?

Dominique fechou o livro, marcando a página com o indicador.

— Paixão crua?

— Você sabe o que eu quero dizer.

— Eu sei o que você quer dizer, Madame Karenina, mas as pessoas são idiotas. Elas podem incentivar enquanto você comete seus errinhos, mas depois vão estar lá pra assistir quando sua aventura terminar mal.

— Mas ele não tem qualquer importância. Se me ferir, vai ser uma distração. É como se beliscar depois de ter chutado uma pedra pra poder se concentrar na dor menor.

— Não diga que eu não avisei.

— Não vou dizer.

Dominique se reclinou para trás, conformada por ter feito tudo o que podia. A amizade feminina era feita um décimo de prevenção e nove décimos de ajuda posterior. Livia faria o que faria. Seus hormônios de menina triste a empurrariam para os braços de outro homem que não a queria e, quando Sterling a dispensasse, Dominique seria chamada para aprovar seus mecanismos de defesa, dizer que é claro que havia uma razão mais complexa para ele não se permitir ser mais franco com ela, é claro que ele sabia que ela era boa demais para ele (nenhum homem jamais pensaria isso, algo contrário à seleção natural), é claro que ele tinha medo de se machucar. Quando Dominique subiu para o quarto depois da festa, Agatha estava enfiada em sua pequena cama de latão, suspirando e chorando para sinalizar que precisava de consolo por algum motivo. Dominique a ignorou, e Piper já tinha mergulhado de cabeça em sua própria cama e havia caído no sono sem nem tirar o suéter verde. O que quer que Agatha tivesse aprontado, Dominique não queria tomar parte.

Um jipe salva-vidas passou, e o motorista ergueu a mão bronzeada num cumprimento preguiçoso. Dois homens de botas de borracha iam na caçamba com baldes e meia dúzia de ferramentas que pareciam pás estreitas com longos cabos. Foram se perdendo na distância, seguindo a curva da costa até sumirem de vista.

— Me pergunto o que estará acontecendo — disse Livia.

Daphne penou para sair da água, enrolou uma toalha nos ombros e abriu uma cadeira de tela, instalando-a na areia.

— Bom mergulho? — perguntou Dominique.

— Você não sabe o valor da leveza até estar grávida — comentou Daphne, espremendo os cabelos. — É fantástico. Agora eu entendo por que as hipopótamas passam tanto tempo na água.

— As fêmeas também se chamam hipopótamos — corrigiu Livia.

— Mas se pode dizer hipopótama, não?

— Você é a noiva — declarou Livia. — Pode dizer tudo o que quiser.

Daphne relaxou na cadeira.

— Dominique, no Nilo tem hipopótamos, não tem?

— Tem. Acho que o feminino seria "coisa assustadora".

Livia soltou um muxoxo desaprovando a irmã.

— Você vai perguntar a ela sobre os segredos da tumba de Tutancâmon?

— Não sei por que você está arredia comigo.

— Não estou arredia.

— Está, sim.

— Não tem alguma questão do casamento que você deveria estar resolvendo?

— Tipo o quê?

— É só que parece estranho que você possa ficar sentada na praia, tranquila, na véspera do seu casamento.

— A mamãe disse que é pra isso que serve a organizadora.

— Quem está recebendo os parentes?

— Não sei. Estão recebendo a si mesmos. A gente vai ver eles esta noite. Aliás, que horas são?

Dominique consultou seu telefone.

— Onze.

— Nesse caso, acho que você pode curtir o dia tranquila — concluiu Livia.

Daphne correu as mãos pela barriga como se fosse uma vidente consultando uma bola de cristal.

— Você está agindo como se *eu* tivesse envergonhado *você* ontem à noite.

— Não é da sua conta.

As duas sempre haviam se sentido perfeitamente confortáveis em brigar na frente de Dominique. Ela até achava que as irmãs preferiam brigar diante de algum público. Cada uma pensava estar certa, e cada uma tinha igual certeza de que Dominique estava de seu lado. Nunca pareciam reparar em que lado ela de fato estava e, na verdade, em geral não perguntavam. Mas tanto Daphne quanto Livia depois se lembravam dela como uma aliada, e assim, sem qualquer esforço, Dominique dava um jeito de sair ilesa da maioria dos desentendimentos da família Van Meter.

— Obviamente, é da minha conta — retorquiu Daphne. — Greyson está exausto. Não dormiu quase nada.

— Por que você não deixou ele simplesmente dormir na sua cama?

— A gente está tentando ser romântico. E, Livia, Sterling é um mau negócio.

— Só porque você está casando, isso não significa que sabe tudo sobre homens.

— Por que se colocar numa armadilha?

— Meu Deus! — exclamou Livia, ultrajada. — Só me deixa tomar a minha decisão errada, só desta vez. Já tive términos demais. Queria um início pra variar.

Dominique e Daphne intercambiaram um olhar cético.

Livia corou de raiva.

— Agatha faz o que bem entende o tempo inteiro, e vocês não ficam tão preocupadas, cercando por todo lado e mandando tomar cuidado.

— O que Agatha tem a ver com isso? — perguntou Daphne.

— Se Agatha tivesse transado com Sterling, vocês estariam dando esse sermão *nela*?

— Não é um sermão. Você *transou* com ele? Achei que só tivessem brincado. Por Deus.

Dominique interveio:

— Você não quer ser como Agatha.

— Talvez eu queira.

— Não quer — corrigiu Daphne com firmeza, encorajada pelo endosso de Dominique.

— Não vem dizer o que eu quero!

Daphne lançou as mãos ao ar.

— Sabe, Livia? Não ligo pro que você fizer. — Tirou um livro sobre maternidade de sua bolsa de praia e folheou algumas páginas. Livia pousou a bochecha na toalha e fechou os olhos.

Dominique ficou olhando a água, as pessoas nadando. Na primavera anterior, ela e Sebastiaan haviam viajado ao mar Vermelho e feito um passeio de barco para mergulhar. Num dado momento, ancoraram perto da costa, talvez a uns 400 metros. O capitão disse que eles podiam nadar até a praia, e assim Dominique fez enquanto Sebastiaan permaneceu no barco fumando cigarros de cravo e lendo poesia holandesa. O mar estava quente; nadar era bom. Mesmo não tendo nadado regularmente desde a faculdade, seus ombros ainda eram fortes e ela cortava a água com autoridade. A meio caminho da praia, parou para submergir e dar uma olhada no fundo. A água estava muito clara. Viu o fundo do mar em declive, o casco pálido do barco e, para além dele, grandes sombras escuras movendo-se pela água. Eram baleias: distantes, indistintas e incrivelmente enormes. Nunca contara a história a Livia porque sabia que ela a estragaria perguntando que *tipo* de baleia eram e o que estavam fazendo (alimentando-se? migrando? brincando?), e Dominique não sabia, e também não

queria pensar nelas desse jeito, como animais seguindo seu comportamento normal. Preferia pensar nelas como mistérios à espreita.

Piper se aproximou, mostrando nas mãos um pequeno objeto.

— Ei. O que é isto? Elas estão por todos os lados.

O objeto era como uma concha oca com a forma de um grande escaravelho, seco e preto como a textura de um papiro e duas pontas curvas de cada lado.

— É uma bolsa de sereia — respondeu Daphne.

Livia soltou um suspiro de superioridade.

— Isso é onde ficam guardados os ovos dos batoídeos.

Piper pareceu confusa.

— Então, o que é?

— As duas coisas — explicou Daphne, estendendo a mão para pegá-lo de Piper. — As pessoas chamam de bolsa de sereia. Não lembro quem me ensinou isso. Talvez Dryden.

— Quem é Dryden? — perguntou Piper.

— Nosso primo gay — respondeu Livia.

Dominique imaginou que a jovem Daphne devia ter ficado decepcionada com o objeto que levava aquele nome. A bolsa de uma sereia devia ser verde e brilhante, e aquela coisa, com a superfície preta e lisa e as pontas curvas, era estranha e sinistra.

Piper pensou por um minuto.

— O que é um batoídeo?

— Um peixe chato e cartilaginoso — explicou Livia. — Tipo uma arraia. Ele se enterra na areia.

Daphne o arremessou longe.

— Meu Deus, eu estou com uma vontade de dar umas estrelas. Se não estivesse grávida, daria. Greyson! Dá uma estrela!

Mais à frente, na praia, Greyson acenou e deu uma estrela perfeita, e depois outra e outra. Seus membros giravam como uma roda sob o sol.

— Também quero dar uma estrela! — Piper entrou na brincadeira. Lançou-se areia abaixo como uma ginasta prestes a saltar e deu uma estrela enérgica diante de Francis, que aplaudiu quando ela parou, com os braços acima da cabeça em pose de ta-rã! — Espera — gritou ela. — Olha! — Afastou-se uma certa distância e voltou correndo, deu um salto preparatório e se atirou para a frente numa pirueta. Não ganhou impulso suficiente na partida e calculou mal o salto, caindo no ângulo de um dardo e batendo forte a bunda. Charlie e Dicky Jr. foram correndo até ela.

— Você está bem? — gritou Daphne da cadeira.

Piper, sentada na cratera aberta, abanou a mão em resposta.

— Ela está rindo ou chorando? — perguntou Livia.

Dominique cobriu os olhos com a mão e viu os rapazes erguendo Piper, leve como uma criança.

— Não sei dizer.

— Aonde está *indo* toda essa gente? — perguntou Daphne, vendo outro jipe passar. — Ei! Ei! Aonde vocês estão indo?

Um dos homens na caçamba do jipe gritou ao vento, com as mãos em concha em volta da boca.

— Tem uma leia!

— O quê?

— Tem uma *ba-le-ia*! Ali na ponta. Encalhada!

— Ela está viva? — gritou Livia.

Ele estava cada vez mais distante, e apontou para seu ouvido. Ela protegeu a voz com as mãos em concha:

— Está viva? A baleia está viva?

Winn, resplandecente em suas roupas de tênis e triunfante depois de ter batido seu velho amigo Goodman Perry sem perder nenhum set, pedalava de volta para casa em sua bicicleta com a cesta repleta de bolinhos de mirtilo quando virou uma esquina e viu um carrinho de golfe parado ao lado da ciclovia. Estava de bom humor. Sua ressaca havia se dissipado em algum momento do aquecimento, e o magnífico alívio de já não se sentir péssimo foi o bastante para lhe garantir um bom começo, ganhando os três primeiros pontos e, mais tarde, o primeiro set. Perry era o melhor jogador, e a princípio o claro domínio de Winn havia deixado os dois intrigados. Por volta da metade do segundo set aquilo já empolgava Winn e enervava Perry. Entre os pontos, Perry se aproximava, corria a raquete pela rede e lutava contra o saibro, sempre murmurando algo para si mesmo.

— É esse casamento — gritou Winn. — Tenho mais agressividade represada do que de costume.

Perry assentiu e soltou um *backhand* elegante.

— O saque é seu.

Winn venceu o ponto seguinte com uma bela deixadinha que fez Perry sair correndo lá do fundo com a raquete estendida como se tentasse pegar uma

borboleta.

— Boa corrida — brincou Winn, arrancando de Perry um olhar furioso.

Pressionando a mão contra as cordas da raquete, Winn observou a pele inchando os vãos. Seu súbito tino para o tênis sugeria que ele podia estar carregado de talentos físicos ainda não descobertos ou plenamente percebidos. Ao bater na bola e assistir a Perry praticar um resoluto agachamento do outro lado da quadra, sobreveio-lhe o pensamento perverso de que sua conquista de Agatha — e ele considerava uma conquista porque, na verdade, a permissão de uma mulher é o obstáculo central — era responsável pela melhora no jogo. Perguntou-se se aquele encontro furtivo estava agindo em sua masculinidade como alguma erva chinesa ou poder vodu, tornando-o mais forte e mais ágil, capaz de — e aqui ele se arqueou para trás e arremeteu um ace que passou por Perry e foi explodir ruidosamente na grade — se afirmar.

Comemorou parando no mercado e comprando cinco belos bolinhos, não o bastante para todo mundo, mas todos os que restavam na loja. Em seguida, no trecho do caminho que margeava o 12º buraco do Pequod, antes mesmo da metade do caminho, viu um carrinho de golfe. Não tinha razão para estar onde estava. Havia trilhas separadas para bicicletas e carrinhos, e esse encontrava-se claramente na trilha errada. O costume de Winn era pedalar rápido, porém de modo casual, inclinado para trás no selim e dando golpes ocasionais com a raquete. Enquanto passava apressado, os joelhos imprimindo um ritmo forte, cortando o ar para se livrar da visão do carrinho malandro, percebeu que havia um homem atrás do volante e, logo acima, no alto de um pequeno morro, mais dois homens de viseira e shorts com pregas, debruçados sobre seus tacos. O homem no carrinho estava curvado de lado para extrair uma bola branca mínima de uma confusão de grama e heras venenosas. Winn se desviou até o limite da trilha e perscrutou os golfistas.

Talvez devesse ter gritado alguma coisa ou feito ressoar seu sininho prateado, mas, tal como aconteceu, justo quando passava atrás do carrinho, o motorista ergueu a mão com a bola de golfe e saiu zunindo de ré sem olhar para trás. Escapar era impossível. Ouviu-se a mudança de marcha, o grito agudo do sinal de alerta da máquina, e então o para-lama de plástico ergueu Winn e sua bicicleta arremessando-os para fora da trilha. Mais tarde se lembraria de uma série de imagens distorcidas, trapezoidais, como as imagens captadas por uma antena com defeito: o céu, o asfalto, a nuca do motorista, a grama onde pousara. No instante aéreo da batida, um pedal girou com força e cortou a carne de sua panturrilha, deixando uma ferida em forma de foice e, para piorar ainda mais a

dor, a raquete voou de sua mão indo parar na estrada, onde foi de imediato atropelada por uma van que passava. Dois bolinhos escaparam da cesta, um indo descansar na calha e o outro parando de pé na grama como um cogumelo mais robusto.

Deitado de costas, a perna em chamas, Winn olhava o céu e contorcia o rosto. Uma nuvem alta em forma de caule passava na frente do sol, sendo logo obliterada por um rosto.

— Ei! — chamou o homem do carrinho de golfe, erguendo a bicicleta de Winn. — Você está bem? Bateu a cabeça?

Abaixo da aba de seu chapéu e atrás de óculos grossos piscavam dois olhos pequenos e aquosos. A carne vermelha de seu nariz achatado era arejada por poros abundantes e profundos, e a pele de seu rosto apresentou algumas sobras quando ele se debruçou, perto o bastante para que Winn pudesse sentir seu bafo, bolorento, equino, o bafo de quem comesse apenas grama. Talvez o soltassem à noite para pastar no campo.

— Ai, Deus. — exclamou Winn. — Meu Deus, isso dói.

O homem se aproximou ainda mais e fitou os olhos de Winn como se quisesse hipnotizá-lo.

— Você bateu a cabeça? — insistiu.

Winn moveu o pescoço.

— Acho que não. Não, o problema é minha perna.

Olharam a perna dele, que estava sangrando.

— É melhor estancar isso aí — sugeriu o homem, tirando um lenço vermelho estampado do bolso de trás e lhe entregando.

— Concordo — disse Winn. Tirou seu anel de sinete e o enfiou no bolso do short antes de pressionar o lenço contra a ferida. Os golfistas que estavam no alto do morro já haviam sumido.

Pensativo, o homem segurou o lábio inferior entre o polegar e o indicador.

— Quer usar o meu telefone?

Biddy foi convocada da praia, e Winn ficou sentado na grama esperando por ela, encarando seu novo antagonista. Esperava que o homem dissesse alguma coisa, mas ele permanecia em silêncio, com o olhar distante como se esperasse um ônibus.

— Você é sócio do Pequod? — perguntou Winn.

— Não, trabalho lá.

Winn sentiu que fazia um ponto: era capaz de identificar um carregador de tacos a um quilômetro de distância.

— Com todo o respeito, você não tinha o direito de passagem. Estava num veículo motorizado no meio de uma ciclovia.

Surpreso, o homem se virou para olhar o carrinho de golfe, como se tivesse sido cutucado no ombro.

— Veículo motorizado?

— Exato — afirmou Winn.

— É um carrinho de golfe.

— Tem motor.

— Mas não é um carro.

— Não precisa ser.

— Acho que precisa.

— Bom, ainda assim é perigoso entrar com ele na ciclovia. É exatamente por isso que existem vias separadas pros carrinhos, e você devia ter ficado nelas. Se precisa usar a ciclovia, tem que vir a pé.

— Isso não está escrito em lugar nenhum — argumentou o homem, com as mãos nos bolsos.

Winn pestanejou, pasmo. Esse homem, ele percebia, esse homem que o havia derrubado da bicicleta, esse homem que tinha lhe provocado uma ferida que obviamente precisaria de pontos e o faria mancar para entregar Daphne no casamento em pouco mais de 24 horas, esse homem não tinha qualquer intenção de pedir desculpas. Um pedido de desculpas seria uma simples cortesia, não uma admissão de culpa, nada que acarretasse qualquer responsabilidade legal. Devia dizer que lamentava ter causado a ele dor mesmo sendo o tipo de pessoa que tem um entendimento turvo, na melhor das hipóteses, dos confrontos entre veículos motorizados e não motorizados.

— Qual é o seu nome? — quis saber Winn.

— Otis Derringer.

— Sr. Derringer, este tempo todo eu estou esperando que peça desculpas, algo muito natural a se fazer dadas as circunstâncias e os acontecimentos dos últimos minutos, e se recusa.

Mais uma vez, Otis se virou para olhar o carrinho de golfe, agora como se pedisse reforços, como se dissesse ao carrinho: *Vê se pode esse cara*. Tirou o chapéu e secou a marca deixada em sua testa. Uma mancha de suor envelhecido escurecia a borda.

— Bom, senhor — começou Otis reposicionando o chapéu —, eu não acho que eu deva pedir desculpas. Eu fiz a coisa certa. Parei e perguntei se bateu a cabeça. Ofereci meu telefone. Você pediu que eu esperasse com você, e eu estou

esperando. Além disso, acho que podemos dizer que acidentes acontecem e deixar por isso mesmo.

O indicador direito de Winn se pôs em riste e parou diante do rosto de Otis.

— Mas alguns acidentes são *provocados* — acusou, com o dedo crepitando na direção de Otis como um cão de caça acorrentado — por pessoas que saem impunes enquanto outras pagam o preço. — Winn se perguntou quanto sangue teria perdido. Seus dedos estavam pegajosos no ponto em que haviam tocado o lenço encharcado. Afastando o pano, viu o talho brilhante jorrando no meio de sua carne.

— Acho que você devia ter freado — disse Otis. — Eu não vi que você estava vindo.

— Você não olhou.

— Acredito que olhei.

— Tudo bem, que tal assim? Mesmo se você pedir desculpas, isso não significa que a culpa inteira seja sua. Eu vou aceitar simplesmente como um gesto de amizade.

Otis projetou o maxilar para a frente, fazendo seu rosto parecer ainda mais o de um buldogue.

— Sou um sujeito amigável. Eu realmente não acho que devo pedir desculpas, mas, se você quer que eu peça, eu peço.

— Ok. Eu gostaria que você pedisse.

— Acabei de pedir.

Winn o encarou, estupefato.

— Ei — disse Otis, sentando-se na grama ao lado dele. — Ei, você parece muito pálido. — Pegou uma das mãos de Winn e a esfregou rápido entre as suas. — Põe a cabeça no meio dos joelhos. — E pressionou o pescoço de Winn para baixo. — Respira fundo, amigo.

— Eu perdi tanto sangue assim? — perguntou Winn. — Onde está Biddy? — Ele ergueu a cabeça, e suavemente Otis voltou a empurrá-la para baixo.

— Você não perdeu o bastante nem pra encher um dedal. Só está sentindo o choque.

— Eu perdi mais que isso.

Otis soltou uma tosse de riso, e Winn voltou a sentir o cheiro quente de estábulo de seu hálito.

— Você deve ser de Nova York.

— Connecticut — respondeu Winn. — Eu trabalho na cidade. Mas tenho vindo pra cá há cinquenta anos. Desde criança. Na época em que ainda era uma

vila de pescadores, nem um pouco chique.

— É. — Otis tirou a mão do pescoço de Winn. — Eu nasci aqui.

Winn não disse nada. Permaneceram sentados. Ao longe, o oceano era manchado pelas sombras das nuvens. Uma das coisas que ele adorava na ilha era a sensação de estar envolto entre o céu e o mar, como o horizonte era uma linha reta entre uma coisa e outra, as duas completamente diferentes.

— Você conhece Jack Fenn?

— Claro — respondeu Otis. — Grande sujeito.

A forma conhecida do Land Rover passou rápido. Ouviu-se o chiar dos freios, e Biddy entrou de ré no acostamento. Veio na direção de Winn pela grama, alta e magra, ligeira como uma vela branca no mar azul.

— Você é um verdadeiro perigo! — exclamou ela, tocando a cabeça dele com um dedo. Biddy usou a palavra "*Hazard*" para perigo, sem perder o costume de fazer a velha piada da família Hazzard, assim como suas irmãs, mesmo que fizesse décadas desde que a última delas havia abdicado do nome. — Olá — disse em seguida a Otis.

— Este é Otis Derringer. Meu agressor.

Otis secou os dedos nas calças antes de estender a mão para Biddy.

— Me desculpa, minhas mãos estão um pouco sujas de sangue.

— Vindo de você isso significa muito, Otis — zombou Winn.

Otis hesitou, segurando o lábio de novo e torcendo-o levemente. Depois completou:

— Caso alguém pergunte, eu pedi desculpas.

Depois de uma pausa, Winn comentou:

— De forma terrível.

Biddy dividia o olhar entre os homens, alerta e amigável.

— Vem, querido — chamou Biddy finalmente, oferecendo a mão a Winn.

Como Winn estava tonto e o chão era macio e irregular, foi grande o esforço de Biddy. A dor, também, era considerável e, cada vez que ele pressionava a perna machucada, mais sangue saía da ferida e escorria para dentro da meia.

— Os bolinhos — disse ele, apontando o saco onde estavam.

— Vamos cuidar de você antes. — Ela se virou para Otis. — Você se importaria em dar uma mão a ele?

Winn pensou que Otis só tomaria seu outro braço, mas, para seu choque, o carregador de tacos se ajoelhou na grama e o ergueu. Winn não era carregado desde criança, e nunca teria esperado se ver embalado pelos braços maciços de um homem com bafo de palheiro. Ouviu-se reclamar. Erguendo a cabeça por

cima do ombro de Otis, gritou o nome de Biddy. Ela estava imóvel, a mão impressionada cobrindo a boca.

Onze • Feridas da carne

A baleia estava morta, morta havia muito tempo. Morrera no mar e fora empurrada até a praia, relativamente não perturbada por tubarões, tendo encalhado na areia durante a noite. Um pescador a descobriu ao amanhecer. Por um transeunte Livia ficou sabendo que se tratava de um cachalote, mas ninguém pôde lhe dizer qual era o tamanho, se era macho ou fêmea, ou como tinha morrido. Francis foi o único que quis ir com ela ver o animal, e eles andavam lado a lado em direção a uma ponta mais estreita da praia. Um homem vindo na direção contrária dirigindo um quadriciclo informou que eles encontrariam a baleia passando aquela ponta. Não dava para errar. O cheiro era pior do que eles jamais conseguiriam imaginar. Enquanto estava deitada em sua toalha, Livia tivera a impressão de que havia um fluxo contínuo de gente indo naquela direção, mas agora que deixavam para trás a parte mais popular da praia, encontravam-se sozinhos, marchando à margem de uma falésia em desintegração. Eventuais escadarias de madeira construídas na superfície arenosa levavam às casas que Jack Fenn estava tentando salvar do oceano.

Livia sentia-se desanimada. Perguntava-se o que Sterling estaria fazendo, por que não teria ido à praia: estaria tentando evitá-la? Estava curiosa para saber como ele agiria. Talvez Sterling tivesse ido com ela ver a baleia em vez de Francis. Talvez tivessem parado para descansar e se beijado numa daquelas escadarias de madeira — só o pensamento já fez sua barriga se embrulhar de prazer e ansiedade, num refluxo dos resíduos alcoólicos.

Francis estava usando uns óculos escuros grandes, quadrados, feitos de um plástico preto barato, e tinha uma tatuagem em sânscrito no ombro. Nunca antes o havia visto sem camisa, e ele era mais forte do que teria imaginado, e mais peludo.

— Não acredito que ninguém mais quis vir — comentou ela.

— Você provavelmente gostaria que Sterling estivesse aqui.

— Não. Não é todo dia que se pode ver uma baleia. Pensei que todo mundo iria querer vir. Mas Deus nos livre de que alguma coisa interrompa um dia agradável na praia. Pra que ir ver uma coisa morta quando você pode continuar onde está e jogar frescobol?

— Com certeza — disse Francis. — Estou com você nessa. Baleias não me atraem tanto, mas entendo este momento como uma oportunidade de uma experiência real. Tento ser espiritualmente aberto ao mundo.

— Pois é — assentiu Livia, sem saber ao certo o que significava. — Quero dizer, esta ilha não existiria sem cachalotes. Todo mundo pendura baleias de madeira na parede, usa calças estampadas com baleias, os ferrolhos das nossas portas têm forma de rabo de baleia, e a gente encaixa cozinhas perfeitas de aço em casas inspiradas nos casebres de capitães baleeiros, mas, quando temos a chance de estar na presença de uma baleia em carne e cartilagem, perdemos o interesse.

— Eu estava usando uma calça com estampa de baleia ontem à noite, mas era ironicamente — declarou Francis.

— Sterling disse que a calça listrada dele também era irônica.

— Então ele roubou a minha piada, e depois roubou você.

Estava torcendo para que ele preferisse esquecer seu avanço pouco impetuoso sobre ela.

— Acho que vocês estão com alguma dificuldade pra impor a ironia. Se todo mundo espera que vocês usem calças listradas ou estampadas com baleias e vocês vão lá e usam, como isso pode ser irônico?

Francis a olhou por cima dos óculos escuros.

— Por que escolheu Sterling? Não estou bravo. Só curioso.

— Francis, você não estava falando sério. Você não tem sentimentos por mim.

— Como sabe? Não ria. Se eu tenho ou não é algo que não vem ao caso. Minha pergunta é: o que tem de errado comigo? O que faz ele ser alguém mais atraente? Porque ele é mais atraente. Eu sei disso. Ainda que se possa argumentar que eu sou mais bonito e provavelmente uma pessoa melhor.

— Você não tem nada de errado. Eu só não sinto esse tipo de ligação com você.

— Mas sente com Sterling.

— Não sei. Senti ontem à noite.

— Humm. — Francis seguiu andando em silêncio. Quanto mais longe iam,

menos protegida se tornava a costa, e a areia ao vento atingia irritantemente as pernas de Livia. — É engraçado como as famílias funcionam. Sterling e eu somos muito parecidos, na verdade. A gente tem naturezas contemplativas. A gente se sente atraído pelo Oriente. Mas Sterling não tem nenhum tipo de sistema de crenças, e passa o tempo todo deprimido. Eu canalizo meus pensamentos pessimistas em me aprimorar, o que explica por que sou um monógamo em série enquanto Sterling, sem ofensas, pode transar com qualquer pessoa. Se meu conselho vale alguma coisa, é melhor você ficar longe dele.

— Esse não é o primeiro conselho de valor duvidoso que eu recebo hoje.

Verdade seja dita, Livia não se incomodava de que a família estivesse comentando sobre Sterling e ela. Se não conseguia ser tranquila e desencanada como Dominique, então que pensassem nela como um pouco impetuosa, um pouco libertina, algo como uma pegadora. Em sua experiência, as pessoas em grupo tendiam a invejar aquelas que, entre elas, formavam pares. Mesmo criticando a escolha de parceiro ou fingindo desaprovar as aventuras em geral, a maioria preferia estar entre os que mergulham no incerto e reemergem em seguida, encabulados e satisfeitos, do que entre os que se cansam cedo, lavam o rosto e vão dormir como em qualquer outra noite. Além disso, agora havia provado que conseguia deixar Teddy para trás.

Livia parou para pegar uma concha cor de abóbora. Virou-a entre os dedos e a atirou longe. Naquela manhã havia acordado na escuridão, tremendo de frio. A maré tinha sumido, e seus pés estavam molhados. Estendendo a mão para encostar em Sterling, encontrou apenas areia. Uma onda varreu seu pé, e ela se sentiu assustada e profundamente só, prestes a ser levada pelo mar. Mas então se pôs de pé e acabou tropeçando em Sterling, que grunhiu e disse que ela estava gelada.

Francis continuava falando.

— Sterling age como se fosse um renegado, cansado de tudo, mas não é. Se algum dos dois é assim, sou eu. Não sei como ele se safa da quantidade de besteiras que inventa, e na família acabo sendo eu o menino chorão. — A primeira corrente pútrida chegou numa lufada de vento, e ele jogou o bíceps sobre o nariz. — Ai, nossa, você sentiu isso?

— Se você pesasse 40 toneladas e morresse, também federia.

— Por que você gosta tanto delas?

— De quem?

— Das baleias.

— Não sei. — Francis não era o primeiro a perguntar, mas ela não entendia

por que deveria ter uma resposta. Por que qualquer pessoa gosta muito de qualquer coisa?

— Você deve ter alguma ideia.

Livia balançou a cabeça:

— Acho que tem algo a ver com o fato de serem tão grandes. Fico triste pelo quanto elas são grandes. São raras o bastante pra que eu sinta um arrepio a cada vez que vejo uma. Acho que são bonitas. Como alguém não gostaria? São fascinantes. Sabia que elas caçam em equipe? As jubartes *arrebanham* os peixes emitindo sons e soprando bolhas de ar.

— É mesmo? Que selvagem.

— É selvagem.

Pensou na massa densa e prateada de peixes confusos encurralados juntos, as predadoras de sorte atacando com as bocarras abertas, portais bocejantes ao submundo. As gargantas das baleias, elásticas, se enchendo de peixes e água salgada, se alargando para receber toda aquela espuma e carne. Quando o cardume chegava a descobrir que não estava num mar novo e escuro, e sim dentro de um animal?, ela se perguntou. Ou os peixes eram estúpidos demais para saber que haviam sido comidos? Pensou que talvez todas as coisas soubessem, de alguma maneira, quando estão sendo comidas.

— Ouvi falar do alistamento de Teddy — comentou Francis, com a voz aguda porque estava coçando o nariz. — Deve ser difícil.

— Ele pode fazer o que bem entender.

— Claro. Sabe, de certa forma eu te invejo. Você parece mesmo sentir as coisas. Eu nunca tenho certeza se estou vivenciando uma emoção genuína porque sempre fico me perguntando se só estou sentindo o que penso que *devo* sentir. Se é que isso faz qualquer sentido.

— Acho que faz. — O cheiro da baleia começava a lhe dar náusea.

— Você ainda ama ele? — persistiu Francis. Era mais uma pergunta conhecida com uma resposta que lhe fugia.

— Não.

— O que fez com que você parasse de amar?

— Não sei. Talvez cansaço.

Livia se perguntou quando deixaria de amar Teddy. Antes dele, amara apenas a mãe, o pai, a irmã, e o amor era algo a ser escondido atrás do decoro. Seu pai, voltando para casa do trabalho quando ela já estava de camisola, o cabelo ainda úmido do banho, a agarrava pelos ombros quando corria para abraçá-lo, contendo-a com segurança a um braço de distância, inclinando-se para beijar a

bochecha dela com lábios secos. Nas vezes em que deu um jeito de vir por trás e abraçá-lo pelas pernas ou pela cintura, seus braços foram gentilmente afastados para que o beijo fosse administrado a uma distância educada. No fim, Livia aprendeu o que Daphne parecia ter nascido sabendo: ela era mais feliz se não lutasse contra ele, apresentando-se em vez disso como um soldado de bochecha rígida e esperando que se debruçasse para lhe dar o beijo. Quando criança, apesar de sua profunda feminilidade, Daphne não era muito dada a demonstrações físicas de afeto e a declarações de amor — essas eram coisas que ela aprendia, como álgebra, na escola. A mãe era a mais carinhosa da família, retribuindo em espécie os "eu te amo" (sem o "está certo, querida" que o pai preferia usar) e acordando-a para a escola chacoalhando suas costas com vigor, mas com afeto, como se limpasse a neve de sua roupa.

Depois que Daphne partiu para seu primeiro ano em Deerfield, houve um período de duas ou três semanas em que Livia chegava em casa da escola e a mãe a colocava no colo, sentada numa poltrona funda de pano, segurando-a por uma hora inteira, em silêncio, acariciando seus cabelos enquanto as duas observavam pela janela os pássaros e os esquilos nas árvores verdejantes de verão. O primeiro convite surpreendeu Livia, acostumada a ser deixada em suas próprias distrações vespertinas. Empertigou-se com todo o cuidado no colo estreito da mãe, encostando-se em seus ombros muito gradualmente, deixando aqueles braços bronzeados envolverem-na, sentindo o cheiro neutro de sabonete da pele de Biddy, e o aroma forte de alvejante que subia de sua saia. Não sentia a mãe assim tão perto desde o útero, e nem havia tido acesso aos ritmos de seu corpo, a batida resoluta do coração, o inchar dos pulmões, de modo que agora absorvia tudo aquilo com fome, num prazer voluptuoso marcado também por certa ansiedade, porque aquela prolongada proximidade silenciosa, nunca discutida entre elas ou mencionada ao pai ou a Daphne, por alguma razão parecia ilícita. Até que um dia, quando as primeiras folhas começavam a amarelar, Biddy não foi até a poltrona, em vez disso servindo o lanche de Livia na cozinha, e subiu sozinha para o quarto, indicando que aquele período de indulgência tinha acabado.

— Às vezes o amor simplesmente acaba — disse Francis com autoridade. — Além disso, eu queria dizer, em relação ao que eu disse antes, sobre os seios de Hannah serem grandes demais, eu não quis soar superficial. Odiaria que você pensasse em mim assim. Como se Hannah fosse só seios pra mim.

— Acho que você disse peitos.

— Espiritualmente, Hannah e eu não combinávamos nada um com o outro. Se ela fosse a mulher certa, acho que eu teria sabido. Mas também sei que tenho

medo de me abrir e de me tornar vulnerável pra outra pessoa, por isso fingi que era por causa dos peitos. — Ele se dirigia à lateral da cabeça de Livia enquanto andavam. — Gosto de conversar com você. As outras garotas costumam julgar demais, mas com você eu sinto que posso dizer qualquer coisa e que vai entender. Você é muito compassiva. Talvez porque também passou por coisas difíceis... Não precisa falar sobre isso, mas eu sei tudo o que aconteceu.

Livia apressou o passo, tentando apressá-lo também, mas Francis ficou para trás, forçando-a a diminuir o ritmo.

— A gente não pode falar sobre outra coisa? Algo mais leve?

— Claro. Só queria que você soubesse que estou aqui pra você. Outra razão por que gosto de você é que acho que temos papéis semelhantes nas nossas famílias. Somos os críticos. A gente representa uma ameaça ao estilo de vida deles, uma nova ordem.

Um grupo disperso de gaivotas pairava no ar do outro lado da ponta, circulando e mergulhando, grasnando umas com as outras. Estavam investindo contra a baleia, Livia sabia. Mais longe, um trio de urubus de cabeça vermelha cavava espirais lentas. Olhando os pássaros, ela disse:

— É, Sterling me contou da confusão em que você se meteu na faculdade.

Francis parou.

— Que confusão?

Ela sentiu uma pontada tensa de prazer por tê-lo sobressaltado.

— Eu não devia ter mencionado.

— Que confusão?

— Sterling disse que você quase não conseguiu entrar em Princeton.

— Eu nunca colei. — E direcionou para ela aqueles grandes óculos quadrados. — Aqueles garotos mentiram. Estavam com inveja.

— Ok — assentiu Livia. — Deixe pra lá. Não é da minha conta.

— Eu *mereci* entrar em Princeton. *Fiz valer* minha entrada — insistia Francis, quase implorando.

— Ok — repetiu Livia. — Me desculpa. Eu não tinha nenhum direito de dizer o que você fez.

— Isso é verdade. — Ele deu um soco gentil no braço dela, brincalhão. E disse em seguida com dura clareza: — Então, sabe, ouvi dizer que Teddy dormiu com metade de Nova York depois que circulou a notícia do Exército. Pelo que parece, é verdadeira aquela velha história de que as garotas curtem homens de uniforme.

Livia o encarou com espanto, virou-se e saiu correndo pela praia, batalhando contra a areia fofa. O cheiro de baleia piorava e, quando ela começou a arfar pelo

esforço, aspirando aquele ar imundo, seu estômago virou. Francis estava vindo atrás dela.

— Me desculpa. Eu sou um idiota. Livia. Por favor. É só que eu não lido bem com rejeições.

Passando a uma corrida mais leve, ela chegou à ponta da praia, onde as correntes se juntavam e formavam um mar mais convulso. Um vapor alcoólico invadiu-lhe o nariz, sua boca se encheu de saliva e ela soube que estava prestes a vomitar: foi o que fez, entrando na água e manchando a espuma com um líquido fino e verde. Não havia tomado café da manhã.

Francis esperou na praia enquanto ela lavava a boca com água salgada. Com pés pesados, Livia voltou até ele e, quando estava perto o bastante, disse:

— Por favor, só cala a boca.

Para sua surpresa, ele obedeceu e passou a segui-la a uma distância dócil de dois passos. No silêncio, suas entranhas ainda em espasmo, se perguntou se o que Francis realmente queria era alguma garota, talvez ela, que se vestisse inteira de couro preto e fustigasse a bunda dele com um chicote e o fizesse lamber a sola de seu pé. Livia também não lidava bem com rejeições. Pensou em si mesma na festa do Ofídios, gritando e derramando a falsa vodca, e sentiu um calafrio.

Em um minuto contornaram a ponta e a baleia apareceu, não muito longe na praia. Uma multidão de pessoas e jipes a cercava, e as gaivotas bombardeavam de cima, mas Livia só via a baleia, uma lágrima ônix, uma imensa rocha preta.

— Nossa — exclamou ela, assombrada, levando a mão ao coração.

— Meu Deus — disse Francis —, que cheiro horrível.

O fedor da baleia era poderoso, pegajoso, quase tangível. O vento depositava partículas de definhamento em suas roupas e em sua pele, mas Livia não ligava. Sua náusea se estabilizara em algo suportável. A cauda da baleia, caída na areia como uma espada gigante descartada, a encheu de piedade.

Na última vez que Biddy se lembrava de ter esperado numa sala de emergência, Livia tinha 15 anos, havia voltado para casa para o Natal e passado pela porta vaivém da cozinha, onde Daphne tentava assar um bolo veludo vermelho. Livia estava nervosa por algo que Daphne havia feito ou dito, e um misterioso combate aconteceu, ao fim do qual Livia saiu correndo da cozinha com um corte profundo no polegar da mão esquerda. Disse a eles que ela mesma havia se cortado por acidente, mas ainda assim parecia colocar alguma culpa na irmã e no recheio encarnado de todos os bolos veludo vermelho. Aquela sala de espera e a sala de espera onde Biddy estava sentada agora, ao lado de Winn, sua perna

machucada apoiada numa cadeira, eram quase idênticas: o mesmo linóleo, as mesmas cadeiras de vinil, o mesmo cheiro forte de álcool isopropílico pairando no ar. Todas as salas de espera são essencialmente iguais, não realmente lugares em si, mas ensaios para o purgatório. Na parede oposta pendia a grande foto enquadrada de um caranguejo laranja segurado pelas garras, sua barriga pálida voltada para a câmera, as patas flexionadas pelo ultraje. Uma televisão informando o clima se situava num canto alto; uma figueira de aparência severa se abrigava embaixo dela. Na junção entre dois corredores, uma recepcionista com cara de já ter visto tudo na vida, um lápis no cabelo, dominava o espaço do alto de seu balcão abarrotado de papéis.

A ocupação das cadeiras era esparsa. Biddy virou o pulso de Winn para ver seu relógio. Só 12h15, ainda cedo para contusões de verão. O meio da tarde e o início da noite deviam ser as horas principais para as cabeças serem acertadas pelas retrancas dos barcos ou por bolas de *softball*, ou para anzóis errantes e facas escorregadias. Um casal jovem esperava nas cadeiras mais próximas à recepcionista. A mulher parecia estar se sentindo mal e contemplava com olhar pesaroso uma sacola plástica vazia pousada em seu colo, enquanto o homem, de viseira, massageava as costas dela e assistia à televisão. Agora a mulher se levantou e disparou para o banheiro, uma das mãos tapando a boca, e o homem a observou com resignação ansiosa, como se ela fosse um balão voluntarioso. Uma senhora e um garotinho estavam sentados ao lado da figueira, sem conversar e sem nenhum problema ou doença mais óbvios. O cabelo do garoto estava partido em uma linha branca estrita que cortava seu crânio, e ele estava vestido num estilo estranhamente antiquado: shorts, meias até o joelho e sapatos marrons de cadarço. Biddy pensou que ele parecia alguém que deveria estar brincando pelas ruas de Berlim embaixo de um céu crivado de zepelins. O único outro paciente era um homem magro de cabelos grisalhos trajando uma calça cor de Pepto-Bismol. Tinha uma atadura ensanguentada em cima de um olho e estava parado na entrada de um dos corredores, treinando suas tacadas de golfe. De novo e de novo ele se empertigava num campo imaginário e, focando uma bola invisível com malevolência ciclópica, jogava a cintura para trás e soltava seu golpe, terminando com as mãos atrás da cabeça e com um dos pés em ponta sobre o piso de linóleo, olhando através do saguão para uma placa iluminada que dizia "PROIBIDO FUMAR".

Folheando uma revista de decoração, Biddy parou num artigo sobre uma casa de praia nos Hamptons. Um gramado amplo, uma piscina azul, quartos sem ninguém dentro.

— Não leia isso — interrompeu Winn, à espreita por cima do ombro dela. — Você vai querer uma cozinha nova.

— Vou arriscar mesmo assim — anunciou Biddy, sem erguer o olhar.

— Essas revistas só existem pra fomentar a insatisfação.

Ela virou a página:

— Que comam brioches.

— Queria saber o que aqueles caras do Pequod vão pensar quando souberem disto — comentou ele, erguendo a perna e virando para que ela pudesse ver bem. O lenço do carregador, endurecido e com manchas marrons, ainda atava a ferida. — Isto é o que eu chamo de agravar as coisas. É provável que já estejam preocupados se vou processar ou não. Esta história pode acabar sendo uma boa alavanca, pensando bem.

Franziu a testa para a sala de espera. A garota que se levantara para vomitar estava voltando do banheiro. O golfista, para garantir que não seria interrompido, esperou que ela se sentasse para voltar à posição.

Biddy estudou o perfil de seu marido, as sobrancelhas grisalhas e os lábios finos, o queixo que tanto o preocupava. Teria apenas sonhado que fizeram amor bem cedo de manhã? Após ela quase se afogar? Sua exaustão havia feito de seu breve sono um sono pesado e cheio de sonhos. Achava que *realmente* tinha acontecido, por mais improvável que fosse, porém tinha vergonha demais para perguntar. Desde o começo de sua vida romântica, ainda quando era uma garota silenciosa, bonita e cobiçada saindo com os filhos mais sérios e ambiciosos dos amigos de seu pai, Biddy aceitara que os homens não podiam ser mudados. Os garotos com quem dançava no clube náutico nunca se transformariam, ela sabia, em homens que a excitassem, e também suas mãos educadas jamais lhe suscitariam paixão. Na verdade, até ir para a cama com Winn, nunca havia vivenciado nada que se parecesse à paixão, mas sabia que aquilo existia e sabia que o desejava. Engraçado que tenha sido ele quem a despertara, ele que não tinha nada a ver com os amantes exóticos sobre os quais ela lia na coleção de sua mãe de romances picantes. É claro que, devia admitir, Winn tinha certa fama de mulherengo, e como os mulherengos nunca iam atrás dela (imaginava que não a vissem como uma aposta certa), a reputação dele a atiçava um pouco.

Ele havia ido procurá-la entre a massa de pessoas de luto no funeral de seu pai; de início ela imaginou que Winn estava confundindo-a com outra pessoa. Lembrava-se de seus olhos, abertos com todo propósito, encontrando-a no meio de todos aqueles chapéus pretos, chegando mais perto e mais perto até estar ali, apertando sua mão e convidando-a para jantar ao mesmo tempo em que Biddy

oferecia suas condolências. A simples estranheza de seu interesse já a havia lisonjeado. Quão atraente tem que ser uma mulher para distrair um homem do sofrimento pela morte do próprio pai. Aquela excitação persistiu pelo primeiro jantar e pelos seguintes, e também durante seus primeiros desentendimentos; persistiu até depois que descobriu que Winn era mais um homem que a procurava não por diversão, mas pensando no investimento de longo prazo. De vez em quando cruzavam com uma ou outra garota com quem Winn havia saído antes, e também essas garotas excitavam Biddy, o modo como tentavam flertar com ele ignorando a presença dela, como tentavam fazer com que ele a traísse mostrando algum interesse, o que às vezes fazia, às vezes não.

Sabia que sua tolerância era incomum, mas era assim e não podia mudar. Assim como Winn não mudaria o *seu* jeito de ser.

— Está doendo? — perguntou Biddy, apontando para a perna dele.

— É claro que está doendo.

— Coitado. — Ela voltou a olhar a revista, uma mesa de piquenique comprida e vazia entre duas filas de oliveiras em algum lugar da Espanha, montada para 12 pessoas. — Não consegui acreditar em como aquele homem levantou você. Como se não pesasse nada. — O silêncio dele, no carro, havia lhe indicado que Winn sentia que uma grande indignidade havia sido perpetrada contra ele, mas Biddy apenas ficara impressionada com a visão de seu marido sendo carregado nos braços por outro homem. Queria que ele próprio tivesse visto, testemunhado a confusão abjeta em seu próprio rosto. Quando pronunciara o nome dela, havia sido com a voz trêmula de uma criança assustada querendo proteção no meio da noite.

Winn cruzou os braços por cima do peito e falou:

— Aquilo foi muito inapropriado, muito invasivo. Fiquei muito incomodado. Também vou mencionar esse ponto ao Pequod. Você não pode sair por aí levantando as pessoas desse jeito.

— Acho que ele estava tentando ajudar. Fui eu que pedi. Ele não estava — Biddy baixou o tom de voz — assediando você. Acho que ele não é o cara mais inteligente do mundo.

Winn remexeu o nó que Otis tinha dado no lenço.

— Vamos mudar de assunto.

Uma enfermeira de uniforme cor de lavanda apareceu com uma prancheta. A mulher que havia vomitado ergueu o olhar, esperançosa.

— Chamberlain — chamou a enfermeira.

O garoto de meias até o joelho e sua acompanhante se levantaram e a seguiram

hospital adentro. A mulher que tinha vomitado descansou a cabeça em seu próprio colo. O golfista assobiou suavemente ao lançar mais uma bola num campo verde que só ele via.

— Sobre o que você quer conversar? — perguntou Biddy.

— Estou pensando que talvez eu deva ligar pra Jack Fenn e transmitir a ele a situação. Parece a coisa certa a fazer, já que ele é uma das pessoas responsáveis pela reputação do clube. Acho que ele gostaria de saber que os carregadores têm saído por aí mutilando pessoas sem pedir desculpas e levantando elas do chão sem qualquer convite.

Biddy demorou para responder, garantindo que seu tom continuasse sendo leve e amigável. Não queria fazer um comentário que suscitasse a resistência de Winn.

— Pra ser sincera, não acho que Jack vá se sentir pessoalmente responsável.

— Minha perna é só uma coisa a mais pra colocar na conta dele. — Winn cravou os olhos na foto do caranguejo como se sentisse alguma afinidade com o animal.

— O que você quer dizer?

— Bom, depois de toda aquela história com Livia no último inverno — Winn girou a mão em um movimento de etc. etc. —, os Fenn estão devendo uma pra gente.

— Ai, Winn, isso é loucura.

— Não, não é. Só o procedimento de Livia custou 500 dólares. Pra não falar no estrago na reputação dela.

— Você não pode explorar a vida privada da sua filha pra rastejar por uma vaga num clube de golfe.

— Ela não manteve as coisas em sigilo, manteve? E eu não deveria ter que *rastejar* por uma vaga em lugar nenhum. Essa situação toda é ridícula. Insustentável. Dicky e Maude pareciam saber de alguma coisa, você reparou?

Incapaz de esconder a exasperação, Biddy disse:

— Acho que não existe nenhuma conspiração contra você, Winn. E Dicky e Maude disseram que Jack Fenn não é o problema. Pra ser sincera, acho difícil acreditar que, com Teddy prestes a entrar pro Exército, Jack esteja dedicando tanta atenção a você ou ao Pequod.

— Outra decisão errada daquele rapaz. Eu poderia ter barrado Teddy do Clube dos Ofídios, você sabe. Talvez devesse ter barrado. Ele está realmente se mostrando farinha do mesmo saco. Jack era tão metido a santo com toda essa ideia de Exército. Jack Fenn, o herói, Jack Fenn, o bravo. Acho que Teddy

também precisa de alguma coisa que permita a ele ficar acima de todo mundo. Seria de se pensar que ele já ficaria satisfeito de entrar pro Clube dos Ofídios, coisa que Jack não conseguiu. Bom pros Fenn. Eles são muito, muito impressionantes, todos eles.

Biddy podia perceber que as emoções de Winn já começavam a sair dos trilhos, algo que acontecia tão raramente que ela nunca havia aprendido como impedi-lo de se perder completamente. Ele olhava em volta, os lábios apertados como em desafio de algum antagonismo insidioso enterrado nas paredes pálidas do hospital, a silhueta espetada da figueira, o golfista em seus volteios, os fantasmas de nuvens carregadas na previsão do tempo que tomava a televisão. Ela não gostava de homens com expressão de raiva, e a compaixão que sentia por Winn a abandonou silenciosa e invisivelmente, sendo esquecido o sexo onírico daquela manhã e substituído por uma visão do marido como um pária do clube de golfe, um sujeito enraivecido, um homem de tão pouco peso que outro homem era capaz de levantá-lo e carregá-lo sem um mínimo esforço.

— Klausman — convocou a enfermeira roxa.

O golfista, que agora tinha passado a aperfeiçoar suas tacadas mais leves, ergueu a mão em reação ao nome e a seguiu. A garota do vômito assistiu à desaparição deles com a desolação de um náufrago deixado para trás. Enterrou o rosto nas mãos. O namorado continuou polindo as costas dela com carícias leves, circulares, tranquilizadoras. Uma nova enfermeira apareceu.

— Van Meter.

— Finalmente — murmurou Winn, levantando-se. Biddy também se ergueu, mas ele negou com a cabeça. — Espera aqui.

— Tem certeza? — perguntou ela, ainda de pé.

— Absoluta.

Winn saiu mancando atrás da enfermeira, passou pela garota chorosa e sua sacola de plástico e desapareceu em um corredor longo e branco com muitas portas.

Livia perfez um longo circuito em volta da baleia. A certa distância ela parecia preta, mas de perto dava para ver que a pele se deteriorara até um cinza avermelhado, todo marcado com arranhões brancos e cicatrizes, lembranças de uma vida entre lulas de bico afiado. Estava deitada sobre o lado esquerdo, com a barriga virada para a praia. A barbatana do peitoral direito havia inchado e se tornara uma aba inútil, uma placa patética encravada no lado inflado de um imenso balão escuro. Meia dúzia de homens de roupas impermeáveis havia

começado a raspar a pele e a gordura. Não podiam deixar a baleia simplesmente apodrecer na praia. Trinta ou 40 toneladas de gordura, carne e vísceras não podiam se deixar corroer ao ritmo indolente da natureza quando há banhistas querendo se divertir. Provavelmente o museu da cidade de Waskeke iria querer o esqueleto — já possuía um, mas por que não outro? —, e para chegar aos ossos era preciso escavá-los da carne oleosa. Os homens suavam e xingavam, respingados de partículas do leviatã. Parecia um trabalho pesado, mas eles progrediam. Grandes quantidades de gordura já se expunham ao lado da baleia. Um cortador trajando uma capa amarela parou em cima do animal, pressionando as botas de borracha contra a pele escorregadia e se inclinando sobre o cabo longo de sua faca (uma antiguidade emprestada do museu) para fazer a lâmina passar por uma grossa camada de gordura. Uma escavadeira, Livia ouviu algumas pessoas dizerem, já estava vindo para ajudar a enterrar a carne.

Embaixo da cabeça grande, maciça, a mandíbula da baleia estava aberta — longa, estreita, cheia de dentes cônicos — e Livia espiou dentro da cavidade pestilenta da boca. Na mandíbula superior não havia dentes, só buracos. A abertura da garganta era surpreendentemente pequena, nenhum portal amplo cheio de peixes que levasse a uma catedral escura com espaço para Gepeto e Jonas. Era uma fêmea, e ela se perguntou quantos filhotes teria produzido, quão fundo teria chegado. Cachalotes mergulham milhares de metros para se alimentarem na escuridão total. São capazes de segurar a respiração por uma hora, mergulhar 200 metros em um minuto, desacelerar o metabolismo, colapsar os pulmões, tolerar imensas quantidades de ácido lático à medida que seus músculos queimam o oxigênio acumulado. Permitem que a água gelada passe por seus dutos nasais a ponto de fazer a substância oleosa em suas cabeças passar de líquida a sólida, ajudando-os a descer. Eles são, em todos os aspectos, máquinas miraculosas de mergulhar.

E, no entanto, podem se afogar, e de fato se afogam, enredados em fios telefônicos transoceânicos, presos embaixo do gelo ou em redes de pesca. Os ossos das baleias mais velhas mostram lesões de aeroembolismo por descerem rápido demais. Livia se perguntava se existiria algo como uma cosmologia invertida para as baleias, se o céu era algo profundo, escuro e frio, e essa praia brilhante e arenosa seria o inferno. Pensou de novo em como ela própria tinha acordado naquela manhã, a escuridão da praia e a água lavando seus pés. A baleia já estava morta àquela altura, perto da costa, se não encalhada, rolando na arrebentação a poucos quilômetros de distância de onde estavam Sterling e ela. Baleias de sorte afundam ao leito do mar quando morrem e são comidas por

peixes, caranguejos e vermes até só restarem os ossos. Esta baleia havia passado por alguma falha do universo e caído do céu, afundando durante a noite para agora ser cavoucada por humanos.

Francis conversava com alguns homens reunidos em volta de um caminhão. Falava com grande animação — provavelmente, ela pensou, sobre experiências genuínas e o desejo de vivenciá-las. Por fim os homens deram de ombros e assentiram, e Francis ergueu um machado de uma série de ferramentas empilhadas na areia. Livia soube de imediato o que ele pretendia. Carregou o machado até um ponto embaixo da barbatana peitoral, fincou a lâmina na areia e segurou o cabo com as duas mãos. O homem de amarelo em cima da baleia parou para olhar. Francis parecia um cavalo de olhos tapados com aqueles grandes óculos escuros, virando a cabeça de um lado para o outro, se preparando.

— Francis — chamou ela, andando até lá. — Espera!

— Por quê? — gritou Francis contra o vento.

Livia não tinha resposta. Uma baleia mutilada era uma baleia mutilada. Ninguém mais parecia inclinado a detê-lo. Mas Livia não queria que Francis, alguém que sequer gostava de baleias, arremetesse com um machado contra a barriga daquela.

— Só espera! — pediu ela.

— Lá vai! — disse ele, erguendo o machado acima da cabeça. A lâmina cortou o ar e se infiltrou na gordura. Francis sorriu. Batalhou para liberar o machado e voltou a erguê-lo. Inquieta, Livia assistia. Já tinha quase se adaptado ao fedor da baleia, mas agora ele parecia mais pungente. Pensou que vomitaria de novo.

— Um — contou ele, erguendo o machado —, dois, três! — A lâmina caiu, reluzindo sob o céu. Ela nunca chegou a ter certeza se a baleia explodiu antes ou depois que o machado a atingiu. Teria jurado que a arma ainda estava no ar quando ela foi derrubada por uma parede rubra e cravada na areia embaixo de um naco pesado de intestino. Nunca conseguiu se lembrar do som daquele cadáver pesado se partindo. Lembrava-se do machado, e depois de estar jogada de costas, observando as gaivotas assustadas.

Doze • Filho de sorte

Winn conhecera Jack Fenn em outubro de 1969. Winn era um veterano e, para os membros do Clube dos Ofídios, outubro era um mês cheio de agitação social. Na terceira semana, convites para um coquetel do Ofídios foram distribuídos entre os alunos mais promissores do segundo ano, que, como dizia a gíria, podiam se considerar "socados". A maioria dos que recebiam os "socos" era escolhida por serem conhecidos de outros membros do Ofídios. Alguns eram selecionados já no primeiro ano em função dos sobrenomes. Os escolhidos que não irritassem qualquer um dos membros se comportando de modo infantil, ou sendo grosseiros, ambiciosos, sérios, dissimulados, falsamente modestos, afetados, ansiosos ou estudiosos demais eram convidados para mais um evento e em seguida outro até que a fonte de membros potenciais secasse até as últimas gotas do mais puro azul. Aqueles cujos irmãos ou pais foram membros do clube eram as escolhas mais certas que o Ofídios se permitia, apesar de todo o rigor da seleção. Era incomum que o herdeiro de um membro tivesse sua admissão negada, porém isso era possível caso a maçã tivesse caído longe demais da árvore, ou se a árvore original já fosse problemática.

Jack Fenn era um herdeiro do primeiro tipo. Não apenas seu pai e seu irmão mas também o pai de seu pai e o pai de sua mãe, além de um punhado de tios, pertenceram ao clube; três Fenn haviam sido eleitos Ouroboros, e todos os Fenn foram populares e continuaram ativos quando ex-alunos, doando dinheiro ou dando presentes a cada ano e mantendo uma política de portas abertas para os membros em suas casas. No grande salão no andar superior do clube, numa posição central da parede mais comprida, havia uma espada enorme e curva ao estilo de *As mil e uma noites*, o cabo enfeitado com uma cabeça dentada de jiboia, os olhos desprovidos do que antes supostamente eram rubis. Por razões

obscuras, a espada era conhecida como Rabeca de Fenn, e nas reuniões mais animadas do clube era brandida durante as cantorias ou usada comicamente para fatiar queijo. De vez em quando, a lâmina cortava as pontas dos dedos de membros do Ofídios em juras de sangue improvisadas.

Quando o jovem Jack Fenn chegou para seu primeiro evento de recepção, vermelho feito um pimentão e com uma abundância de sardas, foi cumprimentado com entusiasmo e passado entre os membros do Clube dos Ofídios com o mesmo regozijo e a mesma reverência que dedicavam à espada. Tão exultantes ficaram os sócios que nenhum deles (exceto Winn) notou o traço fatal de seriedade pairando sobre Fenn. Ele estava sempre empunhando um copo, mas raramente dava um gole, papeava com os demais e aceitava as piadas amigavelmente sem nunca perder o ar de reserva e julgamento. Os novatos não deviam julgar, e sim ser julgados. Quando Winn tentou expressar suas dúvidas, os outros membros não lhe deram importância, chamando-o de "Velho Azedo". O próprio Ouroboros, um garoto impecável chamado Frost Jameson, atribuiu a ele o apelido de "Van Resmungão". Foi só quando o processo todo estava quase terminado, nos dias cinzentos de verão em que os remanescentes eram examinados cuidadosamente como se fossem novilhos em exposição, que Winn conseguiu sua maior evidência.

Junto a outro veterano chamado Bill Midland e um aluno forte, rigoroso e de rosto vermelho chamado Denton, Winn foi encarregado de levar para almoçar Fenn e outros dois segundanistas, irmãos gêmeos de sobrenome Boothe-Snype. Denton escolheu um restaurante em estilo taberna que era um dos favoritos do clube, e um maître circunspecto vestido de fraque os conduziu a uma alcova acortinada, onde se sentaram a uma mesa de couro em forma de ferradura embaixo de uma cópia a óleo de *A balsa da Medusa*. Winn, Bill Midland e Denton pediram filés, sopa de cebola, polenta, batata assada e salada Caesar, e Denton escolheu duas garrafas de um bom vinho.

— Pra relaxar — anunciou Denton, espalhando cebolinha por sua batata —, nada como uma refeição boa e honesta.

Os novatos assentiram, de olho nos banquetes dos membros enquanto manejavam, com os cotovelos distantes da toalha de mesa, as entradas bem mais modestas que haviam escolhido com muito tato: um galeto para Fenn e peixe ao limão para os Boothe-Snype. Winn sentiu uma pontada de compaixão. Estivera no lugar deles não muito tempo antes. Lembrava-se da ansiedade de tentar escolher uma comida que parecesse sofisticada e digna do Ofídios, mas não presunçosa ou voraz, a batalha para não dizer a coisa errada e também para não

demorar demais em dizer a ponto de perder a oportunidade, a corrosiva autoconsciência de estar sendo avaliado como uma entidade social. Este era o objetivo desses almoços, é claro: ver se o novato, em primeiro lugar, era o tipo de homem que merecia se tornar membro do Ofídios e, segundo, o tipo de sujeito com o qual os membros existentes gostariam de sociabilizar. Deviam ser irmãos, afinal, mas irmãos que escolhiam uns aos outros. Esse processo de seleção, de escolha racional, era, na opinião de Winn, mais profundo que qualquer laço genético acidental. Os membros do Clube dos Ofídios faziam um compromisso diligente, realizando um juramento solene após o reconhecimento mútuo de algo que enxergassem uns nos outros. Winn não gostava da palavra "alma", mas no fundo o ideal do Ofídios era de uma irmandade ligada não por parentesco, mas por comunhão entre almas.

Quando estava sendo avaliado, ele havia sido convidado a esse mesmo restaurante, e a conversa girara sobretudo em torno de esportes — tênis, futebol americano e lacrosse — até que um dos outros candidatos revelou que tinha sido um patinador artístico de sucesso, campeão nacional. Winn pensou *Ainda bem* assim que as palavras "patinação artística" saíram da boca do outro garoto porque mesmo então, como um mero novato, sabia que aquele não era um esporte dos mais diletos entre o Ofídios, e pensou que, se conseguisse compartilhar da zombaria sutil, tão sutil, daquele rapaz (que, como se viu mais tarde, iria para as Olimpíadas de Grenoble no ano seguinte e voltaria de lá com um não Ofídios 12º lugar), estaria se saindo bem em criar um laço de cumplicidade com os membros. Este almoço, no entanto, a vez de Jack Fenn na berlinda, aconteceu em 3 de dezembro de 1969, só dois dias depois de todos eles terem que passar pela loteria para determinar a ordem de convocação para a Guerra do Vietnã, de acordo com o dia e o mês de nascimento, e foi inevitável que a conversa se voltasse para aqueles números. Bill Midland havia se dado bem, sendo apenas a 248ª data sorteada:

— Onze de julho — declarou ele. — O 11 do sete da sorte. Não me decepcionou.

— Legal — disse Denton. — Foi bom pra você, Midland. Não que você não daria um bom soldado, mas imagino que tenha outras prioridades.

— Uma garota sorteou o meu número — completou Midland. — Você viu ela? Do estado de Washington. Parece estranho que tenha garotas sorteando. O que elas têm a ver com isso?

— Ficaram sabendo de David Eisenhower? — perguntou um dos gêmeos.

— Foi chamado no décimo grupo, ou coisa parecida — respondeu o outro.

— Coisa parecida — confirmou Denton.

Fenn, que tinha falado pouco até então, tomou a palavra:

— Trigésimo.

— Ele vai ficar bem — tranquilizou Denton. — Há uma boa tradição militar naquela família. Imagino que tenha que ir, mas vai ser usado apropriadamente. Tenho certeza.

— Eu cheguei a conhecer ele em Exeter — disse Bill Midland. — Não muito bem, mas ele era da minha classe.

— E? — perguntou Denton, lançando um olhar agudo por cima de sua polenta. Denton sempre era convocado para esses almoços de avaliação porque tinha um instinto incansável para escarafunchar até o fim o caráter de um homem, como um porco à procura de trufas.

Midland deu de ombros.

— Bom sujeito.

Denton assentiu com a cabeça.

— Isso aí.

— Ouvi dizer que ele vai pra reserva da Marinha — comentou Fenn.

— Frost Jameson também tentou um golpe baixo — disse Winn. — Nos anos 1950, acho. Eu disse que ele devia fingir que é gay. — A lembrança voltou à tona. Jameson apenas respondera com um olhar de aborrecimento.

— E você, Van Meter? — perguntou Midland. — O que você tirou?

Winn havia voltado para casa para assistir ao sorteio. Assim que passou pelo pórtico da casa branca e entrou no saguão de pé-direito alto e frio, desejou em vez disso ter ido ao Clube dos Ofídios. A maioria dos membros tinha se reunido no clube. Assistir à televisão em geral era considerado algo prosaico demais para se fazer na sede, mas eles deixavam um velho aparelho no andar de cima numa sala reservada para quinquilharias indesejadas: uma mesa de sinuca aposentada com feltro gasto e uma perna mais baixa em cima de uma bola de cera, um baú cheio de fantasias comidas pelo mofo ocasionalmente utilizadas para charadas e brincadeiras, um gramofone, uma biblioteca de livros que passaram de mão em mão, algumas lanternas antigas. A sala também era usada para armazenar os presentes de ex-alunos que não mereciam uma exposição mais proeminente. Havia um grande tambor africano com que ninguém sabia o que fazer, um boneco de porcelana vestido de oficial da guarda real e um globo com os nomes dos países escritos em alemão. Havia sobretudo cobras. Espalhadas ao acaso pela sala e amontoadas entre livros e lanternas, dezenas de cobras recolhidas em viagens exóticas e empalhadas por taxidermistas amadores, com glaucoma,

corpos grumosos, caninos falsos ou outras deformidades que as desqualificavam à exibição no andar de baixo, onde os membros do Ofídios tinham cobras suficientes para abrir um museu de herpetologia. Uma cascavel emergia da boca de bronze do gramofone, e uma víbora-áspide se aninhava embaixo do mamute de uma poltrona que ficava em frente à televisão e que cuspia um estofamento lanoso dos rasgos que tinha atrás e no assento.

Naquela sala, naquele ninho do indesejado, a verdadeira família de Winn havia se reunido para aguardar aquele cômputo coletivo na companhia de seus animais heráldicos, enquanto Winn estava sentado no tapete ao lado da poltrona de seu pai, ouvindo o rádio do mesmo jeito que ouvia quando era criança. Em algum momento resolveu ir para o porão e ligar a TV em preto e branco que havia lá, só por cinco minutos, porque queria saber quem exatamente estava conduzindo aquela loteria mórbida. Um jovem em seu melhor terno de domingo se aproximava de um jarro simples de vidro e retirava uma cápsula, entregando-a a uma mulher numa escrivaninha. Ela a abria e desenrolava um pedaço de papel, passando-o a um homem calvo de terno azul, que lia a data em voz alta e entregava o papel a mais um homem, que o posicionava em seu lugar num painel comprido e sombrio, uma coluna de lacunas idênticas, ao lado de várias outras colunas idênticas, e anunciava de novo os números. Depois de alguns sorteios, um novo jovem apareceu de terno e gravata e se dirigiu ao jarro. Cada pedaço de papel era passado adiante rapidamente, segurado por cada pessoa pelo mínimo tempo possível. O 19 de maio foi colocado em seu lugar no painel (75º), seguido do 6 de novembro (76º). Winn se perguntou o que aconteceria se algum daqueles jovens sorteasse seu próprio aniversário. Estragaria todo o teatro com o rosto fechado, os dedos tremendo? Depois que o 5 de setembro foi sorteado (82º), seu pai chamou lá de cima.

— Winnie — gritou ele. — Venha para que a gente possa conversar.

Com amargura, Winn desligou a TV e subiu a escada. Devia ter sabido que não lhe permitiriam simplesmente sentar e ouvir. Não, ele tinha que ouvir pela centésima vez a história de Tipton de como ele havia, aos 33, tentado se alistar. Ele alegava que teria estado entre aqueles que aportaram na Normandia, não fosse por uma pequena peculiaridade em seu batimento cardíaco. Em vez disso ele tinha sido forçado a ficar em casa com as mulheres, mulheres que queriam sair com soldados e não com homens de batimento cardíaco complicado que trabalhavam com os pais. Restando-lhe poucas opções, casou-se com a mãe de Winn, não uma jovenzinha, mas uma mulher de sua idade — com boa formação, sem humor e dispéptica. Ambos se sentiram abatidos por um raio quando ela,

pouco antes dos 40, engravidou, um sacrifício pelo qual ela jamais perdoou tanto o marido quanto o filho.

— Uma vez — entoou Tipton enquanto Winn chegava mais perto do rádio, esforçando-se para ouvir os números —, os irmãos de Cort Wilder estavam de licença em casa ao mesmo tempo, e Cort e eu vestimos os uniformes deles e fomos a uma danceteria. Que noite foi aquela, meu Deus. — A palavra se expandiu devagar de seus lábios, enchendo-se como uma bolha de romance e vergonha daquela noite como glamoroso impostor, *Deus*, antes de estourar em silêncio.

A voz no rádio anunciou o 6 de junho como 110º. Winn olhou para o pai por cima do ombro e comentou:

— Essa passou perto.

Tipton estava estudando o fundo de seu copo, virando-o de modo que as faces de cristal refletissem a luz.

— Se chamarem o seu número, você vai.

De imediato, Winn se encheu de lágrimas e de rancor. Se tivesse a chance, ele poderia ter declarado espontaneamente sua hombridade. *Se chamarem o meu número*, ele poderia ter dito, *eu vou*. E então, num mundo perfeito, Tipton teria lhe dito: *Não, você é meu filho* único. *Fuja para o Canadá. Não me importa o que digam*. Mas Tipton estava com aquele olhar distraído que o acometia quando se perdia em seus sonhos do passado. Esta não era a Segunda Guerra Mundial, Winn queria lhe dizer. Ninguém pensava assim. Ele não precisava se vestir de soldado para conseguir mulheres. Pensava que o pai, que nunca havia ido para a guerra, não se importaria que seu filho, seu filho único, seguisse seus passos e ficasse em casa para viver uma vida longa e pacífica. Se o comunismo pudesse ser destilado num único combatente, uma força destruidora de camisa vermelha, aí sim Winn ofereceria o próprio corpo, se atiraria na arena como um mártir, mas deixar seu confortável útero de tijolos que era Harvard e a promessa de uma boa carreira para ser morto por aldeões vietnamitas... isso não parecia certo. Todos que Winn conhecia sentiam o mesmo. Ele suspeitava que Tipton sentiria a mesma coisa se fosse a cabeça dele que estivesse em jogo, a vida dele a se interromper, ele a rastejar pela selva. Não que a situação fosse chegar a isso, é claro. Winn não achava que chegaria, pelo menos. Se chegasse a esse ponto, Tipton ao menos poderia ser convencido a mexer seus pauzinhos para que ele entrasse na Guarda Nacional ou virasse oficial da reserva. Só se permitiria participar do teatro do pai até esse ponto. E assim Winn, sem olhar o pai, disse

que tudo bem, ele iria, e os dois se puseram a esperar e as datas se seguiram uma após a outra, até que finalmente, sob a saudação de Tipton, o copo deixando uma marca líquida em seu colo, a data de Winn foi sorteada.

— Oito de junho — anunciou ele a Bill Midland. — Tricentésimo sexagésimo sexto. O último. E meu sobrenome começa com V, a última letra no sorteio do alfabeto.

O rosto de Midland se encheu de espanto.

— Caramba. Os vietcongues poderiam tomar a Casa Branca e nem assim você seria chamado.

— Muito bem, Van Meter. Um belo dia pra se nascer.

— Você é contra a guerra, Sr. Denton? — perguntou Fenn, cortando seu galeto.

A cabeça de Denton oscilou para trás de perplexidade, como um saco de boxear.

— Meu Deus, não. Não dá pra ter os russos descendo pelo rio Mekong. Não, de jeito nenhum. A guerra tem que ser lutada, mas nós precisamos de certo tipo de jovem aqui pra que as coisas corram tranquilamente. Acho que todos vocês são mais úteis ao capitalismo do que pro Exército.

— É por aí — concordou Winn, tentando encerrar o assunto.

— Então quem você acha que deve lutar? — persistiu Fenn. Parecia relaxado, curioso, inconsciente do terreno minado.

A questão era óbvia, mas Winn nunca a teria exposto. Uma regra básica nesses eventos de avaliação dos aspirantes a membro do Ofídios era que discordar de um membro era algo desencorajado, mas talvez perdoável, enquanto ofender um bacharel era suicida. Denton corou e se pôs a serrar seu filé.

— Bom, rapaz, começar com os delinquentes é uma boa ideia. Se você está nos causando problemas aqui, está autorizado a causar uns probleminhas por lá. E, em seguida, pra ser franco, acho que devíamos chamar os jovens das classes baixas. Se você não está estudando e não tem muito futuro em outros cenários, então vá lá e faça a sua parte. Pelo bem maior, essa conversa toda. Os garotos vão fazer coisa melhor no Exército do que trabalhando, sei lá — gesticulava com a faca em círculos —, numa oficina mecânica ou coisa parecida. Eles fazem a parte deles, depois voltam pra cá e recebem uma educação de graça. Assim podem crescer.

— Então são os pobres que devem lutar — concluiu Fenn em seu tom suave, diplomático, como se estivesse lendo anotações improvisadas feitas no discurso de Denton.

Denton o examinou cuidadosamente, seus olhos viajando pelos cabelos lustrosos que cobriam suas orelhas e roçavam a gola da camisa.

— Você é o filho de Auggie Fenn, certo?

— Exato.

— E o que o seu pai pensa?

Fenn sorriu.

— Guerra dos ricos, luta dos pobres.

— *Auggie Fenn* pensa isso? Ele *disse* isso?

Bill Midland, que quase havia deixado o garfo cair diante das palavras de Fenn, virou-se para os gêmeos.

— E qual foi o número de vocês?

— Na verdade, tecnicamente a gente nasceu em dias diferentes — respondeu um dos irmãos. — Eu nasci pouco antes da meia-noite no dia 18 de junho, e ele nasceu uma hora mais tarde, no dia 19.

— E então, como ficaram? — perguntou Denton. Suas bochechas e sua testa estavam mais vermelhas que de costume, e ele falava com impaciência, a boca cheia revelando uma massa roxa e branca de carne e batata.

— Eu saí em 104º. Ele em 341º — respondeu o outro gêmeo, o rosto tomado de desânimo pelas consequências de sua viagem mais lenta pelo canal vaginal.

— Que azar — sentenciou Bill Midland. — Você não pode alegar alguma coisa, tipo que não pode se separar do seu irmão gêmeo e que os dois deveriam estar na mesma leva?

— Provavelmente acabariam colocando os dois na 104 — disse o Boothe-Snype 341.

— Talvez dessem a vocês uma média entre os dois. — Midland pareceu satisfeito com a solução que sugeriu.

— Podia ser pior, podia ser pior — ponderou Denton, pousando a mão grande e tranquilizadora sobre o ombro do Boothe-Snype 104. — Você ainda tem mais três anos de licença de estudante, não tem? Até lá tudo isso já acabou. Ou pelo menos você vai ter tido tempo de dar um jeito. Pena que eles não estão considerando mais adiamentos pros estudantes; senão eu diria que você já estaria livre. Assim como está, acho que vai dar tudo certo. Você não tem a sorte do seu irmão aí, mas vai dar tudo certo.

— Isso me faz pensar naquela música — comentou Bill Midland. — Sabem aquela música, "Fortunate Son"? Ouvi dizer que é sobre o David Eisenhower.

— Não conheço — disse Denton. — Como é?

Regendo a si mesmo com movimentos curtos da faca e do garfo, Midland

entoou em sua voz de barítono: "*It ain't me. It ain't me. I ain't no senator's son.*" Cortou um pedaço da carne e preferiu tomar um gole de vinho, corando ao se dar conta de que o pai dos Boothe-Snype era senador.

— De mau gosto isso — comentou Denton. — Eisenhower vai fazer a parte dele. E não posso dizer o mesmo sobre esses tais músicos que ficam sentados o dia inteiro reclamando.

— Eu estava vendo o sorteio em Eliot — disse o Boothe-Snype 341 — e um cara foi sorteado em quinquagésimo e acabou arrebentando a televisão com um chute. Cortou o tornozelo. A gente teve que ir assistir em outro lugar.

Denton assentiu.

— Um cara de cabelo comprido?

— Na verdade, não. Um cara qualquer. — Boothe-Snype deu de ombros.

— Não adianta nada sair por aí fazendo ceninhas — afirmou Denton, definitivo. — Você tem que aceitar seu dever e cumprir com honra.

— Mas é fácil dizer isso quando você não corre mais risco, não é? — sugeriu Fenn.

— Perdão? — indagou Denton, incrédulo, uma garfada de carne parada a caminho da boca.

— Só estou dizendo que, como você nunca teve que sentar na frente de uma televisão e esperar pra ver se seria mandado pra proteger uma selva de um sistema específico de governo, acho que não está em posição de julgar. — Enquanto falava, Fenn ergueu e virou os restos de seu galeto com manobras delicadas dos talheres, à procura de eventuais mordidas finais.

O rosto grande e robusto de Denton se transformou numa sombra suada de tomate.

— E você? Está fazendo as malas pro Canadá? Ou está tranquilo com um número bem alto?

Fenn deixou a faca e o garfo nas margens do prato e limpou a boca com o guardanapo.

— Meu aniversário é em 14 de setembro.

A agitação na mesa cessou. Winn fixou os olhos em Fenn. Este o encarou, mas logo desviou o olhar. Os outros também se lembraram de Winn, e oscilavam o olhar entre um e outro.

— Puxa vida — exclamou Denton, reclinando-se em sua cadeira e inspecionando os rapazes e os restos do almoço com ar de satisfação. — O alfa e o ômega. Juntos na mesma mesa.

— Mas você vai usar sua licença de estudante — disse Winn. — Ainda tem

mais dois anos depois deste.

— Não. Eu vou quando me chamarem.

— Meu Deus, por quê? — soltou Bill Midland, inquieto.

— Não seja idiota, Fenn — acusou Winn. — Por que você faria isso?

— Não gosto de todas essas contorções que o povo faz. Implorar aos médicos, implorar aos comitês de alistamento, mexer os pauzinhos, fugir pro Canadá. Não culpo quem tenta escapar, mas não tenho isso em mim. Meu número apareceu. Pretendo fazer o que pretendem que eu faça.

— Isso é loucura — exclamou Winn antes que qualquer outro pudesse falar. Estava surpreso com a própria veemência. Apontou para Fenn. — Uma coisa é fugir, outra coisa é torcer o nariz ao seu adiamento. A licença é feita pra pessoas como você. Não pode simplesmente *ir*. Pelo menos entre pro Centro de Preparação de Oficiais da Reserva ou coisa parecida, Fenn, de verdade. Você não sabe como vai ser. Quer se meter na lama com um monte de rapazes que fariam qualquer coisa por três anos de licença? Você não tem que ser um herói. Seja racional. Pro seu próprio bem.

— Devo dizer que concordo com o Van Meter — comentou Denton. — Os adiamentos existem por alguma razão, uma boa razão, e você devia tirar proveito. Pensa na sua mãe. Não faz sentido jogar tudo fora por... por um tipo de gesto de que você vai se arrepender assim que chegar lá. Provavelmente até antes. Mas aí já vai ser tarde demais. Nossa, você vai ser um alvo fácil.

— Qual é a razão? — perguntou Fenn

— O quê?

— A razão pela qual os adiamentos existem.

— Já passamos por isso, Fenn — disse Denton, assumindo um tom indulgente, paternal. — É pra impedir que pessoas como você sejam mortas antes da hora. Não faz sentido ir. É um desperdício. Aceita o meu conselho, usa a sua licença. Pelo menos por um ano. Se continuar se sentindo assim depois de um ano, vai. Eu lavo as minhas mãos. — Ergueu do colo o volumoso guardanapo branco e limpou os lábios.

Fenn falou num eco irônico da falsa paciência de Denton:

— Obrigado, Sr. Denton. Levarei sua palavra em consideração. Mas acredito que fui sorteado em primeiro lugar por uma razão.

— Qual? — questionou Denton. — Por quê? Deus quis assim e tal?

— Pode chamar do que preferir.

— Fenn, não me leva a mal, mas você está parecendo cada vez mais idiota — interveio Winn.

Fenn parecia calmo, quase triste.

— Ah, eu não sei, Winn. Acho que você gostaria dos militares. Eles têm um monte de regras, e você sempre acaba sabendo como se comportar.

Winn disse:

— Por que você quer entrar pro Clube dos Ofídios, afinal, se pode não durar por aqui nem mesmo este ano? Qual é o sentido de se submeter ao processo?

— Bom, vocês me convidaram pra almoçar, eu estava disponível, e aprendi que é falta de educação recusar um convite quando não se tem outro compromisso.

Bill Midland bufou. A cortina de veludo estremeceu e o garçom apareceu, carregando uma bandeja prateada com bolos e tortas.

— Sobremesa?

* * *

O médico, um homem com uns 40 anos, apareceu na porta. Era alto e magro e parecia deslizar em passos rápidos e suaves, como um inseto aquático. Seus cabelos louros esparsos estavam vaidosamente penteados para trás, numa cabeleira com um recuo profundo. Apenas uma península estreita, felpuda, sobrevivia entre as duas longas incursões da testa.

— Ah, Sr. Vanmeter — saudou ele, olhando a ficha médica em sua mão e pronunciando o nome em uma só palavra com uma ênfase alemã na primeira sílaba. — O senhor caiu de bicicleta. — Ofereceu um breve sorriso, uma rápida flexão da boca. Acima do muro de canetas no bolso do peito de seu jaleco, "DR. FINLAY" estava bordado em letras azuis.

— Van *Meter* — corrigiu Winn. — Eu não caí. Fui atingido por um carrinho de golfe.

— Sinto muito por ouvir isso — disse o médico, dando dois longos passos na direção de Winn e encaixando o estetoscópio em suas orelhas grandes.

— Não precisa fazer um check-up — objetou Winn, contorcendo-se para esquivá-lo. O papel com a tabela de exames estava entre suas coxas, e estalou alto. — Pode dar os pontos direto.

— Hummm, é só rotina. Inspire.

Winn encheu e esvaziou os pulmões, seguiu uma luz brilhante com os olhos, admitiu um termômetro em sua boca, permitiu que as cavidades úmidas e peludas de suas orelhas e narinas fossem iluminadas e analisadas, e observou

com desapego o modo como seus tênis chutavam debilmente em reação ao golpe de um martelo de borracha. Por fim o médico desamarrou o lenço de Otis da perna de Winn e com leveza tocou as margens da ferida em formato crescente.

— Hummm. Sim, sim — disse para si mesmo. Sem qualquer outra palavra, deu meia-volta e desapareceu pela porta, reaparecendo vinte segundos depois com uma bandeja metálica cheia de instrumentos afiados que reluziam maliciosamente sob a luz. O médico se manteve ocupado na pia: lavando as mãos, abrindo e fechando gavetas, sacando pacotes de gaze, enfiando seus longos dedos em luvas cirúrgicas que retirou de uma caixa. Tão surda e rápida era sua rotina que parecia ter três ou quatro braços; Winn se perguntou se ele faria malabarismos com tangerinas ou giraria pratos em cima de uma vara ao mesmo tempo que fechasse a ferida.

— Tem sido um verão agitado? — perguntou Winn, tentando combater as primeiras ondas de enjoo à medida que o médico deslizava a agulha de uma seringa através da tampa de borracha de um pequeno frasco de vidro, aspirando seu conteúdo.

— Humm? Ah, sim. Sim, sim. — O Dr. Finley se propeliu pelo chão sobre uma banqueta com rodas e parou ao lado da perna de Winn. — Isto pode arder um pouco. — Rapidamente lavou a ferida com um quadrado de gaze que deixou uma trilha de fogo. — Certo, agora uma picada. — E baixou a agulha sobre a borda da ferida. Puncionou a pele. Winn observou-o pressionando a pele muito suavemente. Uma gota de sangue apareceu no lugar da picada, e o médico a limpou. — E mais uma. — A voz soava mais distante à medida que ele movia a agulha a um novo ponto. — E mais uma.

Uma camada amarga de suor frio se espalhou pela testa de Winn, mas ele também se sentia quente. Perguntou-se se teria se queimado demais debaixo do sol nessa manhã maldita.

— A última — disse o médico a uma grande distância. — Ops, falei cedo demais. Uma última picada. — A voz do médico veio em meio a uma trêmula escuridão e Winn caiu de lado, apagado do mundo.

Treze • Um centauro

Livia andava alguns passos à frente de Francis, atravessando dunas e gramados, a pele grudenta e escoriada, fedendo por inteiro. O cheiro era o de um coquetel potente de água salgada, esponja de cozinha e morte. Estavam procurando alguma trilha que levasse da praia à estrada, onde Dicky poderia vir buscá-los. O telefone de Livia havia sido destruído quando, em pânico depois da explosão, ela correra para o mar, mas o de Francis tinha sobrevivido. Até mesmo os óculos escuros dele haviam emergido intactos, no máximo sujos. Pararam para olhar um jipe se arrastando pela areia com uma maca encostada na barra do veículo como se fosse uma prancha de surfe, um paramédico no banco de passageiros e outro acocorado atrás. À distância, as luzes de uma ambulância que os aguardava piscavam em silêncio.

— Ele vai ficar bem, não vai? — perguntou Francis.

— Espero que sim — respondeu Livia. — Pro seu bem.

— Não vejo como isso seria minha culpa.

— Eu explico. Você acertou a baleia com um machado. A baleia explodiu.

— Como eu iria saber que isso aconteceria? *Eles* me deram o machado. *Eles* disseram que eu podia.

Após o caos inicial, após Livia ter voltado da água, encontrou um grupo reunido em círculo, olhando alguém no chão. Entremeando-se às pessoas, viu que o objeto de atenção era o homem de capa amarela, o que estava de pé em cima da baleia quando Francis deu a machadada. Ele estava deitado na areia com um pedaço de osso encravado no ombro como um alfinete numa borboleta, apontando o dedo para Francis e dizendo: *Foi você que fez isto*. Mas Francis negou, dizendo que não fizera nada; ele era apenas mais um observador inocente.

— Quando você vê um guaxinim inchado do lado da estrada, você corre até lá

e o cutuca com um garfo? — perguntou Livia, passando por cima de uma grade da duna.

— Desculpa se não sei tudo sobre baleias estúpidas. Todo mundo estava cortando. Se não tivesse sido eu, outra pessoa teria atingido o ponto certo. Se for pensar bem no assunto, eu meio que a *libertei* de toda aquela pressão.

Enormes nacos de carne e gordura voaram pela areia. Os órgãos imensos da baleia e todas as suas entranhas ficaram à mostra, pulmões feito balões de ar quente, ossos de dimensões de dinossauro, um colosso de coração. Enormes cordas pálidas de intestino se espalharam como cobras de mentira que saltassem de uma lata. O homem empalado tinha uma longa barba grisalha aparada num quadrado na ponta, e seu rosto se contorcia de agonia, os grandes dentes da frente mordendo o lábio inferior, e os pequenos olhos escuros escrutinando o círculo de rostos que o observavam. Uma mulher que Livia imaginou ser sua esposa se ajoelhou ao lado dele, as mãos se agitando inutilmente em volta do osso encravado. Uma vez acusado, Francis havia puxado Livia pelo pulso para a frente.

— Juro que não fui eu. Perguntem a esta garota. Perguntem a ela.

Livia estudou os rostos circunspectos. Em sua maioria pareciam locais, não pessoas de férias. Uma loura de vestido florido cor de sangue segurava as mãos de dois garotinhos chorosos, mas de resto os rostos eram enrugados e corroídos pelo clima, embrutecidos por longos invernos na ilha. Pretendia dar cobertura a Francis, mais pelo bem dela que pelo bem dele, porém mentir àquelas pessoas, amargas e abatidas como a tripulação de algum navio naufragado, parecia inescrupuloso. Hesitou por um instante a mais. A esposa do homem se levantou. Era baixa, curvada, com uma cabeleira cinzenta e um queixo proeminente.

— Você vai pra cadeia — sentenciou ela.

— É um mal-entendido — defendeu-se ele.

— Que mal-entendido? Olha o que você fez com Samuel. Olha pra ele!

— Ela simplesmente explodiu! Eu não fiz nada. Ele está errado. Ela simplesmente explodiu!

Sua voz se ergueu acima da algazarra dos demais, que começaram a se agitar e a cerrar fileiras. A esposa de Samuel olhava em volta, quase manhosa, medindo a lealdade dos demais, e em seguida, com um dos olhos fechados, os lábios cruzados num sorriso de tartaruga, fingiu um rápido soco, seu punho parando a poucos centímetros do maxilar de Francis. Francis deu um passo para trás para se afastar do punho e pisou na bota de borracha de um homem atrás dele, levando-o a protestar em seguida. Francis tropeçou de lado, agarrando Livia para

recuperar o equilíbrio.

Agora aquela gente começava a parecer menos um grupo de náufragos e mais um bando de aldeões medievais, armados com facas em vez de porretes e tochas. Francis mediu a horda com um rápido olhar e, como se puxado por um peso em queda, seu rosto se fechou numa expressão de lamento profundo.

— Talvez vocês tenham razão. Talvez tenha sido eu — declarou, olhando a esposa de Samuel de pálpebras baixas. — Eu sinto muito, eu não percebi. Deveria ter sido mais cuidadoso. Agi sem pensar, e agora este pobre homem está gravemente ferido. Me sinto péssimo. Não sei como vou viver com isso. Só queria me sentir parte da ilha, sabe? Só queria participar. E agora olha o que eu fiz. Eu estrago tudo que toco. Sou amaldiçoado.

Limpou a areia incrustada em suas bochechas e fungou. Depois se deixou cair na praia, envolvendo suas pernas com os braços e escondendo a cabeça entre os joelhos.

— Francis? — chamou Livia.

Ele pressionou as mãos em cima da própria cabeça. Sua voz soou abafada:

— Eu mereço ir pra cadeia. Mereço o que quer que venha a acontecer comigo.

Livia olhou a esposa de Samuel, reconhecendo-a como juíza de seus destinos. A mulher espremeu os olhos e perscrutou o mar, como um capitão considerando uma mudança de trajeto. Enfim, rudemente, falou:

— Se levanta, moleque. Só um maluco teria feito isso de propósito. Você não é um psicopata. Só é um pouco burro.

Com o espanto de um homem condenado que recebesse uma prorrogação de última hora, Francis ergueu o queixo e a olhou. Livia o cutucou com o pé, urgindo-o a se levantar, e ele se levantou e se pôs a apertar a mão da mulher.

— Obrigado. Você foi mais generosa do que eu poderia esperar ou merecer.

— É — concordou a esposa de Samuel. — Agora dá o fora daqui. — E eles obedeceram, partindo como dois párias e deixando suas pegadas pela praia.

— Você deu sorte — comentou Livia enquanto andavam, ilha adentro, fora da vista da ambulância. — Eles estavam prontos pra pendurar você na forca.

Francis deu de ombros.

— O truque é se mostrar mais desconsolado do que qualquer um imaginaria que você estaria. Aí eles sentem pena e querem fazer uma coisa boa por você.

— É isso que o Buda faria?

— Eu nunca disse que era o Buda. O máximo que alguém pode fazer é *tentar* imitar ele. A tentativa é o que importa. Eu vivo num estado constante de fracasso.

Atravessaram uma trilha estreita de terra e chegaram a um caminho mais largo que os conduzia pelo meio de um conjunto de chalés praianos e acabava na estrada em que Dicky concordara em pegá-los.

— O que eu não entendo — começou Livia depois de um longo silêncio, já parados no acostamento de cascalho e com o olhar perdido na distância à espera do carro alugado de Dicky — é por que você escolheu essa religião específica, em que é tão fácil de as pessoas denunciarem você por ações erradas. Você já deve saber que todo mundo vai se perguntar por que não é vegetariano, por que não medita. Se espera que você deva eliminar o desejo, mas, como pessoa, parece bastante disposto a ceder a todo tipo de desejo. Por que fazer isso com você mesmo? Por que não dizer simplesmente que é um niilista, e assim tudo se resolve?

Estavam os dois cobertos de uma camada fina de terra arenosa, soprada em cima deles por um vento persistente. Francis reluzia ao sol como se estivesse coberto de açúcar.

— Eu gosto da batalha mesmo quando não faço nenhum progresso — respondeu ele. — Pelo menos assim eu tenho alguma inspiração. Sou movido por contraste em relação a *alguma coisa*. Se não, eu simplesmente me apagaria no fundo do cenário, e ninguém jamais teria nada a dizer sobre mim.

No caminho de volta para casa, Winn quis que as janelas ficassem abertas, na esperança de que o ar fresco dissipasse a dor de cabeça e a náusea que se estabeleceram pouco depois que o Dr. Finlay o ressuscitara com um pacote ácido de sais com cheiro forte e terminara de costurar sua pele dormente. Os cabelos de Biddy, cortados em uma linha rígida e prática à altura dos ombros, voavam para trás em volta das orelhas antes de se eriçarem em um penteado elétrico. A brisa matinal tinha ganhado força, e nuvens avançavam com velas cheias, em maior quantidade que antes, fundindo-se para bloquear o sol e logo se partindo numa explosão de luz.

Alguma parte vital dele havia se exaurido, se não apenas pela ferida, então pelo desmaio na mesa do médico, ou pelo fato de Otis tê-lo levantado como uma donzela em apuros, por Agatha e sua boca manchada de vinho, por todas as pessoas na casa chupando as lagostas de suas cascas. Agatha tinha sido afastada de seus pensamentos, mas agora seus atrativos começavam a despontar por toda parte, como alvos de caça. Ela era a corredora loura por que eles passaram e era a motorista do carro de vidro escuro atrás deles; ou vestia uma saia de tenista e segurava a coleira do cachorro num semáforo. Mais uma vez as árvores

acenaram com suas trepadeiras diante da chegada dele. Assim como na primeira chegada, a casa parecia estranha, uma casa impostora. Um jipe estava estacionado de um dos lados da entrada, e um carro branco estava parado perto da porta principal, uma versão maltrapilha de Livia parada ao lado do veículo e conversando com o motorista.

— Meu Deus! — exclamou Biddy. — O que será que aconteceu?

Antes de Biddy ter tempo para estacionar, Dicky acenou da janela do carro branco, deu um toque alegre de buzina e saiu pela estrada, deixando Livia sozinha.

— Para — pediu Winn a Biddy, abrindo a porta. — Para aqui.

Ela deteve o Land Rover.

— Estou parando, estou parando.

Winn escorregou com pressa de seu assento e foi pousar de um jeito estranho em cima da perna ruim.

— Merda! — xingou ao sentir uma pontada de dor, e foi mancando até Livia. — O que diabo aconteceu?

— Uma baleia explodiu em cima de mim. O que aconteceu com você?

— Um carrinho de golfe me atropelou. Uma *baleia*?

Ela contou a história inteira enquanto Biddy soltava exclamações de surpresa e Winn examinava a filha para ver se havia estragos. Ela parecia bem, ainda que suja e fedorenta. As pontas de seu rabo de cavalo estavam grudadas como as cerdas de um pincel sujo. A aparência de Livia, aquele aspecto repulsivo, o fez lembrar alguma coisa, mas não soube o quê.

Quando ela terminou, Winn comentou:

— Deixa eu ver se entendi direito. Você ouviu falar que tinha uma baleia morta na praia e decidiu que queria ir ver.

— Isso.

— Você deixou sua irmã pra trás e andou até a ponta da praia. Você... — Ele parou. Em geral Winn teria repetido a história inteira para ter certeza de que os fatos podiam caber nas gavetas certas, mas sua cabeça e sua perna doíam, e sua rotina usual parecia árdua demais para valer tudo isso.

— Livia, você está exatamente com a mesma aparência do dia em que nasceu — comentou Biddy, tocando os cabelos da filha com dedos hesitantes.

Era isso, aquilo de que Winn se lembrara: Livia recém-nascida. Ele a viu emergindo naquela banheira, embaixo d'água como se estivesse se afogando, e em seguida sendo erguida no ar, berrando e coberta de sangue, a nuvem vermelha vazando entre as pernas de Biddy, o médico dizendo *C'est une fille*.

Uma lembrança mais recente se intrometeu: ele estava andando de um lado para o outro no hall da casa de Connecticut, esperando que Livia e Biddy voltassem para casa após terem *dado um jeito naquilo*, quando viu pela janela o carro aparecendo e Livia descendo do banco da frente em cima do canteiro de flores.

— Mas não houve dano maior? — perguntou ele. — Todo mundo está bem?

— Bom — hesitou ela. — Um osso voou e ficou encravado no ombro de um cara.

— Que cara?

— Um morador da ilha. Tinha uma ambulância lá quando a gente foi embora.

Winn massageou a própria cabeça com dois dedos. A dor aumentava.

— Tem alguma coisa que eu precise fazer em relação a isso? Francis está sendo preso?

— Acho que não.

— Então tudo bem. — Ele se virou para Biddy. — Onde estão as outras garotas? As madrinhas?

— Não sei. Se não estão aqui é porque saíram pra fazer a prova de maquiagem ou fazer as unhas, não me lembro bem.

— *Fazer a prova* de maquiagem? Parece extravagante.

— Bom — disse Biddy —, é o que as pessoas fazem em casamentos, Winn. — E saiu andando, contornando a casa.

Livia a observou partir.

— A mamãe está brava?

Winn estendeu a mão para acariciar o ombro dela, mas se deteve antes.

— Venha comigo até a garagem. Quero trazer mais vinho agora que os gafanhotos se foram.

— Pai, estou louca pra tomar um banho.

— Primeiro a gente faz isso, e depois, é claro, você usa a ducha de fora.

— Pai.

— Primeiro a gente faz isso.

Um estupor de exaustão começava a tomá-lo, varrendo como uma nuvem carregada o que restava de sua adrenalina, mas ele superaria. Saiu mancando pelo caminho entre árvores até a garagem tão rápido quanto pôde.

— Calma, Ahab — pediu Livia atrás dele. Em geral ele entraria pela porta lateral, mas queria fazer um grande gesto físico de luta contra sua moleza, empunhando o cabo da grande porta da garagem e levantando-a com esforço.

Um instante se passou antes que Winn entendesse o que estava olhando. Naquela caverna em penumbras que ele tinha aberto de modo tão teatral, havia

duas figuras. Uma figura, na verdade. Um centauro deturpado: Agatha, nua, de quatro, e Sterling Duff erguido atrás dela, também nu, ajoelhado em cima de um saco de dormir rosa aberto que pertencera a alguma das garotas. Eles congelaram, pestanejando diante da luz como dois animais descobertos em sua toca, e em seguida se fez um fluxo de mãos tentando cobrir os corpos e um afastamento inútil. Winn ficou parado, olhando. Suspeitava que mais tarde sentiria alguma coisa por tudo isso mas também sabia que, naquele momento, estava cansado demais para saltar, exclamar alguma coisa e tapar os próprios olhos. Contemplou os seios nus de Agatha, seu corpo sem pelos. Atrás dela balançava a ereção pálida de Sterling, volumosa e constrangedora. Quando os dois enfim se ajeitaram e pararam lado a lado como Adão e Eva, tapando-se com o saco de dormir, Winn falou:

— Só vim buscar algumas garrafas de vinho.

Passou por eles mancando até o canto em que as caixas de vinho estavam estocadas, ao lado da velha geladeira. Restos pretos e secos de alguma coisa se espalhavam pelo chão — algas, mas por quê? Pegou uma caixa de tinto e, virando-se para pedir a Livia que pegasse alguns brancos na geladeira, foi recompensado em vez disso com a visão das bundas de Agatha e Sterling: a dele, branca e murcha; a dela, redonda e bronzeada. Livia havia desaparecido, ele não notara quando. Só tinha uma vaga memória periférica dela disparando para longe antes mesmo que a porta estivesse aberta por inteiro. O que teria acontecido entre ela e Sterling? Winn era capaz de adivinhar. Winn não queria adivinhar. O vinho era pesado demais para ele. Vacilando sobre a perna ruim, largou a caixa produzindo um tinido. Sterling se virou de modo que ele e Agatha ficaram um de costas para o outro, enrolados pelo saco de dormir numa espécie de panqueca.

— Eu posso pegar isso — ofereceu Sterling.

Winn abriu a caixa e tirou duas garrafas.

— Traga o resto quando for entrar. Sem pressa.

E, sem olhar para Agatha, saiu da garagem e voltou a entrar na casa.

— Olha só quem está aqui! — exclamou Biddy na cozinha.

Ela estava na pia lavando morangos. Winn, carregando as garrafas de vinho como se fossem duas clavas, a princípio pensou que ela estivesse falando dele, e não com ele, até que percebeu a presença da mais velha entre as irmãs Hazzard, Tabitha, que havia chegado e estava sentada ao lado de Celeste no canto da mesa do café da manhã. Celeste tinha uma taça de alguma coisa à sua frente; Tabitha

estava tomando suco de laranja com um canudo para não manchar o batom vermelho em seus lábios.

— Oi, Tabitha — saudou ele, curvando-se para beijá-la. — Celeste.

Biddy passou por ele e sentou-se com as irmãs, colocando uma tigela de morangos no centro da mesa. Celeste pegou um e comentou:

— Biddy estava contando agora mesmo como você foi mutilado. Coitado. Não devia estar descansando?

— Você é um verdadeiro perigo! — Um verdadeiro *Hazzard*, disse Tabitha, repetindo o trocadilho da família.

— Estou bem — disse Winn, deixando as garrafas de vinho.

— E um carregador de tacos acabou carregando você? — O rosto de Celeste era indecifrável, mas ele imaginou que pouco antes as três deviam estar rindo da história.

Winn se virou para Biddy.

— Por que você contou isso?

— Era segredo? — perguntou ela, sem olhá-lo nos olhos.

Tabitha, hábil em mudar de assunto, perguntou:

— Tem certeza de que está se sentindo bem?

— Tenho certeza.

Ele de fato se sentia bem, embora um tanto confuso. Apoiou-se no balcão e ficou olhando para elas. Sempre apreciara comparar Biddy às irmãs porque gostava de lembrar que havia escolhido a melhor. No nível básico da estrutura, as três eram quase idênticas, altas e esbeltas com ossos longos e elegantes e uma economia inata de movimentos. Tinham queixos pontudos, dedos finos, bronzeados e determinados, e pulsos que expressavam interrogações em rotações curtas e sutis. Quando jovens, compartilhavam uma aparência limpa, atlética, de peito liso, mas Celeste havia ido passar seu aniversário de 40 anos na Suíça e voltara com seios flutuantes, convidativos, inquietantes. Sem intervenções cirúrgicas, Tabitha e Celeste teriam as mesmas duas linhas verticais entre as sobrancelhas que Biddy tinha, e o mesmo delta amigável dos pés de galinha, mas o temperamento, e o divórcio, e os tantos amantes deixaram suas duas irmãs mais ricas e mais descontentes, e suas testas mais imobilizadas. Biddy, embora reclamasse da pele e fosse sensível às mechas grisalhas secretas que tingia de castanho com todo esmero, havia preferido, encorajada por Winn, encarar as degradações da idade com o menor ruído possível. Usava protetor solar, mas pouca maquiagem, e como sua pele era naturalmente mais escura e resistente, o efeito não era de negligência, mas de limpeza e praticidade. Ele não a aceitaria de

nenhuma outra forma e lhe dizia, desencorajando-a a se aventurar por sua coleção em desuso de blush e batons, mas às vezes Biddy ainda falava com entusiasmo dos médicos que suas irmãs frequentavam na Europa e no Caribe e seus caros tesouros de cremes e unguentos.

— Alguma coisa deixou Livia chateada? — perguntou Tabitha. — Ela passou correndo por aqui um minuto atrás. Nem parou pra cumprimentar. Eu queria saber da história da baleia.

— Ela devia ter tomado uma ducha lá fora antes, não ter entrado aqui.

— Vocês brigaram? — perguntou Biddy. Não teria perguntado isso diante de ninguém a não ser das irmãs, mas ainda assim ele lamentava discutir qualquer coisa significativa na frente delas.

— Não, a gente não brigou.

— Então por que ela estava chateada?

— Não sei. Livia é assim. Tabitha, como está Dryden?

— Ah, você sabe. Está bem. Ocupado. Ele está aqui, na ilha, mas assim que a balsa atracou ele teve que ir tomar uns drinques com alguns amigos. Simplesmente sumiu. Ele conhece todo mundo em qualquer lugar. Você acha que eu devo ir ver como Livia está?

— Tenho certeza de que ela está bem — disse Winn, com leveza.

O rosto de Celeste se alongou de curiosidade.

— Você está escondendo alguma coisa. Desembucha, Winn.

Em circunstâncias normais, ele teria resistido por mais tempo, ao menos tempo suficiente para contar primeiro para Biddy em particular, mas agora não tinha energia para o habitual embate com as irmãs.

— Bom, imagino que vocês vão ficar sabendo de qualquer jeito. A gente entrou na garagem pra pegar o vinho, e acabou topando com Agatha e Sterling... — Winn cerrou os dentes, incapaz de completar a frase.

— Em *flagrante*? — perguntou Celeste.

Winn moveu a cabeça, algo como um meio assentimento.

— Não! — exclamou Biddy. — Verdade?

— Quem são Agatha e Sterling? — quis saber Tabitha.

Celeste bateu palmas.

— Agora sim temos um casamento.

— Não — disse Winn. — Um casamento não é motivo pra se comportar desse jeito.

— Quem são Agatha e Sterling? — voltou a perguntar Tabitha.

— Você conheceu Agatha — explicou Biddy. — É a amiga de Daphne de

Deerfield. Uma garota bonita.

— Ah — disse Tabitha com astúcia. — Aquela.

— Esse tipo de coisa não devia acontecer — sentenciou Winn.

— Sossega, Winnifred — pediu Celeste. — Não seja tão puritano.

Biddy continuou:

— E Sterling é o irmão mais velho de Greyson.

— Ah. — Tabitha não parecia impressionada, como se Winn houvesse contado que tinha flagrado os dois jogando tênis de mesa. — O que você fez?

— Pedi que trouxessem algumas garrafas de vinho quando tivessem terminado.

— Foi legal da sua parte deixar eles terminarem — brincou Biddy com leveza.

Sem saber se ela estava se referindo ao *coito interrompido* daquela manhã, ele a inspecionou à procura de sinais de ironia, mas Biddy estava escolhendo um morango da tigela e não ergueu os olhos. Celeste lançou sobre ele um olhar sagaz, mas não hostil. Winn franziu o rosto para ela. Até o momento, sentia apenas um interesse analítico no que tinha acabado de ver. Havia algo de olímpico na visão dos dois, algo de arquetípico: homem e mulher acasalando entre teias de aranha, levantando nuvens de poeira. Existiam três Agathas: a de suas fantasias, aquela cujo corpo ele beijara e investigara e a que ele havia acabado de ver nua da cabeça aos pés, entregando-se a um intruso voraz, espalhafatoso, ganancioso, tristemente engolido.

— O que Livia fez? — quis saber Celeste.

— Se mandou. Tabitha, como foi a sua viagem?

— Pobrezinha — comentou Celeste.

Biddy pareceu perplexa.

— Você se refere a Livia? Por que pobrezinha?

Celeste se debruçou conspirativamente sobre a mesa, a mão de unhas coral segurando a borda.

— Como dizem as crianças, ontem à noite Livia e Sterling ficaram.

Sam Snead, a organizadora do casamento, abriu a porta de tela (que a instruía a "NÃO BATER") e espiou o hall de entrada. Ouviu vozes na cozinha.

— Olá, tem alguém aí? — chamou ela.

Biddy gritou de volta:

— Estamos na cozinha! Venha!

Sam Snead não era uma ressurreição do grande golfista morto, mas uma mulher chamada Samantha que havia se casado com um homem chamado

Snead. Nunca foi conhecida como Samantha ou Sra. Snead, sendo alguém cujos nome e sobrenome haviam se fundido permanentemente e a quem todos se referiam sempre como Sam Snead. O rótulo absurdo pairava sobre ela como um pseudônimo, embora preferisse pensar que o nome não lhe roubava a personalidade, em vez disso lhe dando o dom da marca inerente. Ela não era Sam Snead, a mulher; era Sam Snead®, organizadora de casamentos de elite. Chegara a considerar manter o nome de solteira (Rabinowitz), mas no fim havia decidido dar de ombros, aproveitar a coincidência (muitos de seus clientes tinham uma grande apreciação pelo golfista, maior do que por pessoas de nome Rabinowitz) e tirar o melhor daquilo, o que, como dizia aos clientes, era o modo como lidava com crises e constrangimentos e a razão pela qual era uma excelente e muito cara organizadora de casamentos.

A primeira coisa que ela notou foi a atadura na perna do Sr. Van Meter e as manchas de sangue em suas roupas brancas de tênis.

— Querido, sua perna! O que *aconteceu*?

Alguma coisa estava em curso naquela cozinha. Enquanto o Sr. Van Meter explicava — alguma confusão entre uma bicicleta e um carrinho de golfe —, ela mantinha o rosto resplandecente e amigável e estudava o grupo com seu olhar de especialista. Perna à parte, o Sr. Van Meter parecia o mais abalado de todos. Tinha sombras embaixo dos olhos vermelhos e estava sujo de terra e sangue. As outras, as mulheres, pareciam evasivas, como se tivessem sido flagradas fofocando. Sam Snead não havia chegado a ser o que era no mundo da organização de casamentos sendo insensível à discórdia humana. Quantos desastres ela prevenira ao longo dos anos, quantos abandonos? Quantos receios de última hora tinha dissipado com uma conversa otimista sobre o futuro, a família e os depósitos sem restituição? Tantos que não dava nem para contar. Talvez também tivesse auxiliado e cooperado para alguns erros, mas não conhecia as estatísticas porque não acompanhava os casais ao longo do tempo. Gostava de mandá-los para a lua de mel e nunca mais vê-los de novo, exceto como um par de nomes no topo de sua fatura.

Quando o Sr. Van Meter terminou, ela disse:

— Mas então, pai da noiva, você consegue andar o caminho todo até o altar? E, se não conseguir, nós podemos drogar você até que consiga?

— Estou bem — garantiu ele. Seus olhos pareciam opacos e sem foco, e seus modos eram menos afetados e irritadiços do que de costume. Ele aguentaria.

— Ótimo! Agora escuta, mãe da noiva, eu sei que você me disse que não

queria ter que fazer nada quando estivesse na ilha, mas você tem o mapa de assentos? O de amanhã e também o de Maude pra hoje à noite? Porque eu tenho que mandar agora o de hoje à noite ao restaurante. Você tem? Ótimo. A lição de casa está feita, então, agora é só aproveitar, aproveitem. Ah, olha só o que você fez, garota esperta. Perfeito. Perfeito. Obrigada. — Pegou os mapas de Biddy, guardou em sua bolsa de couro e sacou uma agenda de pano. — Certo, hora de uma revisão. No momento, são três e meia. Os convidados têm chegado o dia inteiro. Que eu saiba, nenhum novo cancelamento. Os mais próximos têm que estar na igreja às cinco e meia pro ensaio. Dois carros vão estar aqui às cinco e dez em ponto. O coquetel começa às seis e meia, e em teoria o jantar às sete e meia, provavelmente mais para as oito. Tudo bem? Agora, ouvi dizer que... — Interrompeu-se quando a porta da cozinha se abriu e uma das madrinhas, a que parecia problema, entrou carregando uma garrafa de vinho. De acordo com Daphne, esta havia perdido o teste de maquiagem e o momento de fazer as unhas porque estava com problemas estomacais. Por que não chamavam ressaca de ressaca, Sam Snead não sabia. — Oi, querida. Está se sentindo melhor?

A garota deixou os vinhos no balcão. Reconheceu a presença daquela coleção de mulheres magras à mesa e evitou olhar para o Sr. Van Meter, que também evitava encará-la.

— Muito — respondeu ela. — Obrigada.

— Puxa, eu não sabia que você estava se sentindo mal — disse Biddy, e as irmãs forçaram um sorriso.

— Enfim — prosseguiu Sam Snead —, como eu estava dizendo, o alfaiate da ilha me avisou que vai dar uma passada pra uma última olhada no vestido de Daphne antes de sairmos pro ensaio, e vai ficar aqui pra passar o vestido. Acabei de falar com Daphne. Elas já terminaram com a manicure, menos Livia, que desapareceu na praia, e a pobre Agatha aqui, que estava sem condições.

Winn viu a boca de Celeste se contorcer e soube que ela estava louca, *louca* para dizer que Agatha até estava sem, mas sem outras coisas que não condições. Agatha se debruçou no balcão perto de Winn, a sola de um pé descalço pressionada contra o outro tornozelo como um massai, seu vestido amarelo de algodão caindo sobre um ombro dourado. Que tranquilidade, ele pensou, que insolência estar ali no meio daqueles anéis integrados de conhecimento e ignorância e agir como se não tivesse nada do que se envergonhar. Winn sentiu, ou pensou sentir, o cheiro amargo e animal do sexo. Por que ela não escapou para algum lugar para se lavar? Era tão simples para ela, uma vez rejeitada, se

contentar com o próximo homem disponível? A lembrança daquele encontro entre eles teria ao menos passado pela cabeça dela antes de entrar com Sterling na garagem? Ele franziu a testa e transformou a expressão num bocejo quando viu que Celeste estava olhando-o.

Biddy explicava a Sam Snead sobre Livia e a baleia, e Sam Snead assentia rapidamente.

— Ok — disse ela, absorvendo a história com confiança —, mas Livia vai estar pronta pro ensaio? Se ela tiver dificuldade pra se livrar do cheiro, diga pra tentar com suco de tomate. Se funciona com gambás, deve funcionar com baleias. Ótimo. Mais alguma coisa? Estou indo embora.

— Tchau — despediu-se Winn, estendendo o braço e pastoreando-a em direção à porta.

— Você está indo pro restaurante? — perguntou Tabitha. — Nosso carro alugado está lá. Posso pedir uma carona?

Biddy inclinou a cabeça.

— Pensei que o jipe lá fora fosse seu.

— Não, não é meu. Foi Skip quem me deixou.

— Bom, então de quem é? — perguntou Sam Snead.

— De Sterling — respondeu Agatha. — Mas ele já foi.

Fez-se um silêncio. Biddy limpou as migalhas da mesa com um guardanapo. Agatha cutucou o esmalte rachado de suas unhas. Sam Snead sorriu para todos.

— Vamos, então? — disse ela a Tabitha.

— Tchau — voltou a dizer Winn. Mas a porta da frente bateu, e Daphne e suas seguidoras surgiram na cozinha. Ela estava usando um vestido de praia de algodão branco, sem mangas e com pregas no peito, inchadas pela abóbada que era o neto de Winn.

— Tabitha! — exclamou Daphne.

Houve cumprimentos e apresentações, ao longo dos quais Daphne parecia alegremente feliz, rósea em sua radiação de noiva ou em seu resplendor de grávida ou talvez apenas bronzeada, mesmo declarando que estava exausta e louca para tirar um cochilo. Winn não era capaz de se imaginar tão feliz assim, não nessa cozinha cheia de mulheres que haviam se fundido numa entidade única, uma ruidosa criatura com quem havia se casado, e de quem havia sido pai, e que havia bolinado na lavanderia e beijado acidentalmente numa brincadeira, e que havia pagado, por fim, para organizar um casamento. Não tinha certeza de *jamais* ter sido tão feliz quanto Daphne parecia agora. Se chegara a ser, não se lembrava, e também não tinha qualquer esperança de voltar a ser no futuro. Não

havia grandes surpresas reservadas para ele, nenhuma virada do destino que descobriria novos depósitos de felicidade. Os netos seriam agradáveis, porém com a sorte que tinha seriam apenas meninas e, em quaisquer circunstâncias, se chamariam Duff. Ele escolhera as paredes de sua prisão, e essas paredes combinavam com ele: esta casa e a casa de Connecticut, seus clubes, seu carro, as janelas sujas do trem até o trabalho, as janelas cristalinas de seu escritório, os confins do abraço de Biddy, as palavras "marido" e "pai" em sua lápide. O que mais havia? Ele não tinha anseios de viagem insatisfeitos. Não queria uma esposa mais jovem, uma nova família, e tampouco desejava solidão, um chalé nos bosques do norte, um lago para pescar. Tinha quase tudo o que podia imaginar querer, e ainda assim a ambivalência lavava seu mundo em uma palidez anêmica. Talvez se houvesse tido um filho homem, a vida seria diferente.

Livia, na verdade, fazia a maioria das coisas que ele imaginava um filho seu fazendo. Mulheres não podiam entrar para o Clube dos Ofídios, mas ao menos ela estudava em Harvard. Jogava squash decentemente e sociabilizava com avidez. Era bonita, atlética e simpática, ainda que suscetível a alguns humores obscuros provocados pelo ritmo lunar da feminilidade. Ela teria sido suficiente, mas, quando Winn estava carregando suas malas e caixas ao novo dormitório dela, no primeiro dia de seu primeiro ano de faculdade, passara pela porta aberta de uma suíte repleta de garotos e seus pais, todos dando as mãos. Um estandarte marrom com um *H* branco já pendia em cima da lareira. Parou onde estava, carregando nos braços uma cesta cheia dos lençóis de Livia, e ficou olhando aqueles estranhos que pareciam tão conhecidos. Ficou tempo o bastante para que um dos garotos se virasse e perguntasse:

— Está procurando alguém, senhor?

— Ah. Perdão. Só estava olhando. — Quando eles assentiram e olharam uns aos outros, completou. — Eu morei neste quarto.

— Puxa — exclamou o garoto. — Que maneiro. Eles deram uma lista de todo mundo que morou aqui. — Pegou uma folha de papel em sua escrivaninha e a estendeu a Winn. — Qual deles é você?

— Alexander Tipplethorn — declarou Winn. — Turma de 1970.

— Acho que conheci seu irmão — comentou um dos pais, um sujeito vesgo e bronzeado. — James Tipplethorn, turma de 1975?

Winn ergueu a cesta de lençóis.

— Exato.

— O que James anda fazendo?

— Eu não tenho muita notícia dele, na verdade — desvencilhou-se Winn.

— Ah. — O pai hesitou, e em seguida perguntou: — Está trazendo o seu filho?

— Isso mesmo. Pete Tipplethorn. Cuidem bem do rapaz.

Winn não confessou a mentira a ninguém, mas isso acabou estragando seu prazer em visitar Livia. Evitava os pais de outros alunos, e mesmo nos anos posteriores de Livia, sempre temia que pudesse ser, a qualquer momento, desmascarado como o triste impostor que certa vez havia tentado se passar por Alexander Tipplethorn, irmão de James e pai de Pete.

— Aqui está ela! — anunciou Sam Snead.

Livia estava parada junto à porta. Seus cabelos, ainda úmidos, estavam trançados e enrolados numa grinalda em volta da cabeça. Vestia um tubinho preto que pouco ajudava a desviar a atenção de sua palidez ou de sua magreza. Parecia tuberculosa. Os olhos estavam pintados de preto e brilhavam em seu rosto tenso.

— Soube que você teve uma pequena emergência — mencionou Sam Snead —, mas vai ficar tudo bem. A maquiadora é muito boa. Ela vai saber o que fazer amanhã mesmo sem testar antes. Peça pra usar muito bronze.

Livia sorriu infeliz. Winn podia ver a tensão que a percorria. Se lhe arrancassem alguma palavra, sua voz decerto soaria aguda e estridente. Daphne, Piper, Dominique e Sam Snead ainda papeavam sobre maquiagem e unhas. Biddy quebrava gelo numa bandeja. Celeste e Tabitha observavam da mesa, fingindo-se casuais.

Lentamente, Livia foi na direção de Agatha. Esta estendeu as mãos com as palmas para cima num gesto desvalido. A expressão em seu rosto tentava ser muitas coisas — conspiratória, divertida, apologética, inocente, desafiadora —, porém o medo se deixava entrever. Livia envolveu uma das mãos de Agatha entre as suas. Ouviu-se um estalo. Agatha gritou.

Quatorze • Cai a tarde, começam os trabalhos

A igreja ficava nas falésias do leste da ilha, branca e distinta com sua torre igualmente branca, recortando-se como um cenário contra o céu. Apenas um gramado curto separava aquela estrutura do penhasco em erosão. A grama se iniciava em sua base, erguendo rompantes azuis e brancos na forma de tremoços e bocas-de-dragão como se fosse a proa de um navio, e depois corria por mais uns 30 metros até já não ter onde se enraizar e as últimas lâminas assomarem ao precipício. Cada uma das longas laterais da igreja tinha cinco janelas altas e estreitas de um vidro ondulado e borbulhante, de um azul quase pálido. Uma janela rosa acima do altar admitia um disco de sol, e outra janela idêntica ao fundo da nave deixava entrar o lampejo periódico do farol. As paredes eram brancas, os bancos eram cor de cereja, e o ar se deixava temperar com o cheiro de livros antigos, flores e cera.

Com ar miserável, Livia estava parada perto do altar ao lado de Dominique e diante de Sterling. Daphne e Winn apareceram no quadrado reluzente das portas abertas, suas formas ofuscadas ganhando solidez. Daphne sorria; Winn, que mancava, tinha o rosto fechado. No que lhe pareceu uma paródia grotesca, Livia havia sido obrigada a percorrer a nave de braços dados com Sterling. Ele não tinha dito nada, limitando-se a perguntar se ela realmente havia quebrado o dedo de Agatha. Ela o olhou com raiva e tentou apressá-lo pelo corredor mesmo após Sam Snead sussurrar lá da frente "Devagar! Com serenidade!". Piper estava do outro lado de Dominique e, em seguida, a uma distância segura, Agatha. Não houvera tempo para uma segunda ida ao hospital, no entanto Sam Snead dissera a Agatha que ela poderia ir depois do jantar, se achasse necessário tirar uma radiografia. O tio Skip, que era médico, foi convocado por Tabitha do conforto de seu sofá no chalé alugado, para colocar o dedo de Agatha no lugar e protegê-lo

com um palito de picolé. Médicos não precisam de radiografias para arrumar ossos quebrados, ele havia garantido a Agatha, envolvendo sua mão com um pouco do esparadrapo que Winn levara para casa para refazer a atadura de sua perna. Especialmente um dedo como o dela, que se partira tão precisamente como um pedaço de pão. Skip lançara um olhar de reprovação a Livia por cima do ombro, aproveitando a oportunidade de mostrar suas habilidades para as mulheres que entravam e saíam da cozinha de cabelo molhado, de toalha, de vestido. E, assim, agora Agatha segurava, como um simulacro de buquê, um saco de gelo envolvido numa toalha, a mão imobilizada numa posição de prece.

Sterling parou com as mãos nas costas e desviou o olhar na direção do órgão e do espaço para o coro. As mesmas calças listradas que Livia havia baixado de sua cintura e arremessado longe na areia faziam uma reaparição, miraculosamente limpas e passadas, e acompanhadas de um paletó combinando, uma margarida branca na lapela.

Nos degraus que levavam ao altar, Daphne e Winn pararam.

— Agora você levanta o véu dela e se despede com um beijo — indicou o pastor.

— Certo — assentiu Winn, privando-se de treinar o beijo, mas acenando com a cabeça para Daphne e se afastando até a primeira fila para se sentar ao lado de Biddy.

— Ok — disse o pastor —, mas amanhã não se esqueça de dar de fato o beijo. Agora a noiva sobe até aqui, entrega as flores à dama de honra e dá a mão ao noivo. Bom.

Winn se mexeu em seu lugar, inclinando-se para ouvir algo que Biddy sussurrava em seu ouvido, e a madeira rangeu. Livia ouviu mais uma vez o estalo do dedo de Agatha. Ela havia inspirado pelo nariz e expirado pela boca, contado até cinco, e quebrado aquele dedo. Lembrava-se agora do dedo frio entre os seus, e os olhos de Agatha se expandindo de medo. Agatha começara a arfar, quase hiperventilada, aninhando a mão no próprio peito. Seu pai havia ido primeiro até Agatha, as mãos pairando inutilmente sobre os ombros dela, antes de se virar para Livia, raivoso, "O que você estava *pensando*? O que tem de *errado* com você?". Ela não percebera que estava chorando, porém mais tarde, quando tentou se acalmar, viu que a maquiagem escorrida havia deixado traços escuros em suas bochechas.

— Livia. — Daphne, de mãos dadas com Greyson, estava olhando para ela. O pastor, Greyson e todos os padrinhos também estavam olhando para ela. — Você ouviu?

— O quê?

— Sam Snead pediu pra você ajeitar minha cauda quando eu subisse aqui.

— Tudo bem. — Livia se agachou atrás de Daphne e fingiu ajeitar um vestido invisível. Sterling resfolegou, ela se ergueu e voltou ao lugar. Só estava tentando cooperar com toda aquela besteira. Ela e Sterling entregariam os anéis de mentira; todos se retirariam pelo corredor, passando por fileiras de pessoas de mentira atrás da cauda invisível do vestido de Daphne e a protuberância da criança ainda por nascer.

Mas antes Greyson tinha que fingir que deixava cair seu anel de mentira e sair tateando à procura entre as saias do vestido de mentira de Daphne, simulando grande preocupação. Quando o ensaio enfim terminou, Livia saiu andando ao lado de Sterling até a porta da igreja e deixou cair o braço dele antes de chegarem à última fila. Saiu marchando pelo gramado até chegar à cerca de madeira à beira do penhasco. Lá embaixo, o mar era azul-escuro e estava agitado pelo vento. Devia haver cardumes perigosos lá. Dezenas de barcos afundados, talvez centenas, apodrecendo no fundo do mar. À noite a luz do farol passava sobre a água iluminando os ossos como um fantasma. Todos aqueles naufrágios haviam sido justamente a razão para construir o farol, mas agora o salvador precisava ser salvo. O farol, precariamente empertigado nas falésias prestes a desmoronar, tinha se tornado um estranho lembrete de uma ilha morta, onde não havia radar ou GPS, só uma luz giratória.

Sterling chegou perto dela. Ficaram parados em silêncio.

— Parece que vai chover — comentou ele.

Ela se virou. Os outros estavam reunidos perto da porta da igreja. O pai assentia com a cabeça a qualquer coisa que Maude estivesse dizendo, provavelmente que o ensaio havia sido *adorável* e que o casamento seria *maravilhoso*. Agatha estendia a mão enfaixada para a inspeção de Dicky e ria de alguma coisa, ainda que ele nunca houvesse dito nada de engraçado na vida.

— A chuva não se atreveria. Não no dia do casamento de Daphne Van Meter.

— Escuta.

Livia mexeu em algum líquen da cerca.

— O quê?

— Eu queria dizer... se eu soubesse quanto chatearia você, juro que não teria feito isso.

— E quem seria "isso"? — perguntou ela. — "Isso" é ela? Ou sou eu? — Sterling apenas a contemplou, seus olhos cor de uísque vazios e inexpressivos como botões. Ela seguiu. — Ótimo, não precisa dizer nada. Só fica olhando pra

mim.

— Pensei que contato visual fosse uma coisa boa.

— Contato visual com você é equivalente a contato visual com uma cabeça de alce empalhada.

Ele não desviou o olhar do rosto dela enquanto apalpava os bolsos à procura do maço de cigarros.

— Olha, eu não queria que o que aconteceu entre nós fosse esta grande coisa. Se não fui claro, me desculpa. — Encontrando o maço, chocou-o contra a própria palma. — Não acho que se deva quebrar o dedo de alguém por mim.

— Legal, mas não é que eu seja tão perturbada assim. Eu não tinha um grande plano de vingança. Só cansei das histórias de Agatha.

— Ela não é tão ruim. Só está um pouco perdida.

— É o que Daphne sempre diz. É besteira.

Livia atacou os liquens com mais agressividade. Ela era uma boba, patética. Sabia que Teddy não a amava e ainda assim havia seguido em frente. Pior: depois de uma noite de arrepios na praia, tinha se deixado acreditar que Sterling seria capaz de exorcizar Teddy. Pensou que devia ser uma masoquista, atraída por aqueles que não a desejavam. Seu erro havia sido pensar que ela era um prêmio, uma presa, alguém que se destacaria em meio à massa de conquistas de Sterling. Agora via que a grande experiência dele não lhe dava a seletividade de um *connoisseur*, e sim a indiferença de um glutão. Seu corpo, troncudo e de pés chatos naquela garagem, não podia ser o corpo que pouco tempo antes a havia pressionado contra a areia, e no entanto era. O corpo que Teddy estava compartilhando com metade de Nova York, aquele era o mesmo corpo que ela imaginava que lhe pertencia. A indignidade era grande demais. Vendo os dois lá, se levantando assustados ao lado da velha canoa virada, em meio a bombas de bicicleta e brinquedos de praia esquecidos, espalhados em volta deles como peças de um cenário pornô em estilo rústico, Livia podia ter rido, e em vez disso se viu convertida, subitamente e com a convicção de uma fanática, em alguém que pensava que sexo era insignificante. As pessoas passam a vida inteira procurando alguma coisa além da simples fricção entre pele e pele, mas não há nada. O vazio entre duas pessoas nunca pode ser preenchido e, ao tentar preenchê-lo, só se aprende quanto há de desprezível no outro. Mesmo os lençóis santificados da mais devota união são apenas uma plataforma para vagos impulsos animais. Antes, ela era ingênua demais para ver, mas agora a grande farsa era óbvia.

Ondas se quebravam por cima dos bancos de areia escondidos. Sterling fumava. Nacos pretos e verdes de líquen descamavam da cerca. Suas unhas

estavam horríveis. Teria que pedir a Dominique que as pintasse.

— Você realmente me envergonhou — declarou ela a Sterling. — Os homens nunca levam em conta o que acontece entre as mulheres.

Ele suspirou, esforçando-se para que ela soubesse que estava tentando ser o mais paciente possível.

— Como assim?

— Vocês pensam, bom, se essa garota não tem importância pra mim, então ela não tem importância no esquema das coisas de ninguém. Mas as garotas sempre pensam que são as que importam de verdade, e aí você encontra alguma outra garota que pensa que importou pra algum cara, e, mesmo que você odeie essa garota, mesmo que ache que ela é burra ou feia ou bonita demais, ou uma vaca ou uma puta, ou mesmo alguém de quem você poderia ser amiga em outras circunstâncias, agora vocês duas têm essa coisa muito íntima em comum.

— E então?

— Meu ponto é que importa, sim, com quem você faz sexo.

Sterling virou para o outro lado como se estivesse prestes a partir, mas se voltou para ela.

— Mas você também aplica esses padrões pra você, é claro. Você foi à praia comigo depois de pensar as coisas muito bem, por muito tempo, pesando todos os prós e contras.

— Eu não deixei que você me encontrasse transando na garagem com uma vagabunda, ou deixei? Pensei que você fosse pedir desculpas.

— Me desculpa.

— Eu aceito seu pedido.

E Livia saiu andando, deixando-o fumar seu cigarro à beira do penhasco.

Winn foi direto para o bar e pediu um martíni.

— Só um minuto — respondeu o barman, secando copos.

— Winn, o que você está fazendo? — perguntou Biddy, passando com Maude. — Sai daí, eles montaram um barzinho lá fora só pra gente.

— Ainda vai querer? — quis saber o barman.

— Quando for conveniente.

Ele guardou a toalha no bolso de trás.

— Com qual gim?

— Pode ser com o mais barato.

O barman pegou uma garrafa da prateleira mais baixa.

Daphne passou de braços dados com Greyson.

— Pai, o que você está fazendo? É por aqui.

— Estou saindo num minuto.

Para o jantar de véspera, os Duff haviam escolhido o restaurante de um hotel no porto. Winn tinha alertado que o *chef* era novo e que se dizia que a comida era inconsistente, mas o restaurante tinha um amplo deque a céu aberto e vista para o mar que Maude julgou ser divino para coquetéis. Pela janela, viu Daphne sendo engolfada pelos parentes de Biddy e por variados Duff. Fez-se uma algazarra de beijos e papo. Os braços dourados de Agatha e sua mão ferida apareceram no bar ao lado dele.

— Está tranquilo aqui — disse ela.

Só havia dois outros bancos ocupados junto ao bar de madeira, por dois homens que vinham conversando e beliscando *mixed nuts* de uma tigela prateada, mas que agora observavam Agatha.

— Você devia ir à festa — sugeriu Winn, acenando para Dicky, que também passava.

— Antes quero tomar um drinque. — Para o barman, ela pediu: — Um martíni com três azeitonas, por favor.

Ele não perguntou que marca de gim ela queria, mas serviu de uma garrafa que parecia sofisticada.

— Saúde. — Agatha voltou-se para Winn.

— Não costumo beber martíni — comentou Winn, permitindo que ela tilintasse sua taça na dele. — É horrível.

— Talvez você possa melhorar o nível do seu gim — intrometeu-se o barman.

— Que gim ele está tomando? — perguntou Agatha. O barman apontou a garrafa, e ela riu.

— Olha o que tinha na minha sacola de presentes — disse ela, erguendo o queixo de modo que a pele se esticou sobre o tubo rígido de sua garganta. Com os dedos ela indicou uma corrente de prata em seu peito, com uma estrela-do-mar na ponta.

— Muito bonito.

Ela pousou sobre ele um demorado olhar de cachorro.

— Não era o que eu queria.

O barman limpava o mesmo canto do bar fazia bastante tempo. Winn limpou a garganta, e o homem se afastou um pouco.

— É uma pena ouvir isso. Como está o seu dedo?

— Se você beijasse, melhoraria.

Ele levantou, derramando um pouco do martíni no assento de couro verde de

seu banco.

— Merda — exclamou, pegando um punhado de guardanapos de papel para secá-lo.

— Eu só estava brincando. Só me divertindo.

Winn parou, amassando os guardanapos brancos já empapados, e investigou o rosto dela à procura de pistas do que queria dizer. O que sempre o atraíra em Agatha — sua desatenção ao obscuro nevoeiro de sexo que pairava em volta dela — agora parecia frustrante e perverso.

— Mais um? — perguntou o barman, apontando para a taça de Winn.

— Não. Só a conta dos dois.

Deixou o bolo de guardanapos no balcão. Talvez devesse apenas se apegar à ideia de que o flerte entre eles havia sido uma grande piada, que o que tinha acontecido na lavanderia era só o toque humorístico final. Talvez houvesse sido isso para ela. Era possível que tivesse imaginado tudo aquilo. Era possível que estivesse perdendo a cabeça — quem poderia dizer?

— Desculpa por hoje na garagem — disse ela, tocando o braço de Winn. A expressão dela era mais suave, seus olhos eram grandes e importunos, mas ele ainda se sentia desconfiado e confuso, como se fosse vítima de algum truque. — Eu só fui saber depois o que houve entre Livia e Sterling. Juro. Estou sempre causando problemas.

Ele se enraiveceu com a lembrança.

— Você estava querendo me deixar com ciúme?

Agatha mordeu o lábio. A pele rosada se deixou amassar pelos dentes, ligeiramente amarelados pela nicotina.

— Meio que aconteceu — declarou ela, arrependida. — Peço desculpa também pela noite de ontem. O vinho me deixa chorona.

— Não tem problema.

Agatha desceu do banco e lhe ofereceu a mão:

— Estou perdoada?

— Claro — disse ele, de pé e apertando com solenidade a mão dela. — Plenamente. — Quando ela começou a se afastar em direção à porta que levava ao deque, Winn sentiu uma decepção violenta. — Agatha. — Deu alguns passos instáveis atrás dela. E ela parou.

A voz de uma mulher soou atrás dele.

— Winn?

Ele se virou, esperando ver algum parente ou algum dos Duff. Era Ophelia Haviland, Fee Fenn.

— Fee! — exclamou ele, assustado e falando alto demais à medida que avançava para cumprimentá-la.

Ela aceitou o beijo, mas estava olhando através dele, com uma expressão de riso e, por alguma razão, de satisfação, como se acabasse de se provar certa em alguma coisa.

— Olá — disse ela para Agatha.

— Perdão — pediu Winn, acenando para que Agatha voltasse. — Fee, esta é Agatha, uma das madrinhas de Daphne. Agatha, esta é Fee Fenn, uma velha amiga.

A mulher lhe deu a mão.

— Seu vestido é muito bonito — comentou Fee.

— É mesmo? — questionou Agatha, olhando a si mesma. Estava usando um vestido simples de cetim, sem adereços. Sem sutiã. — Não consigo ter certeza se gosto dele.

— A gente está fazendo o jantar de véspera aqui — explicou Winn a Fee.

— Esta noite? — perguntou ela. Diamantes quadrados reluziram em suas orelhas, e seus olhos estavam pintados, mas as roupas eram simples e pouco chamativas: blusa branca, calça cigarrete, mocassins. Tinha que admitir que Fee era uma mulher bonita. Seus olhos eram *de fato* um pouco saltados, mas, no fim das contas, não era nada de que se envergonhar.

— Isso. — Winn apontou pela janela para a festa acontecendo no deque.

— E por que vocês dois estão se escondendo no bar?

— Só um hiato em relação à humanidade — brincou ele. Era uma frase que eles usavam na época em que estavam juntos, quando saíam de alguma festa cheia para tomar um ar ou quando decidiam passar um fim de semana no apartamento dele, só os dois.

O sorriso de Fee se fragilizou.

— Livia está aqui?

— Claro.

— Jack disse que contou pra vocês sobre Teddy.

— Contou. Tal pai, tal filho.

— A gente gosta de pensar assim. Ele está aqui, também. Com Jack e Meg no salão de jantar. Eu estava só indo ao banheiro.

— Como é a comida? — inquiriu Agatha.

— Não sei — respondeu Fee. — O *chef* é novo.

— Então — retomou Winn —, diga a Jack que eu tenho uma questãozinha pra resolver em relação ao Pequod.

Fee olhou na direção do banheiro, mas se manteve ali.

— Claro, com certeza.

— Foi a coisa mais besta. Esta manhã eu estava voltando de bicicleta pra casa depois de um jogo de tênis, com Goodman Perry, você conhece ele? Eu estava na ciclovia, e um dos carregadores do clube estava lá num carrinho, no meio da ciclovia, recuperando a bola de uns sujeitos. Justo quando eu fui passar, o carregador engatou uma ré sem nem olhar para trás e — batendo as mãos para causar efeito — me acertou em cheio, me derrubando da bicicleta. Veja só. — Apoiou o pé no degrau do banco do bar e levantou a perna de sua calça verde. Um borrão escuro de sangue havia atravessado a gaze. — Tive que ir pro hospital pra que dessem uns pontos. Amanhã tenho que andar até o altar com Daphne, e o momento não podia ser pior.

— É uma pena ouvir isto — lamentou Fee, e apontou a mão de Agatha. — Você também se machucou?

Agatha soltou um riso curto, gutural.

— Em outras circunstâncias.

— Otis Derringer — disse Winn. — Este era o nome do carregador. E você sabe, Fee, o mais incrível é que ele não queria sequer pedir desculpas.

— Não queria ou não pediu?

— Não queria. Eu disse que apreciaria um pedido de desculpas, sem consequências legais, e ele disse que não achava que tinha feito nada que valesse o pedido. Não sei como alguém diz uma coisa dessas depois de mandar um homem pro hospital, mas foi isso.

Fee ouvia a história com o queixo enganchado entre o polegar e o indicador da mão direita, os outros dedos dobrados contra a boca, obscurecendo-a, mas pelos olhos ele podia identificar o específico sorriso amargo e superior de que bem se lembrava.

— Às vezes as pessoas não pedem desculpas como deveriam — concluiu ela. — De vez em quando é assim.

— Em circunstâncias como essa parece óbvio... parece óbvio... — comentou ele, hesitante.

Fee deixou cair a mão, e aquele velho sorriso se amplificou e se torceu numa risada suprimida.

— O que parece óbvio, Winn?

Ele não conseguiu pensar no que dizer.

— Preciso sair. Não estou sendo a melhor das madrinhas.

— Eu não devia tomar o tempo de vocês. — Fee saiu em direção ao banheiro

feminino. — Por favor, diga a Daphne que estou mandando os parabéns.

Winn seguiu Agatha até o deque, ousando tocar com um dedo, suavemente, a pele nua entre seus ombros no instante em que passavam pela porta. Ela arqueou as costas mas continuou andando, na direção de onde os jovens estavam reunidos. Winn encontrou o barzinho que Biddy disse que montariam ali, só para eles, e pediu um gim-tônica.

— Como você está? — perguntou Sam Snead, aparecendo ao lado dele. — Como está a perna? Você estava mancando um pouco durante o ensaio, e é claro que não tem problema. Não tem nada de mais. Ninguém se importa se o pai da noiva está um pouco manco. Mas é um casamento e se espera que tudo seja perfeito, por isso arrumei isto aqui da minha fiel mala de truques, meu saco de poções, só por via das dúvidas. Você é que sabe. Pode ajudar. Toma, não toma. Eu também dei a Daphne alguma coisinha pra amanhã. Dou alguma coisa a todas as minhas noivas. Pra aliviar a tensão. Como eu disse, pode tomar, pode não tomar. Estou aqui pra garantir que vocês se divirtam. Tudo bem? Ok. Vamos começar a organizar as pessoas para o jantar em vinte minutos, certo? Ótimo.

Ela pressionou na palma dele um pequeno envelope em que chacoalhavam alguns comprimidos. Ele guardou no bolso, sentindo-se furtivo. Tinha passado mais tempo sentindo-se furtivo nas últimas 24 horas do que ao longo de toda sua vida. Dryden, o filho de Tabitha, surgiu do nada em seu terno branco com bolsos azul-celeste.

— Tio Winn! Há quanto tempo! — O jovem beijou o ar perto dele e se afastou em direção ao grupo que ouvia Francis recitar a história da baleia. Dryden sempre fazia Winn pensar em seu avô Frederick. Seria ele parecido em algum aspecto com esse jovem? Pensou no pai de Fee, o velho Haviland, passando giz no taco sob o retrato de Frederick como se estivesse afiando uma arma.

— Bum! — exclamou Francis. — E aí choveu sangue.

Agatha estava sentada no braço de uma cadeira ocupada pelo único padrinho que não era um Duff, Charlie. Ela ria e tocava o braço do rapaz, olhando Winn. Daphne pegou a mão de Greyson e a balançou para a frente e para trás. Piper pescou uma cereja em seu drinque e casualmente a atirou por cima do parapeito, no mar. Sterling estava parado sozinho, debruçado sobre o parapeito de madeira e depressivamente contemplando a água. Um garçom se aproximou dele com uma bandeja de petiscos, e Sterling fixou o olhar nos pedacinhos de comida pinçados por palitos de dente como se nunca houvesse visto aquilo antes. Balançou a cabeça de um lado para o outro, e o garçom se afastou. Dicky e Maude cuidavam de entreter um círculo de familiares. Tendo aceitado um dos

petiscos enrolados em bacon que Sterling rejeitara, Winn mastigava e observava Dicky. Por que esse homem, entre todos os homens, havia feito tantos filhos que queriam comer as filhas dele? O sol tinha sumido entre as nuvens como a chama num candeeiro, e sob a luz laranja a brisa incansável revolvia guardanapos, cabelos e as saias das mulheres. Pareciam florescer, todos eles, os jovens. Suas bochechas estavam coradas pelo sol; seus olhos se acendiam pela bebida; os ombros das garotas eram lisos e apetitosos feito marzipã. Todos riam tão facilmente. Riam de tudo. Pousavam as mãos na barriga de Daphne, e ela os guiava ao ponto onde o bebê estava chutando.

— Está sentindo? — perguntava ela.

— Estou, estou sentindo — entusiasmavam-se eles.

Observando Agatha, ele se sentia inquieto, insatisfeito. Esperava, muito tempo antes, que o casamento fosse um antídoto para seu hedonismo juvenil — o meu corpo eu te devoto, e tudo aquilo que se dizia nos votos matrimoniais —, mas descobrira que aquele era apenas um bálsamo parcial. A quantidade de anos que havia durado sem qualquer aventura parecia um milagre, ou então uma façanha de uma autodisciplina miraculosa. Sempre julgara mais provável que um pouco de diversão sexual não valesse a pena em relação aos problemas que causava. Qual era o sentido? Por mais mulheres que conquistasse, nunca iria querer se separar de Biddy. Sua vida não mudaria. Mas agora pensava que talvez devesse a si mesmo uma pequena aventura pelo bem da própria aventura. Podia ter subestimado, ao longo de todos esses anos, quão revigorante pode ser um corpo novo. Essa manhã ele teria dado qualquer coisa para desfazer seu breve agarramento com Agatha, mas agora, quando ela se afastara dele no bar, a possibilidade de que não fossem além daquilo parecia insuportável. Se pudesse coçar bem e em definitivo essa comichão, só dessa vez, talvez encontrasse o alívio necessário. E, melhor ainda, talvez até se sentisse mal de verdade por isso — talvez, mais que de sexo, precisasse de um bom susto, um grito de despertar. Matando o resto de sua bebida, pegou uma taça de vinho da bandeja de um garçom que passava. Segurando o envelope de Sam Snead, chacoalhou os comprimidos, que eram três, pescou um deles com o dedo e o engoliu. Sim, cederia à tentação só desta vez. É claro que abominava sua própria fraqueza, mas, se fosse olhar com lógica para a coisa, já cometera o pecado. Quanto pior poderia ser um pequeno agravamento? Não muito. Talvez nem um pouco.

Agatha abandonara seu posto ao lado de Charlie. Winn não sabia aonde ela havia ido. Queria de alguma forma comunicar sua decisão a ela — talvez uma piscadela já funcionasse —, e fazê-la parar de se oferecer para uma dança com

Charlie, ou, pior ainda, de novo com Sterling. Este ainda estava lá, no parapeito, contemplando o porto. Winn pensou na porta da garagem se abrindo, seus vultos nus. Apesar da proximidade de seu sexagésimo aniversário e apesar da poeira que podia ver em seus próprios truques de amante, tinha certeza de que seria capaz de apagar em Agatha qualquer lembrança de Sterling ou de qualquer outro homem. Pena que Sterling nunca saberia, só se vangloriaria com complacência por ter conquistado tanto Agatha quanto Livia. Winn hesitou pensando em Livia e se perguntou se deveria alertá-la de que Teddy Fenn estava no salão. Estava quase decidido a entrar lá e pedir que os Fenn partissem, que se danasse o Pequod, que transportassem seus seres tão superiores à casa que haviam alugado e deixassem que uma vez na vida Livia vivesse sua noite em paz. Olhando em volta, Winn a descobriu sentada sozinha numa mesa pequena com uma bebida, fúnebre em seu vestido preto. Pensou de novo na garagem, só que agora era sua filha no lugar de Agatha.

Sterling contemplava o porto de Waskeke e sentia falta de Hong Kong. Todas as vagas das docas estavam tomadas, as mais distantes por uma flotilha extravagante de iates brancos resplandecentes e veleiros magníficos com convés de teca. Mais longe no canal, barcos ancorados balançavam com as ondas. A balsa estava saindo, enorme e rude, deslocando-se em volta do pequeno farol na boca do porto. Umas poucas gaivotas oscilavam ao vento. A vista era muito bonita, mas preferia a grande escala do Victoria Harbor com seu jardim envidraçado de arranha-céus. Gostava dos navios grandes e feios cheios de contêineres e das velas vermelhas dos veleiros turísticos.

Não estava com humor para conversa fiada. Não sentia nenhuma necessidade de agradar a família de Daphne ou ver o que seus próprios parentes estavam aprontando, descobrir que faculdades sua prima Annabelle estava considerando ou ouvir sobre os triunfos administrativos do tio Digbert. Sabia que tinha que acumular pequenas trivialidades sobre cada um deles para poder regurgitá-las mais tarde e provar à família que se *importava*, que estava *envolvido*. Graças a Deus em poucos dias estaria de volta a Hong Kong, de novo livre para viver sem grandes obrigações da parte de ninguém. Com os outros imigrantes, a conversa fiada era ritualizada, todos conheciam o roteiro, ele conseguia desempenhar seu papel sem muito esforço. Só gostava de bater papo quando estava tentando conquistar alguma garota, e só pelo jogo envolvido, a graça da coisa, a estratégia de combinar palavras e frases e oferecê-las só até ter pavimentado um caminho convidativo que ele e a garota percorriam, de braços dados, até a cama. Ou a

cozinha. Ou a banheira, o carro, o cinema. Ou o banheiro do bar. Ou a maldita praia gelada. Ou a garagem.

Nem Livia nem Agatha eram garotas de conversa fiada. Livia gostava de grandes conversas, e Agatha parecia não gostar de conversa alguma. Ele havia estragado a situação, embora não fosse capaz de ver como poderia ter evitado aquele específico estrago ao rejeitar Agatha, o que teria sido uma loucura. Ainda assim, a noite inteira vinha pensando no rosto de Livia assim que Winn abriu a porta da garagem, infantil e ancião ao mesmo tempo, cheio de perda. As mãos dela haviam se contraído como duas garras contra sua clavícula ossuda (ele se lembrava de tê-la beijado ali, dura como se tivesse um cano de cobre por baixo da pele). Enquanto isso, Agatha vinha escapando dele e correndo por aí como uma galinha sem cabeça.

Observando seu drinque, sacudiu os cubos de gelo para que colapsassem e afundassem na superfície amarela. Algo brilhante passou perto de sua orelha. Ele se virou. A madrinha que parecia albina estava rindo ao lado de Francis.

— Desculpa — disse ela. — Eu estava tentando jogar uma cereja no seu drinque.

— Fui eu que desafiei a menina. — Francis ergueu a mão. — Desculpa, mano.

Sterling franziu os lábios. Mopsy estava se sentando e reclamando do frio; Dicky Jr. estava ao lado dela, fingindo-se de enfermeiro como sempre. A mulher de Dicky Jr., a Sra. Dicky, que acabava de chegar, estava por perto, compenetrada em seu BlackBerry e o fustigando com seus polegares. A avó censurava Greyson por alguma coisa. Livia ainda estava sozinha, sombria como uma viúva. Sterling avaliou sua bebida e estava prestes a voltar ao bar quando viu Winn Van Meter indo em direção a ele e adivinhou pela determinação do rosto que havia chegado o momento de ajustar as contas.

— Escuta — começou Winn, segurando-o pelo bíceps e conduzindo-o ao canto menos povoado do deque. — Eu queria bater um papo com você.

— Ah. — Sterling olhou o bar, ansiando estar lá.

— As coisas que você faz não têm nada a ver comigo. O que você faz na minha garagem, no entanto, começa a ter a ver comigo, e o que você faz com a minha filha já tem bastante a ver comigo.

— Mesmo? Ela pensa assim?

Livia havia se empertigado, e observava os dois através de toda aquela gente.

— Isto é entre nós, agora. Tenho que dizer que você realmente causou um problema aqui. Livia é bastante hábil em se envolver e se exceder. É provável que você não soubesse disso, mas você também não chegou a conhecer ela antes de...

você não chegou realmente a conhecer ela, ou chegou?

Sterling deu de ombros.

— Livia quis que a gente ficasse junto, e a gente ficou. Aí hoje a outra quis, e a gente também ficou. Não acho que eu tenha feito nada de errado.

— Livia está muito chateada. Ela passou por maus bocados este ano e a sua — ele pareceu procurar a palavra certa — escapada não ajudou em nada.

— Escapada. — Sterling sacou do bolso um maço de cigarros e um isqueiro. Ofereceu o maço a Winn, que olhou com desprezo. Tirou um cigarro e acendeu, virando-se para proteger a chama da brisa. — Livia e eu — disse ele, soltando uma lufada de fumaça — em nenhum sentido tínhamos estabelecido um relacionamento, até porque a gente havia acabado de se conhecer, então eu não acho que você possa chamar de "escapada" o que eu fiz esta tarde. Pode dizer que eu fui ganancioso demais, talvez. Quanto a isso eu me declaro culpado. Em muitos aspectos.

— Mas foi você que provocou esse problema todo entre as meninas. Não acho que seja muito pedir para você se limitar a uma menina num período de 24 horas. Só por este fim de semana. Depois você pode voltar a Hong Kong e seu cronograma de oito ou dez mulheres por dia. Por sua causa, agora as madrinhas se odeiam.

— O caso é que Agatha é atraente. Eu não preciso dizer isso a você. Gosto de Livia, também. Ela teve o azar de ser a primeira. Nada pessoal. Se tivesse acontecido com Agatha ontem à noite e Livia se interessasse hoje, teria acontecido o contrário. Seja como for, Livia e eu já conversamos sobre isso. Eu me desculpei.

— Isso não chega nem perto de ser suficiente.

Sterling bufou, espremendo os olhos em meio à fumaça.

— É interessante que você ache que tem moral para falar essas coisas.

Um rompante de apreensão cruzou o rosto de Winn, mas ele baixou o queixo e olhou por cima dos óculos. Apontou um dedo para Sterling.

— Você está do lado do restaurante onde precisa entrar pra brindar pelo seu irmão, que está se casando com a minha filha. Você é um homem crescido. Precisa ter alguma responsabilidade. Espero que, com o tempo, venha a aprender o valor de ser um cavalheiro. Isso o colocaria acima de qualquer reprimenda.

Com firmeza, mas sem brutalidade, Sterling afastou o dedo acusatório de Winn com a lateral da mão.

— Prefiro ir pra cama com as mulheres. Do jeito que você está propondo, seria o fardo de todos os homens regular a moralidade e a felicidade do mundo sexual.

Mas eu acho que tem algo de condescendente nisso. Os impulsos das mulheres devem ser repelidos pelo meu dever patriarcal de manter a ordem entre elas? As mulheres não deveriam ter a permissão de escolher com quem elas vão pra cama e quando, independentemente das consequências? Você realmente acha que os homens têm que policiar as mulheres? Ou você só quer regras especiais pra sua filha?

— Não quero debater filosofia com você.

— O que você quer?

— Quero que você peça desculpas à minha filha.

— Eu já pedi desculpas. Eu já falei isso a você.

— Um dia você vai casar, talvez até tenha as suas próprias filhas, e aí vai aprender o valor de respeitar as mulheres. Você também vai ver que o que está fazendo agora, o que fez ontem... é de mau gosto.

— Mau gosto? — Sterling não planejava usar a próxima carta mas também não planejava levar uma bronca do novo sogro de Greyson como se ele fosse um adolescente. — Como foi a sua noite ontem? Perdeu muito tempo lavando roupa?

Winn recuou como uma boia contra as ondas, os olhos arregalados pelo choque. De forma igualmente súbita, recuperou a expressão de rígida determinação. Custasse o que custasse, ele não seria desviado de seu plano original para essa conversa, e Sterling estava quase impressionado.

— Você não prestaria nem pra lustrar os sapatos de Livia — acusou Winn.

— Talvez você esteja certo — respondeu Sterling —, mas ela escolheu participar daquilo.

— Você não sabe ser um homem ou um cavalheiro. — Winn começava a engolir ligeiramente as palavras, e suas pupilas estavam dilatadas e escuras. Sterling se perguntou se era possível que ele estivesse usando drogas — não seria demais? Definindo bem o alvo, Winn o cutucou no peito.

Sterling afastou o dedo. Já participara de brigas de bar suficientes para saber quando as palavras estavam prestes a dar lugar aos golpes. Eles ainda não estavam lá. Até o momento, vinham mantendo a voz baixa, e a festa continuava normalmente em volta, embora Livia ainda os encarasse, de olhos fixos.

— Me desculpa. Tendo visto o que vi pela janela ontem à noite, eu não tenho certeza de que quero me inscrever no seu curso por correspondência de como ser um homem ou um cavalheiro.

Winn fechou a cara, guardou as mãos no bolso da calça e tentou um discurso orgulhoso, em estilo caubói.

— Não sei do que você está falando.

Sterling, divertindo-se, falou com suavidade:

— Acha que eu estou blefando? Eu simplesmente resolvi arriscar qualquer coisa e cheguei, ao acaso, à ideia de que você estava aprontando na lavanderia ontem à noite?

— Então agora você também é um *voyeur*, gosta de espiar os outros?

— Eu estava dando uma volta pra tentar ficar mais sóbrio. Não se preocupe, eu não vou dedurar você. Agatha é estranha, não é? Ela é tão agressiva, mas aí quando as coisas começam a andar, não sobra muito disso ali. Entende o que eu quero dizer? Ela é selvagem e frígida ao mesmo tempo.

O reconhecimento estava estampado no rosto de Winn, mas ele se limitou a afirmar:

— Não, não entendo o que você quer dizer.

— Eu não levaria pro lado pessoal. Muitas dessas garotas mais safadas são assim. A julgar pela minha experiência, pelo menos.

— Seu miserável — latiu Winn, seu dedo indicador mais uma vez golpeando dolorosamente o esterno de Sterling. — Você acha que pode simplesmente ir deslizando o seu caminho pela vida, mas não pode. Precisa ter alguma responsabilidade. A juventude é a melhor desculpa que você jamais vai ter, mas você já não é um garoto. Tem que assumir a responsabilidade dos seus atos.

Sterling ponderou as palavras. Tomou o último gole de seu drinque.

— Cada um cuida de si.

— Não — disse Winn. — Todo mundo tem que crescer. Você não é uma exceção. Se cada um fizesse o que bem entendesse, onde o mundo estaria?

— Amigo, eu não tenho as respostas — declarou Sterling.

— Jantar! — gritou Sam Snead. — O jantar está servido!

Quinze • Erga sua taça

Todos se afunilavam em direção ao restaurante, mas Biddy ia no sentido oposto, em direção ao parapeito e ao mar. Dominique parou na porta e optou por segui-la, tocando com leveza suas costas quando chegou ao lado dela.

— Posso fazer alguma coisa pra ajudar?

— Ah, não. Eu só preciso de um minuto — respondeu Biddy, descansando as mãos nos quadris e se inclinando para a frente sobre os cotovelos como se fosse um velocista se recuperando de uma corrida. Para além da aliança e de um relógio com pulseira de couro, ela não estava usando nenhuma joia, e seu vestido era um modelo simples de linho cor de creme que a emagrecia, deixando descobertos seus braços morenos.

— Está tudo bem?

— Claro.

Sam Snead acenava para elas do lado de dentro. Dominique balançou a cabeça e ergueu o indicador em resposta. Vendo aquela figura despreocupada e insondável, sentia uma profunda perplexidade sobre como proceder. Queria retribuir algo do conforto que aquela mulher lhe dera quando ela própria estava perdida, quando era uma adolescente estrangeira, mas, se arriscasse dizer que tinha certeza de que Livia não *queria* quebrar o dedo de Agatha ou de que Winn não *queria* se meter numa briga com o irmão de Greyson, certamente estaria atravessando algumas das barreiras invisíveis de Biddy em relação à privacidade e à propriedade. Isto exigiria um conhecimento avançado da cultura WASP: como consolar uma mulher e mãe contrariada sem reconhecer qualquer ação equivocada ou qualquer vergonha provocada por seus entes queridos. Avançado demais para ela. Dominique estava pronta para ir embora de Waskeke. Passar tanto tempo com os Van Meter era como retornar a uma casa adorada da

infância e descobrir que, ou sua memória estava errada, ou o tempo havia cobrado seu pedágio e o lugar não era mágico e especial, mas sim comum, cheio de defeitos; uma revelação duplamente ofensiva porque fazia certa parte do passado parecer barata, mero produto da ignorância.

— Fui ver a previsão do tempo, e tudo isso deve passar até amanhã de manhã.

Biddy deu um pálido sorriso.

— Que bom. Obrigado por checar.

— Iu-hu! — chamou Sam Snead. — Mãe-da-noiva!

Dominique perguntou:

— Não é melhor a gente entrar e ver se nosso mapa de assentos está funcionando?

— Só preciso de mais um minuto.

Dominique acenou para Sam.

— Vai em frente. A gente já vai entrar.

— Nós não colocamos Sterling perto de Winn, colocamos? Você lembra? — perguntou Biddy. — Eu já estou misturando tudo.

— Acho que não. Você quer que eu vá ver?

— Quem está ao lado de Winn?

— Você, eu acho. E talvez Maude? Você quer sentar em outro lugar?

— Por que iria querer isso? — Ela pareceu lamentar a própria rispidez e levou os dedos às têmporas. — Desculpa. Me desculpa, Dom. Eu não queria estourar. Você acha que todo mundo está se divertindo?

— Hummm — murmurou Dominique, fingindo ponderar a questão. — Não.

Biddy soltou uma risada que logo se converteu em lágrimas. Mas só o que teve que fazer foi respirar fundo, e a expressão amigável habitual retornou a seu rosto.

— Fico contente que você esteja aqui. É bom ter alguém tão honesto por perto.

— Definitivamente, eu venho da aldeia dos que contam a verdade. Não é todo mundo que gosta.

— Como assim, a aldeia dos que contam a verdade?

— Você não conhece essa anedota? Há uma floresta com uma aldeia em que todos contam a verdade e uma aldeia de mentirosos, e um antropólogo está procurando a aldeia dos sinceros. Ele chega a uma encruzilhada no caminho, e encontra um nativo parado lá. Que pergunta ele faz?

Biddy balançou a cabeça por um instante e depois ergueu os olhos, satisfeita.

— Para que lado fica a sua aldeia?

— Exatamente. A pergunta mágica.

— Não tem uma aldeia de pessoas que se limitam a amenidades?

— Talvez. Que pergunta você faria para chegar lá?

— Onde mora Biddy Van Meter?

Ficaram em silêncio por um momento. Um garçom passou pelo deque recolhendo copos deixados para trás e perseguindo guardanapos desgarrados.

— Estou brincando — esclareceu Biddy.

— Eu sei.

Entrelaçando seus dedos magros, Biddy posicionou as mãos embaixo do próprio queixo e pestanejou para Dominique. Parecia ávida, quase devota.

— Você parece tão forte. Eu queria que Livia fosse mais parecida com você.

Dominique não sabia se era forte ou não. Tudo o que sabia era que suas melhores decisões haviam sido as que lhe deram liberdade, mas falar sobre liberdade com Biddy seria como explicar a África a uma girafa nascida no zoológico do Bronx. Sentia-se uma fraude, uma falsa curandeira cuja única esperança era continuar proferindo besteiras e torcer para que ninguém percebesse antes de ela poder escapar.

— Eu acho que Livia é forte — comentou Dominique. — Ela só está pensando as coisas de um jeito errado neste momento. Ela vai ficar bem. Tudo vai ficar bem. A gente devia entrar.

— Você está certa. — Mas ainda assim Biddy não se moveu.

— Mãe-da-noiva? — brincou Dominique. — Ô, mãe-da-noiva? Não se pode ter um jantar de véspera sem a mãe-da-noiva. — Ofereceu o braço a Biddy, que o tomou e se permitiu ser conduzida de volta à festa.

Livia estava sentada com Dicky Jr. de um lado, Dicky do outro e Mopsy à sua frente. O jantar era numa sala privada com duas mesas longas forradas de branco, repletas de vasos de flores. Três das paredes eram tomadas por janelas de 12 vidros, fechadas para impedir a entrada do vento e revelando o porto apinhado de barcos, a água agora escura e agitada. Uma garçonete de gravata-borboleta azul e avental branco passava entre as mesas acendendo velas altas e estreitas em candelabros prateados.

Livia estava tranquila em sua posição, em um sanduíche de Dickys. Se estivesse sentada entre Francis e Sterling, ou entre seu pai e Sterling, ou entre qualquer um e Sterling, teria chorado em cima da salada. Mas os Dickys eram uma fortaleza robusta e rígida contra o que quer que tivesse acontecido entre seu pai e Sterling naquele deque. Não conseguira ouvir o que diziam, mas o pai tinha cutucado Sterling no peito seguidas vezes, o que nunca era um bom sinal. No caminho para o jantar, ela havia se demorado na entrada e segurado o braço dele,

murmurando “O que foi isso, o que você disse?”, mas ele só a empurrou pela sala de jantar, sussurrando de volta que não tinha sido ele quem quebrara o dedo de alguém naquele dia, e agora já parecia ter enterrado o episódio bem fundo dentro de si. Ele se sentou e ajeitou o guardanapo. Com os óculos caídos na ponta do nariz, ergueu a taça e a girou, inspecionando o vinho sob a luz das velas.

— Dicky, estou numa corrente de ar — reclamou Mopsy, esfregando os braços e destinando um olhar acusatório para o teto, feito de tábuas brancas e vigas escuras que não deixariam entrar qualquer corrente. — Você não poderia pedir que eles diminuíssem o ar-condicionado?

— Claro — respondeu Dicky Jr., levantando-se.

— Acho que o ar-condicionado não está ligado — ressaltou Livia. Uma garçonete dobrou o guardanapo de Dicky Jr. que tinha caído no chão e o pôs de volta na mesa.

Dicky observou o teto como se tivessem lhe pedido para especular sobre o tempo.

— Mopsy, você está com frio? — perguntou ele em voz bastante alta, debruçando-se sobre a mesa.

— Um pouco.

Dicky assentiu e capturou com o garfo uma endívia, satisfeito de que, tendo estado com frio nos últimos quarenta e tantos anos em que se conheciam, sua sogra continuava assim.

Livia se inclinou para a frente.

— Alguma vez já pensou em se mudar pra um lugar mais quente?

A idosa postou a mão em concha atrás da orelha.

— Você vai ter que falar mais alto. Minha audição não é das melhores.

— Ela perguntou se alguma vez pensou em se mudar pra um lugar mais quente — vociferou Dicky.

Mopsy olhou a mesa onde os parentes mais distantes estavam sentados.

— Você acha que está mais quente naquela mesa?

— Não, eu quis dizer se pensou em se mudar para a Flórida ou coisa parecida! — gritou Livia. — Algum lugar quente!

— Ah. — Mopsy balançou a cabeça de um lado para o outro. — Não. O que eu faria na Flórida?

Dicky Jr. retornou e se sentou à mesa.

— Tudo resolvido — disse, posicionando de volta o guardanapo.

Mopsy sorriu e parou de esfregar os braços.

— Obrigada, querido. Já está muito melhor.

A refeição progrediu. Daphne e Greyson sorriam um para o outro ao tomar água gelada, ao passar a cesta de pães, ao escolher entre robalo e cordeiro. Livia comia seu robalo e ouvia a discussão entre Dicky e Dicky Jr. sobre a situação do trânsito em Nova York, seus talheres reluzindo, ambos interagindo como duas rodas presas por um eixo. Mopsy beliscava sua comida e passava o tempo entre as mordidelas olhando Livia com desgosto. Quando Livia lhe oferecia amenidades e questões, Mopsy apenas respondia "Infelizmente não consigo te ouvir". Nenhum dos Dickys se oferecia como alto-falante, talvez por saberem que Mopsy era capaz de ouvi-la perfeitamente bem. Ainda assim Livia se sentia grata por não estar sentada ao lado de Sterling, que estava entre Piper e Dominique e extraviava o olhar no espaço com petulância, como alguém que tivesse que aguentar um longo trajeto no metrô.

Livia se perguntava o que aconteceria com eles, Daphne e Greyson. Quando eram crianças, a brincadeira favorita de Daphne era vestir Livia com uma fronha como véu e lhe dar um punhado de flores do jardim, casando-a com um objeto inanimado qualquer vestido com uma das gravatas do pai: um elefante de pelúcia, uma árvore, um tubarão inflável com defeito encontrado entre os brinquedos de piscina em desuso.

— Você tem que levar muito a sério — dizia-lhe Daphne. — Agora é uma princesa. E uma esposa. Tem que cuidar dele — apontando o tubarão que lentamente se desinflava — e do seu reino. Nem sempre vai ser fácil. Você aceita o seu dever?

— Aceito — respondia Livia com solenidade, preocupada com a gravata surrupiada, pensando se o pai ficaria bravo se descobrisse que haviam rompido a regra de não brincar com as coisas dele.

De onde Daphne havia tirado tudo aquilo tão cedo, e como ela conseguia conciliar toda aquela pompa com um senso estoico de responsabilidade marital, Livia não podia adivinhar. O consenso geral era que, como casal, Daphne e Greyson combinavam perfeitamente, tanto um com o outro quanto ambos com a instituição do casamento. Era uma combinação apropriada e oportuna; eram duas pessoas unidas pelo desejo de se unir. Eram agradáveis, previsíveis, responsáveis, inteligentes e práticas, não tomadas por uma paixão ardente e insuportável ou ameaçadas por bombas de expectativas impossíveis. O que tinham era uma covalência, estável e durável, sendo suas diferenças compreendidas, catalogadas e compensadas. Eles estavam perpetuando sua espécie. Livia via os próprios pais como pessoas que tinham um casamento fundado no hábito e na tolerância mútua; os Duff combinavam como dois tons

de bege, unidos por uma essência comum de otimismo, visão estreita e autossatisfação. Daphne e Greyson eram a próxima geração perfeita.

Exceto pelo bebê. O bebê era a saliência. Claro, mulheres vinham engravidando por todo lado, as pessoas se casavam muitos anos depois de terem filhos, ou deixavam de se casar, ou se casavam cem vezes e acumulavam mil enteados, ou misturavam seus gametas como se fosse um martíni e o despejavam dentro do útero de uma estranha. (Uma propaganda permanente na faculdade informara Livia de que muitos casais amorosos, sãos, estéreis, pagariam até 30 mil dólares pelos óvulos dela, desde que fosse branca, atlética e houvesse tido desempenho semelhante ao deles no vestibular.) O tempo todo as pessoas misturavam a ordem entre amor, casamento e filhos, mas não as que haviam crescido sob os tetos contíguos de Winn Van Meter, Deerfield e Princeton.

Daphne passava entre os presentes uma cópia impressa de seu último ultrassom. Tecnologia de ponta: um close no rosto do bebê, amarelo e encerado, seus olhos parcialmente abertos. Livia não gostava da foto, que mais parecia uma máscara mortuária, e tampouco havia imaginado como a barriga protuberante de Daphne a faria sentir um vazio correspondente na sua. Após o Ano-Novo ela ficara em casa nos primeiros dias de férias para fazer, como eles diziam, o procedimento. Biddy a levou de carro a uma cidadezinha próxima onde havia uma clínica num condomínio comercial marrom. Um manifestante solitário estava parado em frente ao prédio, na grama entre a calçada e a estrada de duas faixas de tráfego suburbano. Seu carro verde amassado estava estacionado ali perto, decorado com uma abundância de adesivos: "É uma criança, não uma opção", "VIDA", "Aborto é assassinato".

— Bom dia! — gritou ele em voz alegre, oferecendo um panfleto.

— Esse idiota — murmurou Livia para a mãe.

Biddy pôs um braço em volta dos ombros dela.

— Eu sei. A gente pode simplesmente ignorar. Nós não vamos mudar o pensamento dele, e ele não vai mudar o nosso.

— São sete da manhã numa sexta — declarou Livia, e, quando elas chegaram às portas de vidro, deu meia-volta e gritou: — Vê se arruma um emprego!

Em resposta, o homem acendeu uma vela dentro de um pote de geleia vazio. Livia mostrou o dedo para ele.

— Livia! — repreendeu a mãe, puxando-a para dentro. — Não se mete nessa!

— Ele é um idiota — repetiu Livia, mas se perguntou como seria estar parada ali todo dia, rezando e rezando por aquela quantidade de vaporosos espíritos não nascidos que aquele edifício comercial exalava.

Ela disse seu nome num interfone e se mostrou a um olho eletrônico, diante de uma porta pesada. Uma campainha soou, e a tranca se abriu. Um guarda passou por seu corpo um detector de metais, repetiu a operação em Biddy e vasculhou as bolsas antes de deixá-las passar por mais uma porta pesada que levava à sala de espera. Perguntaram-lhe o nome e a conduziram a uma sala para coletar o sangue. Ao voltar, sentou-se ao lado da mãe e fingiu ler uma revista enquanto estudava as outras pessoas na sala. Um par de garotas de calça de moletom. Um casal de meia-idade lendo os classificados. Um velho asiático e uma garota muito nova que Livia torceu para que fosse sua neta. O homem se levantou, esticou seus braços no ar e balançou o torso de um lado para o outro. Ficou parado ali, olhando vagamente a mesinha de centro com suas revistas coloridas até que o guarda pediu a ele que voltasse a se sentar. O nome de Livia foi chamado.

A sala parecia um consultório médico qualquer, exceto pelo fato de possuir uma mesa de rodinhas encostada contra a parede com um aparelho com o tamanho e o formato de um refrigerador de água coberto com uma capa acolchoada com estampa de morangos. Haveria alguma tenda numa feira de artesanato vendendo alegres acessórios feitos à mão para aborteiros? Uma enfermeira pediu a Livia que tirasse todas as roupas exceto o sutiã e as meias e vestisse uma camisola estampada com margaridas. Outra enfermeira cobriu suas coxas com um lençol, levantou a camisola e despejou uma geleia fria e azul na barriga de Livia. Rapidamente, tudo muito profissional, ela correu o aparelho de ultrassom pela geleia.

— Estou vendo — anunciou ela, fechando a tela do computador.

Livia quis pedir para ver também, por simples curiosidade, não por um desejo de se punir ou por medo de ver algo humano em seu útero pulsante, mas pensou que pedir aquilo seria mórbido e esquisito. Também queria ver aquele negócio embaixo da capa de pano, a máquina, mas não conseguia pedir. Pareceria uma turista. Seu interesse devia estar voltado para o futuro, não para o procedimento em si. Afinal, havia escolhido ser completamente apagada. Algumas escolhiam anestesia local, dissera a mulher que havia agendado o horário dela por telefone. Outras preferiam não utilizar qualquer anestesia, mas isso não era recomendado. Quem faria isso, Livia se perguntou, de olhos fixos num móbile de círculos amarelos e azuis girando contra o teto de azulejos na brisa do ar-condicionado. Quem escolheria saber tanto?

— Só uma leve picada agora — avisou a enfermeira, inserindo uma agulha em seu braço. A médica e a anestesista entraram.

— Você só vai ficar apagada por uns cinco minutos — disse a médica, em tom empresarial, deslizando em cima de uma cadeira de rodinhas até o fim da mesa e posicionando os pés de Livia em estribos metálicos. — Pressione pra baixo. Até o fim. Vamos lá. — Livia sentiu a pressão fria de um espéculo.

A anestesista se aproximou da intravenosa de Livia e cobriu o rosto com uma máscara de plástico.

— Você pode sentir um gosto metálico — advertiu. — E um formigamento nos dedos. — O móbile girava devagar. Livia poderia ir até os portões, mas não ver o interior. — Faça uma contagem regressiva a partir de cem. — Sentiu um gosto de alumínio. Pensou nos números 99 e 98 e depois mais nada.

Winn, deixando sobrar uma pele cinza de peixe em seu prato, escapou daquela sala vacilante tomada pelo vento para ir ao banheiro. Passou no mictório e logo lavou as mãos, olhando-se no espelho. Teve a impressão de olhos grandes, um rosto vago. Tudo parecia lento e indistinto. Houve um golpe de ar quando a porta se abriu, revelando o reflexo de Jack Fenn, com suas sobrancelhas ruivas e desgrenhadas erguidas.

— Olá de novo — saudou Winn.

— Winn — respondeu Fenn. — Fee disse que você estava por aqui. Curtindo o jantar?

À mesa, Winn mal conseguira se conter e comer, elétrico como se sentia pela agitação animal. Taças de vinho, uma atrás da outra, desapareceram por sua garganta, o bastante para que o Duff sorridente e indeterminado que estava sentado à sua frente se perguntasse jocosamente se seria o pai da noiva quem estaria nervoso antes do casamento. Durante a salada, havia flagrado o olhar de Agatha e emitido sua piscadela e seu sutil assentimento de cabeça. Julgou que ela havia entendido.

— Sim — respondeu ele a Fenn. — Acho que o novo *chef* até que é bom, não?

— Não tenho do que reclamar.

Fenn se virou para o mictório e assumiu sua posição. Winn secou as mãos e ouviu o ruído do outro homem urinando.

— Então, já que encontrei você por aqui, tem uma coisa que eu queria mencionar.

— Fee me contou sobre o incidente com o...

— Eu só estava pensando hoje — interrompeu Winn —, enquanto esperava que me dessem os pontos na perna, no Pequod e em como eu estou ansioso pra virar sócio. — Fenn não disse nada, e tampouco deixou de urinar. Winn

continuou, desastrado: — Estava pensando também em como seria uma pena se algo do passado, do nosso passado, estivesse se metendo no caminho. É o meu terceiro verão na lista de espera, como você sabe, e está começando a parecer um tempão, o bastante pra que eu comece a me perguntar se a demora não tem alguma coisa de pessoal, e eu queria saber se tudo que há de *desconfortável* entre nós realmente foi deixado pra trás. Especialmente depois dessa história com o carregador.

— Humm. — A última gota de xixi pingou na porcelana. Ele levantou o zíper e deu descarga. — Não tenho certeza do que você quer dizer, Winn. — Bombeou o sabonete nas mãos e se pôs a esfregá-las debaixo da torneira. — Detestaria pensar que você tentaria tirar vantagem desse acidente com Otis. Meu conselho, conhecendo o clube do jeito que conheço, é que você deixe isso pra lá. O acidente vai ser notado, mas você não vai estar se ajudando em nada se insistir muito nessa ideia. Quanto ao resto, odiaria pensar que você está se referindo ao que aconteceu entre os nossos filhos. Teddy sofreu bastante, e eu arriscaria dizer que Livia sofreu também. Detestaria imaginar que você pensaria que estou mantendo você fora do clube porque... porque o que, exatamente? Pra te punir? Ou pra ser solidário ao meu filho? Teddy não tem nenhum ressentimento em relação a você ou a Lívia. Ele deseja tudo de bom a ela. — Puxou uma toalha de papel e apoiou o corpo na pia, secando as mãos.

Winn ficou constrangido.

— Não, eu não me referia a Livia e Teddy.

— Então a quê?

— Talvez ao modo como eu tratei Fee? — propôs ele.

— Fee? Winn, deixa eu dizer uma coisa pra você: ela já superou. Nós dois somos gratos por você ter terminado com ela. Fee não teria se casado com você, de qualquer jeito.

— Estou bastante certo de que teria, Fenn.

O outro homem apenas sorriu, tolerante.

— Bom — retomou Winn, irritado. — Acho que eu me referia ao Clube dos Ofídios, também.

— O Clube dos Ofídios? — Fenn ainda sorria.

A porta se abriu e um jovem entrou. Passou de lado entre Winn e Fenn em direção aos mictórios.

— Olha — começou Winn, espiando com desconfiança as costas do intrometido. — Eu lamento que você não tenha entrado, mas isso foi há trinta anos, e eu acho que já é hora de superar o rancor. Você estava indo pro Vietnã,

de qualquer forma. Nem estaria por lá pra aproveitar o clube. Sim, alguns dos rapazes achavam que a gente devia aceitar você de qualquer jeito, por seu legado, e eu admito que me opus a isso, mas acho que dificilmente posso ser considerado culpado.

Fenn, em geral tão placidamente afável, parecia espantado.

— Espera um pouco. Você acha que eu assumi a missão pessoal de manter você fora do Pequod porque trinta anos atrás eu não fui aceito pelo Clube dos Ofídios?

— Você nunca gostou de mim porque eu te deixei de fora do clube.

O garoto no mictório terminou depressa e, de olhos baixos, saiu sem lavar as mãos.

— Winn, eu nunca liguei para aquele clube.

— É claro que ligou.

Fenn moveu a cabeça de um lado para o outro, quase pesaroso.

— Eu nunca liguei pro clube.

— Isso é bastante conveniente, já que você não entrou.

— Eu não queria entrar.

— O quê? Mas você participou da seleção. Você queria entrar. Todo mundo quer entrar.

— Não. Eu queria agradar o meu pai, mas, quando não entrei, descobri que ele também não dava a mínima.

— Ele não dava a mínima?

— Não, não dava. O Clube dos Ofídios queria os Fenn; os Fenn aceitavam com satisfação. Os Fenn usavam as gravatas especiais, cantavam as canções e mandavam de volta espadas e cobras porque os Fenn gostavam de se divertir. E tenho certeza de que o Clube dos Ofídios é mesmo divertido. Parte de mim lamentou não ter entrado, mas, Winn, o que você nunca entendeu sobre o clube é que ele não importa nada.

— Você tem muita coragem, Fenn. — A mão de Winn com seu dedo admoestador se ergueu debilmente e depois voltou a cair. Seu coração não estava envolvido naquilo. — Por que... — começou ele, batalhando para juntar as peças. — Por que então, se você não ligava pro clube, e Fee não queria se casar comigo, então por que vocês não estão me deixando entrar no Pequod? Eu não entendo.

Fenn atirou sua bola de papel no lixo e pousou uma mão paternal sobre o ombro de Winn.

— Escuta, é melhor que você fique em paz com essa história. Acho que as suas chances de entrar no Pequod não são das melhores. Eu acho melhor você desistir

da ideia.

— O que você quer dizer? — perguntou Winn.

— Simplesmente não está nas cartas.

— Por que não?

— É difícil dizer. Pode atribuir ao azar.

— Não — contestou Winn. — Não tem nada a ver com sorte ou azar. Isso não é uma rifa.

Fenn hesitou.

— Entenda, se quer mesmo saber, o comitê acha que você não combinaria bem, socialmente. Eu te defendi, mas isso não está nas minhas mãos.

— Eu não entendo. — Com indolência, sua mente rastreou as palavras de Fenn, mas nada se revelou.

— Ninguém pode ser universalmente popular — comentou Fenn. — Não leve pro lado pessoal. O Pequod está bem cheio, de qualquer jeito. Jogue no campo municipal. Você tem uma ótima família, você sabe, muito pelo que ser grato.

— No campo municipal? — indagou Winn, incrédulo.

Fenn sustentou o olhar. Apertou o ombro de Winn em despedida.

— Mande meus cumprimentos a Biddy. E a Livia. — E deslizou porta afora.

No caminho de volta à mesa, Winn encontrou Mopsy parada no bar dando uma volta lenta, desconfiada.

— Estou tentando encontrar o gerente — explicou ela. — Está frio demais neste restaurante. Não sei por que você escolheu ele.

— Não fui eu que escolhi — replicou Winn. — Foram Dicky e Maude.

— Eles não teriam escolhido. Eles sabem que eu não gosto de frio.

— Talvez esteja sentindo o frio da morte que se aproxima — sugeriu Winn.

Ela lançou um olhar torto, demorado, sombrio.

— Esta família está caindo na classe média — comentou.

Winn a deixou lá e voltou para a festa, vislumbrando de relance os Fenn em sua mesa, todos exceto Fee com aquele cabelo ruivo ostensivo, todos parecendo tão satisfeitos consigo mesmos ainda que Fee tivesse que se debruçar sobre a mesa para cortar a comida de Meg.

— O que tem de errado? — cochichou Biddy quando voltou à mesa, mas ele só franziu a testa.

Quando Mopsy reapareceu e Greyson saltou para ajeitar a cadeira dela, era a hora dos brindes. Francis foi o primeiro a se levantar, tilintando a faca de manteiga contra a taça enquanto as garçonetes pairavam em volta como

mariposas, enchendo xícaras de café, servindo tigelas de *crème brûlée* e vertendo o resto das garrafas de vinho.

— Eu acompanharia meu irmão numa batalha — disse Francis —, e depois do que eu passei hoje, faço uma ideia melhor de como isso seria.

Risos. Meu Deus, pensou Winn, já chega dessa baleia. Francis disse que acompanharia Daphne a qualquer lugar porque ela era tão incrivelmente bonita. Winn serviu creme no café, e o creme floresceu como uma rosa branca. Fenn não sabia de nada, no final das contas. Fee o havia amado, e teria se casado com ele, tinha certeza. Até sentira um *frisson* de atração quando ela o beijou na bochecha no bar, a gravitação dos resquícios de uma velha paixão. O corpo dela era o mesmo que ele havia possuído alguma vez, e no entanto não era. O tempo tinha provocado suas mudanças, mas a diferença não estava apenas na idade. Ela parecia fundamentalmente diferente, transformada pela falta de propriedade dele. Sempre havia pensado que, quando o sexo terminava, tudo terminava entre duas pessoas. Nada era levado ou deixado para trás, com as óbvias exceções biológicas. Dois parceiros se desengajavam e seguiam rumos distintos. Nenhum filamento psíquico pendia entre eles, estendendo-se por milhas e dias que os levava cada vez mais longe do primeiro contato. Se essas coisas existissem, o mundo se deixaria capturar por elas; ninguém seria capaz de se mexer; todo mundo seria feito refém, como moscas numa teia. Queria pensar que não havia ficado com nada de Fee, e vice-versa. Mas aqueles pequenos resquícios amorosos, aquela ferrugem magnética que reagira à presença dela podia na verdade se dever a partículas de Ophelia Haviland remanescentes de décadas antes, alojadas ainda em seus mecanismos internos.

Ela era bonita, depois de toda a crueldade dele. Era mais bonita que Biddy? Não conseguia decidir. Voltou-lhe a lembrança dela jovem: sentada numa cadeira junto à janela de seu apartamento em Beacon Hill, os tornozelos apoiados no peitoril, telhados e folhas verdes compondo a paisagem. Trajava um robe de algodão branco com libélulas amarelas, um robe mal fechado, podia ver a magreza de seu esterno, a curva de seus seios, as coxas pálidas. Fee se virou para olhar para ele: olhos verdes, sua ligeira protuberância perdendo de repente a importância. Havia sido tão bobo. Ela tinha sido boa com ele; *era* boa. Cortava a comida da filha sem reclamar. Fizera um sermão para Sterling sobre ser um cavalheiro, e no entanto ele mesmo era alguém que não seria bem-vindo no Pequod, nem agora nem nunca.

Maude seguiu Francis no brinde, as palavras “adorável” e “maravilhoso”

pontuando suas frases como o som de pratos ao fim das piadas, e ele notou que a perna já doía menos, talvez graças à bebida ou ao comprimido de Sam Snead. Deu uma colherada no *crème brûlée*. O açúcar queimado crepitou alto em seus ouvidos. Livia fez um discurso curto, inteligente e sincero, numa boa demonstração de felicidade fraternal. Dicky contou um caso sobre Oliver Wendell Holmes. Piper entrou numa história interminável e embriagada sobre as explorações adolescentes de Daphne, os ex-namorados, as escapadas do dormitório e a bebida às escondidas até que Dominique estendeu seu longo braço e a puxou de volta para a cadeira. Em seguida Dominique se levantou, seu vestido laranja sob a luz de velas.

— Daphne e Greyson, um buquê de clichês pra vocês. Que vocês sejam felizes, ricos e sábios. Que a estrada se alce pra encontrar vocês. Que o vento sempre venha de trás, e que vocês tenham um quarto de hóspedes aberto pra mim. — E voltou a se sentar.

— Ouçam, ouçam — gritou Dryden de outra mesa.

Dicky Jr. bateu em sua xícara de chá com uma colher e, explicando que ele mesmo tinha acabado de se casar, compartilhou algumas frases fatigadas sobre a mulher sempre estar certa. A Sra. Dicky permaneceu de rosto rígido ao lado dele, tamborilando os dedos na toalha de mesa, atenta ao BlackBerry. Em seguida seria a vez de Winn. Biddy odiava fazer brindes. Uma das emendas duradouras na constituição do casamento deles era que, quando fosse preciso fazer um brinde, Winn era o responsável. Em geral gostava de fazer discursos. Gostava do caráter cortês daquilo, do autocontrole necessário, da demonstração pública de inteligência e graciosidade. De pé em frente a uma sala cheia de gente ao fim de um banquete ele se sentia um verdadeiro patriarca. Mas agora estava bêbado e drogado e não havia pensado no que dizer. Ainda assim, quando enfim Dicky Jr. voltou a se afundar na cadeira, tilintou a taça algumas vezes e, empurrando tão forte a mesa que acabou arrastando a toalha e todos os pratos e copos alguns centímetros mais próximo de si, levantou-se.

— Bom — começou ele. Os rostos voltados para cima o aguardavam. Ele olhou a crosta rachada de seu *crème brûlée* e procurou algo que dizer. Não veio nada. Ele limpou a garganta. — Bom.

Voltou a se sentar. E se levantou de novo, não porque tivesse pensado algo para dizer, mas porque durante a descida havia percebido um olhar de atordoamento ferido no rosto de Daphne.

— Vocês vão ter que me perdoar — disse ele. — Francis não foi o único que passou por uma desventura hoje. Estou um pouco tonto. Me sinto... um pouco

confuso. Mas... eu queria dizer... eu queria dizer... parabéns a Daphne e a Greyson. Que grande casal eles formam. Eu não poderia estar mais contente com esses dois belos jovens que encontraram um ao outro. Não posso dizer que eu seja uma autoridade no amor, mas estou casado há quase trinta anos, quase metade da minha vida. — Parou. Pensou que alguém pudesse aplaudir, mas ninguém aplaudiu. — E eu vou dizer a Daphne e a Greyson que o casamento é difícil, talvez a coisa mais difícil que alguém pode fazer, além de ser um pai ou uma mãe, algo de que vocês também estão prestes a aprender alguma coisa a respeito. Mas acho que esses dois jovens admiráveis estão aptos pro desafio. Aqui estão duas pessoas firmes, responsáveis, que, acredito eu, entendem o compromisso terrível que estão prestes a fazer e vão escolher respeitar. Porque acaba sendo uma escolha, o compromisso, e não algo pronto, feito. Quando vocês deixarem o altar amanhã, ainda vão ter pela frente uma vida de escolhas, tentações, dúvidas, incertezas. Eu não sabia disso na noite do meu casamento. O ato de casar não muda você. Mas o casamento muda. Imperceptivelmente. Com o passar do tempo. Você não percebe a mudança até já estar mudado. Eu não sei quem é aquela pessoa, lá atrás. Me refiro à pessoa que fui antes de me casar. Pensava que tinha continuado o mesmo o tempo todo, mas estou começando a pensar que me tornei outro. Ou talvez seja só que tudo em volta de mim mudou.

"Mas isso é irrelevante. O que eu quero, tudo que eu quero, é que minha filha seja feliz, e eu acho que a felicidade vem quando se tem expectativas realistas. Tenho a impressão de que o que as pessoas querem no amor romântico é uma compreensão perfeita e um perdão infinito. Mas se é isso o que você quer, melhor pedir a Deus. É o que se costumava fazer, não é? Acho que alguns ainda fazem. As pessoas tendem a despejar sobre maridos e esposas exigências a que nenhum ser humano poderia corresponder. Nós não somos divinos. Somos humanos. A julgar pela minha experiência, devemos ser gratos pela constância, pela continuidade, pelo companheirismo. Vamos chamá-los de Três cês, que vocês ouviram pela primeira vez aqui. Porque nós somos o tipo de pessoa que se casa. O que mais há pra fazer? Não se pode ficar de namorico pra sempre. Não queremos ficar sozinhos. Nos casamos, e vivemos as nossas vidas. Então... bom, o casamento, mesmo um casamento feliz como o meu e como tenho certeza que será o de vocês, Daphne, é um precursor da morte. Se você nunca deixar seu companheiro e for fiel a ele, o casamento tem o mesmo tipo de finalidade. Não há nada mais."

Ele se sentou, empunhou a colher e bateu no *crème brûlée*, quebrando em cacos marrons o que restava da crosta de açúcar. O resultado foi arenoso e

cremoso em sua boca, doce com uma sutil acidez queimada. A sala parecia muito silenciosa e, ao lado de Winn, Biddy ainda estava imóvel, mas ele não ergueu o olhar até ouvir o tilintar de uma taça.

— Bom — disse Greyson, de pé. — Obrigado, Winn. Para aqueles que não sabem, Winn foi derrubado da bicicleta hoje e acabou sofrendo algumas contusões pelas quais é provável que tenha tido que tomar alguns analgésicos. Se tivermos sorte, ele deve ter alguns sobrando pra compartilhar com todos nós. Voltando ao expediente, Daphne e eu gostaríamos de agradecer a todos vocês por terem viajado até a ilha e por estarem aqui esta noite. Estamos muito empolgados com o casamento, o que, casualmente, nós torcemos pra que não tenha nada a ver com a morte, e sim com o novo bebê. — Ele parou. Daphne mantinha o rosto voltado para baixo. Greyson descansou a mão em sua nuca, e ela olhou para ele. Greyson ergueu as sobrancelhas, e ela deu seu assentimento receoso. — Nosso plano era esperar e surpreender todos vocês, mas decidimos esta tarde que queríamos que soubessem: é uma menina.

Um murmúrio satisfeito correu pelas mesas, e em seguida Dicky começou a aplaudir, de pé, batendo palmas e sorrindo, empolgado por ter algo diferente de todos aqueles garotos. Gritos e aclamações saltaram dos parentes e das madrinhas. Daphne estava de novo radiante, girando em sua cadeira para receber todos os bons votos, oferecendo a cada um a chance de se alegrar com ela pela bela ideia de ter uma menininha. Winn tratou de se erguer da cadeira, querendo beijá-la, tocar sua mão, mas, quando os olhos dela passaram pelo rosto dele, sentiu que a raiva da filha o afastava, exilando-o de sua alegria.

Dezesseis • Uma biruta

Enquanto Winn dirigia, debruçado para a frente e olhando com turva intensidade através do para-brisa, a estrada serpenteava de um lado para o outro. Por um momento aterrorizante, ela se erguia em direção ao precipício antes de cair na outra direção como se tentasse expulsá-lo da terra. O mundo era vivo e instável. Os galhos erguidos das árvores acenavam como os braços de alguém que se afogasse; uma neblina de cor laranja parecia descer dos faróis da rua e em seguida ascender ao céu marrom; uma cacofonia de ventos passava ressoando entre varandas e sacadas. Ao lado dele, Agatha seguia em silêncio. O jantar só havia ficado para trás fazia 15 minutos, mas Winn o empurrava, tentando afastá-lo cada vez mais do compartimento anestesiado de sua memória. Dissera a todos que a levaria para tirar uma radiografia do dedo, e, quando primeiro Dominique e depois Greyson ressaltaram que ele podia não estar em condições de dirigir, alardeou que estava bem e que seria o mais apropriado para levá-la porque queria que alguém desse uma olhada em sua perna e não fazia sentido que um grupo grande deles tivesse que se deslocar até o hospital. Para provar seu argumento, levantara a barra da calça e mostrara mais uma vez a mancha escura de sangue vazando pelo curativo. Sem dizer nada, Biddy havia lhe entregado as chaves.

É claro que o bebê de Daphne era uma menina, pensou enquanto escapavam pelo labirinto imbricado da cidade e chegavam às estradas mais longas e escuras. Claro, claro. O que mais poderia ser? Ele teria uma neta chamada Duff. Ouvindo os nomes dele e dela pronunciados juntos, ninguém seria capaz de dizer que tinham qualquer coisa a ver um com o outro. Ela era um novo brotamento, a irrupção roxa de um açafrão, e era contra as folhas secas dele que ela teria que lutar para crescer.

— Acho que não estamos indo realmente ao hospital — comentou Agatha, olhando pela janela.

— Não.

— Muito malicioso. — Ela se mexeu, cruzando as pernas. A barra de seu vestido subiu, e ele se atreveu a pousar a mão trêmula na coxa quente de Agatha. — Aquele foi um brinde e tanto. Achei que Maude Duff fosse cair morta. Você viu a cara dela?

— Não. — Enquanto falava, Winn havia focado em coisas estranhas, arbitrárias: as flores das mesas que estavam começando a murchar, o círculo na cabeça de Dicky Jr. onde seu escalpo brilhava como um remendo no cotovelo de algum casaco velho, a borda rachada de uma xícara de café. Na maior parte do tempo, observara os vidros escuros das janelas pulsando ao vento, parecendo se arquear para dentro da sala.

— Talvez se você tivesse dito que o casamento é como a morte mas também é *adorável* e *maravilhoso* ela não tivesse se importado tanto. Mas eu estou com você. Nunca vou me casar. É uma cilada.

Agatha descruzou as pernas, separando-as. Incerto, ele deslizou a mão até roçar a barra do vestido.

— No bar — arriscou ele —, quando você disse que estava só brincando, o que você queria dizer?

— Achei que devia oferecer uma saída pra nós dois.

— Ah.

— Não sou uma predadora. Não sou uma destruidora de lares.

Mas era. Tinha que ser, senão por que estaria fazendo aquilo? Ela os levara até ali; ela havia feito uma oferta que não podia recusar, que nenhum homem recusaria. Sterling devia pensar que ele era ou o maior hipócrita da face da Terra, ou um lunático. Winn não sabia que opção preferir, mas estava com Agatha, e Sterling, não.

— Enfim — continuou Agatha —, eu realmente entendo o que você disse, sobre o casamento ser como a morte. Talvez seja por isso que esteja aqui comigo. Que outra coisa poderia ser tão monótona, não é? A mesma pessoa, as mesmas conversas com essa pessoa, as mesmas conversas *sobre* essa pessoa. O mesmo corpo. Não, pra mim, não. Nunca.

— Foi isso que eu disse? — perguntou ele. Não conseguia se lembrar. O que ele quisera dizer era que não se podia continuar solteiro, de que havia um imperativo cultural para que se casasse. Na verdade, ele tinha querido se tornar Um Marido e Pai, mas nunca sentira o entusiasmo que devia haver nos pais e nos

maridos, e também não havia se sentido menos sozinho depois de casado. Mas o que mais podia ter feito? Continuar solteiro para sempre teria sido indecoroso, e não tinha qualquer prova de que uma vida solitária teria sido mais satisfatória. Ainda assim sentia, além das margens de sua vida, a presença de uma matéria escura inidentificável, algum destino ou rumo que não havia visto, e ainda não conseguia ver, mas que o teria levado a algum lugar melhor.

Nenhuma luz marcava a entrada para a casa de Jack Fenn, e Winn passou o vão das cercas vivas e teve que parar e dar ré, a trilha de conchas iluminada pelos faróis. Grandes ondas de céu roxo escondiam os picos e as cumeeiras do telhado. Ousado, parou tão perto quanto pôde da porta de entrada. Quando desligou o carro, a noite havia se tornado muito escura.

— De quem é esta casa? — perguntou Agatha.

— De um amigo meu.

— A gente vai entrar?

— Vai.

— Por que a gente não fica aqui? No banco de trás? Ou a gente podia encontrar algum lugar na sua casa?

— Onde? Na garagem?

Ela não respondeu. Resoluto, deu um tapinha na coxa dela e abriu o porta-luvas para pegar uma lanterna que mantinha ali. Deixando as chaves do Land Rover na ignição, saiu e deu a volta para abrir a porta de Agatha. O mastro da bandeira soltou um tinido, cavilhas da corda batendo contra o metal. Agatha segurou a mão dele e pisou as conchas.

A porta da frente estava trancada, mas uma janela próxima abriu fácil.

— Depois de você — disse ele, apontando a lanterna para o vão.

— Se você diz. — Ela agarrou o batente e alçou a perna para dentro, curvando-se para entrar com o resto do corpo, desaparecendo com um relance de calcinha cor de lavanda e a sola gasta do salto do sapato.

Livia estava sentada sozinha no deque, no mesmo lugar que ocupara durante o coquetel, agarrando os braços da cadeira tão forte que uma dor irradiava de seus punhos. O vento uivava ao seu redor, soltando seus cabelos das tranças. Apertar alguma coisa parecia bom, parecia certo, assim como parecera bom e certo apertar o dedo de Agatha. Se pudesse voltar atrás no dia, era provável que não escolhesse quebrar o dedo dela de novo, mas a sensação do esqueleto de outra pessoa se partindo sob suas garras havia sido obscuramente eletrizante. O osso havia se quebrado tão facilmente, quase como quebrar o osso da sorte de um

peru, a não ser pelo fato de Agatha ter ficado com as duas metades: sorte e azar, sucesso e fracasso.

O pai não entendeu, e como poderia? Crimes passionais jamais fariam qualquer sentido para ele. Winn vivia num mundo confuso, afetado; ele mesmo o dissera no brinde, na frente de todo mundo. Foi capaz apenas de ficar bravo com ela por estragar o dia, e ela descobriu que tinha pena dele por suas limitações. Quando criança, passeando num veleiro de uns amigos da família, avistara a curva cinza de uma barbatana dorsal.

— Um golfinho — gritara ela, tapando o nariz com os dedos antes de pular na água.

Nos anos desde então, havia passado a duvidar se de fato tinha conseguido tocar o animal, mas na época juraria ter sentido o flanco borrachudo roçando seus dedos estendidos. Por isso não ouvira o barulho de seu pai mergulhando na água logo atrás: estava ocupada demais gritando "Eu toquei nele! Eu toquei nele!" e tomando goles e mais goles de água salgada. Mesmo quando ele passou um braço em volta dela e a segurou contra seu peito e contra os botões pequenos e duros de sua camisa, continuava alardeando seu júbilo. "Eu toquei nele! Eu toquei nele!"

— Cala a boca, Livia. — Seus lábios estavam perto do ouvido dela. — Isto foi *estúpido*. Veja onde nos meteu. — Livia olhou em volta e viu as velas altas e brancas se movendo à medida que o barco começava a dar meia-volta. — Foi inconveniente pra todo mundo. Você poderia ter se afogado.

— Mas tinha um golfinho — argumentou ela, espantada com o fato de ele não entender.

O pai não respondeu, e Livia sentiu que o corpo dele começava a tremer. O dia estava quente, e a camada superficial da água, embora fria, não era insuportável. Ela não estava tremendo. Ele espirrava água com chutes curtos e convulsivos, às vezes acertando-a com o joelho, respirando rápido demais. Mas ela sabia que o pai sabia nadar. Ela já o havia visto nadar piscinas e mais piscinas com sua sunga vermelha no clube de tênis, suas braçadas perfeitamente regulares pontuadas por flashes dos pelos desgrenhados debaixo do braço, cada volta terminando numa virada bem-compassada. A noção de que estava com medo veio num rompante de intuição. Ele tinha medo do mar, da escuridão embaixo de seus pés, de se afogar. Nunca ocorrera a Livia que ele *poderia* se afogar. Era terrível saber que os pais iriam morrer, mas pior ainda era saber que temiam morrer.

— Não se preocupe. — Ela tentou acalmá-lo, suspendendo-se para trás para ver seu rosto. — Eu estou aqui.

Sem tirar os olhos do veleiro que se aproximava, ele apenas disse, desdenhoso:

— Não tente ser condescendente comigo, Livia.

No porto de Waskeke, umas poucas luzes vermelhas e verdes oscilavam para cima e para baixo com as ondas, e o brilho amarelo da cidade se refletia na água instável. Mais longe, em direção à outra ponta do porto onde havia entregado a lagosta a seu destino, as luzes de casas esparsas piscavam atrás dos galhos das árvores. Todos haviam se dispersado após o jantar. Daphne disse que estava cansada e que precisava ir para casa; alguns dos outros foram para o bar; seu pai insistira em levar Agatha para verificar o infame dedo quebrado. Mas Livia não queria ir embora. Não queria se engajar num papo qualquer com os Duff acompanhado de drinques — ela já havia tomado drinques suficientes àquela altura — e também não queria voltar para casa para ficar tagarelando com a mãe e a irmã. Sabia que Teddy estava no bar. Dryden tinha dado com a língua nos dentes, e em seguida ela mesma o vira de relance quando estava a caminho do banheiro, do outro lado do restaurante com o olhar firme voltado para outro lado. Ela não se esforçaria em procurá-lo, mas não via qualquer prudência em se apressar para fora dali. Sua intuição dizia que Teddy a encontraria. Apertou os braços da cadeira ainda mais forte. Uma porta se abriu atrás dela.

— Livia? — Era Teddy quem falava, vindo se agachar junto à cadeira dela.

Winn seguiu Agatha pela janela, fechando-a atrás de si. O uivo do vento soltou um murmúrio baixo, interrompido pelo ranger das tábuas da casa e por ruídos não identificáveis.

— Boas janelas — comentou ele. — Bem firmes.

Os braços de Agatha envolveram a cintura dele.

— Como eu — disse ela.

Meu *Deus*, Winn pensou, a um só tempo excitado e consternado. Deu-lhe um beijo rápido e se afastou, tentando iluminar vários pontos do espaço.

— Vamos dar uma olhada neste lugar.

A sala em que estavam era alta e quadrada, com um esqueleto de escada se curvando de um lado e rolos de arame despontando como anêmonas das paredes e do teto. A serragem se deixava filtrar pela luz da lanterna como se fosse plâncton. Agatha apareceu e desapareceu, um espectro pálido. O chão estava coberto de serragem e areia, e suas pegadas raspavam nas tábuas. Uma sala comprida e grandiosa tomava a maior parte do lado voltado para o mar. Tinha uma abóboda no teto e janelas altas que de dia decerto se encheriam de azul, mas que agora só revelavam a escuridão e a estrela viajante que era a luz da lanterna,

com suas silhuetas turvas à espreita atrás dela. Tábuas perfuradas com fendas e buracos, futuras estantes de livros, acumulavam-se do lado de uma serra de mesa, mas, para além delas e de uma lareira de pedra semiconstruída, a sala estava vazia.

— Esta casa é ridícula — comentou ele.

— Por quê?

— É grande demais. Eles não precisam de tanto espaço. Esse tamanho todo é uma imbecilidade. É só pra eles se mostrarem. Você faz uma casa grande e chamativa pra que todo mundo veja quanto dinheiro você tem, e mesmo assim o seu teto tem goteiras.

— O teto tem goteiras?

— Olha isso. — Ele apontou a lanterna para as alturas eclesiásticas do teto. — Absurdo.

— Talvez pra algumas pessoas o tamanho importe.

Ele jogou a luz no rosto dela, mas Agatha não recuou.

— Tudo tem que ser sobre sexo?

— Não foi pra isso que você me trouxe aqui?

— Você podia maneirar nas insinuações.

— Só estou brincando.

— Eu não sei brincar.

— Eu gosto disso em você.

Winn sorriu, mas percebeu que ela não podia vê-lo atrás da luz.

— Então está bom.

Na cozinha, os armários não tinham portas; não havia balcões; os espaços vagos onde os utensílios ficariam davam ao cômodo uma aparência de vazio, como se lhe faltassem os dentes. Por um ano, ainda em Connecticut, havia sentido essa casa crescer, tábua por tábua, telha por telha, e agora ela estava assim, quase completa, a fortaleza do inimigo em sua ilha.

— E agora o quê? — perguntou Agatha, erguendo a mão para se proteger da luz que a atingiu. Diante de tanta escuridão e tantos ruídos estranhos provocados pelo vento, ela parecia jovem e insegura.

— Vamos continuar.

Depois da cozinha, passando por uma porta estreita, havia um espaço ladrilhado que podia vir a ser uma entrada dos fundos. Uma escada estreita de fundos feita de madeira compensada desaparecia em direção ao segundo andar. Winn mandou Agatha na frente, iluminando o máximo possível seu caminho. Ela subiu curvada, suas coxas formando um arco gótico através do qual ele via

suas mãos encontrando cada degrau. A luz oscilou pelas curvas mais baixas de sua bunda e, embora tenha olhado e embora agora, mais do que nunca, fosse livre para simplesmente agarrá-la pelo calcanhar e com a outra mão afastar aquela calcinha roxa por baixo da saia, inexplicavelmente seu desejo havia esvaecido. Talvez fosse velho demais para essas indulgências, sexo, drogas, invasão. Talvez, mas não estava pronto para admitir a derrota.

No segundo andar, Agatha o deixou passar e segurou a parte de trás do cinto dele, prendendo-se a ele enquanto Winn passeava por mais um conjunto de espaços abissais como se fosse um mergulhador por um navio naufragado. O chão estava uma bagunça, cheio de rolos de arame, papelão amontoado, tubos de silicone, rolos de plástico. Um espelho de banheiro, encostado numa parede branca, os surpreendeu com seu súbito lampejo. Chegaram à outra escada e subiram ao terceiro andar, embaixo das calhas, sendo seu teto a exata inversão da geometria complicada do telhado. As janelas do sótão trepidavam mais e faziam mais barulho que as de baixo — talvez Fenn estivesse tentando poupar uns trocados — e Winn pôde ouvir as ondas batendo na costa da ilha. Com Agatha ainda agarrada a seu cinto como um bote atracado a um barco, seguia em direção a mais uma escada, quase uma escada de mão atrelada à parede mais distante, quando algo duro e pesado atingiu sua perna. Lançou-se para a frente com um grito, carregando Agatha consigo. Caíram os dois entrelaçados, ele de barriga e ela esparramada em suas costas. Arfando, rolou para sair de baixo dela, ajeitou os óculos e iluminou em volta, acusatoriamente. A culpada era uma privada, branca e reluzente, largada no meio do espaço. A dor irradiou por sua perna.

— Meu Deus, minha perna!

— Merda. Meu dedo!

Ele a iluminou. Agatha estava deitada de lado, segurando a mão enfaixada muito perto do rosto. Por um momento, Winn lutou contra a vontade de rir, cada músculo se enrijeceu, até que uma necessidade intensa e vibrante o acometeu e ele se entregou, contorcendo-se num riso franco, deixando que a lanterna escapasse de sua mão, cobrindo seu rosto com as mãos e limpando as lágrimas que escorriam por suas bochechas. O sentimento era vertiginoso, eufórico, histérico, como se estivesse viajando em alta velocidade, tomado por aquela sensação, luzes claras fluindo através de suas veias. Agatha acabou se contagiando, lançando um braço em cima dele, e ele pôde sentir os seios dela estremecendo sobre seu corpo. Esse não era o riso habitual dela. Agatha não soltava nenhum *haha* mais áspero, só tremia e resfolegava.

A dor da perna havia desaparecido. Ele estava voando. Agarrou aqueles

ombros convulsos e rolou para cima dela, encontrando suas bochechas pegajosas marcadas pelas lágrimas antes de encontrar a umidade de sua boca. Por um momento Agatha continuou rindo, mas em seguida se entregou ao beijo com a determinação de uma bezerra mamando. A lanterna havia ido parar a uma curta distância, iluminando uma faixa do piso e formando um círculo na parede. Os cabelos dela, espalhados por cima dos dois, recebiam algo da luz em suas pontas louras. Quando seus dedos passaram dos seios às costelas e à virilha, ele temeu por um instante que pudesse estar de novo seca, mas agora tudo estava funcionando bem. Winn soltou um gritinho de alívio ainda dentro da boca de Agatha.

— O que foi? — perguntou ela, afastando a cabeça.

— Nada. Está tudo bem.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Mesmo?

— Por quê?

— Bom, você não está duro.

Era verdade, percebeu. Ele não estava. Todos os sinais de excitação despontavam vívidos de sua mente, mas aparentemente a mensagem se extraviava no caminho até a virilha, lavada talvez pela inundação de bebida.

— Caramba, eu nem notei.

Agatha lutou para sair de baixo dele. Winn notou que estava descansando todo seu peso em cima dela, um fardo inerte. Apoiou-se em cima de um cotovelo. Seu rosto ainda sofria alguns tremores espasmódicos remanescentes do ataque de riso.

— Talvez você só não queira ser infiel — comentou ela.

— É um pouco tarde pra isso.

— Então, vamos lá. — Num movimento cego ela insinuou a mão entre os corpos e abriu o cinto dele. Winn nunca antes havia permitido a ela que o tocasse, só ele havia tocado *nela*, e agora, quando finalmente estava acontecendo, os dedos puxando seu sexo mole pareciam profundamente inapropriados, humilhantes, até grotescos. Era um homem casado quase chegando ao sexagésimo aniversário, deitado no chão de uma casa de praia em construção que pertencia a seu imaginado rival, recebendo uma punheta de uma amiga de faculdade de sua filha. Deixou escapar algo como um gemido.

— Assim? — disse Agatha, entendendo mal. — Assim?

— Não.

Ela arrancou a mão de lá.

— O que foi?

— Preciso de um pouco de ar.

Tateou em busca da lanterna e partiu em direção à escada que avistara antes de tropeçar na privada. Os degraus tinham cheiro de resina e lâmina metálica. Da frente da casa ele não tinha visto nenhum terraço, mas não podia haver outra explicação e, de fato, descobriu que a escada levava a um alçapão metálico. Precisava sair daquele quarto, daquele lugar onde algum dia Meg Fenn passearia com sua boca aberta e seus dedos de pombo, onde Ophelia Haviland arrumaria camas para seus hóspedes, onde Livia podia ter vindo a correr atrás de seu neto. Abriu o alçapão e uma lufada de vento tomou conta do sótão, um paraquedas invertido de ar. Apontando a lanterna para baixo, viu a poeira girando em volta de Agatha, ainda parada do lado da privada, espremendo os olhos para tentar vê-lo. A mão com o dedo quebrado descansava no colo. Ele apontou a lanterna para cima, através do alçapão, um refletor vasculhando as nuvens, e em seguida saltou para fora. O terraço ficava na parte da casa voltada para o mar, escondido da rua por picos e saliências. Ouviu um som agudo vindo de cima e jogou a luz no veleiro de três mastros e nas vaidosas velas de cobre que encimavam a biruta de Jack Fenn.

Atrás de um fino véu de nuvens, a lua era uma mancha pálida, e em seguida, quando o vento abriu um rasgo no véu, ela emergiu como um círculo perfeito de luz marmórea, suas montanhas e crateras formando um rosto envelhecido. Sob a luz branca, o mar era uma confusão de espuma, e o caminho de conchas da entrada, do qual ele só podia ver a curva mais distante, brilhou brevemente como uma trilha para o céu, branca, larga, resplandecente. Mas as nuvens voltaram a se fechar, e a lua mais uma vez foi velada, relegando-o à escuridão e ao barulho das ondas. O vento fustigava suas bochechas. Fechou os olhos. Como era injusto fracassar até no adultério. Que ele não fosse capaz de consumar seu crime era um ínfimo problema técnico. A culpa não se dissipava, só o prazer, e, apegado àquele ninho desolado, abatido pelo vento, não conseguia imaginar como encontraria algum alívio. A biruta rangeu. Voltou a mirá-la com a lanterna. Lentamente ela deu meia-volta, parou e voltou alguns centímetros. Sem pensar, jogou uma perna por cima do parapeito numa curva do telhado e começou a escalar.

A baleia, desde a última vez que Livia a vira, tinha deixado de ser uma baleia e se tornara uma *coisa* horrenda, destruída. A praia estava iluminada de cima por dois refletores postados numa duna baixa, fora do alcance da maré, seus bulbos

cegantes dispostos em bolas cromadas em cima de postes de metal. As costelas da baleia brilhavam, brancas, com vales negros cheios de carne. A mandíbula havia sumido, assim como a maior parte da gordura, levada de caminhão a algum lugar distante onde pudesse apodrecer à vontade. Uns poucos homens de capa de borracha perambulavam em volta do cadáver, seus capuzes revoando ao vento.

Ela e Teddy estavam parados atrás dos refletores, protegidos da atenção dos homens. A areia que voava aderia a seu rosto e a suas pernas expostas. Tinha levado apenas um casaquinho de lã para o jantar, e agora abraçava a si mesma, agarrando os próprios braços. Uma onda cercou a baleia, sacudindo toda aquela confusão de ossos e carne. O mar estava tentando levá-la de volta. Um homem de capuz, montado numa das costelas e baixando o rosto para se proteger do vento, deixou cair seu facão. Quando a onda recuou, outro homem voltou a lhe passar o facão ali em cima. As luzes oscilavam na água turbulenta numa imitação de luar.

— Está vendo? — perguntou ela, gritando para superar o vento, as ondas e o barulho dos geradores.

— Estou — gritou Teddy de volta.

Sentiu um rompante de satisfação. Sabia que ele entenderia. A baleia *significaria* algo para ele, assim como significava para ela. O que exatamente era difícil saber, porém podia sentir a importância daquilo em seu peito, pressionando de dentro suas costelas, a mesma coisa que sentira ao mergulhar atrás do golfinho tantos anos antes. Estava vivendo um momento em torno do qual sua vida ganharia forma.

— Eu quis vir procurar você pra que não pensasse que eu a estou evitando — foi o que ele disse ainda no restaurante. — Me disseram que você estava aqui.

Não era exatamente uma declaração de amor renovado, mas ele a havia levado para dentro, comprado um drinque para Livia e parado para ouvi-la falar sobre o brinde terrível de seu pai, especulando com ela sobre o que podia ter dado nele. Interessou-se pela baleia; ela não teve muito trabalho para convencê-lo a pegar o carro e acompanhá-la para dar mais uma olhada.

Virou-se para Teddy, espremendo os olhos contra a ventania.

— Não é incrível?

Ele permaneceu em silêncio, e em seguida disse alto, aproximando-se do ouvido dela:

— De fato, o cheiro é horrível.

Ela riu, sentindo a vertigem do nervosismo.

— Mas você entende, não entende?

— Entendo o quê?

Com um gesto do braço Livia apontou a baleia, como se fosse um quarto em que o convidasse a entrar.

— O que há para entender?

Outra onda acertou a baleia e a empurrou um pouco para cima na praia. Uma incerteza tomou conta de Livia.

— Não consigo explicar.

Teddy olhou para a baleia, e voltou a fitar Livia.

— É só um peixão morto!

O desespero a pegou de surpresa, quase a devastando.

— É um mamífero! — gritou ela, e ele deu de ombros.

Teddy era tão familiar e ao mesmo tempo tão estranho. As sombras drenavam sua cor. Seus cabelos brilhantes pareciam escuros e comuns. Ainda no carro, havia estendido a mão para tocar no cabelo dele, comentando que pensava que teria raspado, mas ele afastara a cabeça e dissera que o Exército cuidaria disso por ele.

— Pensei que você entenderia. É disso que eu mais sinto falta de você, sinto falta de ser entendida.

A baleia deslizava para cima e para baixo a cada onda.

— O quê? — indagou Teddy, protegendo com a mão em concha um dos ouvidos. O homem em cima da baleia, que vinha se segurando como se estivesse num rodeio, escorregou e caiu na areia.

— Sinto falta de ser entendida! Você sempre me entendia!

Ele recuou, balançando a cabeça de um lado para o outro, e voltou a se aproximar, fazendo de suas mãos um alto-falante.

— Eu nunca entendia você! — gritou ele no ouvido dela.

— Entendia, sim!

— Não, eu realmente não entendia! Esse era o problema!

— Você entendia! Você entende!

Firme como um professor escolar, ele só fez que não com a cabeça.

— Você me amava! — insistiu ela.

Ele pegou a mão dela, e a gentileza do toque fez com que quisesse bater nele. Disse algo que Livia não escutou.

— O quê?

— Eu disse: não o suficiente — gritou ele.

A conversa era conhecida, seus caminhos já haviam sido repisados, mas a dor daquelas palavras roubou seu fôlego, mesmo que ela estivesse pedindo por

aquilo.

— É suficiente pra mim.

Ele a olhou com tristeza antes de se aproximar de seu ouvido.

— Livia, eu não tenho uma obrigação moral de passar a vida com você. É melhor assim. Um dia você vai entender.

Ela mordeu o lábio e projetou o queixo para evitar que a pele se enrugasse. Observou a baleia. As ondas estavam crescendo. Gritou, enfim:

— Promete que não vai morrer!

Era o pedido impossível e universal de todos os que amam. Teddy riu.

— Vou fazer o meu melhor!

A baleia já flutuava, tendo deslizado praia acima pela força de uma onda e depois sido arrastada para baixo. Os homens nadavam atrás dela, tentando segurar os ossos expostos de sua cabeça, mas o mar estava determinado. A baleia rolou, submergiu em parte. Uma onda se espumou em volta. Despida da gordura e cheia de buracos, a baleia deslizava para águas mais profundas, afundando para que seus ossos jazessem no fundo do mar. Um dos homens foi derrubado por uma onda. Livia mal conseguia distinguir sua cabeça entre as sombras e a espuma branca.

— Eles têm que deixar ela ir — gritou Livia ao vento, sem se importar se Teddy a ouvia. — Simplesmente deixar ela ir!

Agatha, acostumada a ser deixada pelos homens em quartos escuros, apenas esperava naquele sótão, ainda erguida sobre uma das mãos, até que a palma começou a coçar pelas minúsculas farpas de serragem que grudavam em sua pele. Deslizou ainda no chão, apoiando as costas na privada solta, estendendo as pernas à sua frente. Lá em cima, o alçapão por onde Winn desaparecera era um obscuro retângulo roxo. Correntes de vento se abatiam sobre o sótão, levantando poeira e fazendo seus braços se arrepiarem. Abraçou a si mesma. Onde ele estava? Apoiando-se com a mão boa na privada, pôs-se de pé e percorreu o caminho até a escada, os braços estendidos tateando a escuridão.

Passando pelo alçapão pôde ver que o terraço estava vazio e, com um calafrio horrorizado, pensou que Winn podia ter pulado. Debruçou-se sobre o parapeito, tentando espiar para baixo. Não conseguia ver o chão, ao menos não claramente. Via formas que podiam ser sacos de cimento ou pilhas de azulejos, mas que também podiam ser um corpo.

— Winn! — chamou ela. — Winn! — Foi então que viu, deslocando-se devagar pela aresta do telhado: um disco iluminado de telhas e, atrás dele, uma

forma alongada, sombria, rastejante.

* * *

Ele a ouviu gritando seu nome, mas não conseguiu responder porque sua boca estava ocupada mordendo o cabo de borracha da lanterna. Se tinha algo por que ser grato, era pelo fato de aquelas tantas nuvens ainda não terem provocado uma chuva. Pareciam pairar apenas uns poucos centímetros acima de sua cabeça, uma abóboda carregada e roxa. Caso pudesse arriscar soltar uma das mãos, podia tentar estender o braço e tocá-las. Desde sua primeira viagem de avião quando criança, sempre quisera tocar uma nuvem, realmente *sentir* a substância de uma nuvem, e, embora tivesse chegado a entender que se tratava de uma impossibilidade, o desejo não o havia abandonado. Apertando o telhado entre seus joelhos, o maxilar e a perna doendo, avançou devagar pelas telhas abrasivas e firmes de Jack Fenn. Finalmente, seus dedos acabaram atingindo tijolos — uma chaminé. Tudo o que teria que fazer seria apalpá-la para dar a volta, subir por uma aresta, passar por outra cumeeira, e assim chegaria à pequena cúpula pretensiosa que sustentava a biruta.

Com o cuidado de um alpinista se aproximando do cume do Everest, pôs-se de pé subindo lentamente os dedos pelos tijolos até que encontrassem a borda superior. Abraçou a chaminé como se fosse seu par numa dança. Uma rajada de vento particularmente forte o atingiu, trazendo consigo as primeiras gotas de chuva, e se segurou tão forte que suas unhas arderam. *Um, dois, três*. Um giro em volta da chaminé, uma subida rápida se segurando nas telhas e, após um salto aterrorizante, Winn se encontrou de barriga para baixo no topo da casa de Jack Fenn. Teve que lutar com as mãos e os pés para sustentar aquela conquista, e a lanterna escorregou de sua boca e rolou para longe sobre as telhas, sua luz listrada de chuva descrevendo seus arcos e giros nauseantes, até que foi estalar contra uma calha e cair silenciosamente no vazio.

Sem luz, a biruta era uma mancha negra pairando bem perto. Quase cego atrás de seus óculos salpicados de chuva, rastejou seu caminho pelo telhado como um marinheiro por um mastro. As telhas haviam rasgado sua calça, deixando entrar mil lascas e lixando sua pele. Ainda assim continuou, rastejando na chuva, na amarga certeza de que a biruta era o oponente a ser enfrentado, mesmo que, ao chegar lá, ela não se provasse nada mais que um conjunto frio de pedaços de cobre, maior do que parecia quando vista do chão e rangendo alto ao girar alguns

centímetros a estibordo e voltar ao lugar. Começava a se dar conta, a esta altura, da falta de sentido da missão, à medida que começava a ficar encharcado com a chuva saturando suas roupas, mas agora havia começado e, por Deus, terminaria. Dedilhou a base da biruta, encaixada na pequena cúpula. Seus dedos descobriram três pequenos parafusos, três hexágonos frígidos e escorregadios prendendo aquele ornamento ridículo à casa ridícula de Fenn. Um deles estava solto, e o girou do soquete e o atirou na direção por onde caíra a lanterna. Os outros dois não queriam sair. Ficou tentando torcer o metal até seus dedos se esfolarem. Chegara a hora do puxão final, o último grande esforço. Parado de pernas arqueadas, seus pés curvados de cada lado do telhado, sua calça rasgada chicoteando ao vento, agarrou a biruta pelo casco do barco e batalhou contra o metal liso e frio. A solda cedeu, apenas uma fração de centímetro, mas cedeu. O navio adernou. Mesmo a orgulhosa coroa náutica dessa vergonha de casa parecia precariamente pregada. Triunfante, Winn ajeitou melhor as mãos, circundando o objeto com todos os dedos, e foi girando até encontrar o equilíbrio sobre o telhado. Agatha tinha parado de gritar por ele. "Você não está duro", ela havia dito com a voz cheia de desdém, e ele se contraiu, sua concentração vacilando no preciso momento em que uma lufada de vento o atingiu no peito. Tropeçou para trás e, agarrando-se à biruta num gesto torto, desequilibrou-se agora para a frente dando com o peito na cúpula, seus pés deslizando na ladeira molhada das telhas. Um estampido metálico. Deslizou para trás ao mesmo tempo em que a biruta adernava para a frente, seu mastro fazendo-se horizontal à medida que a proa afundava no vazio. Porém a soldagem aguentou, e Winn, batalhando dolorosamente com as velas escorregadias e com os cabos de arame, fez uma última tentativa de agarrá-la melhor. Soltando a mão direita, girou o braço em volta e empurrou com os dedos dos pés, propelindo-se longe o bastante para segurar o casco liso do barco. Fez de seu braço um gancho em volta do casco. Por um momento, estava seguro. Depois se fez um novo estalido e um puxão, e o barco se soltou. Winn se viu ninando o barco em seus braços, um bebê pontudo feito de cobre, ao dar seu primeiro giro e deslizar telhado abaixo.

Ouviu-se gritando. Quando chegou à primeira janela do teto e passou a deslizar num novo ângulo, deu um jeito de se livrar da biruta, arremessando-a longe no espaço. Ela desapareceu como se nunca tivesse existido. Agarrando-se às telhas conseguiu desacelerar a queda, e por um momento milagroso parou na aresta de uma nova curva. Mas a exaustão afrouxou sua pegada com rapidez impiedosa e o lançou abaixo, sempre abaixo, até que, depois de se balançar numa calha por um instante ainda mais ínfimo, caiu.

Dezessete • O rei mutilado

Daphne ainda chorava. Dominique estava sentada ao lado dela na cama, vendo a barriga grávida tremer a cada vez que ela inspirava. Piper estava empertigada num baú junto à janela, abraçando os próprios joelhos.

— Por que você está chorando? — perguntou pela terceira vez, a voz desvalida.

— Não sei — respondeu Daphne, também pela terceira vez. Respirou fundo. — Tudo me pegou ao mesmo tempo.

— Tudo bem — tentou acalmá-la Dominique. — Você pode chorar.

— Não — disse Daphne. — Tenho que parar, senão meus olhos vão ficar inchados amanhã e depois eu não vou conseguir olhar as fotos sem lembrar que estava chorando no dia anterior.

Piper apertou ainda mais seus joelhos e apoiou o queixo em cima.

— Quando minha irmã estava grávida, ela chorava o tempo todo. Mas a pele dela estava maravilhosa. A sua pele também está linda. Você vai sair bem nas fotos.

— Não consigo me lembrar da última vez em que chorei assim. — Daphne fitou o teto, intimidada com suas próprias lágrimas.

— Tem sido tudo muito estressante pra você — comentou Piper. — Acho que você devia simplesmente deixar pra lá.

— Eles ainda não voltaram — disse Daphne a Dominique.

— Quem? — perguntou Piper.

Dominique sustentou o olhar de Daphne. Abriu um sorriso triste para ela e estendeu a mão para tirar seu cabelo da testa. Daphne parecia assustada. Em uma crise de fé, pensou Dominique, dois caminhos se abriam. Daphne podia afastar as dúvidas, cantar alto para afugentá-las, e continuar marchando em direção ao aguaceiro que ela agora veria como um cartaz pendurado no refúgio. Ou podia

abraçar seu conhecimento, olhar através das lentes escuras e encarar a verdade.

— Ninguém — replicou Daphne para o teto. Lágrimas corriam por seu cabelo. Algumas formaram uma pequena poça no vão de sua orelha como se fossem gotas de chuva numa pétala de flor.

Com as mãos em concha em volta dos olhos, Piper se encostou à janela e espiou.

— Alguém chegou.

Em poucos minutos, ouviu-se uma batida suave na porta, e Livia entrou. Parecia como se mais uma vez tivesse sido resgatada do mar. O vestido preto grudava nela em rugas molhadas, e o cabelo respingava em volta do rosto. Também ela havia chorado, mas parecia bonita, cheia de energia, renovada. Sem dizer uma palavra entrou e deitou na cama do lado da irmã, envolvendo-a com um braço.

— O que aconteceu? — perguntou Daphne.

— Encontrei Teddy.

— Meu Deus.

— Não, foi bom. Percebi que não sei mais quem ele é. — Livia se ergueu sobre um dos cotovelos e arriscou pousar a mão na barriga de Daphne. — Uma sobrinha.

Daphne guiou a mão de Livia até um ponto lateral. Dominique sabia que Livia nunca havia sentido o bebê chutar, como Daphne havia lhe contado.

— Está sentindo? — perguntou Daphne.

— Acho que sim. Estou!

— Chegou mais alguém — anunciou Piper, mais uma vez olhando pela janela.

* * *

Winn abriu a porta de tela para Agatha e fechou com cuidado sem bater. Ela não disse nada nem o tocou, em vez disso indo direto para as escadas, carregando seus sapatos numa das mãos. Ele tirou os sapatos e os deixou lado a lado junto ao rodapé. Como havia perdido seus óculos na queda, a casa agora parecia uma caverna turva; o chão ascendia e engolia seus pés. Apoiou a mão contra a parede fria, firmando-se. Pelo corredor, uma luz vazava da sala. Andou até lá, consciente da irregularidade de seus passos.

Uma mulher estava no sofá sob a labareda do abajur. Pensou que fosse Biddy, mas temia ser Celeste.

— Você devia subir e ir pra cama. — Biddy. O som de uma página virando, e ele discerniu um livro aberto no colo dela. Deixou-se baixar até uma poltrona. — Meu Deus — disse ela, sua voz tensa tomada de surpresa. — O que aconteceu com você? Onde estão seus óculos?

— Sumiram — respondeu ele, estendendo a perna ruim e apoiando-a sobre a mesa de centro. Perguntou-se se algum pedreiro os encontraria numa vala ou semienterrados no canteiro de flores cheio de terra e estrume. Terra e estrume haviam sido sua salvação, uma montanha malcheirosa. Ele havia caído nessa montanha e rolado por ela, indo parar na lateral da casa de Fenn. E se seus óculos fossem encontrados ao lado da biruta arrancada? Seria uma pista conveniente demais até para os investigadores mais desatentos. Inclinando-se para a frente, examinou sua perna em carne viva no joelho rasgado da calça, salpicada de sangue seco.

— Eu caí do telhado de Jack Fenn. Eu arranquei a biruta dele.

— A biruta dele?

— Uma coisa em forma de veleiro.

— Por quê?

Ele esfregou o rosto nu.

— Não sei — respondeu com honestidade. — Insanidade temporária?

— É temporária mesmo? — perguntou Biddy.

— Espero que sim. — Winn sorriu para sua silhueta embaçada. Sentia-se estranho: feliz por estar vivo, tomado pela vergonha, estremecido por um tinido em seus ouvidos, e cheio, em seu íntimo, de amor pela mulher.

* * *

Biddy abriu uma caixinha vermelha de plástico que continha o kit de primeiros socorros da família e tirou o que restava da bandagem da perna de Winn. Seus pontos tortos saltavam como cílios pelas margens da ferida.

— Se Sam Snead estivesse aqui, pegaria agulha e linha e costuraria ela mesma a sua perna — disse Biddy.

— Ela usaria um anzol e tripa de animal — brincou Winn.

Biddy sacou um spray antisséptico.

— Está pronto?

Ele rangeu os dentes enquanto ela borrifava.

— Pra mim, a culpa é dela. Foi ela que me deu uns comprimidos antes do

jantar.

— Que tipo de comprimido?

— Não sei. Alguma coisa pra aliviar a dor.

— Mas não foi ela que tomou.

— Eu só tomei um.

— E não foi ela que completou o comprimido com um monte de garrafas de vinho. Ou que sugeriu que o casamento é uma forma de morte. Ou que vandalizou uma casa quando disse que ia levar uma garota ao pronto-socorro. — Ela tirou o papel de um curativo borboleta e, apertando a ferida tanto quanto pôde, colou-o na pele. — Eu mandaria você de volta ao hospital ainda esta noite pra garantir que você de fato chegasse lá, mas a essa altura acho melhor que a gente vá simplesmente dormir. Você vai ter que ir de manhã, ou entre a cerimônia e a recepção. Você vai sobreviver. Sua ferida pode estar mais feia, mas a culpa é sua. — Ela acrescentou mais um curativo borboleta e em seguida envolveu sua perna em gaze, prendendo tudo com uma fita. Estava sentada no sofá fazia horas pensando no que dizer. Cortou a fita e voltou a se recostar. — Parte da razão por que me casei com você foi porque pensei que você não faria nada que me surpreendesse. Devo dizer que não estou contente de que, depois de tantos anos, você tenha se tornado esse sujeito descontrolado. Não foi pra isso que eu me inscrevi. Nunca esperei que você fosse perfeito, mas esperei que fosse, sei lá, estável nas suas imperfeições. Sou realista. Sempre fui realista.

— Biddy. — Ele se inclinou para a frente, e a princípio ela pensou que estivesse tentando beijá-la, mas logo percebeu que só estava tentando ler sua expressão. Sem os óculos Winn era tremendamente míope.

Ela se virou, ajeitando o kit de primeiros socorros.

— Pra cama.

— Biddy — repetiu ele, relutante —, tenho que contar uma coisa a você.

Ela fechou o kit.

— Não quero ouvir — rebateu ela com firmeza. — Deixe pra contar depois do casamento. Ou nunca. Não me conte nunca, Winn. Não quero ir morar na aldeia dos que contam a verdade. Não quero saber sobre esta noite. Não quero saber sobre o passado. Nada. Isso é uma coisa que eu nunca quis saber. Como disse, sou realista.

Winn franziu o rosto e balançou a cabeça, parecendo confuso. Ela se perguntou se teria sofrido uma concussão na queda ou se ainda estava sob o efeito da bebida e dos comprimidos, ou coisa parecida. Achava que tinha sido bastante clara.

— Biddy — disse ele, estendendo a mão, segurando seu queixo e levando seu rosto tão próximo ao dela que os narizes quase se tocavam.

— Não — replicou ela, se afastando. — Eu vou fazer vista grossa, Winn, mas você precisa me dar algum tempo.

— Fazer vista grossa?

Ela falou devagar, desejando que ele não tivesse escolhido esse específico momento para trazer à tona tudo aquilo. Queria curtir o casamento de Daphne, queria que todos tivessem um dia agradável.

— Você disse que estava indo ao hospital. Mas, em vez disso, levou Agatha a um canteiro de obras. Não estou perguntando por quê. O que você teria feito se eu tivesse simplesmente partido com algum homem?

— Você nunca faria isso.

— Eu sei, você não consegue sequer cogitar essa possibilidade. Eu já me decidi quanto a isso muito tempo atrás. Entre todas as pessoas, não acho que *eu* tenha despejado sobre você exigências pouco razoáveis. Não acho que eu tenha pedido coisas que, como foi que você disse?, só poderiam ser esperadas de Deus. Mas isso não significa que eu queira falar a respeito. Eu quero que você vá dormir.

Winn voltou a se recostar, e tomou consciência do que se tratava.

— Você acha que eu estive te traindo? — perguntou, chocado. — Ao longo desses anos todos?

— Bom, você não parecia estar apaixonado por mim ou me desejar muito, e estava fora com tanta frequência. É óbvio que deve ter tido suas oportunidades. Eu só presumi... eu pensei... bom, as pessoas precisam de mais do que você queria de mim.

— Precisam?

— Não precisam?

Ficaram olhando um para o outro. Ele quase ficou vesgo em seu esforço de dar foco ao rosto dela.

— E você, já precisou de mais do que isso?

Biddy havia sido fiel a ele, sempre, mas sempre se mantinha preparada para sugerir o contrário, nem que fosse para equilibrar o jogo.

— Isso importa? — perguntou ela depois de um silêncio.

Biddy usava um suéter branco e, para os olhos exaustos e imprecisos de Winn, ela parecia angelical, suave e insubstancial, flutuando pouco além da bola de fogo que era o abajur. Ele não tinha uma resposta para aquela pergunta, e ela não parecia esperar nenhuma. Queria parar de falar sobre essas coisas, essas coisas

duras, parar de pensar sobre elas. Não podia dizer que nunca havia se sentido tão ligado a ela, que tinham se emaranhado de forma tão elaborada e permanente que nenhum pecado poderia destrinçá-los. Estamos incluídos em todos os nossos dias, ele pensou. Estaria incluído em todos os dias de Biddy, e Biddy nos dele. Ficaram parados em silêncio. Winn lembrou que tinha um par de óculos extra em sua escrivaninha e com dificuldade se alçou da poltrona para ir buscá-lo, seguindo um caminho estranho e instável até o escritório, pondo-se a vasculhar as gavetas. Quando retornou à sala, com a visão restabelecida, sentou-se ao lado da mulher e acariciou seus pés através dos lençóis. O relógio de navio em cima das prateleiras ainda dizia que eram quatro e meia.

— Nunca vou ser aceito no Pequod — declarou ele em tom de conversa, começando a árdua tarefa de devolvê-los à normalidade. — Foi Jack Fenn quem me disse. Cruzei com ele no banheiro.

— É mesmo? Ele disse por que não?

— Ao que parece, eles simplesmente não gostam de mim.

Ela assentiu com a cabeça. O relógio fazia tique-taque, mas seus ponteiros não saíam do lugar. Depois de um minuto, Biddy falou:

— Você está com cheiro de esterco.

Ele puxou a camisa até o nariz e cheirou. Sim, estava lá, telúrico e pungente sobre a acidez de suas axilas e o resquício mais sutil de Agatha.

— Eu caí numa pilha de terra adubada.

— Você realmente podia ter morrido.

— Acho que sim. Eu caí de muito alto.

— Você sentiu medo?

— Acho que me senti sozinho.

Livia já estava na cama há uns dez ou 15 minutos quando a porta se abriu e Celeste entrou. Onde ela estivera esse tempo todo, Livia não fazia ideia. Talvez tivesse caído no sono em algum lugar, depois acordado e arrastado os pés até a cama como uma criança sonolenta. Celeste entrou no banheiro e acendeu a luz, deixando a porta entreaberta, e uma vez que cessou o som do xixi e se ouviu a descarga, Livia observou com os olhos semifechados Celeste parada junto à pia de calcinha e sutiã, aproximando o rosto do espelho e voltando atrás, virando para um lado e para o outro para admirar sua barriga chata e a altura de seus seios falsos embaixo do sutiã branco rendado, virando o rosto por cima do ombro para examinar a própria bunda. Suas pernas estavam muito bronzeadas e, embora fosse magra como um cachorro de corrida, sua pele pendia em alguns

pontos com pequenas rugas e dobras, na junção entre a bunda e a coxa, na curva dos joelhos.

Celeste se enfiou na outra cama, puxou as cobertas e se entregou a seu ronco noturno. Os pensamentos de Livia vagaram até Teddy, mas ela os afastou e os arremeteu, como um barco de brinquedo carregado por corredeiras traiçoeiras, deslizando até Sterling. Voltou a impulsioná-los, e agora pareciam flutuar em direção ao pai, mas acabaram por se estabelecer no túmulo da barriga de Daphne, na menina dentro dela, o sentimento de um pé minúsculo pressionando por dentro a carne da irmã. A baleia estava no fundo do mar, um banquete para caranguejos, peixes e vermes. Depois de um tempo, ouviu seus pais subindo a escada e seguindo pelo corredor até o quarto deles, primeiro a luz se acendendo, os passos rápidos da mãe, depois os passos pesados e desiguais do pai. A porta se fechou atrás deles e ela pôde ouvir o murmúrio de suas vozes, a língua incompreensível que eles falavam apenas um com o outro.

Sábado

Dezoito • O Ouroboros

A cerimônia foi *adorável*, *maravilhosa*, como todos disseram. A chuva parou cedo de manhã, e a ilha parecia verde e renovada, o mar reabastecido. Winn acompanhou Daphne pela igreja sem se incomodar em disfarçar que mancava. Ele era o ferido que caminha, afinal, sua perna machucada contida apenas por uma frágil panaceia de gaze e fita aplicada por sua esposa. Lembrou-se de beijar Daphne quando chegaram ao altar, baixando o rosto naquele espaço pálido e arejado embaixo do véu e encostando seus lábios na bochecha coberta de pó.

Embaixo de uma barraca branca numa falésia com vista para o Atlântico, os convidados se sentaram em suas cadeiras douradas em volta das mesas redondas. O céu arroxeou e logo escureceu, e a lua, assimétrica e minguante, desenhou na água um caminho de conchas branco e resplandecente, caminho que parecia indicar como chegar à Espanha. Sam Snead estava sempre cochichando em seu ouvido: hora do pai-da-noiva dançar com a noiva. Winn se defrontou com Daphne na pista. A música começou, e ele entrelaçou seus dedos aos dela. Os ossos e os tendões da mão dela pareciam os cabos sensíveis de um fantoche mecanicamente perfeito. Tinha consciência da rigidez dos dedos dela contra os seus, o movimento do sangue pelas veias dela. Sua outra mão descansava nas costas dela, e a barriga envolta em branco preenchia o espaço entre os dois. Enquanto a banda tocava as notas de abertura e o cantor de smoking branco tirava o microfone da base, Winn não se mexeu, preferindo ficar parado observando por cima do ombro de Daphne os rostos das pessoas nas mesas, um muro de elipses expectantes pontuado aqui e ali pelo brilho das joias e pela chama das velas. Então o vocalista se pôs a cantar e Daphne deu um passo atrás levando-o consigo, conduzindo-o em passos conhecidos. Enquanto dançavam, Daphne olhava por cima do ombro dele. Winn virou os dois para ver o que ela

estava olhando, mas não viu nada. Só mesas e rostos. Ela ainda fitava o mesmo ponto, agora do outro lado da sala, seu rosto calmo, mas saudoso, como alguém que visse a linha da costa recuando. Voltou a virá-la. Queria ver, também ele, aquilo que Daphne estava olhando, mas via apenas mesas, via apenas rostos.

Maude e Greyson se juntaram a eles, e em seguida Biddy com Dicky. Francis segurava Agatha em suas mãos desastradas, e Dryden parecia um especialista fazendo Dominique girar pela pista. Livia rodava nos braços de Charlie, o padrinho. Winn girou Daphne e ela acompanhou obediente, a mão no ombro dele. As flores, as velas, o balanço fácil da música, o rosto perfeitamente maquiado da filha, seu cabelo armado com esmero, o inchaço de sua gravidez — tudo parecia implorar por amor, por orgulho, por carinho paternal, mesmo que Daphne não o olhasse, mesmo que ela tivesse criado um muro em sua felicidade e optado por deixá-lo do lado de fora. Não sabia como conseguir seu perdão. Teria que esperar. Mas, enquanto isso, sabia dançar, havia dançado essa mesma dança quando criança nos bailes, havia dançado com Ophelia Haviland no Ano-Novo do Clube Vespasiano, como noivo numa noite de primavera em Maine, e mil outras vezes.

A música terminou e outra começou. Greyson veio reivindicar Daphne, e Winn ficou parado entre os dançarinos antes de se ver segurando Livia em seu vestido verde. De início ela olhava por cima de seu ombro tal como Daphne, mas então seus olhos encontraram os dele. Pela primeira vez se perguntou o que ela pensaria dele, de verdade, e a pergunta foi suficiente para deixá-lo tonto, para fazer girar os rostos e as velas e as flores à sua volta, sendo os olhos dela o ponto fixo no centro de tudo. Por um instante sentiu com clareza nauseante como era respirar pelos pulmões da filha, espiar de dentro de seu crânio, animar-se com uma vida que era exatamente como a dele mas também completamente distinta. Teve que desviar o olhar, para o teto pendente da barraca, antes de cair de novo em si.

Dançar não exigia pensamento, apenas hábito, mas a presença dela em seus braços tinha se tornado um fardo, um lembrete da vastidão que não era capaz de contemplar. Finalmente, quando não pôde mais aguentar, ergueu o braço e a rodou para longe. Quando a volta se completou e eles se viram separados pela distância dos braços, unidos apenas pelas pontas dos dedos, ele a soltou, liberando-a para uma vida que ela mesma construísse.

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, à minha agente, Rebecca Gradinger, que foi uma leitora inestimável e uma querida companheira e correspondente desde que eu era uma estudante de faculdade com um punhado de histórias inacabadas. Tenho o privilégio de estar na ponta que recebe seu notável aconselhamento. Agradeço também a Connie Brothers (uma reconhecida maga) por me mandar nessa missão ao aeroporto.

Estou em dívida com Jordan Pavlin por sua visão e seu entusiasmo com este romance. A 3M Corporation está em dívida com ela por explodir as vendas de bilhetes de Post-it e, graças aos céus, porque cada uma daquelas pequenas cracas amarelas melhorou meu manuscrito e me impulsionou a ser uma escritora mais consciente. Obrigada também a Leslie Levine e Caroline Bleeke, e a Amy Ryan por seu cuidadoso e atento trabalho de revisão/ investigação. Patrick Janson-Smith tem sido um defensor incansável e um absoluto encanto. Sara Eagle e Laura Mell também merecem uma boa publicidade e muitos agradecimentos.

Grainne Fox, Melissa Chinchillo e Mink Choi, cujos nomes me fazem pensar em mamíferos pequenos e felpudos, devo dizer que vocês são maravilhosas. Muito obrigada por toda a ajuda e orientação.

Tive a sorte de ter muitos professores brilhantes ao longo dos anos, mas no contexto deste livro eu gostaria de agradecer principalmente a Sam Chang, Ethan Canin, Elizabeth Tallent e Toby Wolff pela sabedoria e paciência. Quando eu estava no colégio, e provavelmente era bem chata, Dallas Clemmons foi inconcebivelmente generoso com seu tempo, seu encorajamento e sua bela mente, e eu sou grata a ele por ter me iniciado neste caminho.

Uma bolsa do Stegner Fellowship caiu do céu como se fosse um raio muito gentil, e não há meios de agradecer o bastante ao Programa de Escrita Criativa de Stanford, especialmente a seu Zeus, Eavan Boland. Falando em instituições que

me mantiveram alimentada e abrigada nos últimos cinco anos, também sou grata à Oficina de Escritores de Iowa, ao Fundo Literário Truman Capote, à bolsa Leggett-Schupes e à Conferência de Escritores Bread Loaf.

Matthew Rossi, o verdadeiro fundador do Clube dos Ofídios, é um gênio em nomear clubes imaginários.

Minha família e meus amigos me apoiaram de todas as formas possíveis e mesmo de algumas impossíveis. Minha dívida não tem fim, assim como meu amor.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Os últimos preparativos

Site da autora
http://www.maggieshipstead.com/

Good reads da autora
http://www.goodreads.com/author/show/5230385.Maggie_Shipstead

Twitter da autora
https://twitter.com/MaggieShipstead

Facebook da autora
https://www.facebook.com/maggieshipsteadauthor